

# CONCRETO ARMADO

>> PARTE 01



# CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

>> PARTE 01

**Lista de capítulos**

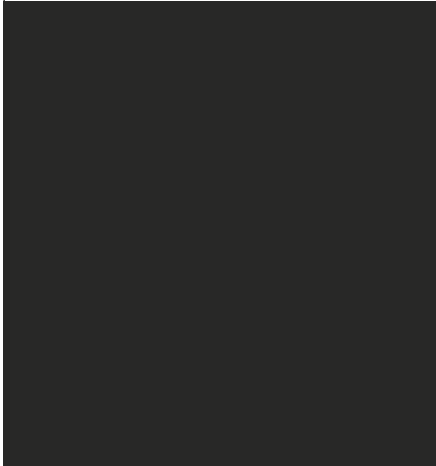
&gt;&gt; parte 01

01. ....	6	27. ....	81
02. ....	9	28. ....	87
04. ....	12	29. ....	91
05. ....	14	30. ....	93
06. ....	17	31. ....	96
07. ....	20	32. ....	99
08. ....	25	33. ....	102
09. ....	26	34. ....	104
10. ....	31	35. ....	107
11. ....	35	36. ....	110
12. ....	38	37. ....	113
13. ....	40	38. ....	117
14. ....	43	39. ....	119
15. ....	46	40. ....	121
16. ....	51	41. ....	124
17. ....	53	42. ....	127
18. ....	58	43. ....	129
19. ....	60	44. ....	131
20. ....	64	45. ....	133
21. ....	66	46. ....	136
22. ....	68	47. ....	140
23. ....	70	48. ....	144
24. ....	73	49. ....	146
25. ....	77	51. ....	152
26. ....	79	52. ....	157
		53. ....	163
		54. ....	168
		55. ....	170

SUMÁRIO

56. ....174  
57. ....178  
58. ....179  
59. ....180  
60. ....182  
61. ....184  
62. ....186  
63. ....188  
64. ....192  
65. ....196  
66. ....199  
67. ....202  
68. ....204  
69. ....206  
70. ....209  
71. ....212  
72. ....216  
73. ....218  
74. ....221  
75. ....222  
76. ....228  
77. ....230  
78. ....233  
79. ....235  
80. ....240  
81. ....243  
82. ....245  
83. ....248

84. ....251  
85. ....253  
86. ....257  
87. ....259  
88. ....261  
89. ....263  
90. ....265  
91. ....266  
92. ....269  
93. ....272  
94. ....275  
95. ....277  
96. ....280  
97. ....283  
98. ....285  
99. ....286  
100. ....292



“Eu uso o poder, eu sou o poder”

Roberto Marinho

“Daí que fizeram a cara da terra escurecer, e caiu uma chuva espessa-escura, uma que caiu dia e noite, os pequenos e grandes animais apareceram, suas caras foram esmagadas por pedras e árvores. Tudo falava. Eles foram interpelados por todos seus moedores, suas panelas, seus pratos e potes.

Quantas coisas tivessem, todas esmagaram seus rostos. Seus cachorros e perus falaram para eles: Dor vocês nos causaram. Vocês nos comeram. Agora somos nós que vamos te comer”.

O Popol Vuh

“Exu mata um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje”

Mitologia iorubá

## 01.

<<

Abre em eu mesmo *moarzinha* acordando numa rede pendurada entre duas palmeiras que sobem pra sempre, terminando só na explosão contínua do sol, sou carregado por pássaros de diversa morfologia e cantoria contrapontística lombrada até uma espécie de carrinho de montanha-russa montando em trilhos etéreos, onde encontro Os Tincões, com os quais entro em imediata e sobreposta harmonia.

Cantamos *Deixa a gira girar* navegando em nuvens de sucessão extremamente proveitosa, segmentada e fluida. Subentende-se que todos temos superpoderes. Toca em seguida nas redondezas das nuvens uma versão hip-hop de *Que a Natureza é Um Fogo Heracliteano* e *Do Conforto da Ressurreição*, o gravão estouradaço, a voz que canta anasalada como a do Kanye, mas com sotaque indiano. O precursor sombrio espreita, vibrando mais rápido do que tudo, pipocando aqui e ali. A matriz desce tentando recortar tudo, como uma malha. Transitando por cores e deformações diversas até canalizar ou culminar num ponto luminoso que reúne seus feixes num brilho de som de raio leise, num efeito sonoro digital que instintivamente dato do final dos anos oitenta.

Aí acorda o meu corpo infelizmente humano desenxabido suado dormindo e de menos meia perna (a direita) num grande pufe dotado de edredons e lençóis fedidos diversos enrolados uns nos outros (um deles promovendo o desenho animado *DuckTales*, outro, o *Clube Atlético Mineiro*), espreguiça-se de forma dispendiosa, demorada, cada articulação volteando seus dotes expressivos, a cara sonada vai se repuxando em bocejos compreensivos até assumir uma postura desativada de quem está inicializando.

*Começa de novo o filme*, eu falo, e levanto num único ímpeto desembestado girando em volta dum eixo subitamente erguido entre meu pé e a bacia. *O esculacho*. Eu quase caio, seguro num troço.

Que preguiça, continuo, já de pé, todo encolhido, ainda bocejando. E de uma vez me veio tudo de cabuloso que aquele dia invocava e prometia. Todos os esforços cumulados do espírito que se aglutinavam para sua ne-

cessária dissolução figuravam diante do meu nariz, em toda sua aparatosa trambolhosidade.

*Hoje é oito do sete de dois mil e quatorze.*

Eu fungo, rio. Muita treta pra tretar, ainda, gira pra girar. Dá um tremelique na espinha que eu deixo ressoar inteiro até os pés. Vazei da casa da Tamires de madrugada, noiado pra caramba, depois da voz da outra ficar soando na minha cabeça daquele jeito. Tá doído. Queria distância daquela máquina. Eu sei que alguma coisa sinistra vai rolar hoje no jogo e eu precisava de pensar direito, com clareza. O que é que ela vai fazer? E por que que ela quer que eu fique no jogo hoje? Penso nos meus amigos e conhecidos que morreram assassinados nos últimos meses. A sensação estranha de que eu era o que todos ali tinham em comum. Sei que ela não tá por trás disso, mas as coincidências assustam. Toco no meu cocuruto e na nuca e sinto o papel-alumínio ainda mais ou menos amoldado ao pescoço suado. Aperto ele contra mim mesmo para deixá-lo mais fixo, renovo as duas tiras de fita-crepe que mantêm ele no lugar.

Foi tanta correria nos últimos dias que eu só lembro direitinho onde estou depois de uns segundos da memória dando boot. A casa não é minha, é de uma amiga que não tá morando aqui e que eu sei que deixa a chave na samambaia na porta. Tetesa querida, a Teresa. É bióloga e no momento deve estar caçando fungo no mato. Ela não sabe exatamente que eu viria aqui, mas só fiz comer dois ovos e usei um dedinho de pasta de dente. E ainda fiz foi molhar as plantas e deixar um desenho no quadrinho de giz dela. Todo mundo ganha. Pego a minha mochila cinza descascada com uma muda de roupa suja, desligo e fecho tudo, deixo a chave onde a encontrei e saio pra rua. Nas obras ali as bocas de ferro mexendo, schrau, schrau. Tá doído. Bê Agá e a sua quietude própria de tios aposentados nos bares, olhando, barri-gudos, algumas tias nas janelas. Nove e tanto. Saudade demais disso aqui que andava há muito solta e longe, e agora eu preencho de novo duma vez, meu coração implodido daquilo se retroalimentando. Demora muito pra começar a me engrenar os dentes aqui dentro de modo que eu situe de novo a merda em que eu tou metido.

Conto os trocados e antes de qualquer coisa vou no automático pra padaria, tomar uma média. Já tinha tido uma sorte do caçamba de conseguir lugar pra ficar ontem, agora penso quem mais que eu conhecia em BH e lembro de cara do Milton, que eu não via tinha anos. Das melhores pessoas que

já andaram em duas pernas, e das mais imbecis também, e maravilhosas. Fechei meus olhos com força pra ver se ainda lembrava do número inteiro dele, e lembrei. Do jeito que ele era, a chance de ele ter voluntariamente mudado era quase zero.

— Opa.

— Fala, Milto-Milto, o mito em carne viva. O homem, a lenda, a linha de colônias e desodorantes.

— Quem é?

— Como “quem é”? Não tá me conhecendo, não, seu rola-bosta? Seu melhor amigo, amor da sua vida.

— ...

— Tá gágá já, hein, Milto? Isso é a farinha toda, é? Já aposentou o neuro e o ônio?

— Renato?

— Aêêê.

— Puta que pariu, tu tá vivo, tua desgraça? Puta que pariu.

— Não só tou vivo como tou na sua própria cidade-city, bê-agência, comé que é? Nem fala que cê vai trabalhar hoje, que eu sei que é mentira. Não são nem dez da manhã ainda, e hoje tem jogo do Brasil. Não quer vir me buscar? Tava precisando duma carona e dum ombro amigo, serião.

— Tu é muito cara de pau, Renato.

— Eu nunca falei que não era.

>>



## 02.

&lt;

Murilo está sentado no seu quarto, na cadeira giratória cinza que já foi preta, toda descascada, diante do computador. As pernas esticadas e apoiadas numa pilha de livros cujo equilíbrio ele precisa negociar com cuidado, não podendo puxar demais para a esquerda se não quiser que eles todos tombem. O que acontece com frequência.

Em volta do seu monitor pesado e cinzento tem pilhas de papéis xerocados e rabiscados, além de embalagens de biscoito de vários tipos (alguns deles datando de meses atrás) e um cheiro profundamente entranhado de cigarro. O canto da barra da tela do computador aponta que é meia-noite e quarenta da noite do dia primeiro de abril de 2012.

Ele não jantou hoje. Quando escutou o jantar sendo posto, pareceu uma boa ideia continuar no quarto para não ter de lidar com a cara que ele sabia que o seu pai teria ao vê-lo pela primeira vez no dia, às oito da noite, e com aquele aspecto bagunçado e sujo que ele sabia que deveria ter (não havia espelho no seu quarto, ele não via seu reflexo com atenção há dias, mas dava pra chutar que não tava legal).

Ele imaginou que teria algo na geladeira quando ele fosse assaltá-la horas depois, depois de ouvir a sequência de barulhos que sempre anunciavam a retirada do seu pai para os seus aposentos, mas só encontrou arroz velho e duro, e um troço avermelhado cujo único elemento certo e inequívoco parecia ser berinjela. Ele com certeza não era dos fãs mais ardorosos de berinjela. Com oito reais na carteira, talvez nove e uns quebrados, contando moedas, ele até teria como jantar na rua. Alcançável a pé sem tanta dificuldade havia o cachorro-quente ali, logo abaixo, e o Drive Thru do McDonald's, um pouco mais distante. Ele sabia que o drive-thru era feito para carros, mas ele já havia passado lá a pé antes e tinha sido atendido normalmente, ainda que notando talvez uns risinhos de canto de boca da moça que recebeu seu dinheiro contado em espécie.

&gt;

## 03.

&lt;&lt;

Com as mãos amarradas entre as pernas, a cabeça mal acomodada numa almofada fedida e muxibenta, o corpo gordo todo amarrado num terno suado e deposto no porta-malas não muito espaçoso e entulhado dum Tempra, pela primeira vez em décadas o senhor Jarbas Moutinho, senador da República, homem público de muitas posses e alguns queixos, está morrendo de medo.

Ele ainda tá longe de entender quem diabos são esses porra que botaram ele ali e que tão dirigindo feito uns condenados pra algum lugar longe (já tem pelo menos duas horas que ele tá ali, não tem? Poderia muito bem ser bem menos).

Com a música alta ele só consegue ouvir uns gritos abafados, alguns parecendo de mulher. O povo parece doido mesmo, grita o tempo todo. Sequestrador normal não fica gritando desse jeito e nem usa máscara de bicho, de robô. Isso tava encucando ele. Tem sempre como dar um jeito nas coisas, esse era praticamente o lema da vida dele. Mas aquilo ali era coisa de gente doida, e com gente doida não dá pra lidar. Era isso, mais que qualquer outra coisa, que tava deixando ele com um cagaço danado. Ele sempre teve medo de gente doida.

Ele não conseguia lembrar tão bem como que botaram ele ali, de tão rápido que foi, só sabe com certeza que tava indo falar com a filha da puta da Vanessa. No hotel de endereço esquisito que ela deu. Ele tava bêbado na hora, também tinha isso, mas a adrenalina fez o álcool todo sumir da cabeça na horinha. Ela insistiu pra ele ir sozinho e ele, retardado, aceitou. Jarbas nunca faz isso, mas em São Paulo ele se sente em casa. Na verdade ele tava há um tempo confiando demais nela, se arriscando demais. Dando aquele pingente, contando coisa da infância dele em Goiás. Puta é puta, não dá pra esquecer. Não tendo outro veículo no momento pra deter o seu ódio, ele de segundos em segundos lembrava dela e ficava enormemente puto, querendo acabar com a raça dela, segurar pelo pescoço. Às vezes sobrevém uma breve impressão de que talvez ele esteja sendo precipitado, de que poderia ser só uma coincidência infeliz, mas esse pen-

samento é logo soterrado pelo outro, no qual ele esculacha ela de diversas maneiras enquanto ela olha pra baixo, faz beicinho e pede desculpa.

O carro finalmente estaciona. Pela estrada de terra acidentada pra caramba e a falta de barulho, eles devem estar num sítio ou no meio do mato mesmo. Jarbas ouve as pessoas saindo do carro, batendo as portas e dando mais gritinhos agudos e graves, dando porrada no teto do carro. O portamalas abre, recortadas contra o sol forte na cara dele, depois de horas no escuro, tão quatro silhuetas. As quatro figuras ostentando máscaras grandes, pesadas, as quatro de peito nu. Dois homens e duas mulheres, uma bem branquinha, magricela, a outra negra e mais gorda um tanto. Um macaco, uma onça, uma caveira ciborgue e uma bruxa. O macaco segurando uma pistola pequena, preta.

— Sai. Teu quarto tá bem ali.

Eles tavam num sítio, mesmo, e um bonito pra caramba, chique, com tিপão de engenho antigo. Só mato em volta e nenhuma outra casa visível. Tinham levado ele carregado e botado ele numa cama fechada toda por biombo vermelhos, no que parecia ser o escritório da casa. A cama era pesada, de ferro, e antes que ele desse por si, tava algemado nela. Que merda que eles queriam fazer com ele? Ele ouve a mesma voz, a do Macaco, através do biombo, com uma feminina emendando:

— Pode descansar um tiquinho, que a sua educação vai começar agorinha, já. Quer água, bolo, alguma coisa?

— Tem mamão, tem caqui.

>>

## 04.

&lt;

Depois de colocar seu moletom azul-escuro com capuz e fechá-lo com zíper, Murilo checa os bolsos, abre a porta da sala, bota os fones de ouvido e põe no seu MP4 velho de guerra pra tocar uma aula sobre endossimbiose que ele tinha baixado no dia anterior.

Ele tinha pastas e pastas no computador com arquivos do tipo, todos baixados de graça, só alguns ilegais. As aulas eram frequentemente boas, algumas eram excelentes. Às vezes ele encontrava aulas mais antigas, com os donos das vozes já mortos. Os discípulos mais fanáticos botavam pra jogu registros craquelados e ruidosos, que Murilo tinha de ouvir no máximo, apertando o fone contra o ouvido para entender, às vezes até doer, o som ecoando no que deveria ser, no mais das vezes, um daqueles prédios universitários falso-góticos de universidades centenárias e elitistas.

Sempre tinha piadas contextuais ou riscos no quadro-negro que não se deixavam capturar pela gravação, que se perdiam no trajeto tão fantástico que permitia que as ondas sonoras daquela senhora de dicção entusiasmada na Califórnia fossem gravadas e transmitidas até Brasília, até o MP4 barato que Murilo comprara na Feirinha do Paraguai dois anos atrás, à guisa de presente de Natal da mãe para ele próprio, de um chinês bravo que insistia em chamar o aparelhinho de iPod.

Ele fecha a porta metálica, tranca com chave e anda apressado para o final da rua. A aula que corre nos seus ouvidos fala sobre a sopa primordial e a promiscuidade entre as bactérias que precedeu a formação das primeiras células nucleadas. Ele já sabia um pouco sobre o assunto, mas tinha tempo que havia lido sobre. Era um troço que lhe dava comichões maravilhosos na imaginação quando descobriu, mas que agora parece já recoberto pela poeira do hábito, como quase todo o resto.

De tantos textos engolidos, ele hoje só conseguia agora recuperar uma ou outra frase (ou nem isso, apenas gestos vagos em direção de conceitos frouxos que reboavam pela sua cabeça como contêineres soltos dentro de um navio tumultuado).

Todo dia Murilo sentia que relembrava e remoía umas ideias velhas, adquiridas com esforço (*de pressas agravado*, ele lembra sem querer, sem lembrar de onde). Todo dia ele tentava recapitular o troço todo em algum momento, desde o universo expandindo, nas bolhas de ordem no meio da equalização geral, às ilhas de complexidade emergente que deram em bichos, compostos de água, que saíram andando por aí até dar em primatas ansiosos e pouco peludos que dominaram todo o resto e agora jazia, auto-complacente e confuso, no topo da cadeia. Era muito trágico, no todo, ainda mais ali naquela seção dos trópicos. Violento e burro, na maior parte do tempo. Mas era cômico, também (ele argumentava consigo próprio), se você assistisse o troço acelerado 24x e soubesse onde parar.

Com vinte e seis anos, ele se sentia velho, já de uma maturidade derrubada, passando na sua cabeça dramática e impessoal com o dedo nos contornos macilentos de pedra porosa, os finais e pernas de estátuas há muito amputadas. Ele resgata com os dedos no bolso do casaco a embalagem de *Negresco* de ontem, nota que ainda há no fim um derradeiro biscoito ali, onde ele supunha estar apenas sua forma fantasmática. Ele se revela mole, quase intragável. Mas é devidamente tragado.

&gt;

## 05.

&lt;&lt;

A chuva fininha como insetos mínimos vai pegando pelos ombros e os lados do seu corpo. Cátia e Álvaro saem do instituto público de saúde mental onde a mãe mora agora e caminham até o ponto sem falar nada. Álvaro começa a falar de um desenho animado japonês que ele assistia pela internet, mas Cátia não conseguiu nem fingir interesse. Ele acaba se calando depois de algumas frases.

A mãe tava mais grogue do que o normal daquela vez, mal conseguiu trocar três frases com eles. Mas os reconheceu direitinho. Chegou a beijar a cabeça do Álvaro de um jeito lindo, chamando ele de meu nego (coisa que ela não fazia há anos), o que deixou Cátia de peito apertado. Pra ela a mãe nem olhava diretamente, como se assustada e confusa pela mulher feita diante dela.

Depois de quarenta minutos esperando o ônibus, eles descobriram com uma senhora passando que ele não passava lá no domingo. Cátia jurava que já tinha pego ele ali. Agora tavam andando até o metrô, que era longe pra cacete. Quando começam a andar em silêncio, ela lembra da Fabiana e do que tinha acontecido ontem. Com a cabeça na mãe, tinha esquecido disso por algumas horas. Achou estranho que ela não respondeu a mensagem dela perguntando como foi, nem visualizou. Às vezes ela bebeu, transou adoidado e chapou cedo. Cátia tava torcendo por isso. Com medo de ter metido a amiga numa fria. Aquele Wellington não parecia tão perigoso, mas vai saber. E veio de repente um cagaço de que alguma coisa tivesse dado muito errado. E ela percebe que não quer mais caminhar. Não quer mesmo.

Cátia para e olha o irmão continuar, e logo senta no degrau de entrada de uma loja de tênis fechada. Põe a cabeça entre os joelhos, aperta as orelhas e têmporas. Ele demora uns doze passos para perceber que ela parou. Ele fala quase gritando, mas sem raiva.

— Vamo, Cátia.

Ela tem que levantar. Mas começa a pensar nos pés e olha pra eles nos tênis feios em que estão metidos. Que ela herdou da mãe quando ela parou de andar. Com a aparência genérica de tênis de corrida, prateado com uma placa de listras roxas. Pensa em como tanto o tênis quanto os seus próprios pés são objetos esquisitíssimos. Pensa na expressão planta do pé e, em seguida, em pés de cujos dedos brotam raízes, rapidamente enroscadas nas grades de bueiros, depois em como as raízes das árvores são os seus pés. Deixa a cabeça se curvar e apoia nos braços cruzados. Pensa na Fabiana e no peguete dela indo fazer lá o troço esquisito com os gringos. Ela tinha sonhado com a máquina, sem nunca ter visto como ela é. Sonhou com um aparelho que era como aqueles vaporizadores enormes de salão em que a pessoa põe a cabeça, com o cara sem rosto sentado nela e a Fabiana rodopiando em cima dele daquele jeito fingido e exagerado de estrela pornô. Ela assistia de longe, ou numa tela, não era claro.

— Porra, Cátia. Parece que sou eu.

Ela sorri, mas ele não vê. Álvaro sorri até mostrar o aparelho, percebe e fecha a boca, deixa só uma fresta mínima ainda rindo de leve. Como que ela explicaria pra ele? Não teria nem como começar. Ele, até outro dia, não sabia nem que ela transava. Não sabe que ela fuma maconha quase todo dia tem anos, que ela cheira e toma bala sempre que oferecem. Ainda acha, na inocência tonta, que a extensão da cumplicidade deles ainda alcança onde alcançava anos atrás.

O celular dela treme. É um número desconhecido, mas ela atende.

— Cátia?

— Eu.

— Puta merda, que bom. Que alívio. Tava com medo de não lembrar do teu número direito.

— Que foi, menina? Cê tá sem celular?

— É. Tou sem celular, tou sem nada aqui.

— Que que houve? Tá tudo bem? Cê tá tensa. Como que foi ontem?

— Claro que eu tou tensa. Acordei numa casa que eu não sei de quem é, sem minhas coisas, sem nada.

— Oxe. E o Flávio?

- Não sei, não tá aqui.
- E como que foi o negócio?
- Que negócio?
- Você não lembra? Ué.
- Não.
- Eita.

Álvaro a encara de um jeito inquisitivo, faz uma cara de tonto, tentando fazer ela rir. Ela nega com a cabeça. A expressão dela se crispa toda, de repente, e a dele responde, entendendo que é sério. A chuva aperta.

>>



## 06.

&lt;

Aquele era um dos bairros mais nobres da cidade e o mais tradicional, mas era uma parte pouco valorizada, e tarde da noite a rua ficava um pouco mal-encarada. É uma linha de casas baixas, todas com grade, caixinhas alocadas do mesmo modo. Viradas de um lado para uma rua interna das 700 Sul do Plano Piloto, e do outro para um espaço verde que funcionava como terra de ninguém entre as casas, fechado em copas de árvores entranhadas, debaixo de onde sempre se viam de dia alguns retângulos de papelão com ocupantes quietos, sacos plásticos com suas poucas posses pendurados nas árvores maiores. A maioria dos moradores de rua da região circulam por um pequeno perímetro, alternando de abrigo antes que algum morador reclame. Alguns Murilo vê há anos, mas nunca consegue cumprimentá-los. No máximo faz acenos tímidos com a cabeça que nunca são correspondidos.

Murilo não quer passar por ninguém agora, por isso dá uma corrida rapidinho até o final da rua, até chegar na W3, toda vazia a essa hora. Ele sabe que é muito covarde e não tem nenhum problema com isso. *Quem tem cu tem medo* era o único dos bordões que seu pai repetia sempre com o qual ele concordava integralmente. Prestando atenção no caminho, ele percebe que deixou sua atenção fraquejar e perder umas duas frases da aula que tá escutando. Mas eles tavam falando de coisas que ele achava que conhecia mais ou menos bem.

A sua cultura, quase toda autodidata, tinha sempre essa modelação errática, pegada e largada, descontínua, de aparência mambembe e vastidão descontrolada. Ele costumava achar que, apesar de toda dificuldade, havia uma solidez ali, que ele de fato conseguia se posicionar dentro daqueles cenários antigos enormes, no meio daquelas colunas imensas, mas nem sempre a sua confiança era tão firme.

O único semestre que ele fez de letras na UnB o deixou muito desapontado, a sua impressão de um menino admitidamente arrogante e tímido de dezessete anos foi de que o que se passava não era muito mais profundo do que os artigos da Wikipédia sobre os autores e temas. Não tinha nenhuma

paciência nem para o proselitismo político e nem para o hermetismo elitista da maioria dos professores, a boca cheia com que ambos os tipos declamavam os nomes franceses e alemães dos seus mestres, e não conseguiu se enturmar tampouco com os colegas (não que tentasse).

Alguns foram simpáticos com ele até desistirem pela falta de resposta, que tomavam por grosseria. A maioria das pessoas olhava para ele com uma certa apreensão constrangida de quem olha um louco. Gostou muito de um professor, só, um cearense velho e sorridente que ensinava grego e exigia que suas turmas lessem pelo menos uns dez clássicos grossos por semestre. Conversaram rapidamente sobre Milorad Pávic, uma vez, e sobre o livro egípcio dos mortos.

Murilo achava bem melhor ir atrás sozinho de tudo, baixar livros pirateados em .pdf, montar pequenas ementas provisórias para dar um sentido mais programático para a educação que ele tentava dar a si mesmo.

Lacunas eram notadas e preenchidas com diligência, itens verificados de uma lista que nunca terminava, nem nunca ganhava uma versão definitiva. Amigos eram feitos com a específica intenção de servir de orientação para áreas e autores específicos, especialistas de quem ele se aproximava com um mesmo e-mail que ele tentava fazer soar simpático e curto, sempre um sorrisinho e dois acentos circunflexos vagamente emoticonados denotando suas boas intenções.

Apesar da seriedade que ele tentava manter pra educação que dava a si mesmo, Murilo também se distraía muito, espalhava sua atenção até que ela se esgarçasse. Depois de uma adolescência estudando literatura com uma forte tendência anglo-saxã e germânica, ele hoje ia atrás a cada semana de algum novo assunto que ele não dominava tão bem, aumentando um domínio superficial e anedótico sobre as coisas, sobre os vários ramos concretos e pontiagudos da realidade e seus documentos e registros todos. Os arquivos não se esgotavam nunca, e ao que tudo indica daria para enchê-los de ar quente, como balões, por quanto tempo ele aguentasse.

Ele gostava muito de listas, vivia reunindo recomendações de autores que respeitava, traçando planos de leitura pras próximas semanas, meses e anos. Ele não tinha mais o ritmo frenético de moleque, a voracidade alucinada dos seus quinze pra vinte anos, mas ainda assim o rol de coisas que ele sentia que precisava absolutamente, conhecer estava sempre crescendo,

apesar dos golpes que ele empreendia para diminuí-lo (ou ao menos conter seu crescimento).

A sua vida acontecia inteiramente nessas coisas, acumulada nessas atividades e na autoconsciência a respeito delas. Algo que percorria ele por dentro como um osso, que ele manjava até onde dava, mexia pra tentar aprender, luz dentro dum cano, uns mesmos ecos rebatidos e teimosos que há um tempo ele espera se confundirem com uma voz, sem que nada parecido com isso aparecesse.

>

## 07.

<<

Falar do mítico RENATO é um desafio, claro. Difícil saber por onde começar. Desde a tragédia da última terça que começou a pipocar de vídeo e de matéria sobre ele, quase tudo distorcido ou mentira deslavada mesmo. Poucos conhecem ele há tempo como eu pra poder botar as coisas em perspectiva. Por isso o textão.

A sua OBRA é vastíssima, isso não se discute. Mas quase todo o resto está aberto para negociação com as hordas de fãs e exegetas. Vão te dizer que ele nasceu em 1978, em 1982, no Piauí, em Florianópolis, no Rio de Janeiro.

O que torna confusa a atribuição de sua obra, em parte, é o fato de que o artista, ele próprio, descreveu sua atividade de maneira muito diferente ao longo dos anos. A divisão proposta pela Teresa Trigueiro, de Cuiabá, é que desde 2003 até 2008, mais ou menos, teria ocorrido a fase propriamente artística, no sentido tradicional, ainda que ocorrendo quase inteiramente fora do circuito institucional-comercial, principalmente em ruas, praças e parques de Belo Horizonte e São Paulo. E depois, claro, a obra ético-política, como ele chamou numa entrevista, de 2008 em diante, depois do que ele chamava sua iluminação (e vamos falar disso adiante). É pela segunda que Renato se tornou conhecido, naturalmente, mas para os poucos que acompanharam o processo de maneira inteligível parece importante explicar a primeira para entender um pouco melhor a segunda. Ou, quem sabe, incompreendê-la um pouco menos pior.

Sei de duas bandas do Renato cuja existência se confirma tanto por fotos quanto por gravações. A primeira são OS ORLANDOS, formada por quatro pessoas (Renato nos vocais, Pedrusko na bateria, Bárbara na guitarra e Tamires no baixo). Lançaram na internet um EP chamado A HORLA, que consistia numa meia hora de barulho, ruído de guitarra, microfonia e barulho de bicho sobreposto com uns poucos minutos que dava pra identificar como música, música mesmo. As letras são ininteligíveis. No myspace que fizeram da banda, quando o site já era basicamente um morto-vivo, constava uma foto em baixa resolução onde podíamos ver todos os integrantes sem camisa e cobrindo com as mãos os peitos e os rostos uns dos outros, ex-

ceto os da Tamirês, cobertos por esparadrapo.

A outra durou mais tempo, de antes, daqui de BH mesmo. Punk bem tosco, dá impressão de que gravaram dentro duma máquina de lavar. Ouvi uma vez na casa de um amigo, mas nunca consegui os arquivos. Não me pareceu ser nada de mais.

Há menções do próprio Renato e de outras pessoas falando de outros projetos musicais, mas sem indícios de registro sonoro ou visual.

Seu poema mais curto, que eu conheça, chama-se “A Voz do Mução”, o poema inteiro em dois versos: “essa esfinge / vórtice” (Mução sendo o apelido de um radialista pregador de trotes, e não o apelido de uma muçarela barata, como aventurado por Sandro Gomes no seu canal).

O poema mais comprido sendo o “Salve Geral”, naturalmente, com suas centenas de milhares de caracteres e que, em pelo menos uma versão, se transmitia num arquivo .doc que se desenrolava infinitamente até dar pau no programa, com nome de diversos amigos e conhecidos de Renato, de todos seus artefatos culturais favoritos (o que vai de cantos da Odisseia a participações do Clodovil no Show de Calouros), assim como de incontáveis povos e animais extintos.

O texto citado mais vezes para descrever o Renato como conservador é este aqui:

*Todo mundo sabe que Cabral quando chegou aqui encontrou já Magalhães Pinto bem estabelecido (na época ainda apenas banqueiro, e não estadista). Todos ganharam em seguida drinks e guarda-chuvas promocionais da descoberta muito bem confeccionados pelo Itaú.*

*De imediato saíram em comitiva para conhecer nossas maravilhas inigualáveis e mundialmente famosas. A Chapada Diamantina, a pororoca, Ouro Preto, mulatas.*

*Cinco anos depois Tom Jobim e Villa-Lobos dariam praticamente por encerrada a cultura brasileira em plena culminação entelequial, com a estreia de sua ópera conjunta “Terra Brasilis”, apresentada uma única vez (com coro de chacretes, Getúlio Vargas, Bidu Sayão e grande elenco), com a presença de nada menos que três lojas maçônicas (com os comboios de Sorocaba e Uberlândia), na escola de padres que viria a se tornar a cidade de São Paulo, as partituras queimadas a seguir com a presença de um notário do 2º cartório da região.*

Esse trecho, saído de um texto maior chamado A REDESCOBERTA DO BRASIL, apareceu primeiro na caixa de comentários do blog do Gilberto Gil, assinado apenas “Renato M.”. Passou a circular com modificações francamente racistas e despropositadas, geralmente sem a assinatura de Renato.

De fato, de toda a produção multimídia de Renato só os seus vídeos de YouTube onde fala de mitologia e política podem ser ditos conservadores. Feitos entre 2007 e 2009 (não confundir com a vasta produção videoartística prévia e posterior, os vídeos em questão sempre mostravam Renato sem camisa num quarto cheio de livros, falando muito rápida e histericamente sobre algum “complexo figural”, como ele chamava).

De resto, de acordo com o que pude acompanhar, Renato alternava entre se dizer comunista e anarquista radical, embora raramente explicitasse os particulares da sociedade que ele idealizava. Os vários “textos extensos” que menciona nos vídeos mais antigos, até onde eu sei, não existem, são só piada. Ou são manuscritos que ele nunca mostrou de fato pra ninguém.

De fato, acho que a única empreitada teórica de Renato que consigo afirmar com alguma certeza que deve ser levada a sério (por assim dizer) é a sua famigerada Exuística. Renato não apenas tentou submeter o manifesto da Exuística para mais de uma revista acadêmica, sem lograr êxito na publicação, mas sabemos que ele se aproximou de pelo menos duas personalidades da Umbanda de Belo Horizonte, assim como de ao menos uma figura do meio editorial local, para buscar a publicação do panfleto que ele diria que tinha certeza que ia bombar tanto no meio comercial quanto no acadêmico.

O manifesto acabou publicado num blog de poesia, não se sabe se pelo próprio Renato ou se por um acólito, e é certamente um dos textos mais complexos e abstratos de sua autoria. O texto começa, e eu cito:

“Exu não é nem o número zero e nem o número um. Exu é o princípio de individuação a partir da comunicação, da abertura do sinal (e não de seu fechamento). Laroíê. Pede-se, respeitosamente, passagem. Se a Hermenêutica nasce em homenagem a Hermes, em seus desdobramentos dialógicos (que nunca chegam a sair, propriamente, dos domínios do sujeito, a Exuística é uma heurística comunicacional que parte da eminente comunicabilidade de todas as coisas e da condição energética e material de toda comunicação.”

Eu não teria competência para recuperar todo o argumento de Renato e nem as diversas fontes e vozes com quem ele está dialogando. Recomendo o texto de Alessandra Godoy sobre as influências do pensamento dele (ela sabe do que está falando, eu sou só um grosseirão que no máximo manja de anime, metal e internet).

Tem gente que acha problemático o jeito que o Renato fala de Exu aqui, não sendo na época mais praticante de nenhuma fé de origem africana, pelo que falam. Eu não saberia dizer. O próprio Renato lidou com isso em alguns vídeos posteriores, como aquele em que ele descreve três encontros com manifestações de Exu e o que ele entendeu que estava em jogo em cada uma delas. Eu não conseguiria resumir esses vídeos, que é facilmente um dos cinco ou dez mais engraçados de toda a internet brasileira, mas lembro que nesse vídeo ele repete na forma de piada o argumento que ele no texto entrega com uma clareza lógica ímpar: de que qualquer pretensa manifestação de um deus malandro sempre será, necessariamente, autêntica, já que o mero ato de se passar por ele daria numa invocação da sua presença. Eu não sei dizer se ele está certo ou errado, nem nada, eu só acho bonito.

Outro exemplo gratuito:

“O Exu da comunicação não figura a transmissão entre aqui e ali num sistema fechado, mas a própria comunicabilidade entre sistemas díspares que torna qualquer de suas individualizações possíveis. A comunicabilidade das coisas é a avidez da faca que comunica a si própria no corte (mas não sozinha). A palavra é um caso detido da sintaxe geral. Exu é boca e fome coletiva, a voragem que vira vórtice, redemunho que arrasta a catarata”

Já *Os doze passos para uma ecologia da mente* é um dos temas mais polêmicos.

Não adentraremos adiante no emaranhado de tretas, tenho relatos muito consistentes de que teria começado como uma piada, aquele vídeo, e só muitos anos depois, depois da experiência fracassada do Renato no ensino superior, é que ele teria pensado em fazer aquilo de verdade. Porque se tinha uma coisa que Renato levava a sério no meio de sua zoeira infinita e esparramada era que a arte era a única forma de – e eu cito – montar, modular e moldar o corpo coletivo. Os *doze passos* então seriam o grande projeto de sua vida, uma espécie de vídeo-manual assim enciclopédico de doze partes sobre tudo. Mas tudo-tudo mesmo. Desde economia política e química or-

gânica até jardinagem e culinária baiana.

Eu sei que eu falei muito, mas é que é só explicando todas essas paradas que vocês vão começar a entender. E só assim vocês vão acreditar em mim quando eu disser que ele não está morto coisíssima nenhuma.

>



## 08.

&lt;

Como ele esperava, o cachorro-quente estava fechado. A carrocinha vermelha estava lá no seu posto informal, diante da igreja, mas trancada, com as cadeiras de plástico entulhadas em cima, amarradas. Era raro o Josimar ficar aberto até mais tarde de segunda a quarta, só quando o movimento tava bem forte e justificava. A solução seria o McDonald's da 405, mesmo.

No caminho tem o Eixão, tranquilo de atravessar a esta hora, com poucos carros bem espaçados, a maioria zunindo. Entre as vias Murilo passa por um gramado comprido de árvores esparsas e não muito altas, onde às vezes dá de encontrar alguns vultos e que ele atravessa num passo apressado, quase correndo.

O medo não é tanto o de ser assaltado. Ele já fora assaltado uma vez atravessando na passarela de noite, cinco anos antes, e sabe que se acontecesse não seria também nenhum bicho de sete cabeças, sendo homem. Na sua curta experiência, tende a acontecer rápido e sem muito esculacho (talvez porque a sua figura troncha e desajeitada seja tão pouco ameaçadora, além de relativamente pouco odiável, ele espera, pra média do seu bairro).

O medo dele é mais disperso, talvez até mais infantil, acontece mais nos vultos, nos intervalos, não chega a se figurar com precisão na sua cabeça.

&gt;

## 09.

&lt;&lt;

Os mortos voltaram de Osasco, onde não encontraram o que se procurava, e vamo com calma que toda opalescência será respeitada, como que explica? Já tá indo, já? Ô, Creuzebek, no top de quatro já vai. Tudo vai ser devidamente esclarecido em seu tempo. Tá doido. Lembro dos fósforos feito soldadinhos no comercial, marchando.

Triste, triste mesmo eu fiquei quando a minha mãe morreu. Depois disso, não acho que jamais tenha ficado triste com nada de verdade. Desde os sei lá quantos anos que eu assisto minha vida como quem assiste um filme, removido de algumas coisas. Eu vejo o meu corpo e eu tento contorcê-lo pra caber nos buracos e me desviar dos escombros caindo. E eu tento comer tudo. Não é muito mais complicado que isso. Tem também umas técnicas que eu desenvolvi, pras quais não tenho nome que se divulgue. Uma pra lidar com dor, de concentrar tudo teu em encontrar a pulsação e virar ela até que não doa, umas pra deixar de estar onde eu estava, mesmo quando tem mais ou menos setecentos inputs sensoriais bem gritantes e incontornáveis te dizendo do lugar onde cê se encontra, de ainda assim tu se fazer em outro canto. Pode parecer besta, mas não é exagero dizer que salvou a minha vida numa série de ocasiões.

O meu pai chamava Pedro e eu ficava muito impressionado dele chamar Pedro, a cidade Pedro II, como se a cidade fosse em homenagem a ele ou pelo menos, de alguma forma, uma entidade secundária em relação a ele. Só isso ali me deu já quase certeza que eu era predestinado de alguma coisa. Isso eu com uns oito, nove anos. Eu pensava: pronto, é isso, serei fatalmente Imperador do Brasil. Fiquei muito preocupado, a testa enfezada, assim, já meio suando. Eu tinha uns sonhos onde eu e o Jorge Ben encontrávamos a cabeça de Pedro II enterrada, ele era apontado Imperador do Brasil e eu, seu consorte-conselheiro-íntimo-Rasputão.

Eu não distinguia muito bem direito entre sonho e realidade, quando era moleque. Eu via, claro, que a vida desperta ali, onde eu ajudava minha mãe a arrumar a casa, o sol queimava tudo com raiva e tudo era uma desgremeira mal-ajambrada, era bem mais firme que a outra, mas a outra

era tão forte, também, tão vívida, eu não entendia como que o povo dizia que aquilo não existia, sempre que eu sonhava aquilo ali existia, sim, ué, como não? Eu e Jorge Ben nuns cavalos andando em cima duns rios e caçando argentinos escondidos em forma de pedra, ele encostava a espada de madeira na pedra e falava uma fórmula que eu não escutava direito e ela desvirava em gente de novo, ele xingava os argentinos de que todos pareciam o Maradona ou o Batistuta, e saíam correndo os gordinhos, tudo rindo, pra floresta. Eu não contava os sonhos pro meu pai, que ele ficava bravo, falava pra eu deixar de besteira.

Ele era um homem muito sério, enfezado, falava um “Eia” bem anasalado pra quase todo fenômeno do mundo, variando só a cara dele em (quase nunca) sorrir ou (quase sempre) se amuar. Tinha medo de tudo. Alheio a tudo que não fosse carro, cachaça, o Flamengo e o River. Fiquei mais alto que ele muito cedo, e ele nunca lidou bem com isso. Eu até hoje, do nada, às vezes me endireito a espinha lembrando dele me dando um tapa pra eu endireitar. Dei trabalho pra caralho, isso ninguém vai negar, também.

Minha mãe era linda, muito brava e muito carinhosa, morreu, eu não tinha nem nove anos. Foi carro, essa desgraça. Ficou no hospital agonizando horas, pelo que me contaram. Tava voltando de São Luís de carona com primos. Um caminhoneiro cochilando fechou o carro, que tava com mais seis pessoas dentro. Quatro morreram. Duas eram crianças de colo.

Ela chamava Elizete. Eu entendia Lizete, e até hoje penso Lizete. Quando falam Elizete, eu nem penso na minha mãe. Exceto se for a Elizeth Cardoso, que aí eu já associei. Tenho umas memórias muito fortes de ficar percorrendo o corpo dela, ela só de short e camiseta, umas pernas pretas intermináveis reluzindo no sol da tarde, ela brigando comigo e rindo ao mesmo tempo, que eu era um palhaço desde bebezinho, ficava meio carcando a perna dela sem entender o que tava fazendo. Ela era brava, às vezes me beliscava com uma cara de ódio, mas era muito carinhosa, também, vivia falando que queria me cheirar e de fato me cheirando, no cabelo, eu vejo das fotos ela sorrindo comigo. Ela me chamava assim quando tava de chamego (“Meu cheiro”). Eu acho que as memórias que eu tenho dela são quase todas inventadas, mas não tem problema. “Tu te lembras do que tu queiras”, já dizia.

Quando eu era bem menino ainda, a gente foi pro Guarujá, uma vez, visitar uma irmã da minha mãe, que eu não chamava de tia porque ela insistia que eu chamasse de Neide. E que, então, pra mim não era minha tia, era

só uma mulher chamada Neide. A gente viu lá um show do Luiz Gonzaga, o rei do baião. E ali eu já entendi comigo mesmo que devia ter muitos tipos de rei. Porque na estrada já tinham falado algumas vezes no rádio dum rei Roberto Carlos, que minha mãe amava, meu pai odiava. Eu não entendi direito as músicas, mas vi que o povo se alegrava e se encoxava direitinho. O que eu mais gostei foi o triângulo, que me falaram que chamava lengo-lengo. Eu ficava impressionado que dava pra ouvir sempre aquele trocinho tilintando no meio da barafunda toda, e só na cadência dele já dava pra ir se quebrando todo. Minha mãe ficava doida com música, dançava pra caramba, até meu pai começar a ficar amuado e ir prum canto, até ele ficar puto e ir lá arrancar ela do meio, o que ela nunca aceitava sem gritar e espernear e xingar ele de tudo quanto é coisa.

Ela cantava muito. Enquanto passava roupa e a vassoura pela casa, mas não só. Cantava uns boleros antigos, alguns em espanhol, a maioria eu nunca nem ouvi em outro canto que não na voz dela. Os sucessos em inglês ela cantava na versão própria dela, ronronada e sem palavras estritas. Ela sabia muita música, mas mesmo das brasileiras era raro ela saber uma letra inteira, quase sempre tinha uns tchã-nanãs e uns tchu-rurus, que quando criança eu achava que eram palavras normais como as outras, mas umas palavra doida que queriam dizer tudo ao mesmo tempo. Até hoje me dão umas intimação meio mística quando ouço um tchu-ruru.

Desde os doze que eu comecei a sonhar com a mãe direto, direto, e os sonho eram tão fortes que eu comecei a falar pro meu pai que eu tava vendo ela. Eu não sei de verdade se eu achava que eu tava vendo na vida real ou se eu sabia que era sonho, acho que eu não entendia tão bem assim a diferença, não. Quer dizer, entendia e não entendia. Meus sonhos sempre foram muito vívidos. Sei que meu pai foi ficando puto, foi falando pra eu não falar essas besteira, que tinha que respeitar os mortos. Só que eu insistia, falava pra ele que ela tinha falado isso e aquilo, citava as coisa que eu lembrava dela falar, e inventava ainda outra ali na hora, uns discurso maluco todo apaixonado de filme que aposto que não devia ter nada a ver com ela. Ele ficava triste pra caralho, dava pra ver, ia ficando mais puto ainda, me batia preu parar de falar, e eu não parava. Ele batia já chorando, tinha vez que ele pedia desculpa por me bater enquanto batia ainda.

Gente doida, doida assim na família, antes de mim, teve só minha vó, só. Que eu lembre e saiba. Ela sempre foi engraçada, bebia muito, lia livro de

ficção científica que pegava emprestado de um médico com quem ela tinha trabalhado de recepcionista. Depois dela enviudar e minha mãe morrer dois anos depois, foi meio desistindo de ser normal. Ficava sempre de sutiã e toalha na janela de casa e gritava com quem reclamasse, falando que ela morava no Piauí e que ninguém devia usar roupa no Piauí.

As viúvas da região visitaram ela, chamaram pro grupo de reza que elas tinham, ela respondia que elas não tinham perdido a filha, que nem sabiam o que era dor, que perder o marido era bom, que aquele negócio de ficar de preto não era com ela não.

— O que eu quero saber é quando que o Espírito Santo vai vir me carcar. Alguém tem que mostrar serviço aqui.

As senhorinhas nem respondiam, se acumulavam exasperadas num canto. Ela olhava pra mim ou pra qualquer um que estivesse por perto com a cara sacana de quem não precisava da confirmação que parecia pedir:

— É ou não é?

Morreu aos oitenta e nove, dois anos depois da minha mãe. Lembro dela na manhã que acordou morta, toda encolhida na cama, dura, feito um feto de novo.

Meu pai fez de tudo, foi garçom, foi motorista, mas depois da minha morrer, ele não segurava trabalho, só bebia e trabalhava numa mina de opala sem carteira, solto. Mina do Boi Morto foi a que ele ficou mais tempo. Ganhava muito mal, trabalho agonizante e perigoso do caralho, só quando achava uma pedra maiorzinha é que valia a pena. Mas era difícil acontecer. Ele me ensinou que a pedra que valia mesmo era a que tinha foguinho dentro. A segunda pedra maior que ele achou foi a que deu a maior bolada, quase dez mil reais. Mas essa ele não encontrou na mina em que ele trabalhava. Ele foi dos primeiros que perceberam que ainda tinha pedaços de opala abandonados no vasto rejeito das mineradoras dos anos oitenta, que tinham devassado primeiro aquilo ali tudo. Foi tudo feito tão na tora, com uns método tão zoado, que eles nem perceberam na época o tanto de pedra que eles perdiam. Além das várias que eles destruíram com picareta. Uns amigos do meu pai que tinham trabalhado nessa época encontraram uns pedacinhos, um dia que tavam andando por um dos valões onde tinham jogado o rejeito.

Eles tentaram ser discretos com aquilo, a princípio. Mas foi só um de-

les, o Rinaldo, achar uma pepita maiorzinha que a história espalhou. Tava na boca de todo mundo das antigas, de repente. Que no lixão todinho tinha opala. Alguns diziam que o rejeito era tóxico, que eles não deviam estar revirando aquilo com tão pouca ou nenhuma proteção. Como tavam, a maioria. Mas nisso se pensava depois, não quando qualquer um ali podia se dar bem nas próximas horas. A história cautelar que todo mundo na cidade contava para todo estrangeiro, anos depois, e para eles mesmos quando bebiam, não era de ninguém que ficou doente. Era do seu Mundote, que já era velho quando Renato era menininho, e que além da cara de maracujá de gaveta tinha uma expressão permanentemente contrita, mesmo quando sóbrio. Seu Mundote tinha achado a maior opala já encontrada no mundo, de quatro quilos e tanto, que hoje tá no British Museum. E ele nunca levou grana nenhuma. Os dois canadenses, que se disseram de uma instituição geológica, deram um calote. E pronto. Todo mundo contava isso com uma cara séria, batendo na madeira e se benzendo depois.

&gt;&gt;

## 10.

&lt;

Assim que ele se aproxima do lugar com o M enorme amarelo armado, ele já se coloca na fila para ser atendido, o único pedestre numa fila de carros. Uma imagem do que ele tá fazendo se apresenta na sua cabeça, vem pronta e não solicitada, vazia, quase um diagrama, de jovens ao redor do mundo comendo este tipo de comida norte-americana de madrugada, uma cena que diz tanto da sua época.

Ele se orgulhava da sua capacidade de manter, a todo momento, uma consciência mais ou menos preenchida e aguda da extraordinária contingência histórica e técnica de tudo aquilo, todos os protocolos em curso, todos os eventos geopolíticos passados que permitiam que aquela rede mundial de hambúrgueres vendidos de forma prática e pouco saudável estivesse aberta de madrugada em Brasília, em 2012..

Ele não acha aquela imagem atraente, mas o mero fato de ser uma imagem reconhecível de alguma forma faz com que ele queira participar dela. Ele vai lá com alguma frequência, mas menos do que gostaria.

Murilo também viu outro dia um comercial que mostrava um sundae de tangerina e estava vagamente intrigado pela ideia de um sundae de tangerina.

No seu ouvido a professora fala que a célula engoliu a bactéria que virou a mitocôndria. Outra maneira de dizer seria que as duas entraram em colaboração simbiótica. Murilo pensa que as duas imagens são muito diferentes. Ele não diria que ele e o sanduíche que ele vai comer entrarão numa colaboração simbiótica. Mas quem sabe ele e o vasto e demoníaco complexo dos Arcos Dourados não estão metidos numa coisa assim?

Ele ri, pausa a aula por um momento. Não quer ouvir falar de bactérias agora. Mas ao invés de se aquietar, sua cabeça de repente começa a ecoar uma voz alheia, de um professor antipático e arrogante dizendo que a literatura era um sistema semiótico fechado em si mesmo.

E Murilo responde a essa voz alheia com outra voz alheia, imitando um sotaque judeu nova-iorquino que ele consegue imaginar, mas não reproduz

zir com a boca. Tanto o comentário quanto a resposta papagaiando gente que ele leu já há quase dez anos, a maioria, nos seus ávidos quinze pra dezesseis anos.

Ele encena com essa voz alheia e ingênua toda uma defesa da literatura como uma apaixonada e ruidosa repetição da realidade contra ela mesma, enquanto seus dedos procuram por moedas no bolso e tentam determinar o seu valor pelo tamanho, fazer mais uma vez a soma do dinheiro que tem e de quanto que ele pode comprar ali.

Se fosse comer o sundae, teria que se contentar com um sanduíche desses pequenos. A sua fome não seria exatamente satisfeita. Talvez ele tivesse que comer berinjala.

Na frente dele há um Celta branco e depois uma Pajero enorme. Ele vê as silhuetas ali dentro, a maioria grupos que devem estar saindo de alguma festa ou bar, a figura dele deprimente, talvez até meio assustadora pras meninas mais bobas e impressionáveis. Os seus vinte e tantos anos parecendo trinta e tantos, talvez, sua barba enorme, seu cabelo desgrenhado, com fones de ouvido, olhos profundamente inteligentes detidos neles mesmos, como se sempre introjetados, notando menos o mundo exterior do que os arabescos e as volutas incessantes ali dentro.

Murilo era um tanto baixo, e há anos que se avolumava lentamente debaixo das suas camisetas uma pança cada vez mais vergonhosa. Ele frequentemente deixava a barba crescer até ficar bem fechada e cheia, um pouco esquisita de tão grande, até que ele eventualmente fosse cortar porque a mãe parecia ficar tão aborrecida com a existência dela que passava a valer o esforço daquela meia hora no banheiro, primeiro tirando uns chumaços com a tesourinha de cortar unha e depois passando o barbeador do pai.

Por muito tempo ele tentava entender por que a barba incomodava tanto a sua mãe. A melhor explicação que conseguiu formular era que a mãe já devia ter um tanto de dificuldade com a existência do seu filho, recluso e esquisitão que mal fala, ela já devia ter montado com muito esforço uma imagem dele com a qual ela conseguisse lidar no dia a dia, e aquela barba parecia exceder os limites de aceitabilidade daquela imagem; aquele único detalhe, aparentemente tão simples, transmudando-o de um menino gentil, tímido, estudioso e quieto num homem assustador e demoníaco, com sua barba preta desgrenhada projetando seu volume muito além do queixo



e das bochechas, já quase ensaiando suas próprias formas detidas e estranhas redesenhadas sempre que Murilo coçava o pescoço e as bochechas (o que ele fazia com uma frequência enervante).

Os seus olhos eram pequenos e muito expressivos, pareciam toda hora alarmados com o absurdo ou espanto que era qualquer coisa, qualquer objeto ou evento. Ele quase não abria a boca, mas quando falava desencadeava uma série ordenada e comprida de frases amaciadas e bem encadeadas que parecia ter sido escrita com muita antecedência.

Sua voz saía sempre fraquinha, negaceada, num tom que parecia desmontar imediatamente qualquer pretensão de aquela frase (ou, de fato, qualquer coisa) importar tanto assim.

Depois de dez minutos, chega a sua vez no drive-thru. Ele dá pause na aula para poder conversar direito com o atendente. É um menino novo, magro, de aparelho, que parece em algum nível contente com o trabalho que está fazendo, o que Murilo admira, mas tem muita dificuldade de entender. Talvez ele só finja muito bem por um senso de dever ou educação. O seu dinheiro dá exatamente pra uma batata frita pequena e um sundae, que ele recebe na janela seguinte sem saco de papelão, de uma moça gordinha que sempre está lá e que parece reconhecê-lo.

Murilo prossegue com a aula e come ali em pé, perto do parquinho infantil fechado e cercado por grade. Como dava pra imaginar, a calda de tangerina é gosmenta e com gosto tremendamente artificial. Ele imagina o laboratório onde aquele gosto é composto, seus funcionários provavelmente alemães ou japoneses (para Murilo é inverossímil a imagem de qualquer outra nacionalidade fazendo esse tipo de coisa) tentando honestamente determinar se aquilo se parece com tangerina. O problema não era que aquela fosse uma metáfora química para tangerina. Murilo estava acostumado demais com artificialidade para se incomodar com algo assim. O problema é que era uma metáfora ruim.

Ele percebe que perdeu mais uma vez o fio da meada na aula, a classe de repente irrompendo numa risada rara cuja causa ele não conseguiu pegar. As piadas dessa professora eram tão ruins que eram boas. Ele recupera o seu aparelhinho do bolso e volta o arquivo nuns vinte segundos, os dedos engordurados sujando a tela.

Na mesma rua onde estava, Murilo passa ainda por uma outra lanchonete aberta de madrugada e cheia de gente nova e arrumada voltando de eventos noturnos. Mulheres com pernas enormes estadeadas de fora naquele frio, homens tão grandes de músculos bulbosos que Murilo não consegue deixar de achar engraçados. Ele força a si mesmo a repetir em voz alta aquela palavra que ele escuta da voz esganiçada de uma das meninas, uma palavra que ele nunca disse na vida sem aquele tom irônico que retorna agora automaticamente. Balada.

Um carro branco com luzes azuis saindo de baixo e música tão alta que seus graves são sentidos como forças percucientes vem das duzentos numa velocidade imbecil, derrapando e mudando de pista de forma irregular antes de estacionar de maneira espetacular na frente do Subway.

A aula termina antes que ele chegue em casa, a professora se despede dos alunos e fala da aula seguinte (que ele ainda não baixou). O arquivo continua soando por algum tempo, Murilo ouvindo o barulho de papéis sendo distribuídos, mochilas sendo fechadas, pessoas agrupando seus casacos e pequenas extensões materiais antes de sair de uma sala de aula que ele consegue imaginar perfeitamente até seus mínimos detalhes, num final de tarde recuperado dum modo tão precário.

Ele já consegue ver de longe a fileira de casas amontoadas que contém a sua. Ele tenta andar rápido, sabe que teve alguns sequestros relâmpagos por ali perto nas últimas semanas, porque sua mãe fala disso sempre que vê que ele saiu de noite. Seria até engraçado se eles pegassem ele num negócio desses. Teriam dificuldade de acreditar que um moleque velho e, dependendo dos seus termos, com cara de playboy não tinha conta no banco e nem celular, não mais que quarenta centavos no bolso.

>

## 11.

<<

CRONOLOGIA WIKI PARCIAL DO UNIVERSO CABOL COMO RECONSTITUÍDA POR JORGE LOURENÇO (com colaborações de night crwllr (RJ), Samara Reys (ES), Gui – Detonator (PI))

2038 – Substituição efetiva da Democracia Representativa pelo Campeonato Brasileiro de Futebol como forma de organização política da República Federativa do Brasil. O evento “Brasileiríssimo” decide qual conglomerado da região Sudeste e Sul vai gerir o que resta do Estado no próximo ano fiscal. Três barragens estouram em Barcarena, no Pará (contestado, ver mais).

2042 – A Amazon-Mobil compra a Tanzânia. Anúncio das obras dos muros de contenção do mar nas principais capitais litorâneas do Brasil.

2045 – Os jogos do “Brasileiríssimo” deixam de ser abertos ao público ao vivo e a sua transmissão e organização passa a ser inteiramente controlada por um único conglomerado (\*\*\*\*\*).

2048 – Começo da primeira guerra latino-americana da água (terceira do mundo), conflagrada pela posse do aquífero Guarani (contestado, ver mais). Oficialmente nunca foi declarada guerra por nenhuma nação soberana, mas ataques remotos e destacamentos internacionais entraram em conflito com exército e com o que foi descrito pela imprensa internacional como forças mercenárias e milicianas contratadas pelos governos do Brasil, da Argentina e do Paraguai (ver mais).

2053 – Descobre-se que há anos os chineses tomaram parte da região Centro-Oeste e Norte e que os governadores não passavam todo esse tempo de atores (que sofreram, alguns, uma série de operações plásticas). O cerrado inexistente fora da municipalidade autônoma resistente formada nos limites do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

2054 – Um tufão engole as obras dos muros de contenção no Rio de Janeiro e Vitória. Apenas Recife resiste razoavelmente preservado. A acidificação dos oceanos acelera por motivos desconhecidos, talvez conectados a

uma tentativa fracassada de geoenharia norte-americana.

2058 – O esparsu cinturão que resta da Amazônia é escolhido como um dos cinco lugares para o Desafio China-EUA, gincana organizada oficialmente pelo megaorganismo WarnerMedia-Nestlé-Samsung-Huawei. Algumas fontes descrevem o evento como uma guerra de mentira organizada como cortina de fumaça para esconder incursões militares conjuntas dos dois países, outras falam que foi uma guerra de verdade mascarada de uma guerra de mentira (ver mais).

2062 – Onda de infectados de uma moléstia misteriosa (que apareceu semanas antes também em Delhi, Moscou e Pequim) alcança quase toda a Bahia e uma porção substancial de Minas Gerais. A ação conjunta Misericórdia é obrigada a queimar um contorno de napalm ao redor da área metropolitana da Grande São Paulo, que pela primeira vez é murada pelo Governo Estadual, com auxílio de mais de doze brigadas fascistas populares.

2066 – Um consórcio internacional de bancos decide comprar oficialmente a cidade murada de São Paulo. Programa para migração forçada de descendentes de nordestinos é apresentado por João Doria Neto.

2070 – Denzo Marmanjo (o Denzonator da Fire Cougar) ganha melhor artista do ano na quadragésima edição do GRANDE PRÊMIO CULTURAL DO GRUPO ROBERTO MARINHO.

2078 – Nascimento de Paraíba Blade (especulado). 1ª Reencarnação de Renato.

2082 – Lançamento do álbum “Destinos e Banzos”, do Cabruskha (PE).

2088 – Começo do projeto “Sala Chinesa” no território brasileiro, por um conglomerado misterioso e transnacional (especulativo: Instalação da base estrutural dos axônios de silício em camadas profundas da terra).

2114 – Aparecimento da criatura extradimensional. Morte e renascimento de Renato, “O Comédia”. Fim da era heroica.

2119 – Pequenas revoltas locais sincronizadas irrompem por todo Brasil,

movimentos populares com variada estratégia, estética e discurso. Várias delas, aparentemente, são bem-sucedidas. Não se sabe dizer com certeza o que sucedeu às suas pequenas tomadas locais de poder (ver histórias alternativas).

(Ver mais tags de nuvem) (O que são tags de nuvem?).

>>

## 12.

<

Ele entra no quarto, toca no mouse para que a tela reacenda, deposita suas chaves e a carteira perto do teclado e se acomoda na cadeira.

Várias janelas abertas em textos que ele leu pela metade, PDFs com parágrafos enormes que ele abandonou tem horas, artigos da Wikipédia, vídeos compilando as melhores jogadas e gols do Zidane, resenha de um filme tailandês que ele está considerando baixar escrita por um baiano em cujo gosto ele confia tremendamente...

Sua atenção esgarçada e interrompida de mais ou menos uma hora atrás, os itens que ela equilibrava como pratos um malabarista, agora retomada. Se ele fechasse os olhos, não conseguiria lembrar de quase nada que estava aberto ali.

O computador apita, alguém falando com ele. É o Fábio de novo.

— fala malander charmander

— e aí

— Acabei de acabar Fogo Pálido e puta que pariu, que livro sinistro.

— é legal, né. Mas ele me desaponta um pouco, sabia.

— pq tu é chato. Vai tomar no cu

— O truque é brilhante, mas nenhuma voz ali me interessa, não acho a paranoiazinha interessante assim. Acho pouco generosa.

— queisso, cê diz isso só pra ficar bonito na foto, o acúmulo de noia é lind demais, palavra cruzada.

— haha, é sim, é sim, o negócio é que acho a ideia tão boa que me dá acho que raiva dela não ter sido aproveitada direito

— q besteira.

— Ah, Compra a defesa Lujin e depois le, pra tu ver que o bicho não brincava só com essa coisa matrioshka simetriquinha.

— ele tem muito truque na manga né o rasputão

— muito.

Os dois se conheceram há poucos meses, numa comunidade sobre literatura dentro de uma rede social moribunda. A comunidade é bem diversa, com gente do país quase todo (menos da região Norte). Tem alguns professores universitários e críticos, alguns escritores jovens, mas a maioria dos participantes são leitores que não trabalham com aquilo, boa parte deles usando perfis falsos com nomes ridículos e fotos de atores mortos. Recomendações são trocadas, alguns assuntos são erguidos por dias, algumas leituras em grupo são organizadas de vez em quando. Murilo mais observava do que participava, mas tinha afeição genuína por quase todo mundo ali dentro, o que para ele era inteiramente inédito com qualquer agremiação de pessoas.

Ele e Fábio depois de um tempo começaram a conversar pelo chat do e-mail e se deram incrivelmente bem de cara, em duas ocasiões distintas conversando por mais de seis horas seguidas (ainda que descontínuas, assuntos interrompidos e retomados, dispersos, links trocados e comentados um tempo depois).

Ele não sabia absolutamente nada da vida do cara, mas achava que ele devia ser desempregado como ele, já que podia ser encontrado a qualquer hora na internet, principalmente de madrugada, e sempre parecia estar livre para conversar.

## 13.

<<

Eu bato na porta entreaberta com o nó do dedo. Silvinho nem olha enquanto responde:

—Pode entrar, meu querido.

Silvio Botelho era um senhor gordo de orelhas peludas e risinho displacente que vinha agindo na capacidade de meu chefe há mais de um ano. Eu o odiava profundamente. É verdade que tem algo meio entranhando em mim que me faz odiar chefes de um jeito quase automático. Mas o Silvinho fazia por onde.

—Nilsão, Nilsão, Nilsão. Então, como que andam tuas diligências?

—Quais que você quer dizer, exatamente?

Ele não tirou os olhos do computador, ignorou completamente a minha pergunta e a que ele próprio tinha acabado de fazer.

—Então, eu tenho um negócio novo pra ti. E agora é importante, hein?

Duvideodó. Não só porque eu tou encostado desde que me pegaram jogando CABOL no escritório, mas porque porra nenhuma que me tocam nesta merda é importante. Pras arapongagens realmente sérias ninguém me chama. Só me botam para resolver perrengue em Assunção, grampear um desafeto desimportante de alguém em Goiânia sem nem saber o motivo.

Eu nunca tive ilusões de que teria uma vida glamurosa ou excitante entrando na ABIN. A gente tá no Brasil, afinal. Eu não esperava filme americano de espião, já imaginava que o negócio não seria essa coisa toda. Mas vocês não têm ideia.

Meu nome é Nilson Rodrigues (sim). Eu passei no concurso de agente de inteligência há cinco anos. Já na ESINT, a escola de agentes e oficiais de inteligência, eu comecei a sentir o drama. Tinha um professor lá dentro, uma vaca sagrada, respeitadíssimo, chamado Rubens. A aula dele consistia numa apresentação errática de powerpoint com slides alucinados e mal-confeccionados dizendo que todas as ONGs de proteção da natureza e de direitos



indígenas eram conspirações militares europeias para tomar a Amazônia. Não sou nenhum hippie, mas até eu fiquei sem jeito. As evidências citadas disso eram dois livros norte-americanos da década de noventa, os dois com títulos sensacionalistas. Perguntei, timidamente: *todas*? Ele respondeu, com os olhos faiscando: *todas*. O resto do curso foi daí pra baixo.

A ABIN, pra quem não sabe, nasceu em 1999, no governo FHC, assumindo as atribuições do *Sistema Nacional de Informações*, criado pelo regime militar em junho de 64, desmontado pelo Collor. Oficialmente ninguém dos quadros antigos sobreviveu, na verdade um punhado de funcionários de carreira fieis foi transplantado no escuro e continuava ali, quietinho. Silvinho era um deles.

Setenta e blau no dorso e impressão de que poderia durar mais uns cem anos ali. Era só tomar uma gota de álcool que começava a falar da época áurea de quando entrou, do Fountoura, Newton Cruz, dos *dragões* que eles tinham por todo canto. Eu tenho zero paciência. Não respondia, fazia cara de paisagem. Alguns colegas davam trela, achavam graça. Eu estou longe de ser esquerdinha, de chamar guerrilheiro de herói, mas também não sou tonto de endeusar os imbecis dos militares. Meu pai conheceu o Médici, aquilo ali era burro como uma porta. Incapaz de entender uma frase com mais de duas orações.

Silvinho finalmente volta a falar.

—Cê sabe da paranoia que tá lá em cima com esse negócio de Copa, né?

—Sei, sei.

—Qualquer merdinha tem alguém pra dizer que é perigoso, que é não sei o quê, que é aquilo. Tá parecendo americano com medo de terrorista de tão paranoico que tão alguns ali. Se tu quer saber eu acho uma babaquice, terrorista tá cagando pro Brasil, a gente não tem nada que ver com os Khaled. Khaled aqui é da paz, é Bib'sfíha. E traficante e vagabundo normal não têm interesse nenhum de criar confusão nessas horas. Mas enfim, né? Eu não mando em mim. Só mando em você.

E ele sorri que nem o filho da puta que é, quando fala isso. Sem nem olhar pro lado. De todos os meus (muitos) motivos inteiramente legítimos pra odiar Silvinho, acho que o principal é o fato de que pelo menos oitenta por cento das vezes em que eu o encontro na sua sala ele está casualmente passeando por incontáveis janelas com ensaios de fotos de prostitutas ofe-

recendo seus serviços. O monitor dele fica virado de costas pra quem chega na sua sala, mas o vidro das estantes dos vidros reflete a tela com integridade o bastante pra que eu consiga ver as fotos das garotas com alguma riqueza de detalhe.

—Lembra quando eu te chamei aqui uns meses atrás? Pra falar sobre aquele joguinho que você ficava jogando no trabalho?

—Lembro, claro.

Não é tanto o fato dele comer prostitutas que me faz odiá-lo, exatamente (embora não seja um hábito que eu respeite muito), mas o fato de que ele me acha tão insignificante que não se incomode de esparrar aquilo daquela forma.

—Então, por uma porra duma, como que chama mesmo, ironia tremenda, é disso que eu quero falar contigo. Eu pensei em você porque sei que você conhece essas coisas de internet. Você por acaso já ouviu falar de um maluco chamado Renato Mussum?

Eu gelei. Não tanto porque eu tivesse algo a temer com aquela associação, mais pela incongruência, mesmo. Eu não ouvia alguém falar aquele nome em voz alta tinha muito tempo.

>>

## 14.

&lt;

—acabei de mandar um cachorro quente formidabilíssimo, nussa

—eu tb acabei de comer. Mas foi um McDonalds não tão formidável assim. Tem cachorro quente a essa hora em Goiania?

—tu sempre nessa de achar que eu moro no mato, né.

—pra mim Goiânia é mato, sim. com todo o relativo respeito.

—haha vsf. claro que tem. Tem um aqui perto do condomínio onde eu moro.

—tu vai la de carro e fica lendo Nabokov.

—basicamente, sim. q q tem?

—nada, so achei a cena engraçada. os cara devem te achar esquisitaço.

—Na real eles me acham playboy, né.

—Haha, você é playboy?

—Não por querer, digamos, mas sim. Meu carro é bem caro, algumas das minhas roupas também. Os cara ali do cachorro quente com certeza me acham playboy pra caralho.

—De um jeito ruim, você quer dizer?

—Ah, eu acho ruim, mas no fundo não importa muito. São só imagens que tão tagueadas em volta de mim, não sei direito como geral as toma, mas eu não tenho tanto controle.

—boto fe.

—e vc.

—eu o q

—vc é playboy?

—eu sou um nerd gordinho. Ou enfim, ‘sou percebido no mundo exterior das gentes e empresas como um nerd gordinho’.

—bt fe. É seu avatar principal, né. Tenho mts amigos nerds gordinhos. Quase todos ótimos.

—dentre as varias denominações ali disponíveis na realidade, não acho das piores.

—nerds gordinhos são afáveis, pelo menos.

—somos mesmo, quando não esquisitos demais.

—Eu tenho um amigo, o Rivaldo

—hm

—que alias é desmedidamente contente com a equivalência do seu nome com a do jogador, pelo menos uma vez por mês o bicho bêbado precisa falar de como o Rivaldo é o verdadeiro herói do penta, e o craque mais subvalorizado, etc)

—haha bt fé.

—o bicho é gordinho e tímido, e bastante muito mauricinho-coxinha, tal. e ele parece odiar ser assim. e com força. Parece pedir desculpa por existir, assim, sempre.

—haha, como assim?

—pra qualquer garçom, mendigo, pessoa na rua qualquer, o bicho inte-rage como se pedisse desculpas por sua existência, sempre com uma contrição no rosto que não faz nenhum sentido e que as pessoas nem chegam a entender.

—acho que tou ligado do tipo.

—pois então.

—eu tento não ser o Rivaldo. Tento ser foca tranqs a respeito da minha pessoitude no mundo.

—claro.

Os dois ficam alguns minutos sem digitar nada, até que Fábio aparece com um link.

—bicho c ja viu isso aqui? AssuncaodeRenato.tumblr.com

—gaaah, tu também curte esse trem !!

-haha, sim : x c já conhece, então.

—sim! : V demais da conta. esse link eu li semana passada.

—Descobri primeiro aquela comunidade do orkut, depois que fui ver

que tinha altos blogs, tumblr, n sei o q. cê sabe quem faz?

—sei não. nem lembro como descobri

Quantos anos tinha que Murilo acompanhava aquele negócio? Ele era horrível com datas, mas sabia que tinha posts de 2008 que ele tinha lido assim que foram postados. Mas quem tinha mostrado pra ele? Lembra que era bem novo quando descobriu, e que ficou fascinado, lendo com um tipo de assombro que hoje ele já não consegue dedicar a quase nada.

—acho que tu é só a terceira ou quarta pessoa que eu conheço que tá ligado desse negócio.

—É? Po, eu só tenho um amigo que conhece, o Gominho. Ele que me mostrou a comunidade uns meses atrás.

—Eu gostava mais, mas sei lá, deu uma canseira. Tanto tempo arrastando a trama sem resolver, só fica adicionado camadas e ficando mais maluco.

—haha real, mas eu meio que gosto disso, o absurdo rocambolesco do negócio, sabe.. <3 CABOL

—essa história do jogo lá eu já acho chatinha, hoje em dia. gostava quando era mais novo. acho que é porque não mexo com esses jogos tem tempo. meu computador só comporta coisa velha.

—ah mas não tava falando do jogo-jogo. Eu chamo a historia toda de Cabol.

—ah boto fé

—e tu chama de que

— acho que eu nunca chamei de nada. Chamo de trem.

—haha saquei. tinha tempo que não aparecia nada, né? achei até que tinha parado de rolar coisas novas.

—pois é.

—Esse link tava num comentário naquele último post, você também achou assim?

—não, um amigo que acompanha me mandou. Ele me mostrou esse aí e ainda um outro negócio mais novo, quer ver.

—oxe, manda aí

>

## 15.

>>

### DIÁRIO DE UM INICIANTE NO CABOL

#### **Dia 1**

A primeira coisa que você descobre ao começar a jogar é que o CABOL é confuso e assustador. Se você é ‘n00b’ (newbie, nilba, i.e. novato, segundo o meu sobrinho) e seu nível é baixo, boa parte do território dos gerais não é aconselhável pra você, estando todo tomado de salteadores, drones militares chineses e norte-americanos, destacamentos genuínos e piratas da Polícia Rodoviária Federal (ambos perigosos), nuvens de nano-gafanhotos, batalhas marcadas ou espontâneas entre guildas, eventos coreografados da narrativa central do servidor. Ou seja. Todo tipo de treta acontecendo sem que você tenha ainda qualquer capacidade de lidar com coisa alguma.

É importante deixar claro que eu não costumo jogar essas coisas. Joguei muito videogame na infância e juventude, mas quase nada depois disso. Tenho quarenta e dois anos na cara e gosto de pensar que sou adulto. Nunca tinha jogado nenhum desses MMORPG, jogos onde milhares de usuários compartilham o mesmo universo em servidores gigantescos. O CABOL (apelido do CABULOSO ONLINE) é o primeiro sucesso global do gênero a sair da América Latina. Surgiu em 2012, mas começou a ganhar o mundo em 2013, atingindo a marca de um milhão de usuários ativos. Foi por aí que piadas internas e eventos do jogo começaram a vazar para o público em geral, principalmente no twitter (onde eu habito). Cada vez mais eu sentia que teria que jogar para entender o que era aquele fenômeno.

Como se sabe o jogo se passa num futuro pós-apocalíptico (discute-se a data exata) em que a terra está toda devastada, os oceanos subiram e se acidificaram, muitos dos animais que ainda sobrevivem sofreram mutações horríveis. Vou resumir tudo que absorvi lendo o manual e vendo o vídeozinho de introdução. As ruínas dos estados-nações se veem atravessadas por vastos organismos corporativos transnacionais com suas próprias forças militares. A Europa fechou completamente suas fronteiras para estrangeiros e os rumores do que se passa lá dentro divergem, entre utopia globalista e campo de concentração de refugiados do clima. EUA e China são dos pou-

cos países que ainda existem de maneira reconhecível e ambos têm bases militares mal disfarçadas no território brasileiro. Existe um mínimo de normalidade para as elites nos centros urbanos, mas a maior parte do território antes conhecido como Brasil é terra de ninguém.

O fato do jogo ser brasileiro era o que mais me interessava, claro, era inédito um produto nosso fazer tanto sucesso e chamar tanta atenção da imprensa especializada. A empresa por trás, com seu nome de vilã de filme, *Synopticon*, foi criada em 2012 legalmente por um irlandês naturalizado brasileiro chamado Dennis O’Leary. O nome do jogo e alguns elementos do universo saíram de uma HQ criada por um artista pouco conhecido (Gustavo Peterson), mas o verdadeiro programador-chefe e manda-chuva geral do CABOL, segundo todo mundo, seria um tal de Evandro, um paraense misterioso e prodígio, novinho, listado no site da empresa como “diretor criativo”, que não dá entrevistas e nem tira fotos para a imprensa. Me interessava também as várias culturas de nicho que proliferavam ali dentro, desde grupos de feministas adolescentes criando comunas matriarcais no pantanal até as “brigadas do politicamente incorreto”, grupos paulistas e catarinenses que saíam juntos para xingar o outros e agitar bandeiras confederadas e carregar bonecos infláveis dos presidentes da Ditadura Militar.

Quando se cria um avatar novo, você sempre começa em alguma das várias cidades pequenas parecidas espalhadas pelo território imenso do jogo. Tem uma fase tutorial que você pode escolher pular, e que todo jogador mais experiente acha muito enfadonha, mas que eu achei melhor fazer. Nessa fase, todo novo avatar pode escolher se vai focar suas habilidades na força bruta ou nas artimanhas técnicas (ou um pouco de cada). A maioria dos jogadores andava armada até o dentes, mas todo jogador, mesmo os mais brutamontes, precisava ter habilidades mínimas como hacker dentro do jogo a partir de um determinado nível de dificuldade. Não existe nem distribuição nacional de energia e nem uma internet global, existem inúmeras redes elétricas e informacionais menores, algumas criadas pelos próprios jogadores dentro do jogo (é confuso).

Assim como *Minecraft* (outro jogo que conheço pelo meu sobrinho) e vários outros sucessos da época, o jogo lhe permite construir itens a partir de outros itens e de materiais encontrados pelo universo. Essa era a qualidade mais elogiada pelos gringos, inclusive, o sistema de montagem de novos objetos técnicos teria uma abertura muito maior do que os sistemas

disponíveis na época. Como que honrando a brasileiríssima “gambiarra”, as combinações criativas mais improváveis funcionam no jogo, desde botar bombril numa antena para melhorar seu sinal até produzir armaduras com as carcaças de drones encouraçados que se encontra por aí, colando pedaços em caneleiras de futsal e sutiãs.

Se você é desorientado, como eu, o melhor a princípio quando não se tem nem nível e nem equipamento pra lidar com as tantas ameaças é ficar andando pelos territórios mais seguros do jogo, perto das estradas federais e nos centros das cidades maiores, onde a “paz” é razoavelmente garantida por forças estatais e extra-estatais, torres com sniper montadas em todas avenidas e praças principais. O maior risco nessas estradas e periferias urbanas é o de encontrar uma capivara mutante, que é basicamente uma capivara sem pelos, avermelhada, enorme e aparentemente cega. A primeira que eu encontrei me assustou muito, porque ela grita feio e te dá umas dentadas escrotas. Mesmo ela causando pouco dano, eu morri sem conseguir dominar a interface de combate a tempo. Na segunda vez que encontrei uma, eu a espanquei desesperadamente com um pedaço de pau, meu único item, mas acabei ficando com pena ao vê-la desfalecer com um guinchado agudo, o corpo dela tombado entre os destroços de um viaduto de concreto por onde eu andava. A violência do CABOL é quase sempre caricatural, cômica, como num desenho animado. Mas ela também consegue ser feia e triste. Ao contrário da maioria dos jogos, os corpos de NPCs (personagens não-jogadores) não desaparecem assim que morrem. Precisam ser enterrados ou incinerados. A capivara você pode comer, mesmo sendo radioativa, segundo meu sobrinho. Ela te alimenta, mas tira um pouco de vida. Só não pode comer mais de três vezes.

O que mais chama a atenção de alguém desacostumado com esses jogos das últimas décadas é a extensão. O território do jogo é muito, muito, muito vasto.

Desde a versão 2.12, diz o meu sobrinho, com a autoridade de quem parece ter feito pós-doutorado sobre o assunto, o servidor principal reproduz de maneira simplificada a extensão do Brasil, numa proporção mais ou menos cem vezes menor (o que ainda é muito, muito grande, se você para pra pensar, quase 80 mil km<sup>2</sup>). É o segundo maior “mundo persistente” do gênero, criado num tempo recorde por uma empresa pequena. E essa proporção diminui com cada grande expansão do jogo. Os pontos centrais se mantêm



parecidos, as cidades e territórios mais antigos não mudam muito, mas os intervalos entre eles vão aumentando aos poucos de tamanho.

No meu primeiro dia, depois da fase tutorial, andei por uns vinte minutos no que parecia ser o centro destruído de Fortaleza, minha cidade natal, tomado por uma torcida organizada do Ceará chamada --netos do VOZÃO-- (o tal do Vozão sendo um jogador muito poderoso, nível pra cima de 60, cujo avatar é um velhinho de barbas brancas enormes que vive enfiado no topo de numa torre de metal de altura periclitante construída por ele mesmo em Ondina, em cima de um bunker que delimita parte da praia para seu uso privativo, matando qualquer um que se aproxime demais dela sem autorização com minas terrestres e metralhadoras-automáticas cuidadosamente escondidas).

Reconheci vários cantos Fortaleza ali numa caricatura derruída e em escala reduzida. A avenida Beira-Mar, a Saboia. Supermercados e shoppings revirados e saqueados, com gente morando dentro. A maior parte dos prédios tombada, entulhos cheios de corpos e lixo por todo canto, nuvens de poluição pixelada assentando sobre a cidade no entardecer.

## **Dia 2**

Com algumas horas você vai pegando a dinâmica, as manhas da interface, os códigos impostos pelo jogo e criados pelos próprios jogadores. Há muitas seitas, religiões, guildas, alianças militares e comerciais, clãs e torcidas organizadas dentro do CABOL. Sendo mau jogador e ainda de um nível baixo, a maneira mais fácil de garantir a sua sobrevivência é entrar em algum grupo, o que lhe garante alguma proteção e infraestrutura.

É possível sobreviver os níveis mais baixos sozinho, mas é muito difícil. Quem faz isso ganha mais respeito e se prova como cabuloso de cara, jogador sério. Tu não vê nenhum fanfarrão *upando* sozinho antes de chegar num nível doze pra cima.

Claro que dá maior vontade de tentar ser o sinistrão e jogar sozinho, mas eu tenho que ser realista, jogo mal pra caramba. E o meu interesse é principalmente antropológico e jornalístico, ver o que se passa ali dentro daquela bagunça.

Segundo o meu sobrinho, além das torcidas organizadas de clubes cariocas e paulistas (às quais eu obviamente me recuso a pertencer por motivos éticos), um dos grupo mais disseminados e espalhados pelo Brasil era

o <METAL NOBRE>, que começou como um grupo de metaleiros cristãos, mas havia se expandido até um extenso e poderosíssimo grupo composto principalmente de uma aliança entre motoqueiros e neuropatas (“e não de motoqueiros neuropatas, outra galera, eles odeiam quando confundem”) concentrados principalmente no Centro-Oeste e no Sul. Eles tinham hoje mais de dez mil membros (dos quais, segundo o meu sobrinho, só uns quarenta por cento deviam ser bots).

Eles têm diversas caravanas de dezenas de motoqueiros onde é possível viajar com alguma segurança (“muito difícil alguém ter coragem de tratar uma caravana inteira deles”) por boa parte do Brasil do CABOL, que é exatamente o que eu quero fazer.

Eu tinha reservas de vestir o meu avatar como motoqueiro e ficar ouvindo metal cristão, mas parecia a opção mais prática no momento. Entrei para o grupo, trouxe uma carcaça de capivara mutante como oferenda de inscrição, passei por um juramento esquisito ouvindo um louvor pesadíssimo e logo já tava fazendo parte de uma caravana deles rumo ao Sul. Sentado na caçamba de uma caminhonete, amontoado com os outros novatos (só ganhamos nossas próprias motos depois de duas missões).

>>

## 16.

&lt;

Se por algum motivo Murilo fosse convocado a falar de si mesmo, a definir de forma sucinta a sua vida, ele diria que vive de segunda mão.

Vivia imaginando, distraído, ao tomar banho ou comer, circunstâncias que o forçassem a fazer isso, situações sempre muito distantes da sua vida real (como entrevistas em algum programa de televisão ou discurso na ocasião do recebimento de algum prêmio).

Com isso ele queria dizer que ele não tinha quase nenhum contato concreto com o mundo e com todo seu espectro ilimitado de experiências possíveis. Aos vinte e quatro anos de idade, ele nunca tinha beijado nenhuma menina (e nem nenhum menino), não tinha desde os doze ou treze nenhum amigo com quem interagisse fora do computador, nunca tinha usado nenhuma droga, nunca nem tinha ficado bêbado de verdade, nunca tinha trabalhado, não estudava dentro de nenhuma instituição, nem praticava nenhum esporte desde sua última aula de educação física no ensino médio e há pelo menos dez anos não saía de Brasília. Murilo teve o hábito de frequentar bibliotecas na adolescência, em especial a da UnB, mas nem isso ele fazia mais, praticamente. Ele nem lembrava a última vez que tinha saído de casa que não fosse em circunstâncias semelhantes àquela de hoje, de procurar algo para comer de madrugada, sozinho, a pé. Aquele era o maior (no sentido de mais prolongado e exigente) contato que ele tivera com a materialidade do mundo na semana.

Para ele, o mundo acontecia principalmente como um fenômeno estético, ele dizia pra si mesmo. Sabe, Jô, Dave, Marília? (ainda na entrevista, fazendo pequenos ajustes, imaginando o ponto fraco dos entrevistadores e de que maneira ele gostaria de agradá-los).

E com essa frase meio pretensiosa ele queria dizer, apenas, que ele assistia ao mundo como quem assiste a um filme. As suas representações coletivas se batendo por aí em polêmicas, campeonatos de futebol, guerras civis, vanguardas artísticas, opiniões aceitáveis e inaceitáveis, ajustes demográficos e expectativas de investimento.

Tudo isso ele assistia sempre do mesmo lugar, a partir do seu computador no seu quarto, diante do qual ele diariamente se esparramava desde às duas da tarde até às seis da manhã, com ligeiras e erráticas interrupções para banheiro e refeição.

Murilo vivia assim há mais de sete anos, desde que fora jubilado da universidade. Em nenhum momento tomou uma decisão explícita de abandonar, foi acontecendo lentamente, a cada nova aula que ele acabava matando por preguiça e um pouco por raiva, por não mais conseguir aguentar o que ele entendia ser a mediocridade e a arrogância dos professores. O tanto que eles não pareciam se importar com coisas que para Murilo eram muito importantes ou claramente não sabiam do que estavam falando, esses dois sentimentos alternando em quase toda aula até ele perceber no fim do semestre que já havia ultrapassado o limite de faltas daquela matéria, e de outra, e de outra (reprovou cinco das seis matérias em que se matriculou por falta, passou com SS na outra, do professor cearense, exigente e simpático).

No segundo semestre ele nem foi atrás de descobrir da matrícula e nem se ele estava ou não em condição. Passou uma semana deitado no quarto, imaginando que a qualquer momento o seu pai ou sua mãe (provavelmente o seu pai) entrariam gritando, não aguentando mais, não aceitando mais o seu silêncio e sua passividade e o forçando a sair da cama e fazer alguma coisa da sua vida. Ele imaginou essa cena em diversas configurações, diversos ritmos dramáticos e roteiros diferentes. Nenhuma delas se sucedeu.

Murilo foi de fato jubilado, a cartinha da UnB pregada na geladeira por meses até a mãe finalmente tirar, e continuou passando os dias no quarto, quase sempre deitado, lendo parágrafos aleatórios de seus livros favoritos, achando que talvez conseguisse retirar deles algum alento. Mas ele não estava exatamente numa situação onde quisesse procurar alento. O que mais parecia era que tudo tinha se esvaziado, estando lá o seu substituto, oco por dentro. Não era nem triste, direito, que triste envolveria alguma cor ou disposição. Era mais um despreenchimento, mesmo, como se o mundo todo estivesse prendendo a respiração há muito, muito tempo.

Essa sensação quando vinha na sua máxima resolução era muito pesada, quase avassaladora. Mas ela só vinha assim às vezes.

>

## 17.

&lt;&lt;

Eliot não viu quando o homem pousou na lua, nasceu com quase dez anos de atraso. Mas lembrava com frequência do relato deslumbrado dos pais de assistir o evento na televisão enquanto chapados e recém-apaixonados. Kenneth e Susan, os dois hippies de família rica da costa leste dos EUA que despirocaram no final dos anos sessenta na faculdade, viveram de maneira bem solta na Califórnia por anos, até Eliot nascer, e foram se reajustando às expectativas da família aos poucos. Ele se formou em engenharia, ela estudava matemática até largar por causa da gravidez. Os dois foram trabalhar em computação no início da década seguinte.

Ambos falavam com um mesmo entusiasmo saudosista e apaixonado de tudo da época, pra eles certamente um dos auges do espírito humano, desde a ida do homem à lua até os shows do Grateful Dead no auge e o *Mother of All Demos* (A Mãe de Todos os Demos), a apresentação de uma interface gráfica visionária que os dois presenciaram em 1968 numa conferência em São Francisco. Ambos viram ali, juntos, que o futuro estava na computação. Foram bem-sucedidos na área, mas não enriqueceram. Trabalharam anos em projetos grandes que não deram muito certo (ele na Xerox, ela na General Magic), embora sejam hoje considerados protótipos pioneiros por seus pares. Viram diversos conhecidos e amigos ganhando boladas monstruosas ao longo da década, alguns deles em oportunidades que eles tiveram e deixaram de perseguir, muitos deles engenheiros que os dois consideravam menos brilhantes do que eles próprios. Viram soluções suas transfiguradas em aparelhos que venderam milhões de cópias. Nunca falavam diretamente sobre essa frustração, mas ela pairava como um fedor sobre a casa. Criaram o filho para sonhar grande e não se contentar com pouca coisa.

Até os três anos de idade Eliot morou numa comuna, uma das milhares que brotaram pelos EUA naquela época, das muitas em torno de Taos, Novo México. Ele se lembra de andar pelo deserto caçando lagartos o dia todo sem camisa com várias outras crianças e da sensação insossa de dormir numa casa suburbana normal depois disso, de estranhar o tanto que era quieto. Essas imagens retornam agora enquanto Eliot atravessa o deserto

de Nevada num *segway* modificado que pertence a um bilionário amigo seu, Donald. Estão num grupo de seis, agora, cada um com seu próprio *segway*. Eliot é um pouco acima do peso, rosado e ruivo. Tem olhos pequenos que sempre parecem assustados.

Donald é mais velho, sessenta e tantos, sistemático e teimoso. Os dois têm uma relação íntima, codependente, tensa e desagradável da qual Eliot sabe que só vai se livrar quando um dos dois morrer. Um ex-companheiro de trabalho dos pais que age como mentor para ele, já que não tinha filhos. Eliot aceitava de maneira relutante e passivo-agressiva.

Foi dos primeiros funcionários e investidores na Apple, além de ter sido parceiro da mãe dele na General Magic. Eliot devia muito a ele, profissionalmente, mas passava boa parte dos seus dias imaginando agressões verbais nunca concretizadas. Temia e desejava sua morte com igual intensidade.

O grupo que hoje atravessa o deserto é composto por eles dois mais um roqueiro inglês que já passou do auge tem uns quinze anos, com franja e óculos escuros soldados no rosto, acompanhado de sua namorada novinha, uma atriz australiana muito bonita e semi-famosa (de rosto, mais do que de nome) e mais um jogador aposentado brasileiro de futebol que todos descrevem como uma lenda, mas de quem Eliot nunca tinha ouvido falar, com sua esposa modelo. Acima do peso e dentuço. Amigo do roqueiro, parece, embora eles não pareçam conversar além de interjeições e gritos enquanto bebem.

Já fazia bem umas cinco horas que eles tinham tomado os cogumelos, ele sentia o efeito já se dispersar, as sensações mais nítidas e distintas. Era a décima quinta vez que ele vinha naquele festival, *Burning Man*. A primeira tinha sido com os pais, ainda criancinha, em São Francisco. Todo tipo de doido e desajustado se ajuntando para fazer doidura junto, no deserto. Ainda era divertido hoje, quando mais da metade dos presentes eram hipsters genéricos e gente rica desocupada que pula de festa em festa pelo mundo. Tinha mais mulher gostosa, até, e menos daquelas esquisitonas com pelo no sovaco, que lhe dão nojo. Mas não era mais a mesma coisa. Nem de longe. Eliot lembra com carinho de, quinze anos antes, chorar doido de ácido enquanto contava o drama da sua vida para um terapeuta vestido de palhaço e máscara de caveira, com uma barraquinha igual a da Lucy do Charlie Brown no meio do nada, o rosto dele subindo e descendo, compassivo, o de-

serto avermelhando em volta.

Desde que chegaram, Eliot tinha reclamado muito de como o festival não era o mesmo, mas percebeu que todo mundo tava achando ele chato por causa disso, então parou. Ele checa as duas garrafas de água que está trazendo numa bolsa colada ao corpo, uma com água gourmet finlandesa pura e a outra (com uma fita vermelha amarrada) com água de torneira misturada com MD puríssimo, comprado direto de quem sintetiza. Dá um gole na segunda. Ele era um mestre em administrar substâncias para o desempenho ótimo em festivais. Nas primeiras vezes que ele veio, ainda com os pais, o esquema era acampar, mesmo, lidar com poeira e tudo mais. Até por isso ele ficou um tempo sem ir, não tinha saco. Com os pais dele (entusiastas de trilhas e de autossuficiência em geral, assinantes do Whole Earth Catalog desde o seu início) ou você tinha a experiência autêntica e integral ou era melhor ficar em casa. Ele preferia ficar em casa. Mas agora o esquema desse seu amigo era bem outro, luxuoso até não poder mais, umas tendas com ar-condicionado e banheiro, chef privado, todo quarto cheio de tomadas com adaptador e toalhas cheirosas. Estão um pouco atrasados agora para um “ritual de fertilidade para *startups*” que uns amigos disseram ser tanto hilário quanto instigante. Os seis demoraram muito para sair das tendas, depois de chegar de jatinho de manhã cedo. Estão cheio de coisas já marcadas para fazer e gente para encontrar o resto da tarde toda. Eliot sabe que Larry e Sergey geralmente aparecem, mas disfarçados. Só os amigos próximos são avisados da fantasia. Ano passado eram collants laranjas de corpo inteiro. Eliot não é próximo o bastante para receber a informação, mas era próximo o bastante pra receber o buxixo horas depois.

Antes dos quarenta anos de idade, Eliot era o principal programador e idealizador do hardware de uma tecnologia de realidade virtual que seria, quando lançada, reconhecida imediatamente como a melhor do mundo. Com muita distância. Ele tinha certeza disso. Não à toa a DARPA tinha ido atrás do projeto quando tudo que eles tinham era um rascunho ambicioso, dois anos atrás. Mas bota ambicioso nisso. A grana que eles arrecadaram no primeiro momento, que não foi pouca, tava bem distante do montante necessário para montar um protótipo funcional. Só por isso ele vendeu o projeto, que era seu xodó desde a adolescência. Nunca quis perder o controle total da máquina e do seu uso, mas percebeu que só com dinheiro privado não seria possível. Isto não é uma interface nova, é uma indústria nova que

se cria. Donald explicava com sua cadência condescendente. Mas ele tava certo, Eliot sabia. Foi assim com tudo do Vale do Silício, desde o algoritmo inicial do Google até o Google Earth, as primeiras interfaces gráficas, a ARPANET. Tudo pesquisa estatal, a grande maioria militar.

Diante do comitê parlamentar sigiloso que os visitava na Virgínia de ano em ano, na sede da DARPA, e que hoje avaliava a necessidade de mais investimento, Eliot tentava justificar os custos exagerados. Eles já haviam gastado duas vezes mais do que qualquer projeto existente de realidade virtual. A quantia era tão ridícula de alta que todos no projeto concordavam que era melhor não mencioná-la com frequência. Claro que é uma unha do orçamento militar norte-americano anual, mas ainda assim era muito dinheiro. É que o seu protótipo eleva o jogo pra outro nível, ele argumenta, apresenta todo um outro *patamar de imersividade*. Sempre tentava dar a esse termo, ao falar, a potência quase sensual que detinha para ele. Nunca parecia compreendido.

Enquanto alguns tentavam oferecer uma experiência sensorial completa com luvas trambolhosas de feedback háptico, simuladores de cheiro tosquérrimos, ele foi direto no pacote todo, a torrente de informação bruta ali passando entre a espinha e o crânio, o output inteiro do nervo ótico, os sinais agregados do bulbo olfatório. Todas as alternativas atuais de realidade virtual, perto disso, eram nada. Eram uma piada idiota.

Eliot de início não teve problemas com o contrato rigoroso de exclusividade e discrição, mas com o tempo foi endurecendo a raiva e a frustração de não poder se exhibir com os conhecidos e ex-colegas babacas, ainda mais quando algum deles se vangloriava da IPO mixuruca e ainda assim inflado que recebeu por uma *startup* derivativa qualquer.

Ali no festival, quando a atriz perguntou o que ele fazia e o roqueiro inglês fingiu meio segundo de interesse, sabendo que ali estava mais um endinheirado novinho do Vale do Silício, ele só pode balbuciar que tinha um protótipo no momento sendo desenvolvido por uma agência governamental. Eles não deixam Eliot dizer que é uma realidade virtual inovadora, não deixam nem dizer que é “sigiloso”. Não soa lá muito sexy. Ele sabe. O filho da puta do jogador de futebol dentuço tava engolindo os sushis dois por vez, sem nem fingir que ouvia a conversa. Se eles tivessem visto o mapa de intensidade neural nas áreas de prazer do cérebro durante os primeiros experimentos bem-sucedidos com a máquina de imersão integral intensi-



va (i3, o nome provisório). Aí sim. Aí ele queria ver a cara de desinteresse. Quando uma máquina daquelas estiver em cada casa afluenta da Europa e da América. Se o Jobs tinha virado um mito daquele tamanho por causa de um mísero telefone bem-feito, com aquela tela sedutora ao toque e um design malandro... O que diriam dele? Essas celebridades todas vão querer uma selfie, conselhos de investimento, quem sabe um papel proeminente nas novas indústrias de entretenimento que nascerão da sua máquina. Só as possibilidades de pornografia já deixavam a mente dele inquieta com alguma frequência. Imagina só. Sexo com quem você quiser, quando quiser. A comida, a droga que você quiser sem as consequências pro corpo. Isso tudo não deixava ele dormir fácil e ocupava seus poucos sonhos, quando vinham. O mundo vai ser outro.

Demorou um pouco, mais do que devia, pra Eliot entender que o governo não tava lá muito interessado em entretenimento. Primeiro falaram que iam experimentar com veteranos com trauma de combate. Fazê-los experimentar encenações dos seus traumas para poder separá-los. Não deu muito certo. Agora Eliot acha que nem lhe contam mais o que estão fazendo com seu hardware.

O vento joga areia dentro do seu ouvido e do lenço que protege seu pescoço e nariz, ele para o segway para tentar tirar. Vê o seu grupo se distanciar, um sol laranja derretendo na distância equalizada do deserto. Babacas, ele pensa. Mas vão voltar. O MD estava com ele, afinal.

>>

## 18.

&lt;

Há anos Murilo vinha formando uma noção de si como alguém que escreve. Era uma noção vasta, mas pouco preenchida, um paletó enorme que ele tentava vestir, mas cuja forma continuava sempre elusiva. E ainda assim era a única coisa que ele sabia com certeza a respeito de si mesmo. Que ele lia e escrevia. Mexia com palavras. Nunca tinha chegado perto de articular aquilo para outra pessoa e mesmo dentro da sua cabeça não gostava de enunciar a ideia diretamente, por achar pomposa. Mas ainda assim aquilo era o fato central da sua experiência há anos.

Murilo percebia que o peso que depositava naquela certeza era talvez excessivo, meio afetado, mas nenhuma outra imagem de uma vida viável se apresentava. Quando ele fazia o exercício mental de pensar na sua vida sem aquela certeza, o que sobrava era nada, uns móveis e barulhos, vultos que não lhe diziam muito.

Depois de mais de um ano que ele não estudava, respondendo com barulhos pouco articulados quando os pais perguntavam dos seus planos para o futuro, o seu pai parou de pagar a internet, dizendo que era a única maneira de fazê-lo sair de casa. Murilo só descobriu quando ligou para a empresa, a mesma da TV a cabo, para reclamar que a conexão tinha caído. A mãe explicou. Ele não disse nada ao pai. Voltou a frequentar as bibliotecas e sebos do plano, relia os livros que tinha em casa, mas também usava sempre que podia o pouco dinheiro que conseguia da mãe para alugar um computador por algumas horas na papelaria desorganizada que tinha perto de sua casa e que há alguns meses funcionava também como uma tímida lanhouse.

Murilo tentou se manter ocupado lendo e assistindo a coisas já baixadas, escrevendo, mas há anos que ele já estava inteiramente acostumado a acompanhar um sem-número de sites e blogs todo dia. O seu agregador de RSS tinha mais de oitenta assinaturas alimentadas com frequência, uma de suas contas de email recebia mensagens de cinco listas de discussão diferentes. Sua cabeça ficava pensando nos volumes de coisas a serem vistas e descobertas brotando pelo mundo e se entulhando sem ele ali para engoli-

-las. Ficar privado daquilo por mais de um dia já era um alheamento muito forte, de se sentir quase literalmente puxado pra baixo, impedido, bem mais consciente do seu exato tamanho (do qual ele se elidia tão facinho, na maior parte do tempo).

Depois de três semanas sem internet, todo o tempo que ele passava em casa era gasto deitado na cama, na meia luz, as cortinas fechadas, em silêncio. Murilo de fato estava profundamente entediado, mas fazia aquilo principalmente para dramatizar o seu incômodo de forma deliberada e ver se conseguia sensibilizar a sua mãe. Ele chegou a ficar mais de setenta e duas horas seguidas deitado, levantando só pra beber água e mijar, sem comer nada além de farelos encontrados pelo quarto. A princípio meio que fazendo uma aposta contínua consigo mesmo, tentando não pensar em nada, depois brincando que estava morto, que aquela era uma consciência precocemente defunta em vida, tentando se retirar inteiramente da sua própria experiência, repetindo pra si mesmo o poema mais longo que ele sabia de cor na época, um do Wallace Stevens que ele traduzia para o português na hora, mal e porcamente, investindo todas suas forças em ser apenas a enunciação daquilo, apenas uma voz que repete o sentido daqueles versos e não o Murilo deitado na cama e montando um teatro lamentável qualquer dentro da sua cabeça.

A cada hora se apresentava de novo um gesto de recapitulação da cena, um pequeno, mas renovado teatro, e ele insistia consigo mesmo, tentava tirar aquele gesto dali. Pedia, quase que implorava, para que ele se retirasse.

A sua consciência oscilava, dormitando, as barreiras do mundo bastante puídas. Depois de vinte horas daquele jeito, a voz na sua cabeça parecia em momentos não ser sua, parecia na verdade não ser nem uma voz humana, parecia uma descrição sem lugar, vídeo rodando numa aba fechada, uma descrição que então tentou fazer quietamente concordar consigo mesma, com sua mera possibilidade. E a sua voz passou a expor de que forma ela própria era possível, como se tentasse assistir à sua própria gênese. Sua visão borrada sem os óculos virada para a modulação lentamente odulante das lâminas encardidas da persiana, silenciosa, num movimento que não era nada.

>

## 19.

<<

Um homem calvo de sobretudo marrom distinto está sentado há quinze minutos num banco perto da pequena mureta que separa a calçada das pedras e do mar, em Montevideo. Tem olheiras profundas em anéis concêntricos sulcados em torno dos olhos. Lê de novo a placa *Rampa República Argentina*, como confirmação, embora conheça aquele lugar há anos. Parece cansado e ansioso. De tempos em tempos checa o celular, com uma cara cada vez mais irritada. Numa dessas o celular começa a tocar enquanto ele encara a sua tela, o que o assusta e o deixa com uma cara suspeita antes de atender e dizer, em inglês:

—Você sabe o que eu preciso ouvir, então vai. Não me enrola.

—Senhor Rodolfo. Calma. Em primeiro lugar, agradeço a pontualidade. É muito bonito o sobretudo. É Burberry?

Ele se virou pros lados, alarmado. Não tinha ninguém ali por perto, além de um rapaz com tipo de hippie e mullets consideráveis trocando as cordas de um violão.

—Ainda estou um pouco longe, chegarei para jantarmos depois, mas antes de mim chega quem você quer ver de verdade. Eu só não sei se você vai gostar de ouvir o que elas têm pra te falar.

—Pode deixar que eu me decido isso.

Desligou o celular e cruzou os braços. *Eu me decido isso?* Continuou olhando em volta. Há anos ele não ficava mais ansioso de verdade ao encontrar alguém para trabalho e ele tava ansioso agora. Talvez por causa da miopia (que a vaidade não deixava corrigir em público com óculos), demorou bastante para notar o acúmulo de pessoas que havia saído de dois carros discretos, de janela escura. Seis homens e mulheres, todos com a mesma camisa social e calça pretas, todos em volta dos quarenta anos, a mesma circunspecção grave, rodeando um vulto de três cabeças que o homem vislumbrou saber de quem se tratava antes de conseguir de fato distingui-lo, quando os homens e mulheres abriram o círculo e se espalharam em torno dele.

Rodolfo se viu a poucos metros de distância de três irmãs extremamen-

te brancas e velhas, todas diversamente parecidas com rãs, seus crânios pegados em partes (a da direita pegada em cima com a do meio, que pegava na altura da bochecha e pra trás com a da esquerda). Ele as encarava e elas o encaravam de volta. Andavam com muita dificuldade, os braços aprestados uns nos outros, pela idade e pela coordenação aparatosa dos três corpos.

As três tinham óculos escuros, roupas discretas e elegantes de senhoras recatadas, todas entre o bege e o marrom, com cabelos prateados e sorrisos maldosos que oscilavam nas suas pontas.

—Minhas queridas, minhas queridas. Quanto tempo. É sempre uma honra. Vocês falam português melhor que eu arranho e ofendo o espanhol, então eu nem tento.

O homem se aproximou um pouco encurvado, como que pedindo as mãos para beijar, o que elas concederam, a do meio com um sorriso enfiado. Antes dele terminar de beijar a terceira mão, a da esquerda já falou, impaciente:

—Cadê ela?

A do meio respondeu antes de Rodolfo.

—Calma, Tisi.

—Olha, pode ter toda a certeza que estamos movendo deus e o mundo para encontrar. Deus e o mundo. Mas vocês têm que entender as dificuldades de procurar por algo que não se pode dizer pra ninguém o que é. Não é muito fácil. O nosso interesse é o mesmo que o de vocês.

—Você não imagina o que é ficar meses sem ela, dói, dói no corpo todo, disse a da esquerda.

—É como se te amputassem de tudo.

—Não, é pior.

—Deixa de ser dramática, Tisi.

A do meio era a que menos sorria, mas quando acontecia era um gesto mais comprido e reteso, ainda mais sacana do que o das outras.

—Se você não tem informação nova sobre o paradeiro dela, imagino que esteja aqui para mendigar informações você mesmo. Sinto muito, mas você sabe perfeitamente que estamos no escuro aqui. Como todo mundo.

—Até mais, né, eu diria, disse a mais da direita.

Ninguém riu.

—Mas vocês devem lembrar ainda o que aparecia logo antes, não? A criatura sumiu tem um tempo, mas eu não ouço um pio de vocês tem mais tempo ainda.

—Não tem tanto tempo assim, Rodolfo, também não exagera. E estivemos caladas por motivos de precaução. Tivemos muitas leituras erráticas antes dela sumir. Ninguém aqui é irresponsável de ficar criando pânico sem motivo.

—Você já me falou isso, mas o que quer dizer?

—Esse é justamente o problema. Nós não sabemos. Apareceram imagens demais e todas elas instáveis demais na sua apresentação. Nunca tinha acontecido antes.

—Mas que imagens que foram, meu deus do céu? Não entendo a dificuldade de falar. Todo esse trabalho e essa grana toda pra vocês ficarem brincando comigo desse jeito.

—Mais respeito, senhor Rodolfo. Ninguém está brincando aqui. E o senhor é um de vários patronos. Se estiver tão insatisfeito assim sabe com quem falar.

—Eu sei. Mas vocês tem que me dar alguma coisa. Alguma coisa.

Elas se calaram por um instante, até que a da esquerda começou a falar.

—Teve algo que chegou com nitidez, mas depois dela sumir. Uma semana depois. Não sabemos nem como. Eu acho que quem tomou ela foi quem transmitiu. Chegou mais de uma vez. Em português. Pode ser sério, pode ser nada.

—Diz.

A do meio parecia reprovar a ideia, mas não falou nada.

—A-ham. Dois pontos. Tá vindo uma guerra. A lua ambígua tá de galera e o sol tá sozinho com o seu umbigo, cego da sua própria luz, virado de um lado só. Fim da mensagem.

—...

Ficaram em silêncio um pouco, o homem tirando sujeiras antigas do seu

**bolso.**

—Você falou isso só pra me sacanear, não foi?

A da esquerda não disse nada. A do meio, sim.

—Encontre ela, Rodolfo. O quanto antes. Pro seu e pro nosso bem. Só posso te dizer isso.

>

## 20.

&lt;

Quando Murilo finalmente se levantou e foi lavar a cara no banheiro pareceu não reconhecer o seu próprio rosto gordinho no espelho, pálido e distante. Foi em seguida assistir televisão com a mãe, sentiu logo o molde habitual de tudo se preenchendo e se estufando de volta, infalível, ainda que com um ligeiro atraso. Em alguns minutos, com um episódio de *Law & Order* chegando à sua conclusão, Murilo sentia que tinha retomado as coordenadas do mundo depois de tê-lo abandonado quase que de vez. Só quando estava tomando banho, horas depois, pela primeira vez em dias, é que percebeu que o que ele havia feito talvez pudesse ser descrito como uma forma de meditação.

Elizete ficou imensamente preocupada com o estado do filho, ainda mais depois de ver que ele preenchia sete dos oito sinais listados no final de um Globo Repórter sobre depressão. Ela se impôs com o pai de uma maneira que não costumava fazer, numa briga que Murilo conseguiu ouvir através da parede apenas a parte da mãe, o pai soando sempre como uma frase curta, monocórdia e indistinta.

(Copo na parede)

—Não tá certo, não tá certo. A gente não pode deixar o menino assim, Válter.

—...

—Mas do que adianta, Válter? Se ele não vai trabalhar, não vai estudar, de que adianta a gente tirar o negócio que ele gosta tanto? Assim pelo menos ele fica se informando, se educando.

—...

—Fica sim, eu vi ele outro dia falando da notícia do jornal da guerra, ele sabia várias coisas sobre a guerra, tudo isso ele vê no computador.

—...

—Tem tudo hoje em computador, Válter, dá pra ver até filme que eu já vi ele vendo. Tem museu, tem tudo.



—...

—Não é só besteira, tem muita coisa que faz bem também. Quê que adianta o menino ficar deitado na cama o dia inteiro?

—...

—Ah não, nem me vem com essa que não é tão caro assim.

—...

—Não fala assim, Válter. Não fala assim, tem coisa que a gente não fala nem brincando.

O pai acabou cedendo, mas parou quase inteiramente de falar com Murilo e como ele desde adolescente tinha o costume de trocar o dia pela noite, eles praticamente não se esbarravam em casa durante a semana.

>

## 21.

<

—Ninguém está faltando o respeito com o senhor. Por favor, doutor. Todo mundo tá exausto, aqui. Todo mundo quer terminar logo com isso. Nós só queremos que vocês ajudem a gente a entender.

—Ninguém quer foder contigo, aqui. Mas nós não temos como te ajudar se a gente não entender o que aconteceu.

—Como que onze indivíduos da estirpe do senhor agem daquela maneira?

—Num estádio, com milhares de pessoas em volta.

Antes da resposta vem uma bufada cansada e arrogante, prolongada com calma.

—Vocês querem saber mesmo?

—Claro.

—Tá. Eu vou falar, mas não é pra botar isso no depoimento.

—Como assim?

— O que acontece primeiro é que ele entra nos seus sonhos. O índio. Ele e o amigo viado dele.

(silêncio de alguns segundos)

— Como assim, senhor Villela?

— Eu conversei com muita gente, meu amigo, acho que ninguém tava tão investido em descobrir o que tava acontecendo. Isso não começou agora. Por isso que quando meteram a gente junto naquele camarote eu já entendi de uma vez que tava tudo errado. Que tinham armado tudo pra gente. Alguém fez com que a gente — todos nós — tivéssemos um surto ao mesmo tempo, no intervalo do jogo.

—Essa parte o senhor já explicou.

—Calma, tem que entender direito. Todo mundo teve uma dor de cabeça aguda parecida, junto com vozes e umas imagens. E nenhum de nós é doido, não, tudo gente séria, bem-sucedida, importante. E de repente tavam gritando, de joelhos, derrubando vinho. Cada um tava num canto, mas leva-

ram todo mundo junto para uma mesma cabine VIP que tava com defeito. Isso enquanto começava o segundo tempo. Eu já tava com três pés atrás antes, já tinha percebido que tavam mexendo com a minha cabeça. Isso antes do jogo, antes dessa putaria toda. E eu já tinha falado com duas pessoas das que encontrei ali no dia. O Jarbas e o Cristiano. Por isso que quando meteram a gente junto naquela cabine eu já entendi de uma vez que tava tudo errado. E eles todos concordaram comigo que começava com o filho da puta aparecendo nos seus sonhos.

— Calma. Nos sonhos?

— Ou a filha da puta. Eu nem tenho certeza.

—...

— Diz, diz que eu tou doido.

— Como que isso seria possível, o senhor acha?

—Eu não sei te dizer, obviamente. Eu não sou neurologista. Mas não é só isso, não. Uma porção significativa do povo com que falei também confirmou o que começa a acontecer um pouco depois. Uma mesma coisa de todo mundo sentir, assim, uma presença, sabe?

—Como assim? Presença de que tipo?

—Mesmo quando acordado. Te juro que não dá pra explicar de outra maneira. Tu começava a sentir que nunca tava sozinho, que tinha sempre uma outra coisa junto contigo. Sabe aquela sensação de que alguma coisa tá te olhando por trás da tua nuca? Mas não no bom sentido.

—Sei. De que alguém tá te observando.

—Alguém não. Uma coisa.

—...

—Pois é.

—Você teria alguma explicação, digamos, científica para essa sensação?

—Eu já falei que eu não tenho explicação, porra. Fizeram exame e o caralho e não encontram nada na cabeça da gente. Só uma cicatrizinha de nada na nuca. E antes que tu venha com gracinha, não, eu não tou maluco. Se tem uma coisa que eu não sou é maluco.

>>

## 22.

&lt;

Assim que a internet retornou, Murilo engoliu numa sentada todas as dezenas de atualizações atrasadas, constatou que havia recebido muito menos emails interessantes do que antecipara. Quase tudo spam. Conversou com Fábio e com outros conhecidos, ninguém parecia ter tanta novidade. Ainda assim, mesmo notando que o mundo não havia sentido a sua ausência, Murilo sentia que devorava aqueles itens novos com uma voracidade ainda mais larga, como que renovada pela apreciação de uma condição precária, que poderia deixar de existir a qualquer momento. Não sentiu nem um fiapo de saudade da falta de conexão.

Mas no mês em que ficou sem internet, e particularmente nos dias em que ficou deitado fazendo drama para a mãe e tentando sair da própria cabeça, a atenção de Murilo foi deixada para vagar longamente por si própria, teimando diversas vezes em retornar para um rascunho de romance que germinava silenciosamente na sua cabeça há tempos. Esse rascunho de romance ainda era no momento, abril de 2012, só um .doc com título aleatório (“Rasc 1 vamo lá”) e seis míseras páginas de narrativa dispersa em primeira pessoa. Ainda assim, havia se tornado nos últimos dias o objeto mais importante da sua vida.

Nenhuma outra pessoa sabia disso e Murilo não considerava contar. O fato de ser tão importante e tão recorrente na sua imaginação não significava que Murilo conseguia ter disciplina para escrevê-lo, não significava nem que ele sabia tão bem assim o que era no momento ou o que seria aquilo um dia.

Ainda assim, cada vez mais era só nisso que ele pensava. Tomando banho, deitado na cama antes de dormir, almoçando tarde com sua mãe, mexendo no computador. O problema principal talvez fosse o protagonista, ou a protagonista. A questão era em parte essa, a indecisão dele de definir o gênero da voz que narrava a história. Isso havia adiado outras definições, parecia deixar a voz vaga demais, sua presença diluída, um vaporzinho fiapado pairando sobre tudo sem nunca ganhar densidade pra chover. Era quase como se a personagem não conseguisse convencer Murilo de que

existia de fato. E se não convence nem o autor, né? Suas chances de existir adiante não soam ótimas.

No começo não era deliberado. Só depois de um tempo é que ele começou a achar que aquela ideia podia ser interessante (fazendo uma rápida varredura não achou, aliás, nenhum romance que tenha feito isso, embora imagine que exista algum, algum francês desses bem metido a besta).

A ideia começou a se apresentar com mais firmeza na sua cabeça, escrever um romance em que uma voz de gênero ambíguo descortinasse uma vasta teia de personagens cuja vida ela acompanhasse de maneira vicária, pela internet. Uma premissa que mesmo alguém de vida escassa e principalmente virtual como Murilo pudesse preencher de maneira verossímil, com sorte. Escreva sobre aquilo que você conhece, todo mundo diz, afinal. A ideia talvez fosse boa, ele não conseguia se posicionar fora dela para julgar.

Mas depois de mais de três meses pensando no romance todo dia ele admitiu que havia empacado de novo, não conseguia avançar além de umas quinze páginas ainda bem vagas. Nada parecido com uma trama nem fingia se apresentar. Ainda assim, um título apareceu, um dia, enquanto Murilo limpava a bunda, mal acordado. “Concreto Armado”. Assim inteiriço, como um milho. Ele achou bonito, embora não soubesse que relação poderia guardar com o pouco que já havia escrito no rascunho. No seu rascunho. Murilo ainda não havia contado aquilo pra ninguém.

>

## 23.

&lt;&lt;

A kombi agora estava detida diante de um sinal na avenida do contorno. Renato se esparrama mais no banco, seu pé de meia vermelha toda esgarçada no dedão já tocando o pára-brisa, arqueando e esticando. Ele parece derivar uma quantidade indecente de prazer desse espreguiçamento.

— Quanto tempo até lá ainda, cê acha?

Milton responde bufando, com um risinho no canto da boca.

— Parece criança. Sei lá. Demora. Pampulha em dia de jogo da copa, porra. Acho que uma hora ainda.

Renato quase reclama, chega a puxar o ar, mas acaba ficando quieto. Quando volta a falar, tem a expressão desativada, como se estivesse só preenchendo o silêncio.

— Milto, já chegado os negócio tudo, bicho, que a gente falava só de zona dez ano atrás, cê imagina. As parada tudo. Os robô, as realidade virtual sinistra.

— Carro voador que é bom porra nenhuma, né?

— Velho, carro voador seria a pior parada possível, pensa nessa merda. Se carro normal já caga tudo, carro voador acabaria com o mundo em seis meses. Certeza que já inventaram, mas não deixam ninguém produzir.

— Eu tava brincando. Tu ainda tem essas viaje, hein, meu caralho. E aids e câncer também já curaram, né?

— Claro. Câncer não curaro, mas tem uns que eles próprio que inventaram. Quase todo câncer de cérebro hoje é celular que causa, sabia? Assim, coisa de oitenta, noventa por cento.

O sinal abre. Eles andam uns dez metros e param de novo. Renato pode ver na rua que cruza a deles a fachada da padaria BELO PÃO, onde lembra de comer um misto de madrugada, uma vez, com Tamires, e cujo nome e letreiro luminoso em néon azul e vermelho ele acha em igual medida singelos (o uso de néon tendo se tornado tragicamente raro na área metropolitana de Belo Horizonte, ele sente). Renato tem os ombros caídos, agora, e o

resto do corpo vai igualmente derretendo no banco.

— Mas Renato, vem cá.

— Diga.

— Porque que você tá com um pedaço de papel alumínio grudado na nuca? Teus mullets escondem bem, só fui ver agorinha. Assim, que mal lhe pergunte. É sério isso?

O tom entre o jocoso e o preocupado. Tentando não soar tenso.

— Tá tudo muito zoado, Milto. Tenso. Não sei como te explicar direito. Mas tão atrás de mim.

— Tudo tá sempre zoado em todo canto. Sempre teve. E sempre tem alguém atrás de você. Renato. Tu botar papel alumínio na nunca ajuda como, exatamente?

— Bicho. Cê não tem noção. Se eu te disser você não acredita. E tá tudo cacumulando, assim. Tá tudo prestes a estourar, saca? E estourar *agora*.

— Isso é paranoia, só, Renato. E não é nem paranoia boa. Eu te conheço de outras pornochanchada.

— Não, veio, bicho. Sério. Serião. Eu te falei dela. Eu acho que ela tá prestes a fazer alguma merda bem federal, assim. Uma parada de escala estratosférica. A gente tava junto tinha meses, mas ela me deu um perdido tem dias, ficou mentindo que queria que eu fizesse um negócio lá no CABOL. Só pra me despistar, com certeza. E acho que é hoje, acho que é aqui.

— No jogo?

— No jogo. Ela odeia a seleção, a Copa, odeia isso tudo.

— Você exagera demais com essa garota. Ela pode ser brilhante, mas e aí? Tem lá o joguinho dela, esses investimentos esquisitos que tu falou aí, umas máquina que arrumou não sei onde, mas e daí? Vai fazer o quê? Vai explodir o estádio? Até parece.

Renato fala enquanto revira as fitas jogadas pelo chão.

— Cê nao tem noção, Milto, não tem. Não sei nem como começar a te contar. Tem umas coisas que você nem acreditaria, tenho certeza. Ela tá me mentindo, mas não sei direito o quê é que ela tá escondendo. Mas as caralhada que essa bicha já não fez, Milto.

— Ques caralhada, Renato?

— Eu juro que te conto um dia. É danada demais, a bicha.

Renato parece engolir seco antes de dizer, num tom mais baixo.

— Tou com uma impressão horrorosa de que ela talvez tenha matado uns caras, até.

— Matado? Sério? Quem?

— Isso pode ser só noia minha. Espero que seja. Eu queria te contar tudo, Milton, mas não dá. Pro teu próprio bem, até, acho. Só sei que ela tá escondendo alguma coisa séria de mim. Tenho certeza. Mas não sei o que que é.

— Cê tá viajando, Renato. Quê que cê anda tomando? Ela é toda hacker lá, morou fora, manja dos carteados. É toda turrona, tu falou, maneja o arco e o caramba, não sei quê, mas e aí? Aquela vez que eu conheci lá na Tamires, ela nem olhou na minha cara. Ela mal consegue falar com os outros.

— Nem lembrava desse dia. E ela não precisa falar com quase ninguém. Não pra fazer os trem que ela faz.

— Cê acha que ela faria um ataque mesmo? No estádio? Tipo uma bomba, sei lá?

Sem responder, Renato encontra uma fita no chão e se acende todo.

— Cacete, isso aqui é o que eu acho que é?

Antes que Milton pudesse ver qual era a fita, Renato já a havia enfiado no tocador. Uma batida rápida começa a tocar com força:

— THIS IS BLACK ALIEN AND SPEED, ORIGINAL RUDE BOYS FROM NITEROY TIRANDO O S DO PEITO DO SUPERMAN SEM ESTRESSE.

— Ê, saudade. Já te falei que eu conhecia eles lá em Niquiti, né?

— Só umas duzentas e doze vezes.

— Miltinho cê não teria um salve, não, meu mel? Alguma coisa tem que aliviar essa tensão toda aqui.

— Tu acha que eu sou o quê, Renato?

— Isso dizendo que que sim ou que não?

>>



## 24.

&lt;

Válter havia sido um homem muito bonito, segundo o testemunho das fotos distribuídas pela casa. Tinha um rosto de linhas fortes, um queixo largo e imponente e um bigode que parecia exalar autoridade moral. Murilo mal conseguia ligar aquela figura das fotos com a atual, quase inteiramente careca e barriguda, grávido de doze meses, os dentes se gastando uns nos outros e o rosto quase sempre fixo numa contrição de tédio, incômodo ou desprezo. Murilo lembra de temer muito os humores do seu pai desde novinho e de encontrar na sua cara enfezada um terrível índice de que coisas ruins estavam se operando na casa, no mundo. Isto durou mais ou menos até os seus treze para quatorze anos, quando ele percebeu, numa esquisitíssima reversão, um dia, na estrada pra Governador Valadares, numa lanchonete, enquanto ele assistia a televisão pregada na parede passando o jornal, que a cara de enfezado do seu pai parecia principalmente assustada, de um bicho acuado por forças que ele não entende.

Murilo sabia com quase toda certeza que o seu pai cumpria um quadro clínico grave de depressão. Ele percebeu isso com treze anos, mas não soube como falar isso para ninguém. Chegou a fazer alguns comentários que talvez fizessem o próprio pai perceber, trazer para as refeições comentários sobre tratamentos psiquiátricos, mas o pai nunca entendeu ou escolheu ignorar. Há muito tempo que ele não passava nem perto de considerar a possibilidade de falar alguma coisa. Hoje em dia Murilo tinha de fato dificuldade até de pensar na figura do seu pai se encaixando dentro de um contexto formal ou abstrato qualquer que fosse. O fato do seu pai ser daquele jeito que ele era parecia natural e imediato demais à sua experiência, algo anterior a qualquer nomeação e ciência discursiva, pra entrar dentro de qualquer caixinha.

O seu pai sempre tinha sido aquela figura que não dormia, não via graça, não tinha gosto nenhum ao comer, embora o fizesse de maneira compulsiva. Aquele que via as situações se desenhando na sua pior configuração possível, que parecia se sentir desconfiado de absolutamente qualquer manifestação humana que encontrava, desde uma reportagem sobre um aten-

tado terrorista, o resultado de uma partida do Vasco (para quem ele torcia com o mínimo envolvimento anímico possível, expresso em resmungos irritados e movimentos aparentemente irônicos das sobrancelhas, principalmente quando o time ganhava) ou uma música melosinha de MPB que tocasse no rádio.

Tudo para ele era armado, manipulado, vazio, mas ele mesmo não parecia entender armado por que, manipulado por quem. Ele apenas sentia as cordas dos títeres, as intenções recostadas por detrás de tudo, as várias formas através das quais tudo podia ser desmontado e desmistificado. E erguia, portanto, um mesmo cinismo manco diante de todos os vultos que montavam na sua frente.

Murilo recebia aquelas impressões do pai desde cedo sem conseguir compreendê-las, sem conseguir articular a partir delas um mundo que fizesse muito sentido.

— Esses picolés é tudo artificial. Esse gosto de limão que você ta sentindo é de mentira. Não é de limão isso aqui. E isso aqui não é de uva.

Murilo concordava com a cabeça e lambia o picolé sem entender de que forma que aquele gosto de limão não era um gosto de limão.

Lembra que quando mais criança se impressionava muito com essa disposição, que a princípio lhe parecia prudente e sábia, bem superior à dos outros adultos, que tolamente pareciam acreditar em religiões, países e políticos e em diversas outras coisas que, para ele, jamais pareceram muito convincentes, na verdade sequer lhe chegavam como alternativas suficientemente bem apresentadas.

Assistindo ou lendo jornal o pai tinha sempre a mesma expressão fixa de escárnio, que esperava as notícias apenas para confirmar um sentimento que já estava ali, pronto, aceso. Ele negava com a cabeça e fazia cara de quem ridicularizava tudo aquilo que lhe diziam, todas aquelas mentiras ridículas e mal armadas. Eles passavam com frequência de carro por uma obra perto da ponte das Garças que estava inconclusa há anos, embargada. Pelo menos um terço das vezes que passavam, seu pai repetia aquela expressão e dizia.

— Lavagem de dinheiro, isso aí.

Murilo não entendia como isso era possível, mas ele também não tinha

tanta certeza assim que sabia direito o que era lavagem de dinheiro. Apenas anos depois é que ele perceberia que o pai apresentava aquela explicação pra uma porção considerável dos fenômenos que lhe pareciam suspeitos de maracutaia (o que acabava sendo essencialmente qualquer atividade que envolvesse dinheiro e mais do que cinco pessoas).

Ele consegue com muito esforço se lembrar de uma época em que seu pai parecia fazer algum esforço de educá-lo, de funcionar como uma figura paterna tradicional que explica a notícia do jornal, fala pra criança ser educada e cumprimentar o moço. Válder sempre teve dificuldades de ser carinhoso, mas desempenhava esse papel de educador severo de forma muito direta e atenta. Murilo consegue também se lembrar mais ou menos de como esse comportamento foi rareando e perdendo a convicção por volta dos seus onze ou doze anos, até parar inteiramente, sem que ele entendesse o porquê.

Quando ligeiramente mais velho, tentando reconstituir o que aparentemente se passava entre ele seus pais, Murilo achou que percebeu algo que até hoje ele mantém na sua atenção. Algo que ele recuperava, às vezes, como uma explicação pequena e certa de como a relação atual se configurou. A retração do seu pai parecia ter algo a ver com a sua própria inteligência, que começou a explodir bem por essa época e com a mania que ele começou a ter de corrigir o pai quando percebia que ele estava equivocado a respeito de alguma coisa. O que começou a acontecer com frequência. Ele tentava ser gentil nas suas explicações, mas logo percebeu que estava só irritando.

Murilo há muito tinha abandonado o hábito de anotar as coisas manualmente, mas ainda tinha muitos cadernos antigos guardados no quarto, gavetas inteiras antes reservadas a calçados e hoje cheias de papéis mal amassados transbordando os cantos. A maioria das folhas continham listas, fichamentos e exercícios de alguma língua que estivesse tentando aprender, todos auto-impostos, que ele estabelecera pra si mesmo entre os dezesseis anos e os dezenove.

Mais ou menos nessa época ele também começou a escrever breves relatos autobiográficos, geralmente a respeito de aspectos objetivos da sua vida. Esses relatos não tinham método e nem organização, encontravam-se dispersos entre as outras folhas.

Enquanto tentava encaixar de volta uma de suas gavetas, emperrada

por um acúmulo de papéis amassados, Murilo encontrou uma folha de quatro lados que parecia ter no mínimo uns seis anos, com traços distintos de poeira marcados com força:

>

## 25.

&lt;&lt;

Meu pai que me criou, e criou mal, então, até meus dezesseis anos, quando eu vazei de casa e do Piauí. Ele tinha acabado de vender a opala, ouvi ele falando com um amigo no telefone que ia beber aquilo tudo. Esperei ele ir pro bar, peguei um pouco mais de metade da grana, que eu também não sou tão desnaturado de levar tudo, juntei minhas roupas numa mochila e peguei o ônibus noturno pra Teresina, de lá outro pra Fortaleza. Foi estranho porque não cheguei a planejar. Eu pensava vagamente em sair de Pedro II desde moleque, mas nunca tinha feito nenhum plano concreto. Mas assim que ouvi ele falando em beber aquele dinheiro a raiva me deu o encaixe do que eu devia fazer. Foi como num filme, a montagem apenas me levou, sem palavra nenhuma na cabeça, a botar o dinheiro na mochila e ir embora. Talvez eu tenha narrado o que eu estava fazendo pra mim mesmo, no máximo “ele pega o dinheiro e põe no saco vazio de pão, ainda com farelos no fundo”. Eu falei pra mim mesmo que o motivo era pra ver o show do Nirvana no Rio de Janeiro. Eu achava que Kurt Cobain era um deus. Era janeiro de 1993. Eu ainda não me chamava Renato.

Tarado eu sempre fui e sempre tive alguma clareza disso desde muito novo. Mas também sempre fui muito travado na frente dos outros. A gente estranha umas culpa, umas vergonhas, que ficam mesmo depois que a gente vê que é um caô do caralho. Lembro da minha mãe falando pra eu não ficar mexendo no peru quando eu era molequinho e de achar aquilo estranhíssimo. Como que não mexia? Por que? Tava lá era pra mexer, Deus que mandava. Lógico. Mas até sair de Pedro II eu era muito tímido. Todo mundo sabia quem eu era, tinha me visto crescer. A minha vontade de transar com todas as coisas que existiam parecia impossível de se manifestar ali naquele lugar. Eu tinha muita vergonha de todo mundo que me conhecia. Eu ainda não entendia, mas era isso que tinha me tirado de lá.

Espichei rápido e fiz um buço grosso, com quinze eu já convencia que tinha dezoito, uma lombriga alta, desossada e invocada. Era só fazer uma cara preocupada ou de quem tava puto, deixar a testa assim emburrada. Pra poder economizar mais o dinheiro fui vindo de carona desde Fortaleza,

pela costa, parando uns dias aqui e ali. Paguei hotel de beira de estrada por alguns dias, dormi um dia numa praça de cidade pequena, junto com dois cachorros sarnentos. Eu me achava esperto, já tinha apanhado na vida, já tinha visto algumas coisas. Mas eu morava em cidade pequena, não sabia merda nenhuma do mundo.

Depois de uma carona curta pra fora de Fortaleza com uma família que insistiu em me levar mesmo o carro tando cheio, fui com o Cláudio, um caminhoneiro viciado em Roberto Carlos, até o finzinho do Ceará, onde ele parou pra dormir com uma viúva que sempre visitava naquela rota. Era nove da noite e o fluxo tava ralo, empaquei por ali. Não tinha hospedagem em lugar nenhum na única rua da cidade.

Fui andando pela estrada confiante que conseguiria alguém, como tinha conseguido até aquela hora, mas a noite foi se arrastando e nada de aparecer, as pernas já reclamando, tive que procurar lugar pra dormir pela estrada. Achei um velho de barba desgrenhada e camiseta do São Paulo que tinha uma barraca improvisada de lona amarela perto dum posto de gasolina. Ele próprio me chamou e disse que eu podia ficar com ele, que devia chover. Não tinha nuvem nenhuma no céu. Chamava Abraão. Eu ofereci um biscoito que eu tinha comprado no posto. A gente conversou um pouco e ele me deu uma cachaça vagabunda que eu tomei mais por educação. Acordei com ele revirando minha mochila, que eu tava usando de travesseiro. Reagi e ele me bicou na boca com toda força. Eu puxei a mochila e ele, que já tava com a mão lá dentro, puxou o saco onde tava parte do dinheiro. Tentei alcançar o braço, mas ele me bicou de novo no peito e correu pro mato rindo. Eu desmontei a barraca dele e mijeí na lona, cuspendo o sangue que tava empoçado nos dentes e xingando alto. Tinha uns oitocentos reais naquele saco. Mas tinha mais dinheiro enrolado num papel no fundo da mochila, e um rolo menor dentro da minha cueca. Depois desse dia eu passei a ficar muito mais ligado. Foi o primeiro de sucessivos cabaços rompidos.

>>

## 26.

<

“O meu pai é feito dos jornais que ele lê, ouve e assiste. O Jornal Nacional enquanto janta, rádio do carro fixo na CBN. E todo dia no café o Correio Braziliense e a Folha que ele desdobra com impaciência (ele tanto odeia quanto respeita mais a segunda). Sempre respondendo a tudo em voz alta, com irritação progressiva.

É muito estranho o tanto que o vocabulário que ele usa e a maneira dele entender praticamente qualquer coisa vêm desses quatro ou cinco lugares. Não é que ele concorde com o que se diz nos jornais, ou mesmo acredite em boa parte deles, ele parece achar todos mentirosos, comprados ou manipulados (por forças distintas). Mas é daquilo que o mundo é feito, pra ele. É daquelas peças.

O pai tinha também exatamente quatro eventos ou série de eventos que ele lembrava, arroteava, remóia e comentava todos os dias desde que consigo registrar (10, 11 anos?).

Em ordem crescente de frequência semanal de menção:

1. Decisão de não tentar jogar bola profissionalmente pra estudar pra concurso e acabar passando em um de nível médio do Senado;

2. a derrota da seleção de 82;

3. a sua demissão e derrocada na carreira interna de servidor de nível médio da documentação e arquivo depois de uma insubordinação sua que ele nunca esclareceu;

4. as derrotas presidenciais de Lionel Brizola.

Parece muito claro, quando o pai fala sobre esses assuntos, que ele não os está dirigindo para a gente. Eles precisam ser expelidos, mas o fato da irrupção nos alcançar é inteiramente acidental ao fato de que esta é uma casa pequena. Saem de maneira tão impessoal e fatal como suor ou chuva.

Era o Brasil, quase sempre, que lhe ocupava. Ele também se irritava com o resto do mundo, mas nada lhe irritava tão profunda e agudamente quanto a

condição precária e insatisfatória de tudo que se dava por aqui, em qualquer esfera e em qualquer canto (seja no saneamento básico ou na zaga do Vasco).

O pai também tem muita dificuldade de configurar e explicitar pra si mesmo a relação estranha que ele tem com a seleção brasileira. Ele odeia a CBF e quase todos os jogadores mais novos, então quase não acha que faz qualquer tipo de sentido direito ficar se exaltando ostensivamente por causa daquele troço.

Mas quando vinham os jogos da Copa dava para ver na cara dele, no corpo crispado ali com as pernas meio levantadas e uma mão segurando a outra, que aquilo lhe era muito importante. Ele odiava a seleção do Parreira mais do que quase qualquer coisa (na lista de coisas mais citadas por ele que eu mantenho 2005-2006, Parreira é a segunda coisa que mais aparece na nuvem de associações de Ódio), mas quando o time perdeu da França ele desligou a TV imediatamente (na verdade, faltando segundos pro juiz apitar), apagou a luz da sala e ficou em silêncio, convidando, sem tanta sutileza, com a sua aparência ali (sem camisa, as duas mãos pensas no próprio peito, numa contração que parecia desconfortável e que ele manteve por umas três horas) que a gente também ficasse em silêncio.

A mãe ligou de volta a luz quando era umas oito e meia. Mas quando colocou no jornal e eles foram passar a notícia ridícula sobre a derrota (como se todo mundo não já soubesse), ele não aguentou e ficou gritando com o William Bonner por muito tempo de como a culpa era toda dele, toda dele. Pela presença do Roberto Carlos na seleção brasileira, pela derrocada moral e cívica a que estávamos todos igualmente submetidos, pela absoluta falência anímica a que aquele filtro raso, desonesto e vazio, pipocado de mulher gostosa e carro, quase que só, havia trazido a nação brasileira.“

>



## 27.

Semanas depois da reunião com Silvinho, Nílson foi informado de véspera pelo chefe que iria para o Rio de Janeiro. Chegando lá, numa manhã quente de março de 2014, foi informado pelo jovem que o recebeu no aeroporto que deveria encontrar na piscina do Copacabana Palace um homem “excepcionalmente branco de quarenta e poucos anos, olho bem azul, magro, roupão também azul”.

Já ficou irritado com a descrição, considerando o contexto todo. Tanto o jovem que o recebeu quanto o seu contato eram parte do destacamento enorme norte-americano de inteligência que tinha desembarcado meses antes da Copa para tratar da segurança de toda a delegação. Tudo azeitado diplomaticamente antes, embora tenham chegado, sem explicar, com o dobro de agentes que haviam requisitado. Silvinho, que amava os ianques, mas também suspeitava de todo mundo, dizia que deixar inteligência estrangeira entrar significa não saber nunca se eles saíram ou não. Estavam lidando diretamente com as autoridades locais de cada jogo, mas haviam requisitado também encontrar com Nílson, especificamente. Quando disseram que ele estava à disposição em Brasília, foram informados de que no Rio seria mais eficiente e que eles pagariam a passagem. A pessoa que entrou em contato fazia questão de não dizer o próprio nome. Nílson ficou puto com a arrogância e a desconfiança, mas em parte estava feliz de ter sido chamado. Todo mundo no escritório tinha ficado perplexo, ninguém levava ele muito a sério, em parte porque todos sabiam que ele tinha sido pego no trabalho jogando (na verdade, constataram pelo monitoramento interno que ele tinha usado a máquina do trabalho para jogar CABOL por quase duzentas horas nos seus primeiros meses de trabalho).

Pelo que conseguiu entender, os gringos estavam interessados no Renato, como se achassem que ele precisava de um acompanhamento específico da inteligência anti-terrorismo. Isto soava ridículo para Nílson, mas ele não disse nada para seus superiores. Era melhor que achassem, por enquanto, que ele estava metido em algo importante.

A piscina estaria vazia não fossem três crianças loiras francesas brincando sem fazer barulho e duas senhoras repuxadas reforçando um bronzeado já reforçado. Foi fácil encontrá-lo num canto, comendo e lendo no seu

iPad. O roupão monogramado T.A.

Quando chega na mesa Nilson se apresenta, timidamente, um pouco irritado de não saber como chamá-lo. O homem, que de fato é excepcionalmente branco, de um rosa pálido, está engolindo uma garfada de peixe. Ele fala segurando um guardanapo no canto a boca:

— Desculpa a pressa, mas estava faminta. Pode pedir o que quiser. Minha conta. O peixe é meio sem graça.

— Tranquilo, imagine.

Nilson ficou surpreso com o português, que era truncado mas bem falado, vogais enunciadas de maneira muito deliberada. Mas antes que isso pudesse reverter um pouco da antipatia, veio uma frase seca e atravessada:

— Eu não sei o que te contaram, mas você não sabe de quem você está lidando, ok, meu querido. Big leagues. Como fala? Primeira divisão. Estamos lidando com uma situação da maior gravidade e urgência. Utmost. Você sabe por que te chamamos, em especial, sim?

— Sei. E olha, com todo o respeito, não nos falamos tem anos, mas eu conheço o Renato tem muito tempo. Ele é meio maluco, sim, com algumas ideias radicais, mas nunca me pareceu perigoso. O que é que vocês sabem que eu não sei?

— É pra isso que você está aqui. Quero te informar do maneira adequado para você entender a importância do sr. Renato. Mas sim. Ele é um peão. Ou um coringa, não sei qual figura de jogo é melhor. Quem puxa os fios é ela.

— Ela quem?

— Ela. Infelizmente não tenho um nome para te dar, só vários codinomes ultrapassados, porque ela não se repete. Quando eu a conheci, no Canadá, ela se chamava Eva Gomes, mas tudo indica que era um nome falso. Ainda não descobri o de batismo. Estou no rastro dela há mais de dois anos. Toronto, interior da Bolívia, Shenzhen. E de repente surge no radar essa figura aqui.

Nilson pega das mãos do homem um tablet e vê a foto de um garoto com tipo meio de índio, os braços cruzados, de camiseta cinza e a cara enfezada numa foto tirada de longe, cigarro de palha nos dedos. A matéria dizia CRIADOR DE JOGO BRASILEIRO QUE É SUCESSO MUNDIAL FAZ QUESTÃO DE FICAR NOS BASTIDORES.

— É ela. Eu tenho certeza. E ela está planejando algo grande.

— Você diz esse tal de Evandro, o criador do Cabol? Já li uma matéria sobre. Parece uma figura interessante, mas não parece ter nada de radical.

— Eu sei que você tem intimidade com o jogo. E não é ele, é ela. Estou te dizendo. Eu reconheço esse rosto tão bem quanto o meu próprio. Ela trabalhou na indústria *gamer* no Canadá por anos, desde o final da adolescência. Até ser recrutada por mim para desenvolvimento de estratégias contra ciber-terrorismo.

Nilson tentou modular como podia uma cara de quem estava impressionado. Se fosse pra aguentar a arrogância daquele cara que ele pelo menos explicasse alguma coisa. Que que o criador do CABOL teria a ver com a copa, com o Renato, ou com qualquer coisa?

— Já conversamos demais aqui. Ainda estou cansado do vôo, vamos para o meu quarto.

No elevador, Nilson fez o possível para não transmitir nenhum conforto ao lado daquele homem tão desagradável e satisfeito consigo próprio. Seu corpo estava crispado. O homem branco deslizava pelos corredores com o seu roupão, cumprimentando os funcionários e hóspedes com a mesma amabilidade de quem os conhecia todos há muito tempo. Quando entraram no quarto, enorme e luxuoso, com um pé direito monumental, ele fez um meneio com a mão para que Nilson se sentasse na poltrona, recostou-se na cama e voltou a falar com seu tom grave e deslumbrado.

— Isso obviamente não pode sair daqui, não pode nem sair para seus superiores, ainda, por favor. É sério.

— Claro

— Tenho motivos para acreditar que ela faz parte de um grupo terrorista internacional responsável por roubar tecnologia e inteligência militar experimental. Coisa pesada.

Ele pareceu esperar por uma pergunta de Nilson, que não veio.

— Implantes neurais com nanotecnologia de malha transorgânica que você injeta com seringa na nuca, tecnologia experimental de gravação e reprodução de ondas cerebrais e ainda mais coisas que não posso nem te falar.

Ele fica calado por uns cinco segundos, examinando as unhas. Como se

esperasse ser perguntado.

— Tem um item específico e muito importante sobre o qual ninguém fala nada, nada. Nem pra mim, acredite. E olha que eu tenho acesso aos níveis mais profundos de segurança de todas as agências que importam.

Nilson concordou com a cabeça, tentando esconder um pouco do desprezo que estava sentindo. Do que diabos esse filho da puta tava falando? Tecnologia militar? O Renato era um palhaço de internet. Mal sabe trocar uma lâmpada. Na época que o conheceu, cheirava e bebia tudo e transava com tudo que lhe passasse pela frente. Um palhaço maluco, até meio tram-biqueiro, digamos (teve lá aquela fase de terapeuta mítico-tântrico que puta que pariu), mas um palhaço. Que viagem da porra.

— Pouco tempo depois, eu começo a ouvir uns boatos dos meus amigos no Vale do Silício. Eu tenho muitos, sabe? Percebi cedo que o futuro da inteligência tava ali, que o futuro todo tava ali, na verdade. Isso no final da década de noventa, ainda. Me aproximei das pessoas certas e ajudei muito mais do que imaginam a fazer os dois mundos se comunicarem direito. Hoje se o Google e o Facebook entendem a função que eles têm na nossa defesa nacional, se a Apple e a Microsoft produzem tudo com um *backdoor* prontinho pra nós, é muito por minha causa. Diretamente por minha causa.

Nilson tentou fazer uma cara de impressionado pra fazer a história continuar. Filho da puta convencido do caralho, tinha toda a pinta de estar mentindo sobre aquilo tudo. Ou então era maluco. Acha que tá impressionando quem?

— Mas enfim, como eu tava falando, estou sempre com meu ouvido no chão para ouvir manadas de búfalos ou movimento de tropas. E comecei a ouvir uns boatos nos últimos meses. Você não imagina a quantidade de doido que fica gravitando em torno desses bilionários. Gurus do transhumanismo, da informação livre e orgânica. Cada um com uma *bullshit* mais mirabolante. Os que fazem mais sucesso são os que falam pros milionários e bilionários o que eles já querem ouvir.

— E isso é o quê?

— Que eles vão viver para sempre.

O homem gargalhou pela primeira vez, um riso estridente e abafado de hiena, muito mais desagradável do que Nilson poderia conceber de ante-

mão. Não conseguiu esconder uma cara de repulsa, mas o homem não pareceu notar.

— Mas enfim. Sei que tem gente oferecendo essa máquina que ela roubou pros usos mais escusos. Tinha até algum charlatão jurando que com ela você podia recuperar ondas neurais de gente morta há milhares de anos, imagina. Até eu, que sou brilhante, mas sou leigo tecnicamente, consigo perceber que era mentira. Conseguiram convencer uns bilionários a usar, um deles me jura que viveu umas horas de Roma no início do Império. Um homem adulto e poderosíssimo me disse isso, imagina. Você nem imagina quem. É um golpe, claro, só não sei como e quem está fazendo. Parece estranho para um grupo de inclinações anarquistas ficar vendendo tecnologia militar para alimentar as fantasias de poderosos entediados. Talvez a tecnologia também tenha vazado ali por dentro mesmo e não tenha conexão com o vazamento maior.

Ele parecia realmente estar se perguntando, a cara inquisitiva e absorta. Quase — e Nilson não gostou de constatar isso — tesuda.

—Enfim. Essas são as hipóteses iniciais de trabalho.

Nilson ficou olhando pra ele, sem saber o que dizer. ‘Estranho’ nem começava a descrever.

— Ainda não entendi o que o Renato tem a ver com isso.

— Eu me encontrei ontem com senhores muito prestativos da sua polícia federal. Eles acreditam que Renato talvez seja um dos responsáveis pelo sequestro de seis indivíduos, entre eles uma juíza, um senador e alguns empresários. Todos eles passaram de um a três dias num sítio sendo submetidos a comportamentos degradantes que os psicóticos responsáveis chamavam de educação. Nenhum deles foi fisicamente torturado num sentido convencional. Um deles lembra de injetarem algo na sua nuca quando achavam que ele estava desacordado.

— O Renato? Você tem certeza?

— Absoluta. Eles só chegaram na figura dele porque um dos sequestrados por acidente encontrou um vídeo dele no Youtube. Havia muitos, mas foram deletados no ano passado. Ele foi visto pela última vez em São Paulo, ano passado, mas no momento está foragido da justiça. Nunca teve conta bancária nem de celular no seu próprio nome. Você saberia lugares onde ele

poderia se esconder? Amigos próximos, familiares.

— Consigo pensar em um, sim.

— Ótimo. Vá lá. Outro coisa. Vocês têm essas agências aí do governo de meio-ambiente e dos animais, tem como você ir atrás deles para descobrir ocorrências estranhas nos últimos meses?

— Que tipo de ocorrência estranha?

— Se eu já soubesse te diria, óbvio. Qualquer coisa fora do normal, talvez coisas que estejam até abafando na imprensa por ser esquisita demais. Eu ainda não posso te explicar o motivo.

— Tá bom. Vou ficar atento.

Agora Nílson tinha certeza. O cara era doido, mesmo. É bom que ele não precisa nem se preocupar em encontrar o Renato de verdade.

— Um último coisa: houve uma tentativa fracassada de roubar o exemplar original do Popol Vuh em Chicago, três meses atrás. Você conhece o Popol vuh?

— Não.

— É o livro sagrado do povo Quiché. Talvez o maior códice de mitologia pré-colombiana. É ao mesmo tempo uma cosmogonia, um relato genealógico de várias famílias e uma história de aventura de dois irmãos gêmeos que vingam a morte dos pais no inferno. E você sabe como que se dá a luta deles com os senhores do inferno?

— Não.

— Num jogo da bola. Percebe?

Nílson tenta fazer uma cara de quem percebe.

— Tou esperando o segundo sapato cair. E agora tenho quase certeza que ela está preparando alguma coisa para a copa.

Nílson fingiu que estava anotando aquilo num bloquinho de notas. Era pra levar aquilo tudo a sério?

>>

## 28.

&lt;

Murilo foi um adolescente esquisito, cabeçudo e tímido, dado a mastigar agressivamente o interior da sua bochecha e ficar parado no canto pensando ou lendo de uma forma que convidava os outros a achar que ele havia tido um troço.

Dos quatorze aos dezessete anos ele teve fincado bem no centro da sua cabeça o fato de nunca ter beijado ninguém e nunca nem ter passado muito perto. Pensava nisso durante boa parte do tempo que gastava na escola, que era boa parte da sua atenção desperta. Ele estudou dos seis até os nove em uma escola privada perto de casa. Mas teve que mudar para uma pública depois dos dez, os pais não disseram o motivo e ele nunca perguntou. E ainda aconteceu de Murilo fazer um teste e ser adiantado um ano. Chegou na escola nova sendo de longe a menor pessoa na sala, virou logo um mascote infantilizado que os colegas alternavam entre adular e humilhar. Ele mesmo quase nunca conseguia distinguir os dois atos. Todos, desde os mais extrovertidos e populares até boa parte daqueles mais tímidos de quem ele era mais amigo, logo se viram metidos naquela interação histórica de pequenos namoros e ficadas e escândalos e corações partidos.

Murilo simplesmente não entrava nesse mundo, não participava nem da forma vicária dos moleques tarados, solitários e introvertidos, como muitos. Havia várias outras formas através das quais ele não conseguia participar dos índices de normalidade do mundo, mas aquele ali era o que mais lhe constrangia. Não ajudava nem um pouco que ele tivesse sido adiantado aquele ano, tornando sua estranheza mais infantilizada e ainda mais distante dos outros.

Era como se ele vivesse fora daquelas coordenadas, daqueles termos. Foi a partir dos doze, quando as conversas dos meninos que sentavam perto dele, no fundo, começaram a girar em torno de sexo, que ele percebeu o quanto ele era diferente de todo mundo.

O tanto que aquilo era difícil de entender lhe incomodava, ao ponto que aos poucos começou a se tornar, digamos, o fato operativo mais importante da sua vida, aquilo que servia de índice para maior parte de suas experiên-

cias. O tesão e a sua falta.

A preocupação era sempre meio abstrata, porque ele nunca de fato encontrava alguém que o interessasse concretamente, nunca se sentia atraído de verdade pela figura de nenhuma garota. Ele tentou convencer a si mesmo de que gostava de uma menina chamada Ana Luíza, mas ele mal conseguia lembrar o rosto dela à noite, quando ia dormir e tentava montar alguma pequena narrativa satisfatória onde os dois se envolviam e as pessoas todas descobriam assim que acontecia, tomando nota de diversas maneiras (meninos da sua sala o encarando de longe com expressões mudas de respeito).

Ele nem chegava a entender exatamente como que o desejo sexual se apresentava, com que peças que aquela coisa tão poderosa se montava (e achava que devia ser apenas questão de tempo até participar daquele mundo, talvez até um troço hormonal qualquer, mas os anos se passaram e nada). Tentava simulá-lo com imagens que ele tirava da televisão e do computador, de excitação esportiva e sexualidade vaga de comerciais de perfume, mas sem muito sucesso. Imagens explicitamente pornográficas eram cômicas demais pra que ele sequer tentasse (ele só pensava em glândulas e ímpetos evolutivos quando via um pênis ou uma vagina).

Murilo viveu por anos agoniado com a perspectiva de alguém perguntá-lo se ele já tinha ficado com alguém. Isso só aconteceu de fato duas vezes. Numa delas ele simplesmente não respondeu, virou as costas e foi embora, o que foi claramente a pior maneira de lidar com a situação, pela hilaridade histérica que ela causou, e na segunda ele mentiu, disse que tinha uma namorada no interior de Minas, de onde era a família de seu pai. Fabíola (Fabíola?, ele não sabe deonde veio esse nome, talvez daquela skatista famosa).

Depois de responder do mesmo jeito três vezes, Murilo achou que seria uma boa ideia dar um pouco mais de substância para a sua mentira, encorpá-la um pouco mais.

*Fabíola era um ano mais velha que ele, morena e usava aparelho, era tímida e muito engraçada com as pessoas mais próximas. Gostava de SKA e daquele seriado da menina que caça vampiros.*

Ele enumerava as qualidades dela, a trajetória narrativa da sua vida (um pai alcólatra, uma mãe distante que passa a madrugada comprando aquelas bijuterias horríveis que vendem na televisão, as várias mudanças



que a família tem que fazer por causa do posto militar do pai, as incipientes preocupações políticas feministas e esquerdistas que a faziam bravamente confrontar sua família conservadora durante o jantar, jogando pratos de carne na parede).

Assim que a febre do Orkut se tornou inescapável, incluindo exatamente todas as pessoas da sala Murilo, ele percebeu que precisava criar um perfil para a Fabíola para dar mais substância para o troço. Ele se divertiu muito em montar a personalidade pública dela, colocar as comunidades, as bandas preferidas e orientações idiossincráticas de todo tipo (e ele levava inteiramente a sério a decisão de, por exemplo, fazer Fabíola gostar de novela ou não, demorava-se em questões desse tipo às vezes por minutos).

A princípio seria um problema a falta de amigos de Governador Valadares, sua suposta cidade natal, mas logo Murilo percebeu que adicionando dezenas de pessoas aleatórias da cidade quase metade delas aceitavam o requerimento de amizade, talvez com medo de não estar lembrando de quem era ou por não se importar de ter um estranho na rede de amigos.

Em poucos dias o perfil da Fabíola era absolutamente indistinguível de um perfil genuíno de uma menina de dezoito anos de verdade. Ela era apenas um tanto mais retraído do que a média. A maior dificuldade, naturalmente, estava em obter pelo menos uma foto convincente. Claro que existiam algumas pessoas cujos perfis não incluíam fotos de si mesmas, mas essa não era a regra, e Murilo queria fazer um perfil que não parecesse estranho de forma alguma, que não se destacasse na multidão. A solução foi garimpar diligentemente a internet atrás de alguma foto de uma menina daquela faixa etária que aparentemente tivesse as mesmas inclinações vagamente alternativas dela, não fosse nem bonita nem feia demais e aparentasse ser brasileira (a princípio ele preferiria não obter uma foto de uma brasileira de fato, por aumentar as chances de algum conhecido dela cruzar com o seu perfil no Orkut). A foto que ele encontrou era de uma estudante catalã de vinte anos (que aparentava no máximo dezessete) que manteve um blog sobre fotografia por alguns meses em 2001.

Logo depois de botar o perfil online ele tinha pelo menos duas vezes por semana pesadelos onde a sua farsa era desmascarada num evento gigantesco e televisionado, na frente não só de todas as pessoas que ele conhecia, mas também (por algum motivo) do Romário e do Bill Clinton, que comentavam um no ouvido do outro e riam por muito tempo, trocando high-fives

depois com as duas mãos.

Menos frequentes do que esses pesadelos, mas igualmente marcantes, eram os sonhos onde a Fabíola de algum modo se revelava verdadeira, aparecia um dia na sua casa de carne e osso e parecia brava com alguma coisa, com a sua própria existência desnecessária, talvez, ou com a audácia dele de sair criando pessoinhas por aí como se não fosse nada demais.

Ele pedia repetidas desculpas pra ela antes dos dois entrarem num carro conversível e dirigirem até o horizonte (esta cena já se passando, pelo que ele consegue lembrar, em terceira pessoa, saxofone no fundo, imagens coloridas demais). Durante a época em que ele de fato manejava a conta, acessando todo dia e respondendo de forma discreta e crível a pequenos estímulos, sempre acontecia um momento curioso de acordar e todo dia no meio do café da manhã super sonolento, de olhos ainda meio fechados, de repente lembrar que ele tinha aquela vida para cuidar, aquela continuidade que ele tinha que respeitar. Era um sentimento principalmente bom, só levemente pressuroso. Antes de dormir, também, por umas duas semanas, ele chegava a se preocupar de fato com aquela pessoa que ele tinha botado no mundo, com sua figura aí ribombando adiante, como se aquela fosse uma tremenda responsabilidade que ele não tivesse assumido ainda devidamente.

>

## 29.

&lt;

&lt;&lt;

Amanda viu o Renato pela primeira vez num curso que ela tava fazendo sobre Deleuze e arte contemporânea. Ele tava vestido diferente de todo mundo, sempre numa mesma camisa mulambenta estampada com a cara do Roberto Carlos circa 1978, que ela achava linda, e um shortinho amarelo bem curto. Sentava sempre no fundo, Amanda geralmente chegava atrasada e sentava na frente. Ela demorou duas aulas pra notar que a perna direita dele terminava no joelho e tinha uma prótese cor-de-pele (de pele mais clara que a dele) que ele deixava dobrada debaixo da cadeira e recolocava no final da aula. Levava pra aula só um caderno sem capa, no qual escrevia furiosamente o tempo quase todo. Ficava rindo pra si mesmo durante a maior parte das aulas e só foi falar alguma coisa lá pra terceira.

O curso era informal, não dava certificado nem nada, mantido numa casa de cultura alternativa onde também acontecia um bando de evento de discussão política com nome pretensioso e gente que se levava muito a sério. Não era nada barato. Ela tinha conhecido o professor quando ainda cursava artes plásticas na FAAP, antes de largar por perder o segundo semestre seguido por falta. Tinha sido das pouquíssimas coisas, além da Bárbara, que ela tinha gostado no curso, que no mais só tinha um bando de playboy barbudo pretensioso e menina mimada fazendo cara de esperta (como ela mesma, claro, ela sabia).

O professor tinha uma expressão de espanto constante, um cabelo pra-teado farto e esvoaçante e um hábito de ficar fazendo mímicas incompreensíveis pra tudo que ele não conseguia explicar, além de ficar sempre desenhando espirais no quadro enquanto descrevia a profundidade de alguma coisa em francês. Ela alternava o tempo inteiro entre achar ele interessante e boçal. Uma frase muito boa era quase sempre sucedida de uma muito ruim e vice versa.

Ela nunca conseguia fazer as leituras direito. Embora gostasse de algumas coisas, sentia que não estava entendendo coisa alguma e a explicação

do professor quase nunca ajudava.

Na verdade, as únicas horas em que Amanda sentia que conseguia entender qualquer coisa de verdade era quando o tal do Renato falava alguma coisa.

Tudo que o professor descrevia no vocabulário difícil dos franceses o Renato traduzia em palavras curtas, ancorando e ajudando Amanda no processo. Dizendo que o que era real era um fluxo e uma quebra, fluxos e quebras. De sangue, de urina, de capital. Ele conseguia fazer com que aquilo que soava tão distante ganhasse vida na sua frente. Um dia no final da aula ela perguntou quem que era o doido da camisa do Roberto Carlos.

– Esse aí é o Renato, me apareceu um dia numa palestra minha e praticamente me deu uma aula, menino muito bom, meio maluco. Acho que é ex-presidiário, um moleque assim da correria, né? Ele não tem condição de pagar, mas eu achei que engrandecia o curso, cê não acha?

Naquele mesmo dia Amanda foi beber com (seu amigo mais próximo) Pedro e a (sua ex-amiga mais próxima e hoje namorada) Bárbara na praça Roosevelt. Renato tava lá fumando na calçada. Parecia mudar de grupo a todo tempo, uma hora falando com os skatistas, depois com uma gente de teatro de rua que tava pedindo colaboração do povo bebendo, depois com o fofão da Augusta, o morador de rua que vivia pelos salões de beleza durante o dia e na praça de noite, cujo rosto parecia um composto complexo de várias camadas derramadas de operação plástica, uma figura com quem o Pedro era obcecado, mas nunca tinha coragem de conversar. O fato dele transitar entre todo mundo com uma mesma naturalidade carinhosa impressionou Amanda. No meio da noite ele passou pela mesa deles com uma piscadela e ela convidou ele pra sentar junto, sem imaginar que aquele convite mudaria o resto da sua vida, assim como de todos sentados naquela mesa.

>>

## 30.

&lt;

Desde molequinho até homem feito (se é que ele estava, de fato, feito) a introversão de Murilo era iluminada pela televisão, por histórias em quadrinhos, por livros e pelo seu *Gameboy*. Música era bacana, mas emocionalmente pra ele um troço meio neutro, como se escutada sempre debaixo d'água. Tanto sua caixa de som quanto seu fone de ouvido não eram dos melhores. Tinha isso.

Esportes e interação humana ao vivo de qualquer ordem eram só males a serem evitados e contornados da melhor forma possível. Já o *Gameboy* foi um videogame de bolso ganhado da avó paterna de natal, depois de uma viagem sua para os EUA. Foi o único videogame que ele teve. Ele manuseou aquele objeto por anos, alugando fitas na Super Games da 106, duas vezes por mês, tentando exauri-las em poucos dias. Ele veio com um cartucho contendo o jogo original do Pokémon, na sua versão azul. Sem nenhuma dúvida o evento mais importante da sua vida até então. Nele, Murilo controlava um garotinho que ele havia nomeado “GUTO”, fazendo-o desbravar diversas terras e cidades e aprisionar monstros em bolas tecnológicas para fazê-los lutar com os monstros de outros garotos e garotas. A estrutura do jogo era tão viciante que ele chegava a imaginar que a sua vida acontecia de fato ali dentro daquela telinha pequena cinza-e-verde, naquelas figuras, nos vetores de poder entre as criaturas que ele sentia como tão importantes, urgindo naquela trilha sonora épica de poucos bits com uma gravidade que era demonstravelmente real. Poderes de água contra fogo, pedra contra água, nas mãos de uma criança.

E era ainda mais forte o fato de que ele podia carregar o *Gameboy* para onde ele fosse, guardá-lo com segurança na mochila e recuperar aquele mundo exatamente de onde ele o havia deixado, como aprendeu a fazer mais tarde com um romance. Uma continuidade que se carrega por aí como um pequeno tijolo e que parecia constituir um mundo efetivo, quando sustenta-

do, tão válido quanto o seu próprio (em si tão ralinho, tão escasso).

Murilo quando mais velho, lá pros dezesseis, tornou-se conhecido na gibiteca pública da 508 por sua erudição em quadrinhos. A moça bibliotecária que cuidava do espaço sozinha tinha um cabelo desregrado e óculos grossos, um pouco dada a falar sozinha. Elaine. Murilo gostava muito dela, mas não sabia como comunicar isso. Ela tratava todo mundo com uma rispidez exasperada que com o tempo você percebia que tinha um fundo de atenção e mesmo cuidado que não sabia se expressar de outro modo.

Tinha feito seu próprio sistema de catalogação dos quadrinhos (um acervo não tão grande assim, afinal) constituído de tabletes de madeira pesados e difíceis de serem manuseados, duma proveniência inteiramente destacada daquele contexto, talhados com motivos marítimos e tropicais em relevo, todos relacionados à cidade de Salvador.

Não era raro que moleques de quatorze a vinte e poucos anos viessem respeitadamente perguntar alguma coisa a Murilo, às vezes direcionados por Elaine. Qual que era daquele cara que tinha um ponto de interrogação no rosto? O que tinha acontecido com o primeiro Lanterna Verde? O que acontece na edição que tá faltando aqui do Watchmen?

A sua introversão endureceu com os anos, concentrada como uma redução. Ele respondia com voz amável, sem olhar para a pessoa. Tinha vozes e personagens dentro da sua cabeça com as quais montava pequenos cenários retóricos, trechos de conversas e discussões pontuais a respeito de pequenos eventos da sua vida (o tanto que a sua professora de português parecia incompreender grosseiramente as tirinhas do Calvin que ela passava na sala de aula, os motivos possíveis para a cantina só ter enroladinho de salsicha de vez em quando, e não todo dia).

Cada vez mais se acostumava com o fato de que o mundo acontecia ali dentro da sua cabeça, remontado a partir dos filmes, livros, seriados e jogos que consumia no seu quarto. Aquilo que era o mundo, e não essa cidade que ele mal enxergava de dentro do carro da mãe ou a sala de aula de ensino médio que sumia enquanto ele lia. Não tinha amigos de carne e osso desde a puberdade e cada vez mais não falava com seus familiares. Eram muito frequentes os sonhos onde de alguma forma ele descobria que na verdade vivia em alguma outra realidade a qual tinha acesso frequente, aquela vida estranha e modorrenta no quarto mofado sendo apenas uma versão pálida

e não tão importante assim da realidade, dentre tantas, não mais verdadeira do que sua vida como curador de uma pequena galeria em Oslo, ou como uma filóloga latina em Pequim.

>

## 31.

&lt;&lt;

Outra coisa maravilhosa que você aprende do brasileiro é que se você cantar assim com toda sinceridade Oceano do Djavan dentro do ouvido vários deles e delas vão e transam contigo.

Aquele momento no litoral do Ceará foi um choque muito bruto pra mim. Mesmo com a morte da minha mãe, em parte por causa dela, acho que eu não tinha até ali um senso da realidade assim dos mais agudo. Ainda não tenho, mas tinha menos ainda quando eu era mais moleque. Isso não quer dizer que eu fosse um desses avoados que anda olhando pro céu e cai no buraco, sei lá, ou nerd que vive lá só nas coordenadas da Terra Média e da Marvel e não consegue manejar gente feita de carne. Não é que eu não fosse prático. Eu aprendi cedo a me virar, por questão de precisão, mesmo. Me põe numa treta que eu tenha algum espaço de manobra que eu me desenrolo, me põe diante de uma figura de autoridade cujo modis operandi não seja só quebrar neguinho que eu sei me dobrar pra dobrar ela direitinho. Me põe diante de qualquer pessoa que em cinco minuto ou menos eu já meio que sou ela, também, já sei onde que ficam as junta e as dobradiça dela, onde que ela cede e onde que ela é dura, onde que tem medo e onde que ela cava pra dentro de tesão. Nisso não tem ninguém mais realista que eu. As pessoas são transparentes pra mim desde os meus treze ou quatorze, quando eu comecei a entender de verdade o quê que era o sexo, o avesso da morte, a fome de tudo e o tanto que os dois deixavam todo mundo repuxado dum jeito próprio. Cu e boca todo mundo tem, já dizia o poeta.

Eu sempre tive umas intimação meio mística, né, que quando eu era mais moleque puxava pro cristão, porque minha mãe e meu pai e todo mundo que eu conhecia era cristão, só cristo que era coisa de gente. Quando eu comecei a beber mais pesado, lá pros dezesseis, só depois de sair de casa, era fácil-fácil que alguma coisa me pegasse e eu achasse que era Deus falando comigo. Era muito fácil. Batia uma coincidência qualquer do rádio e do que tava passando na rua e eu já ficava todo rebuliçado, suspeito, olhando pros lado achando que era pegadinha. Eu achava e não achava que era ao mesmo tempo. Ou melhor: eu sabia. Que era e que não era.



Desde que eu deixei de ser católico eu sempre escolhia um ídolo pra amar e querer devorar, até gastar a paixão e trocar por outro. Primeiro foi o Kurt Cobain, mas o show dele foi ruim, eu só vi um menino magricelo e triste sendo amplificado por uma estrutura demoníaca e monstruosa, enquanto um bando de moleque cheio de hormônio gritava em volta. Eu ainda acreditava em Deus, ou algo parecido, e aquela energia de devoção ficava procurando um veículo novo em tudo que brotava.

Lembro da hora exata em que essa energia se transfigurou, virou outra coisa. Foi na casa da Vila Kosmos em que eu morei por um tempo com uns moleques, um deles meu primo Kléber, meu único contato no Rio quando eu cheguei. Falou que eu podia ficar uma semana com ele, quando liguei, já em Salvador. Acabei ficando dois meses. Só tinha visto ele antes duas vezes na vida, quando ele foi pro Piauí com a mãe dele nas férias. Gente finíssima. O primeiro doidão que entrou na minha vida, na época mostrando fitas k7 de Raul Seixas e de metal. Quando nos encontramos no Rio, no endereço que ele tinha me passado, ele tava com um cabelão liso, de extensão parecida à da minha na época crescente juba encaracolada. Andava de skate e trabalhava de office boy três dias por semana num escritório de alguém que conhecia a mãe dele. Me botou meu primeiro beque, benzadeusas. Tava morando há pouco tempo nessa casa abandonada com Mateus e Denílson, vulgo “Sardinha”. Tinha dois andares, mas o segundo tava todo destruído, o teto vazado, cheio de mofo e morcego morando. Primeiro me falaram que era da família de um deles, o Mateus, depois falaram que tinham invadido. Depois fui entender que as duas coisas eram verdade. A casa tava presa num inventário interminável da vó do Mateus tinha oito anos, já, sem sinal de resolução no horizonte. Tinham limpado um dos quartos direitinho e dividiam ele. Na sala só fizeram estender uma lona azul, em cima das tranqueiras todas, madeira com prego e poeira pra dar com pau. Ficava todo mundo sentado ou deitado em cima dessa lona, com almofadas emboloradas e fedidas, fumando um e ouvindo os discos que o Sardinha botava. Eles diziam que levavam mulheres lá, mas nunca vi acontecer. Já tinha CD nessa época e por isso já se comprava vinil velho baratinho na rua pelo Centro. O Sardinha comprava qualquer um que tivesse a capa “bem louca”, segundo o juízo dele próprio. Nessa a gente escutou Secos e Molhados, Divina Comédia, Todos os Olhos, Deus e o Diabo na Terra do Sol. Quando ele chegou com Araçá Azul me zoou falando que era eu no disco ou então era meu pai.

O pior era que parecia mesmo, um pouco, e pior ainda era que nas fotos de dentro parecia ainda mais. Eu achei ruim, o cara não era exatamente um galã, mas ri junto, tava ali de favor, afinal. Eu nunca tinha ouvido Caetano, única memória que eu tinha dele era do meu pai desligando a TV, assim que ele apareceu, falando “esse aí só não é mais viado porque não cabe”. Aí começou o disco. Os moleques tavam tudo chapado e só ficavam rindo de tudo, mas eu vi que aquele homem era doido de verdade, que nem eu. E pela exata primeira vez na minha vida me ocorreu então que dava. Apesar de tudo. Dava pra ser assim.

A copa de 94 eu interpretei toda segundo uns prenúncios que eu fui ajambrando ali enquanto ela acontecia, duns pedaços de jornal e revista velho, mas daquele ano ainda, que eu achei na rua dentro dum saco plástico azul, um dia, na xepa da feira da praça XV. Levava pro bar onde os moleque tudo tavam assistindo e ficava juntando com o dedo os pedaços de frente pro jogo. Às vezes eu quase que nem via o jogo, só ficava acompanhando e tentando imitar as reações dramáticas de quem tava ali, gritando com um atraso. Depois de prever com sucesso a nossa vitória, a consagração de Romário, Deus-menino da Grande Área, em PLENO solo do Império norte-americano, a casa da Besta-Fera ela própria e a desmoralização do falso pretendente Roberto Baggio, em toda sua canastrice italiana e ilegitimidade imperialista, eu comecei a achar de fato que eu não só conseguia ler a fazenda mística do cosmos, nas suas tessitura entranhada, mas que haviam relações assustadoras entre o que eu fazia (o que acontecia com meu corpo) e o que acontecia com o Brasil no mundo dos fatos e eventos (que pra mim tinham seu veículo expressivo mais sintético na época o Jornal Nacional, na voz retumbante e bíblica de Cid Moreira).

Ficava com febre e achava que tinha a ver com a inflação (mas não sabia se era a minha febre que causava a inflação ou se era a inflação que causava a febre). Eu comecei a sentir muita, mas muita mesmo, responsabilidade. Mas eu também no fundo não falava nada disso em voz alta, não levava nem um pouco a sério aquelas doiduras até conhecer os menino e o Dennis lá em Belém, quase dez anos depois.

>>

## 32.

&lt;

Murilo mal lembrava de ter um avô nos primeiros anos da sua vida. A família do pai sempre esteve distante na Bahia, fora os presentes que recebia da avó pelo correio, não havia nenhuma comunicação apreciável com aquele povo que Murilo havia visto em fotos, uns rostos parecidos com o seu pai, o mesmo nariz, os mesmos olhos assustados. Murilo não sabia nem o nome dos seus tios direito. Já seu avô materno passou a existir de fato na sua vida a partir dos seus seis anos e desde então passou a exercer em Murilo uma influência vasta e difusa.

Até então, Murilo mal tinha uma imagem mental do avô, mal conseguiria descrevê-lo. Tasso de Sousa Andrada. Alto e muito magro, ossudo em todas extremidades, hirsuto a ponto de quase não parecer humano. Uma figura grosseira no seu laconismo, que quase parecia não estar presente quando falava com você, não fazendo nenhuma questão de fingir que se interessava pelo que você dizia. Não se dispunha nem a jogar aquelas amenidades educadas e vazias com que as pessoas geralmente se comunicam, olhando sempre um pouquinho ao lado dos seus olhos, como se tentasse sem sucesso achar algo ao redor da sua figura que o interessasse.

A família mal o encontrava, sua mãe não fazia nenhuma questão de visitá-lo, nem mesmo em aniversários e ele tampouco fazia qualquer menção de se aproximar dos netos. Murilo percebia pelo jeito que seus pais falavam de Tasso que não devia ser uma pessoa muito normal. Apesar de ter uma situação financeira bastante confortável, os avós não tinham empregada em casa, não comemoravam aniversários, não viajavam nunca. Murilo entendia pela forma com que sua mãe comunicava esses fatos que deviam expressar alguma coisa muito torta. Ela dizia que seu pai desde os quarenta e poucos já ia trabalhar com o pijama debaixo da roupa e que em casa ela nunca viu ele usar outra coisa. Não tinha amigos na cidade, não saía de casa à noite, nunca levantou a voz de forma nenhuma, por motivo nenhum (o que não devia impedi-lo de ser muito bravo e muito cruel, Murilo pensava, pelo jeito da mãe dele descrevê-lo).

Murilo não via exatamente qual era o problema em nenhuma daquelas

coisas, mas a mãe sempre ficava cada pequeno item pontiagudo do seu avô como um índice de uma índole incompreensível.

Ele juntava as informações esquisitas que recebia esporadicamente sobre o avô, tentava remontá-las num quadro mais ou menos coerente (achando melhor não expressar o seu interesse por achar que a mãe não o aprovaria). O avô e a avó não recebiam visitas e desde os anos oitenta que ele não deixava o Plano Piloto. Foi quase impossível uma vez convencê-lo a visitar um médico num hospital que ficava no Lago Sul. Quanto mais ele envelhecia mais ele fazia questão de ficar sempre ali dentro do Plano. Ele praticamente só se alimentava de frutas, abobrinha e berinjela, evitando qualquer tipo de carne e alguns derivados de animal (Murilo na época não conseguia imaginar um motivo ético para se fazer isso, então imaginava que essas restrições alimentícias engraçadas deviam se dar por um gosto excessivamente idiossincrático, como o seu, que na época quase só incluía nuggets de frango, enroladinho de salsicha, arroz branco e pizza Dom Bosco).

Uns anos atrás ele costumava andar o eixão inteiro aos domingos, do final da Asa Sul até o final da Asa Norte. Hoje em dia parece que ele caminha da trezentos e oito, lá onde ele mora, até a trezentos e dezesseis, fazendo a volta na calçada onde termina o Plano. Acordava antes das cinco da manhã todos os dias, inclusive nos finais de semana. Havia sido engenheiro e havia trabalhado na construção de Brasília, parecia desde então obcecado com o fato de que aquele lugar onde ele morava, todo aquele espaço delimitado, aqueles edifícios erguidos, as gentes vivendo neles e em torno deles, toda aquela vasta estrutura interdeterminada tinha saído de um plano, de uma abstração que foi realizada a muito custo com concreto, ferro, vidro, aço e o trabalho duro e o sacrifício de milhares de homens e mulheres.

A sua mãe falava aquilo impostando uma voz grave, séria e muito lenta, que Murilo tentava imaginar dentro daquela figura fantasmática de que ele se lembrava ter visto uma única vez, alguns anos antes, enorme, falando coisas que ele não entendeu enquanto enxugava uma manga que ele aparentemente tinha trazido com ele e parecendo muito severo. Murilo tentava juntar aqueles retalhos numa pessoa, numa voz, mas não conseguia. Por que que alguém chegaria na casa de outra pessoa com uma manga no bolso do casquinho marrom? No máximo ele conseguia um espantinho de avô que às vezes dava a cara nos seus sonhos, um gigante estufado de palha, de-

sengonçado, que por fim acabava matando sem querer a sua mãe ao apertá-la contra uns entulhos (os sonhos de Murilo quase sempre se passavam em torno de destroços).

>

### 33.

<<

Se você está ouvindo isso, é porque já está em meu poder. Em outras palavras: perdeu, playboy.

(E vocês todos são playboys, eu fiz meu dever de casa).

Olha pra mim, calma, relaxa. Vai passar, vai passar.

Por você.

Devem ser onze de vocês aqui. Se tudo estiver funcionando direitinho, vocês devem estar juntos na cabine, mas não conseguem se falar direito. As palavras saem todas como barulho, né, a boca toda mole. Eu sei que é agonizante. Vocês vão conseguir fazer isso em breve. Vocês também tão vindo agora todo um espetáculo sobreposto à visão desperta normal. Os ogros vindo tudo te matar com pedaço de pau e pedra ou um animal feroz no teu cangote. Alguns estão vindo a si próprios sendo caçados por multidões em cidades do interior alagadas por barragem, eu sei, ou devorados por redemunhos de fogo. Não fica com medo, é tudo alucinação sua.

Pra todos que estiverem sentindo agora uma vaibe meio vilão no final do filme reunindo todo mundo pra se explanar, tu tá certo e tu tá muito errado. Eu de fato não consegui me conter e tou aqui admitindo o meu controle sobre vocês (e não se iludam, se você está ouvindo isso é porque não tem literalmente nem como pensar em se livrar desse controle, não agora). Mas não vou ser tão clichê a ponto de jogar a real derradeira ou de te contar a minha história

(que, acreditem, é cabulosa).

Mas vocês nunca estiveram jogando esse jogo, é bom que saibam. Eu estava dez passos à frente antes de vocês começarem. Eu só deixei vocês acharem que ainda estavam em domínio de vocês mesmos até agora porque isso me servia (é até uma pena que vocês jamais possam entender o desenho todo, sabe, a figura no tapete vista aqui de longe é bem bonita).

Ei, tal-e-coisa, ouve aqui. Esse teu sofrimento todo agora, essa ferida aberta pulsando, tudo isso vem dos teus atos evolutivos, não tem mais ninguém aqui te punindo a não ser você mesmo. Não tem mais ninguém

pra culpar. É a tua própria evolução rodando, agora, então reza com força pra quem for que tu tiver que rezar, aí. Mas já fica com Yama o negócio, entendeu, não comigo. Considere-me teu grilo falante prostético, tua autoconsciência tecnicamente forçada.

>>

## 34.

&lt;

Por anos, o avô Tasso era esse fantasma. Até que, quando Murilo tinha quase oito anos, os seus pais inventaram de viajar para os Estados Unidos pela primeira vez em suas vidas. Uma viagem para Miami planejada às pressas para aproveitar a extraordinária, quase literalmente incrível, paridade momentânea do dólar com o real. A mãe descrevia com uma excitação reservada e o pai com um tom de quem aproveita uma boa oportunidade quase por obrigação, porque não parecia fazer muito sentido recusá-la. Eles não viajavam de férias há anos, tinham um dinheirinho guardado. Murilo se recusou a acompanhá-los. A sua recusa não se apresentou com motivos, ele apenas repetia que não queria ir de jeito nenhum e ficava em silêncio quando os pais perguntavam o porquê.

Ele mesmo não conseguia formular pra si o motivo de não querer viajar, não conseguia colocar aquilo em palavras, mesmo depois desse ter sido o objeto de repetidos e calorosos debates nos teatrinhos encenados ali na sua cabeça, suas várias vozes atuadas por atores famosos (Lima Duarte, Marisa Tomei), erguidas em tons acusatórios, apologéticos e conciliatórios que no final só conseguiam concordar que a idéia de ir pra tão longe era inquietante, no mínimo, e, no máximo, muitíssimo assustadora.

Sair de casa para Murilo era sempre causa de muita ansiedade e insegurança e, ao imaginar uma viagem tão comprida e distante, a sua imaginação prontamente apresentava infinitos cenários que dificultassem ou impossibilitassem o seu regresso, desde queda de avião até a irrupção surpresa de uma guerra mundial. A sua mãe insistiu algumas vezes para que ele fosse ou ao menos explicasse porque não queria ir. Murilo apenas continuava olhando para o seu prato ou para a janela do carro, seus lábios instando começos de sílabas que nunca chegavam a se formar, seus olhos vagos, como se calculassem uma soma momentosa.

Murilo chegava a começar a falar, mas falava muito baixo e, quando percebia, ele estava se dirigindo a alguma outra figura na sua cabeça que não a sua mãe. Tomava um tempo enorme aparentemente debatendo consigo mesmo, sua expressão se modulando em variações esquisitas que a mãe



não entendia, mas no final não conseguia oferecer nenhuma resposta.

Eventualmente decidiram que viajariam sem ele. O pai falou várias vezes que isso aconteceria como se fosse definitivo, embora Murilo pudesse ver que ainda não era. Uma vez ligou da rua e falou que tava na agência de viagens, falou pra chamar o Murilo, que ficou em silêncio no telefone quando atendeu.

Preocupados com os preparativos da viagem, só na semana antes é que os dois perceberam que não teriam com quem deixar Murilo, os dois até então igualmente confiantes no irmão de Válter, que eles descobriram que iria para Caldas Novas.

Copo na parede.

—Não tem nem duas semanas que ele me disse que não ia viajar. Nem pra isso dá pra confiar naquele bosta.

—Não fala assim.

—E o menino quer porque quer ficar, não dá pra entender. Tudo que esses moleque quer é ir pra Disney, conhecer a porra do pateta e ele nem tchum.

—Ele é diferente, ele é mais retraído.

—Ele não é retraído, ele é \*\*\*\*\*.

—Não fala assim.

A única opção plausível que se apresentou, no dia seguinte, já no café da manhã, Murilo e o pai comendo bisnaguinhas com o café coado preto que nenhum dos dois adoçava, era que Murilo ficasse com os avós maternos. O Murilo prefere sucrilhos, mas bisnaguinhas são também bastante satisfatórias. Principalmente com requeijão. Ele já pensou em falar que gosta das bisnaguinhas, mas a cena na sua cabeça lhe pareceu muito entravada. Murilo concluiu aos doze que quase toda interação que ele tinha com os outros era não só entravada e pouco satisfatória, nenhuma das partes conseguindo se entender bem, mas que cada vez que ele interagia ele ainda tinha a impressão de que piorava, de que eles estariam *quebrando* aquela interface de alguma maneira.

Era preferível, então, não falar tanto com os outros. Isso não se mostrou tão difícil assim, Murilo percebeu. A mãe aos poucos pareceu se acostumar

e o pai há tempo não mais tentava, então Murilo foi reduzindo o nível de interação de uma maneira que lhe pareceu equilibrada e controlada. Ele se sentia melhor assim e esperava que os pais concordassem.

Murilo chegou no prédio dos avós, muito perto da casa deles, no final da tarde de um domingo, com uma mochila roxa da Paka-lolo, onde ele guardava um Game Boy e quatro revistas em quadrinho (duas da Turma da Mônica, duas do homem-aranha) que ele com muito esforço tinha evitado ler durante a semana para guardá-las para aquele período difícil.

A mãe pediu desculpas quatro vezes no caminho por fazê-lo passar por aquilo, percebendo a rigidez dos seus ombros ao ajeitar a manga da sua camisa puxada pela mochila, o pavor o deixando cada vez mais retesado. O pai também notou a sua tensão e tentou tranquilizá-lo com uma história bastante esparramada envolvendo dormir na casa de um primo em Anápolis, quinze anos antes, uma história cujo propósito de estabelecer um paralelo e uma identificação logo logo se dissipou no tanto que o seu primo Ronaldo era gordo e incapaz de compreender a inflação galopante da época, todo mês achando que a sua padaria conspirava pessoalmente contra ele ao aumentar o preço da mortadela e que foi subitamente interrompida assim que ele percebeu que tinha perdido o fio da meada, concluída de repente com a moral inesperada, súbita e bastante incongruente, de como passar uma semana com os avós nunca matou ninguém. O que dificilmente era verdade.

>

## 35.

< <

Com quarenta e sete anos, Milton já foi mais magro, mas também já foi muito mais gordo. Chegou aos cento e sessenta quilos, no segundo, e mais curto, casamento, seu recorde pessoal, do qual ele ainda se lembra quase toda vez que se pesa (tanto para melhor odiar a si mesmo quanto para se consolar do seu peso atual).

Tentou ser engenheiro civil, que foi o curso que seu pai escolheu pra ele, mas brigava em toda firma em que trabalhava depois de poucos meses, às vezes por discordar com veemência de alguma decisão imbecil de algum superior hierárquico, às vezes por mandar alguém à merda meio à toa, geralmente quando estava com dor de cabeça ou de estômago (que lhe acometiam as duas todo dia desde que ele se entendia por gente). Era viciado em música e se orgulhava de ouvir de tudo, de Sepultura a Milionário e José Rico.

A empresa de construção civil que tentou montar com um primo e um amigo (e dinheiro quase todo dos pais) acabou quando o amigo fugiu com o que restava do investimento inicial dos três. Depois de quase um ano de fracasso mal administrado e uma única obra mal completada, tendo vendido tudo que tinha dentro do escritório deles durante o recesso de fim de ano. Até as mesas ele levou, deixou só duas cadeiras e uma caixa de cliques de papel. Milton voltou para a casa dos pais. Jurou pra si mesmo, em voz alta, diante o espelho, jamais confiar em outra pessoa. Cumpriu essa promessa com integridade através de vinte e cinco anos e dois casamentos, até conhecer Renato.

Depois de dois anos estudando, acabou passando num concurso razoável de nível médio do Tribunal de Justiça. Desde então mora no mesmo apartamento de um quarto, com uma varanda apertada cheia de plantas, perto da Savassi e há anos aluga o sobrado que herdou da mãe pra uma família de mato-grossenses baixinhos de quem às vezes toma uns atrasos enormes, mas tem pena de reclamar.

Milton quando mais novo já foi rato de tudo que é boteco e buraco da área metropolitana de Belo Horizonte. No seu auge, conhecia mais alcóo-

latra, puta, banda punk vagabunda e cover drogado do Raul Seixas do que potencialmente qualquer outra única pessoa em Belo Horizonte. Ele próprio só gosta de bebida, mas toma quase tudo que lhe oferecem, dependendo da companhia. Durante anos, nomeadamente aqueles em que esteve casado, ele praticamente nunca esteve em casa entre as sete da noite e as duas da manhã. Chegava no trabalho às dez e meia, ainda bêbado, quase todo dia. Andava por aí às vezes com sua kombi (customizada na parte de trás, com um sofá e um isopor) ouvindo tanto cds quanto fitas k7, que ele tinha na casa das centenas, em caixas. A cidade que lhe parecia só feia, morosa, suja e mal arrastada lhe parecia de noite ter todo outro estofo. Era mais perigosa, sim, mas também mais cheia de brechas inesperadas, esquisitas, com uma generosidade sonsa e eventuais acidentes felizes.

Primeira vez que Milton viu Renato não tinha como esquecer. Não tinha mesmo. Num muquifo que na época ele ia direto, lá pra 2009, chamado CAMPOS ELÍSEOS, cheio dos shows mais aleatórios que você pode imaginar. Muita gente imitando Roberto Carlos, Cauby, Amado Batista, dois anões que se apresentavam como Nelson & Ned. A maioria tinha esse rolê mais escrachado já de cara, outros iam vendo o naipe da casa e iam exagerando a própria esculhambação. Porque não tinha muito como cantar lá sem ter uns loucos gritando junto, te zoando ou te incentivando, às vezes os dois ao mesmo tempo. A não ser que tivesse vazio. Nesse dia tava vazio. Tava só Milton e duas amigas suas, prostitutas já bem além dos quarenta, ambas velhas conhecidas suas, quase dormindo, uma mexendo no cabelo da outra. Ninguém tava cantando e o som tava desligado, só a TV baixinha com um filme americano sem gente famosa passando. Daí do nada o único auto-falante velho de guerra liga, uma microfonia aguda logo interrompida para anunciar, lá de trás, a voz parecendo achar graça no que vai dizer:

—Sen-horas e Sen-hores, final-men-te, a grande atração da noi-te, o esperado, o incrível... GRANDE ENCONTRO.

Sai de detrás da cortina essa criatura. Tava vestido, ao mesmo tempo, de Elba Ramalho, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo. Chegava ser difícil entender a fantasia, mas Milton foi um dos que entendeu (dava pra ouvir as risadas de sacação irrompendo aos poucos, mínima em uns, esparrada noutros). Uma das pernas depilada calçando salto alto, a outra você nem via, mas na hora Milton achou que era algum truque. E cantou *Tesoura do Desejo* alternando entre as três personalidades, mudando o canto de boca

e a expressão com que cantava. Não que o ventriloquismo em si fosse essas coisas, Ramalho e Azevedo tinham quase a mesma voz e, na verdade, ele se mexia todo quando encarnava qualquer um dos três. Mas mesmo sem ser uma imitação bemfeita, o jeito que ele encarnava ali, baixava mesmo, virava os três, isso deixou Milton meio bobo, assim. Meio não. Bobo mesmo. Quem que era aquela criatura?

>>

## 36.

&lt;

Murilo nunca tinha estado naquele apartamento. Era ridiculamente perto da casa deles, não deu nem cinco minutos de carro. Da 706 até 308. Isso lhe pareceu estranho, como se estivessem escondendo aquele lugar por anos. Chegaram na portaria no final da tarde, cada detalhe inocente do prédio parecendo formar um conjunto ominoso (a parede de madeira com pedras verdes no chão, o porteiro gordo que parecia suspeitar deles, o cheiro de incenso no corredor, que Murilo nunca havia sentido e que achou perverso).

A porta foi aberta pela sua avó. Teresa era muito mais familiar do que o avô, mas isso não a tornava exatamente reconfortante. Sempre aparecia nos seus aniversários com dinheiro num envelope e dando desculpas pouco convincentes para o avô não ter ido. Gaguejava em quase qualquer frase, mesmo a mais simples e casual. Parecia achar que qualquer vago agradecimento por segurar a porta do elevador comportava inúmeras possíveis versões e revisões, gradações de etiqueta que ela tentava dominar sem sucesso. Nenhuma expressão parava quieta na sua boca, sempre oscilava pelo seu oposto, ia e voltava e se desculpava repetidas vezes.

— Opa, oi, querida, oi gente, tudo bom?

— Mãe, desculpa, a gente já tá com pressa, a senhora lembra de tudo que eu falei no telefone, né? Na mochila do Murilo tem também uns lembretes dos remédios. Se a senhora precisar de alguma coisa me liga. Os números também tão aí todos. O Válter tá esperando lá embaixo que a gente acabou se atrasando, ele tá muito nervoso de perder o voo, acho que eu devia ir logo.

A sua mãe voltou pro elevador antes que ele entendesse qualquer coisa. A avó tentava sustentar um sorriso trêmulo e o seu avô estava atrás dela sem falar nada. Uma expressão enojada. Assim que Murilo entrou Tasso murmurou alguma coisa inaudível, fez um aceno de cabeça dirigido a ninguém em particular e se fechou no que parecia ser o seu escritório.

A avó foi muito mais efusiva, mas os seus olhos e sua linguagem corporal pareciam desmentir todos os seus repetidos comentários que ele ficasse

tranquilo e se sentisse em casa, a sua expressão conotando toda hora a preocupação dela daquela criança derrubar alguma coisa, quebrar alguma coisa, fazer algo errado, comer algo que não devia, tocar fogo na casa ou simplesmente entrar em combustão espontânea, a sua mera existência sendo obviamente causa para mais ansiedade do que ela seria capaz de suportar. Essa disparidade constante entre as suas palavras gentis e a sua aparência ansiosa deixando Murilo o tempo inteiro perplexo, sua cara franzida na tentativa de entender o que diabos estava sendo comunicado e como que ele deveria agir.

— Ô, meu filho, epa, que bom, né, tá aqui, tudo bom, vamo ver aqui o seu quarto, né, epa, só assim que – é, logo logo seus pais já voltam que é rapidinho, né, não fica assim preocupado não que logo – né. Vamo ver seu quarto que, opa, né, tá aqui já.

Teresa era muito magra e tinha olhos enormes, que pareciam dominar todo o seu rosto e mantinha sempre assustados. Mal preenchia as suas próprias roupas, todas escuras e recatadas, mangas e saias compridas e sem estampa. Era uma pessoa apagada e quieta, religiosa da maneira vaga com que avós costumam ser, gentil de uma maneira ansiosa, como se estivesse sempre enredada em uma série de obrigações sociais que ela não conseguia compreender tão bem, mandamentos misteriosos que ela sempre temia estar ofendendo de alguma maneira.

Ali na década de noventa o apartamento dos avós parecia congelado trinta anos atrás. Os únicos objetos mais ou menos atualizados eram a geladeira, o fogão e a pequena televisão na cozinha. Todo o resto era muito antigo, com cores esmaecidas e cansadas. A sala tinha no seu centro um aparelho de som enorme e metálico, com dezenas de vinis em volta, no lugar de uma televisão. No mais, o lugar parecia cristalizado, um cheiro sutil de velhice e mofo que Teresa fazia o possível para mascarar e amenizar com incensos que ela comprava de um rapaz cabeludo e muito gentil que aparecia na sua porta às vezes, neto da senhora do trezentos e dois.

As luzes estavam quase sempre apagadas, o que facilitava que você trombasse nos cantos com um cachorro comprido e magricelo esparrramado entre os móveis. Um vira-lata cinzento de índole muito animada e disposta que Teresa havia ganhado da filha depois dela se mudar de casa (para deixar a mãe menos sozinha) e ao qual nenhum dos dois havia se afeiçoado direito, nunca tendo sido nomeado e que era desde então ignorado.

Doze anos dentro daquela casa sem sair para passear, sem receber atenção, enxotado quando tentava buscá-la, há tanto tempo assim que hoje ele parecia até se desinteressar pelo mundo lá fora, perfeitamente esquecido de que havia espaço, luz, movimento e objetos mais interessantes do que aqueles impedimentos parados e surdos diante dele, que havia algo no mundo além daquelas superfícies macias e escuras, aquietadas. Ele parecia de fato em momentos até esquecer que ele mesmo existia, deitado no escuro num canto, entre móveis, acompanhando com os olhos os movimentos daqueles dois seres que diziam e faziam tão pouco além de lhe alimentar com restos do almoço e do jantar.

Murilo não gostava de cachorros, mas viu logo que não teria problemas com esse, que não havia o risco de se jogar em cima dele ou dar aquelas mordidinhas agoniantes que cachorros animados sempre dão. Até conseguiu, depois de vencer algumas barreiras dentro dele mesmo, passar a mão na sua cabeça. O cachorro virou-se pra ele alarmado, pareceu não entender o que era aquela sensação.

A avó narrava tudo que Murilo fazia, andando pela casa, como se quisesse se certificar que o que estava acontecendo fazia sentido.

— Você não tá com medo do cachorro, né? Epa. Ele não faz nada não. Ele não tá é bem, esse cachorro, na verdade, que eu já falei pro Tasso pra levar no veterinário e ele fala que não é o cachorro que tá assim, o mundo é assim, o que não é aqui nem ali, né, o cachorro não tá bem. Não mexe nele, não.

Depois de lhe dar janta a avó mostrou a sua cama no quarto que disse ter sido da sua mãe (presença confirmada num quadro com várias fotos preto-e-brancas de uma criança feinha muitíssimo parecida com ele que nunca tinha visto e cuja existência até então nunca tinha passado perto de imaginar, um pequeno animal que ele não conseguia de forma nenhuma ligar à pessoa que conhecia por ‘mãe’ e que passaria a assolar seus sonhos por meses, presença quieta num canto tornando tudo mais perigoso).

>



## 37.

&lt;&lt;

Nílson saiu desorientado do encontro com o gringo. Ele não via o Renato desde 2009, mais ou menos, quando passou no concurso da ABIN e saiu de Belo Horizonte. Acompanhou suas metamorfoses de longe por anos até perder de vista. Fez uma varredura rápida e confirmou a impressão que já tinha. Depois de uma presença muito ativa e falastrona na internet durante uma década, Renato havia sumido do mapa em 2013. Bem quando a versão beta do CABOL foi lançada, ele percebeu.

Nílson não tinha esperança de conseguir encontrá-lo tão cedo, e tampouco conseguiu levar a coisa toda muito a sério. Disse pros chefes que precisava viajar em diligência do caso com os norte-americanos e foi gastar três diárias em Natal, pegando praia todo dia.

Mas o gringo entrou em contato de novo, marcando de encontrar em BH na véspera da semi-final contra a Alemanha, enviando o ingresso do jogo por DHL expresso. Geral na repartição ficou com inveja, achando importante. Nílson decidiu mostrar serviço, chegou em BH dois dias antes do encontro e foi visitar Tamires em Ouro Preto, uma amiga em comum dele e de Renato que já o havia abrigado por períodos longos no passado.

Tinha pelo menos cinco anos que Nilson não ia lá. Era a única cidade brasileira que ele achava bonita de verdade, mas se surpreendeu em não sentir absolutamente nada quando sua vista pegou as ruas depois de uma hora e pouco na estrada, as igrejas no fundo e até a névoa difusa se alastrando baixa pela serra como fios esparsos de algodão. Era a configuração ótima da vista da cidade e, ainda assim, nada. A casa da Tamires nunca esteve bem-cuidada, mas parecia em pior estado do que ele lembrava. Vidro quebrado na janela da frente, o muro todo pichado do lado de fora, cheio de lixo no jardim (dezenas de latinhas de cerveja e refrigerante, coisa que ela jamais consumiria, ele pensou, devia ter sido jogado pelos babacas dos foliões no último carnaval). Chegou a achar que talvez tivesse se mudado, mas sabia que era bastante improvável. Tamires tinha motivo pra nunca querer sair daquele lugar.

Bateu palma e gritou três vezes, sem ouvir resposta de dentro. Procurou

campanha e encontrou a carcaça de um interfone com fios dependurados. Empurrou a porta metálica esperando encontrar resistência, mas ela abriu de uma vez, com ele quase caindo. A porta da casa também tava aberta e foi depois de abri-la que encontrou Tamires esparramada em almofadas, no chão, com fones de ouvido e um casaco de moletom apesar do calor guardado na sala. Os olhos dos dois se cruzaram de imediato. Ela tomou um susto, tira os fones.

— Caralho

— Oi.

— Cê tá louco? Que merda que cê tá fazendo aqui?

— Bom te ver também, Tamires.

— Não fica de merda, tu entra aqui do nada aqui, caralho. Porra. É assim que te ensinam na porra lá do teu trabalho, imagino.

— Eu tentei gritar, bati na porta. Tu não devia deixar ela aberta, aliás.

Ela se acalma um pouco.

— Não lembrava de deixar aberta. Tem uns dias que eu não saio. Mas cê sabe direitin como que foi a última vez que eu te vi. Você não veio porque tá com saudade, Nilson.

— Como é que você sabe?

— Eu poderia te dar uns dez motivos. Pra começar o fato deu te xingar na internet quase semanalmente.

— Eu tava tentando ser educado, Tamires. É claro que eu não vim aqui brigar sobre política.

— Desembucha, então.

Ele olha bem pra ela e tenta fazer uma cara séria e compadecida.

— Qual foi a última vez que cê viu o Renato?

— Puta merda, nem lembro. Por que?

— É uma história comprida e eu nem posso te contar ela toda. Mas eu preciso falar com ele. Assim, urgentemente.

Tamires enfezou a cara com má vontade e depois modificou a expressão para algo que Nilson entendeu como “tu nem me conta a história toda e ainda acha que eu vou te dar algo?”.

— Eu sei que você não confia mais em mim, mas ele tá em perigo. De verdade. Tão achando que ele tá metido com uns negócios que ele não deve ter nada a ver. Espero. Coisa séria. Sequestro, o caramba. Eu posso não morrer de amores pelo Renato hoje, mas não tenho rancor dele. Juro que não tenho. Eu quero ajudar.

— Oi? Sequestro? O Renato?

Ela olhou Nílson de cima a baixo, a cara franzida, os braços cruzados. Tamires parecia tentar julgar se conseguia acreditar naquilo ou não, dava pra ver o sopeso de considerações pendendo pra um lado e pra outro. Ela sempre teve um rosto involuntariamente expressivo, que deixava sair muito mais do que gostaria. Era uma das muitas coisas que Nilson gostava nela, inclusive. Ela agora fecha a cara e olha pro chão.

— Eu não sei onde ele tá. Não sei mesmo. Mesmo se eu quisesse te ajudar. Só posso dizer que a última vez que eu vi o Renato ele não tava bem. Deve ter uns meses, lá em BH. Tava falando uns negócio muito alucinado.

— Alucinado como? Mais que a média, assim?

— ...

— Alucinado como, Tamires?

— O negócio é que eu não sei se ele tava brincando. A gente nunca sabe, né, com ele?

— Claro.

— Mas sim, bem mais que a média. Ele ficou falando como se tivesse viajado no tempo.

— Como assim? Devia ser piada. Ou ele tava muito doido na hora?

— Ele tava sóbrio, quase certeza. Até onde o Renato fica sóbrio, tipo, ele não foi claro. Mas que tinha viajado ou pelo menos tido umas visões do passado, ele ficava fazendo mistério, mas tava muito impressionado. Muito mesmo. Eu sei como que é o Renato tirando merda da bunda, improvisando besteira na hora e não parecia ser isso. Ou ser só isso. Ele parecia muito convencido de alguma coisa. Até assustado. E foi logo depois disso que ele sumiu. Não vejo ele tem tempo.

Nílson escutava com a cabeça baixa, anotando num bloquinho que tirou da mochila.

— Isso já ajuda, Tamires. Já ajuda muito.

— E tu não vai me contar mesmo?

— Não é interessante, Tamires. E nem sei se é bom pra você saber.

— Ah, tá, então, cê tá é me protegendo, né? Claro que sim.

Nilson se levantou, passou por uma parede larga quase toda coberta por um pano empoeirado.

— Posso ver o mural? Tá terminado?

— Pode não e não tá não. Tá do jeito que tava, ainda. Nunca mais animei de continuar.

Ele continuou por alguns segundos segurando uma ponta do pano, olhando para ela. Acabou levantando e dando uma olhada mesmo assim.

— Cês são muito doido, viu. Cês são pouco doido não.

>>

## 38.

&lt;

Murilo ficou deitado enquanto a avó saía do quarto, mas logo percebeu que não dormiria tão cedo (e que talvez isso nem fosse exigido dele). Saiu devagarinho do quarto, andando com muito cuidado. A vó assistia televisão na cozinha sem prestar muita atenção, jogando sucessivas partidas de paciência e falando consigo mesma. Murilo ficou na sala com o cachorro, no escuro, puxando das prateleiras os discos de vinil e achando muita graça das figuras inesperadas e dos velinhos sorridentes ou carrancudos que apareciam ali de terno ou de suéter junto de nomes estrangeiros cheios de várias consoantes e acentos que ele não sabia que existiam. Leu uma das revistas que trouxe na mochila, uma do Homem-Aranha em que ele tinha que lutar contra o Abutre, tentando demorar em cada quadrinho muito mais do que o estritamente necessário, para que ela não terminasse rápido demais.

No dia seguinte, Murilo acordou cedo e ficou em silêncio na cama de olhos fechados. Depois da barriga reclamar por um tempo, que pareceu muitíssimo comprido, decidiu ir procurar café da manhã e ficou muito feliz de descobrir a existência de biscoitos de maizena na mesa e a liberdade de assistir televisão sozinho na cozinha por algum tempo. Assistiu “Pesca e companhia”, “Siga bem caminhoneiro” e parte de um desenho animado do qual ele não gostava por motivos muito bem delineados que ele vivia formulando e reformulando, embora nunca tivesse tido a chance de explicá-los para ninguém.

O almoço foi silencioso e menos tenso do que Murilo antecipava, mas o seu avô pareceu muito incomodado com a presença de *nuggets* de frango na sua mesa, o tempo inteiro olhando pra eles com uma cara revoltada que Murilo não conseguia entender. Depois de comer, Tasso pôs um disco pra escutar e ficou cochilando no sofá. Era a primeira vez que a porta do seu escritório ficava aberta e Murilo decidiu dar uma espiadinha.

Encontrou uma biblioteca extensa e bem montada mas desorganizada no momento, uma mesa de trabalho repleta de de papéis, lápis afiadíssimos, esquadros, canetas, livros, cadernos e pequenos objetos de madeira, tudo encaixado e limpo, um encadeamento de objetos elegantes e auto-sufi-

cientes, iluminados pela cimitarra grossa de sol na parede.

Murilo estava um pouco tenso de estar ali. Ninguém havia dito que o escritório estava além de seus limites, mas essa compreensão parecia tácita. Nem a sua avó havia entrado ali desde que ele chegou. Notou que não havia poltrona nem cadeira alguma no escritório. Tinha uma rede amarrada num canto, mas só. Além da escrivaninha comprida que parecia servir basicamente de depósito de livros e papéis amontoados, Murilo notou no centro do escritório, virado para a janela, um móvel alto de madeira que parecia um púlpito ou um suporte para partituras, guardando folhas brancas todas escritas e um lápis. Murilo só intuiria isso alguns dias depois, mas aquele era o suporte que o avô usava para ler e escrever, o que ele aparentemente sempre fazia em pé.

Enquanto tentava ler as lombadas dos livros, Murilo ouviu um barulho fraquinho de uma porta fechando atrás dele. Ele virou assustado para encontrar o avô sério diante dele, como que assustado com sua presença. Óculos quadrados e bem grossos, de aro de tartaruga, os olhos que quase sumiam lá dentro.

— Você gosta de ler?

A pergunta havia saído num tom muito estranho, difícil de se posicionar. Parecia bravo, como se ler fosse um hábito muito condenável, quase incompreensível. Por isso Murilo não conseguiu responder, ficou encarando o avô de volta, esperando mais instruções.

— Sim.

Ele que havia dito isso? Aparentemente sim.

O avô sorriu e tocou o topo de sua cabeça com a mão, virou as costas, pegou um livro da estante e o abriu no móvel de madeira, retirando do bolso da camisa uma lapiseira e a depositando perto do livro. Não fez mais nenhum gesto na direção de Murilo, que continuou ali um tempo observando, sem saber se devia sair ou não.

>

## 39.

&lt;&lt;

De todas as muitas vantagens trazidas pelo seu sucesso considerável nos últimos 15 anos, Solano Magalhães Camargo (filho de Margareth Pinto de Souza Aguiar Magalhães e de Antônio Pedro Moreira Camargo, nata da sociedade carioca, os dois, ela herdeira e presidente da terceira maior empreiteira do país) certamente se apegava antes de tudo a poder ficar pelado ou seminu quando quisesse, ou quase.

Já era difícil vê-lo com muita roupa antes disso, mas depois que uma obra sua chegou a vender por quase um milhão de dólares, isso já quase dez anos atrás, Solano praticamente não mais vestiu uma camisa. Os seus sessenta e poucos anos lhe davam alguns chumaços brancos no peito cabeludo e magricelo, cavado pra dentro. Seus braços quase esqueléticos tavam frequentemente fazendo um Z egípcio prum lado e pro outro, quase que como pontuação do que ele falava, e devia ter pelo menos vinte anos que Solano não passava mais de duas horas desperto sem estar bêbado, cheirado, fumado ou sob o efeito de algum remédio careta obtido de algum médico amigo seu. Calça só de couro (ou moletom pra dormir no frio). Só em viagem de avião podíamos vê-lo de camisa e bermuda e era só decolar que ele desabotava ela toda, deixava a pança derramar-se sobre a cueca e a braguilha arregaçar o máximo que podia. Quem reclamasse era atendido com um sorriso mordendo a língua ou com as mãos fazendo óculos de cima pra baixo. Quem reclamasse de novo depois disso talvez levasse uma mordida de leve nos dedos.

Ele quase só fazia esculturas desde os anos oitenta, embora as tenha chamado, nesse meio-tempo (por ordem), de composições técnico-orgânicas, plastiformas, bichos-coisa e objetos (des)encontrados. Nenhuma delas, e muito menos os seus nomes, vingavam muito, apesar do encorajamento pouco entusiasmado em algumas resenhas de amigos ou amigos de conhecidos. Solano tem hoje certeza do valor extraordinário de todas essas obras, não só estético como ético e político. Era só a sua personalidade artística que não tinha ainda plenamente desabrochado nessa plena flor da cultura nacional, além do provincianismo insuportável dos trópicos que

havia impedido por tanto tempo que sua grandeza fosse adequadamente reconhecida.

Pedro, seu filho, começou a usar aparelho aos vinte e dois anos, por opção, e mesmo depois de dois ortodontistas dizerem que não havia mais o que se corrigir ele foi atrás de um terceiro que encontrasse ainda defeitos a serem melhor modelados. Ainda morava com o pai apesar de ter formado em engenharia civil dois anos atrás. Era difícil vê-lo sem camisa social (o máximo que ele transigia era uma camisa polo), quase impossível vê-lo sem calça jeans e cinto de couro marrom ou preto. A sua reação diante de qualquer manifestação artística um pouco mais pretensiosa ou metida a besta (como ele chamava) era de sorrir com o canto da boca e fremir um pouco as sobrancelhas. Quando alguém dizia não conhecer a obra de seu pai ele sempre dizia a mesma coisa, de preferência bem alto, se ele tivesse por perto:

— Parece assim uns bagos dependurados, nunca viu?

— Acho que não.

— Uns bagos assim ou umas tetas, mas parecem mais bagos mesmo. Meio derretidos. Antes alguns tinham mamilos, mas mamilos estranhos, todos espiralados, às vezes pra dentro. Hoje isso é raro.

De fato pareciam tanto bagos quanto tetas, as obras mais famosas de Solano. Adquiriam as formas mais diversas de totens, cetros, estandartes, poltronas, chocalhos, pochetes. Mas eram sempre pilhas sobrepostas de bolas pendendo, com textura de pele, às vezes mamilos, às vezes pelos esparsos.

Era rara, quase inexistente, uma foto jornalística de Solano em que ele não estivesse de alguma forma interagindo com um de seus artefatos, geralmente de maneira cômica e sugestiva.

Pedro só foi descobrir que quase metade da atividade comercial galerística de seu pai era lavagem de dinheiro recentemente. Isso só fez trazer um carimbo oficioso e racional a um incômodo (frequentemente raiva, mesmo) que ele sentia bem mais difuso e desde sempre, desde antes do pai fazer tanto sucesso.

>>



## 40.

&lt;

Durante o jantar, que envolvia apenas Murilo e Teresa (“seu avô quase nunca janta, só come um mamão que eu ponho na porta dele”), ele percebeu a disposição que a avó tinha de contar histórias. Decidiu se aproveitar disso para preencher as várias lacunas da vida dos dois que lhe incomodavam (ele não gostava de lacunas). A avó parecia gostar da atenção, mas se complicava nas histórias, ia e voltava, rearranjava detalhes toda hora. Só depois de ouvir várias versões de cada informação é que Murilo conseguia achar que podia depurar dali um meio termo mais ou menos confiável.

Murilo montava como podia uma imagem que fizesse sentido a partir dos retalhos que a avó lhe dava. Tasso provinha de uma família dura de fazendeiros mineiros de doze filhos, dos quais o pai escolheu os mais velhos para estudar. Tasso (o primogênito) pra engenheiro e o segundo mais velho, Roberto, pra médico. Os outros todos trabalhavam na fazenda da família. Os irmãos pareciam ter um ressentimento vago e raramente articulado de Tasso, da figura meio canhestra que ele fazia, liberado de trabalho braçal e da maior parte dos hábitos e tratos dos irmãos. Tasso acordava na mesma hora dos outros, embora não tivesse que ir trabalhar. Ficava sentado na varanda da casa com a mãe e o irmão mais novo, constrangido. A mãe e as criadas tratavam os dois como se fossem doentes, diferentes de alguma maneira, o que sempre contribuiu para que Tasso fosse destacado do resto da família. Apesar de óbvio, o ressentimento dos irmãos não tinha como ser expresso de forma legítima, já que Tasso sempre se manteve respeitável, sempre atendeu as responsabilidades de estudante e filho que haviam sido assinaladas pelo pai e, mais tarde, sempre cuidou de sua esposa devidamente. Calado durante as refeições e festas de família, nunca bebendo, sendo formal de uma maneira que ninguém lhe ensinou a ser. Os irmãos tinham séria dificuldade de respeitar alguém que não bebia, quase toda a interação entre eles se dando através ou em torno de cachaça e cerveja. A sua introversão puxou o isolamento, que por sua vez fortaleceu sua introversão, e essa alça recursiva engrossava até hoje. Depois de estudar em Belo Horizonte, Tasso foi ficando ainda mais estranho, ainda mais re-

traído, lendo muito mais do que a faculdade obrigava, visitando a família na fazenda no máximo duas vezes por ano (enquanto Roberto, o médico, ia quase todo mês). Depois de casar com uma menina mais retraída que ele, uma prima distante também de Belo Horizonte, o afastamento se deu por completo. Mandava dinheiro para ajudar os irmãos mais novos começarem a vida, mas ninguém ouvia de sua família. Há décadas que ele não visitava ninguém nem no natal.

No final da década de cinqüenta Tasso ficou excitado com o projeto de Brasília, com tudo que ele acreditava que a cidade representava para o que ele chamava de Humanismo Brasileiro, e assim que descobriu uma oportunidade concreta de emprego, se mudou prontamente para lá com a mulher grávida. Não havia nada quando chegaram, a vó disse, só barro em todas as direções. Ela não lembra de uma época em que Tasso tivesse tão animado, tão bem disposto com as coisas. Mesmo depois de se assentarem num bom apartamento a vida era mais custosa do que em Belo Horizonte. Leite era racionado e as poucas lojas viviam vazias. Eles foram a primeira família a se mudar para aquele prédio onde moravam até hoje. Dois dias depois se mudou a família Ribeiro, gente de Recife com quem Tasso logo brigou.

Tasso havia se desapontado com Brasília, mas não sabia dizer exatamente porque. Ele esperava alguma coisa maior, esperava que alguma coisa se realizasse ou se afirmasse de forma inequívoca quando a cidade fosse inaugurada, como se um esforço tão monumental precisasse obter um efeito monumental no mundo, como se todo mundo que viesse pra cá de alguma forma tivesse que se envolver com aquele desenho, com aquela vontade de instaurar uma ordem, começar alguma coisa, levar o Brasil e a humanidade a sério. A avó contava que logo quando as obras foram diminuindo e a cidade foi ficando pronta ele teve uma fase deprimida, parou de encontrar os poucos amigos que tinha, se tornou ainda mais calado do que era e começou a ler mais do que já lia, a fazer quase que só isso. Quando o golpe veio, e a UnB em seguida foi esvaziada, ele entrou num humor soturno derradeiro do qual nunca saiu.

— Ele lê muito, seu avô, né, sempre, sempre leu muito assim desde que eu conheço ele tá sempre com um livro, sempre escrevendo nos livros, sempre encomendando e mandando cartas e pedindo catálogo e brigando com os moços da livraria que não chega. Se tem uma coisa que realmente é ele e ele gosta são os livros dele. Tem uma cultura enorme, sabe tudo quanto há,

mesmo, mesmo, se quisesse poderia até dar aula, que eu já falei com ele Tasso por que você não dá aula? Mas ele diz que esses meninos não sabem de nada, que ele não teria paciência, e é verdade, né, ele não é paciente de jeito nenhum, isso não dá pra dizer que ele é, não.

Enquanto tentava ler as revistas que trouxe, Murilo ouvia as anedotas distraídas e compridas da avó, juntava à imagem daquele senhor rabugento. Imaginava aquela vida comprida povoada de construções mentais enormes e despovoadas, de uma introversão profundamente enrodilhada em si mesma. Murilo nunca tinha visto alguém daquele jeito, ele não sabia nem que dava pra ser assim.

>

## 41.

&lt;&lt;

Eu empacava. Assim, mesmo. Tipo o piripaque do Chaves, praticamente? Segurava um braço no outro e ia meio encurvando assim, olhando pro além, até começar a falar alguma coisa. Alguma coisa assim que já existe, comercial ou canção, e que não tinha nada a ver com a situação. Quando é assim, eu só saio no choque, de uma vez. Desenterro alguma coisa que me salva, alguma muleta (o filho da puta que inventou que chamar algo de muleta é xingamento claramente tinha todas as pernas). Tudo que funcionar funciona. Por exemplo: Romy Schneider com membranas interdactilícas naquele filme. Dácteis? Entre os dedos. Sou eu, aquilo, todinho. Ou o Jorge Aragão falando “nada, nada é meu, nem o pensamento”, tal qual um neoplatônico truzera (o nous não é teu, não, meu bem). Riqueza de timbre, os pontos descontínuos que dão em continuidade, desembocando em pátio amplo. É por movimento. Pronto. Não tem razão que dê conta de si mesma, Cleiton-Emanuel-Canto. Quanto menos do mundo, é tanto giro em falso que parecemo time de pebolim, os João e Joana sem braço. O tempo bifurcado, correndo pros dois lados, enquanto a gente só vê um, lisinha a curva entre eles. Só os ventilador sem pá. A história dando um sentido tardio, atrasado, pro tempo. Da satisfação e do fracasso, perguntas em avanço. Como quem bota calças num defunto. As calças são pra nós, não pra ele. Pra ele é tarde demais para o conceito de “calças” apanhar muita coisa. Avanço. Que elas avançam. Surdo de terceira quebrando, quebrando.

A primeira vez que rolou isso deu travar feio foi uma bosta, tava dentro duma delegacia, imagina, pela primeira vez na vida. Em São Paulo. Dezenove anos de idade, o cu travado igual um punho. O primeiro depoimento em delegacia é uma performance crucial na vida da pessoa. Me fizeram uma pergunta simples, do tipo nome e naturalidade, e não consegui responder. E não consegui porque não consegui mesmo, não saía nada. Me deram um tapa na nuca e perguntaram de novo. Daí eu desembuche

*Transato transbordamento transbordante transbordo transcendência  
transcendental transcorrer transcorrido transcrever transcrição transcrito  
transcritor transcurso transe transecular transeunte transexual*

Aquela era a página seiscentos e alguma coisa do Minidicionário Miranda da língua portuguesa. Foi o primeiro livro que eu engoli de verdade. Tinha dezessete anos e morava no Rio. E isso foi sair mais de dois anos depois, em São Paulo. Cê pode imaginar como ajudou na minha situação.

A maneira que eu vim a meio que explicar pra mim mesmo com os anos é que alguma coisa me desmonta, seja por ser estranho, por ser constrangedor, por ser emocionante, por ser lindo, por ser tesudo, por ser feio, por ser terrível, por ser maligno, por ser maravilhoso, por ser divino, e diante de qualquer coisa que me sature de tanta intensidade que eu não consiga suportar, eu travo e não sei reagir, a abóboda cava pra dentro, não computa, a ação correspondente não brota e, de alguma forma procurando uma solução, minha cabeça me vem com algum sucesso, guardado ali que por algum motivo encaixe, na hora, seja refrão ou manchete e depois que o encaixe vem a coisa é imediata, eu mal percebo, eu só faço. Não sou nem eu falando, exatamente. Saca? É tipo estar possuído. Digo literalmente.

Eu sempre desde moleque gravei assim fácil-fácil comercial que eu ouvia, música que tava tocando no rádio, essas coisas tavam sempre ecoando na minha cabeça. Sempre fui maleável como massinha, tudo se imprime, quase nada fica. Eu capto, registro e re-transmito. Mas foi depois da minha mãe morrer que começou a rolar isso deu estar bem ansioso em público e do nada eu vomitar alguma dessas coisas mil vezes, ou começar a encadear um refrão de música em outro tipo vinheta de rádio, série de comercial atropelado e acelerado, narração de golos fictícios notáveis.

As pessoas tudo olhando em volta, dependendo do contexto explodindo de rir ou só ficando todo mundo muito sem jeito olhando cada um prum canto como se não fossem com eles. Isso acontecia muito quando eu tinha uns quatorze, tipo uma vez por semana, mais ou menos, ou mais, mas aí eu fui tentando dominar. Minha primeira estratégia foi fazer que a coisa que me explodisse fosse Tim Maia, porque a maior parte das pessoas gosta de Tim Maia e não vai ficar tão desagradada quanto se eu começo a gritar um proibidão ou a música-tema de algum anime (algumas em português, outras transliteradas por euzinha mesma). Não funcionou tanto (mas deu num lindo momento uma vez num ônibus eu e mais duas tiazinhas hippie de cinquenta anos cantamos “Universo em Desencanto” a plenos pulmões).

Eu não tenho uma voz bonita, mas não tem problema. Aqui dentro soa ótimo.

Eu sempre quis ser artista. Mas artista eu digo de televisão, né, famoso, eu digo. Porque artista no outro sentido, no sentido olhem-para-mim-sou-um-gênio-que-experimenta-e-cria-mundos, essas besteira, isso nem passava pela minha cabeça. Artista era gente gostosa que aparecia na televisão. Hoje eu vejo o tanto que essa noia é errada. O que não quer dizer que eu não tava já certo, na época, dum jeito torto. Na pegada, já, eu digo, mais ou menos. Te dar um exemplo idiota. Em 96, no Rio ainda. Eu, moleque de tudo, um dia, doidaço, vi uma propaganda da Nike que me irritou. Eu nem lembro mais te dizer como que ela me irritou, era um negócio meio normal pra essas coisas, uns cara lá forte correndo e sendo potentes com uns negócio deles. Era foto, aliás, numa parada de ônibus perto da Brasil. E tinha aquela frase famosa deles, né, just do it. Nike era uma deusa da vitória, né, tem aquelas estátua famosa e tudo. Bem depois eu descobri. E virou isso aí. Essa escrotidão esparrada, tão embaçada. Eu tava fumado, tava eu, Mateus, Sardinha, Jemerson e Pamela, acho. A única mulher, a única que sabia inglês. E a Pamela traduziu ali na hora e a gente ficou repetindo assim dum jeito idiota, com uma voz idiota, de comercial antigo, ou de rádio, assim, *Apenas Faça Isso. Apenas Faça isso.* Não tinha sentido nenhum. Era só um estilo, né, uma onda, assim. Eu conseguia entender isso, que nem era pra fazer muito sentido, mas era bem isso que me irritava. Eram que nem aquelas camisa que falava umas palavra em inglês que na época eu ficava suspeito do que significava e que eu fui descobrir tempo depois que não dizia era porra nenhuma. *Authentic Baseball power for space.* E aí quê que eu fiz? No dia seguinte eu peguei o negócio lá que me pagavam pra ficar segurando no centro COMPRO OURO e fiquei umas horas com o negócio escrito lá um papel em cima NUNCA FAÇA ISSO. Eu quis fazer esse trem, achei bom, vislumbrei de noite e de manhã consegui que um bróder meu que trabalhava em escritório imprimisse pra mim e fiquei lá segurando o negócio no peito com uma cara boa, até, um tempo. O povo olhava um pouco, mas ninguém parecia se ligar muito não, na verdade. São Paulo, né? Mas hoje eu vejo que era arte já aquilo lá, já, mas se tu fosse me dizer isso na época eu ia rir da sua cara, não ia nem entender. Era só gracinha, só. E era. Mas ao mesmo tempo era a coisa mais séria do mundo.

&gt;&gt;

## 42.

&lt;

No dia seguinte Murilo bateu na porta do escritório do avô. Tasso abriu com uma cara perplexa, parecendo pronto a reclamar de alguma coisa, mas sua expressão mudou quando viu que era Murilo ali. Pareceu confuso, não disse nada, mas voltou para a sua mesa e deixou que Murilo entrasse.

A avó ficava quase histérica com a sua presença, sorria sem parar e começava a fazer café e pão de queijo como se alguém lhe estivesse apontando uma arma. No segundo dia Murilo conseguiu formular pra si mesmo uma impressão que teve assim que chegou. Apesar de apreciar a gentileza da vó, era bem claro que a sua presença causava muito mais ansiedade do que alegria.

Já o avô passou a escancarar a porta do escritório quando via que Murilo estava lá, diante da porta entreaberta, sem dizer nada. Murilo entendia isso como um convite, entrava e ficava sentado no chão diante da estante, com ele. Lia e folheava os livros por horas. Começou com os livros de arte e de história que tinham ilustração, nas prateleiras mais baixas. Murilo nunca tinha se concentrado por tanto tempo numa coisa muda, mas a presença daquela figura levemente assustadora o obrigava a ficar concentrado e quieto, o ar fechado e sério ganhando para Murilo contornos afetivos que ele só sentiria de novo depois disso em bibliotecas públicas.

— O senhor escreve? Eu vi que tem vários cadernos.

Ele levantou o rosto assim que ouviu isso, sem olhar para Murilo, virado para a janela. Ficou parado um bom tempo.

— Sim. Mas eu não sou muito bom.

Murilo sorriu, sem saber como responder, e nem se ele devia dizer alguma coisa. Ele também não sabia escrever bem direito, tinha aprendido há pouco tempo. Mas o avô não devia estar falando de conseguir fazer o 'R' direitinho.

— Na verdade eu não sou nem um pouquinho bom.

No sábado, dia em que o avô comia meia barra de chocolate e cochilava

livremente, eles ficaram ouvindo vinil de música em que ninguém falava nada, só gritava “OOooOOooOO”. Tasso falando fraquinho coisas que Murilo quase nunca entendia enquanto batia na porta a cauda de um cachorro que mal lembrava que existia, a tarde morrendo lá fora.

>



## 43.

&lt;&lt;

Fabiana sai do quarto escuro chamando por Flávio. Ninguém responde. Desce as escadas com pressa, a mão direita firme no corrimão. Quando chega na sala invadida de luz demora uns segundos pra perceber que não era, como tanto lhe pareceu de imediato, um acúmulo de pequenos brontossauros ali na sua frente, lá fora, vistos pela fresta de janela entre o sofá e a persiana.

O que era eram os rabos todos empinados dos muitos (quinze? vinte?) gatos, que estavam até o momento quase quietos, mas que, com a sua presença, começaram a se alarmar num massa volumosa de uivos (estridentes e agoniados, uns, afiados e arredios, outros).

Onde que ela tava? Os seus peitos doíam um pouco, ela reconhecia a calcinha e as meias que estava usando, mas não a camiseta do Patolino com o que talvez fosse sangue espirrado, já marrom e seco, num canto. Eita. Ela olha por dentro da camiseta e vê que seus peitos têm uma marca vermelha de mão. Sua espinha enrijece. Nem no quarto e nem na sala encontrou algo pra vestir as pernas, os armários vazios como os de um hotel. Do seu celular e da sua carteira tampouco havia qualquer rastro. O que ela encontrou foi um aparelho estranho jogado perto da cama (meio mal-acabado, com placas expostas, fiação meio tosca) com uma estrutura metálica redonda que parecia feita para acoplar no pescoço.

Quem que ela conhecia que teria tanto gato no jardim? Que merda de casa chique era aquela?

Se tavam todos lá fora talvez não fossem da casa, fossem da rua. Talvez a pessoa só alimentasse. Ela se sentia ao mesmo tempo desperta e alerta pela situação e estranhando muito as impressões que tava tendo, como se o mundo demorasse ou derretesse de uma indecisão que ela associou de imediato com ressaca de doce e de bala. Mas uma coisa era tomar um negócio e esperar o efeito, outra era acordar assim. Sem lembrar de ir dormir. E acordar assim numa situação tão confusa, tão escrota. A gastura trincando nos dentes fez ela pensar em pó, mas ela não cheirava tinha quase dois anos já, não devia ser.

Ela já tinha acordado antes em algumas casas que não conhecia e pras quais não lembrava de ter ido, mas sempre tava com o celular ou acordava com alguém que conhecia ou semi-conhecia. Uma confusão mental se redobrava sobre outra. Ela tenta fixar a última memória clara, lembra-se de esperar Flávio de fora do metrô Vila Mariana, que ficava perto do trabalho dele. Não lembra de ter tomado nada tão assim na noite anterior. Tava com a Cátia, o Flávio e o tal do amigo dela, tavam num bar aleatório meio lanchonete bebendo um litrão que ficava quente rápido. Eles iam fazer alguma coisa importante, mas ela não consegue de jeito nenhum lembrar o que era. A última coisa que ela lembra era da Cátia se despedindo. E o Flávio? Onde que tava o Flávio? Será que ela não tava era pirando? Talvez não tivesse tomado nada. Só bebido. E feito alguma coisa horrível, tão horrível que nem lembra. Ou sofrido. Feito ou sofrido. Tão horrível que nem lembra.

>>

## 44.

&lt;

Depois de alguns dias, o avô começou a falar com mais frequência, confessar coisas inesperadas num tom que Murilo não conseguia ter certeza se eram direcionadas para si mesmo, para ele ou para alguma terceira entidade não nomeada.

Disse da vez que tinha sido levado com dezessete anos a um puteiro no interior de Goiás com os irmãos mais novos, quando descobriram que ele ainda era virgem. Contou do seu constrangimento e de uma senhora bem mais velha, “gorda como uma porca” e muito gentil, que tinha visto o tanto que ele estava apavorado e concordou em masturbá-lo e ficar por isso mesmo. Murilo não compreendeu o eufemismo usado pelo avô, mas entendeu que estava falando de sexo, o que ele nunca tinha visto um adulto fazer fora da televisão.

Tasso disse também da vez que havia ajudado um senhor cujo nome Murilo não entendeu com a sua tradução de algum autor cujo nome tampouco Murilo entendeu e que o filho da puta não o teria creditado devidamente. Que sem ele a tradução teria ficado uma bosta. Falou disso por mais de uma hora seguida.

Depois disso finalmente se calou por um bom tempo, remexendo o excesso cinzento e machucado de pele seca e esbranquiçada no cotovelo esquerdo com a mão, parecendo com os olhos lembrar de muita coisa e tentar decidir se falava ou não. Até ficar sério, meio espantado, semiboquiaberto, como quem acabou de ter uma puta numa sacação.

— Você vai tomar nota, menino. Da história.

— Que história?

— A minha psicomaquia. As minhas, na verdade. Os gilgameshs aqui, filho. Eita.

— O quê?

— Eu estou tentando chegar o quanto antes na lectura dadueundécima, o oito repartido, o boi arrependido, sim. Antes que termine.

— Oi?

— Lá vem. Começou. Foi. Eita ferro.

— Oi?

— Lectura undecima, dois pontos.

— O quê?

— A transmutação em curso, o senso de si dividido e o processo de sua unificação e conseqüente dissolução. Fez que não ia, fez que não ia e foi. E fumo.

— ...

— Entendeu?

— Oi? Eu não –

— ENTENDEU? TOMA NOTA, MENINO. TOMA NOTA.

Ele estava possesso, de repente. A boca enfezada pra baixo de um jeito esquisito, azedo, os olhos acendidos, tudo de repente reteso como se de uma necessidade premente. Murilo pegou um bloco e ficou a postos, olhando para o avô com uma cara que ele esperava que estivesse transmitindo incredulidade. Mas aí ele não disse nada, continuou com a expressão atenta por alguns segundos e logo tinha o rosto solto como se jamais tivesse dito coisa nenhuma.

>

## 45.

&lt;&lt;

Assim que os pratos chegaram, Cristiano pediu licença para ir ao banheiro. Como estava no canto da mesa, seu pai, a esposa novinha dele e um de seus irmãos mais velhos tiveram que levantar para ele passar. Reclamaram da sua saída ao banheiro assim que a comida chegava, Cristiano pediu desculpas rindo, como sempre fazia. A família era toda de Cuiabá, mas os filhos viviam em São Paulo tinha mais de uma década, e o patriarca também trabalhava lá durante mais da metade do seu tempo. Somando a família toda, laranjas inclusos, eram donos de mais de seis milhões de hectares em três unidades da federação, pelo menos quinhentas mil cabeças de gado e cem mil de porco. A mesa tinha seis pessoas sentadas, duas esposas ainda estavam por chegar.

Cristiano trancou a porta do banheiro assim que entrou, encarou o espelho. Seus minúsculos olhos azuis pareciam sumir naquele rosto enorme e rosado. A testa brilhava de suor, duas pizzas cresciam debaixo dos braços da camisa morstarda.

— Você não tá tendo uma crise. Cristiano. Cristiano. Isso não é uma crise.

Ele sempre se sentia idiota quando falava sozinho, mas já tinha ajudado antes. A única coisa que havia prestado dos meses com aquela bosta daquela terapeuta carésima e arrogante. Dessa vez não vinham à mente as imagens de sempre (dele mesmo pelado, gordo, com gente rindo em volta, dele criança no meio de adultos do tamanho de arranha-céus). Há três semanas, desde que voltou pra casa, Cristiano o tempo todo lembrava do maluco sem perna pulando, rebolando, curvando e mostrando o cu bem aberto pra ele, piscando.

— Isso aqui é um portal, meu querido. Um portal prum mundo maravilhoso.

Cristiano lembrava dele próprio rastejando no meio dum bando de porco, as pernas amarradas uma na outra. Os porcos rosados e gordos que nem ele, fazendo aqueles barulhos focinhados, borbórismos amassados

que ele ouvia agora saindo de qualquer tubo, qualquer canto, dormindo ou acordado.

No raio-x não encontraram nada na nuca dele, apesar da sua insistência de que tinham botado algo nela, a memória de sentir uma picada por ali durante uma noite grogue, com o aleijado e a gorda segurando o seu pescoço e discutindo entre si. Ele sabe que quando ele fala isso pros outros ele soa maluco. Depois do último depoimento que deu para a polícia federal o cara fortinho de aparelho olhando pra ele com cara de pena, Cristiano desistiu. Só conversa com a esposa, quando bebe, chorando até amanhecer. O pior momento foi a piscina. Ele não sabe do que é que tinham enchido aquilo ali, mas enquanto viver vai lembrar da consistência. Aquela gosma rosa espessa, o cheiro de amônia e de morte e o corpo todo entranhado daquilo por dias. Dava engulho só de lembrar. Era impossível pra ele comer carne sem sentir aquilo de novo, a pele toda empestada. Ainda mais carne de porco, que sempre foi a favorita dele. Ele quase só comia peixe desde aquele dia. E quando tentou explicar pros irmãos todos só foram fazendo uma cara de confusos e irritados até ele desistir. Ninguém gostava nem que ele lembrasse do assunto, preferiam que fingisse que nada tinha acontecido. Às vezes Cristiano suspeitava que eles nem acreditassem nele, não inteiramente. Pareciam achar que ele tinha endoidado, inventado aquilo tudo. Trocavam olhares entre si sempre que ele tentava falar sobre aquilo. Endoidar ele pode ter endoidado, mas foi depois. Aquilo tudo aconteceu mesmo, Cristiano sabia. Não tinha como não saber. Os porcos correndo junto com ele, a gorda de máscara lendo aquelas coisas horríveis por horas, as descrições de animais que passam a vida confinados, empilhados com outros, comendo os restos mortais dos seus pais e avós, ouvindo o grito deles de dor, o cara sem perna tirando os negócios do cu. Como que ele ia conseguir inventar aquilo tudo? Donde que ele tiraria essas desgraças?

Ainda no banheiro, Cristiano imagina a mesa, seu pai com a mulher gostosa dele e os irmãos com as deles, até a Regina atarantada e tensa por sua causa, todo mundo lá feliz da vida metendo seus garfos e facas nas coxas e pernas e braços e peitos de bichos mortos em cima do prato. Ele sugeriu japonês, o pai e os irmãos emendaram o nome de três churrascarias, escolheram a de sempre. Ele ensaiou pedir um frango, o pai olhou pra ele com uma cara irônica. A cara que ele mais teme no mundo. Pediu costelinha de porco para dividir. Agora tem que comer. Não tem jeito. Olhou de novo sua figura

no espelho, o rosado indo pro vermelho, seu cabelo castanho encaracolado, os olhos azuis opacos, a cara assustada. Lavou o rosto, falou de novo pro espelho que não tava tendo uma crise de ansiedade e voltou para a mesa com um sorriso enorme, fazendo todo mundo levantar de novo para ele voltar para o seu canto. Foi só sentar e espetar o canto de uma costela com o garfo que lhe veio uma inundação, o vômito de vermelho vívido de beterraba jorrando numa rajada que atingiu três pratos, dois celulares e uma echarpe de caxemira antes que se voltasse para o chão.

>>

## 46.

&lt;

Terminada a semana, os pais chegam de viagem no domingo à noite e levam Murilo de volta pra casa. Trazem para ele de presente um boneco do Baby (da família dinossauro) e um boné do pato Donald, que ele acha incrível e fica usando no banheiro por horas. Olhando no espelho e falando consigo mesmo, sem fazer barulho, só mexendo os lábios com deliberação e modulando expressões.

Quatro anos depois, Murilo está sentado no pequeno jardim da casa e olhando para o gato que sua mãe adotou da rua e que ele sabe que vai ser expulso pelo pai em breve. A mãe explicava que ele era alérgico, mas Murilo entendia, sem dizer nada, que a rejeição do corpo do pai ao gato devia querer dizer alguma coisa a respeito da alma do pai. Murilo do nada se lembra da cara do avô balbuciando aquelas coisas que ele tentava fazer em palavras, mas não conseguia. Ele agora tinha onze anos e já tinha lido mais de trinta livros sem desenho, quase todos os que pode encontrar nas estantes da sua casa, à exceção de dois manuais de direito administrativo e de partes da Bíblia. Ele adorava o Êxodo em particular, as aventuras de escravos se libertando, mas nunca gostou dos salmos e achava os profetas repetitivos. Na Enciclopédia Britânica ele ainda estava na letra J.

Murilo deliberadamente não queria se afeiçoar ao gato, embora ele fosse bastante lindo, porque achava gatos criaturas traiçoeiras e falsas, ao contrário de cachorros (que eram ao mesmo tempo ótimos e assustadores), mas era um filhote pequeno e preto, muito magro, suas espáduas se projetando como asas quando ele se curvava, uma fragilidade arqueada e quebradiça que se repuxava e doía em Murilo mesmo achando a criatura perversa. Ele queria proteger aquele gatinho e não se lembrava de jamais querer proteger alguma coisa além do seu Bulbassauro, que vivia dentro do seu Gameboy, e só quando estava ligado. Ele percebe que tem algo numa miniatura bem-feita que consegue demandar cuidado da gente. Olha no espelho, uma voz estrangeira à sua diz, dublada, que foi muito esperto isso que ele acabou de pensar.

O gatinho chega perto de Murilo e se desmonta de forma muito precisa



em volta de seus pés. Ele sente cócegas, tenta não se mexer, mas não consegue. O gatinho se levanta por um instante e olha de novo pro pé, como se tentasse entendê-lo novamente. E por alguma razão o gatinho o faz lembrar do avô. Ele não entende como que isso acontece e isso o perturba. Ele gosta de achar que entende o seu próprio encanamento, a maneira de tudo fazer sentido e se juntar. E ele não entende o que no gatinho o fez lembrar do avô. São duas coisas muito diferentes.

Murilo está deitado no sofá. Já ligou a televisão e viu que todas as coisas que estão passando são distintamente ofensivas ou chatas. Seis e meia da tarde tem *Dragon Ball Z* na casa do vizinho, mas ele teria que tocar a campanha, teve aquela vez em que ninguém atendeu e a mãe dele ligou para a sua, o que foi péssimo.

Talvez aqueles excessos de pelo branco irrompendo de extremidades. E as juntas frágeis se denunciando. Do gato e do avô. Ele fechou os olhos e tentou tomar nota disso, de ter percebido isso e de ter percebido daquele jeito.

Na quinta feira seguinte, Murilo e o pai vão almoçar pizza Dom Bosco, o único gosto que eles ainda compartilham. Cada um come duas pizzas duplas e toma um mate. O pai retorna ao trabalho de carro. Murilo, ao invés de caminhar sozinho para casa como havia aprendido recentemente, vai até à casa do avô, bem ali do lado.

A avó parece assustada com a sua presença, mas deixa ele entrar sem muito alarde enquanto fala no telefone com uma prima que Murilo sabe que sempre a alegra muito quando liga, fazendo-a gargalhar de histórias que envolvem sempre uma amiga em comum chamada Elaine, que era muito doída e cheia dos namorados.

O avô tava dormindo quando ele chegou. Murilo ficou vendo *Vale a Pena Ver de Novo* baixinho e ouvindo a conversa da avó por uns quinze minutos, as interjeições incrédulas deles diante de coisas que Murilo não conseguia escutar às vezes batiam com as declarações dramáticas de Suzana Vieira na tela. O que era divertido. Isto se arrastou até soar um sininho lá de dentro e os dois irem levar leite pra ele.

O avô tomava quantidades ridículas de leite. Tava escuro no quarto, mas não o bastante pra justificar o tanto que Murilo não reconheceu aquela figura mal redimida ali. Um estranho, ainda mais magro, suas carnes pou-

cas pendendo soltas dos ossos, com pelos brancos protrusos de cantos inesperados, do meio do rosto, das orelhas, entufados perto do pescoço. A pele que já tava enrihada, amassada, agora parecia com uma cor diferente, não mais pálida, mas opaca e espessa como a de um elefante.

Quando foi pegar água na cozinha conseguiu escutar a avó, que falava alto e pareceu não notá-lo.

— Ele nunca foi agressivo, não dá pra dizer que ele é um homem agressivo, né? Mas agora ele tá, tá irracional, sabe? Né, com umas irritações.

— ...

— Ah, isso é besteira, é. Ele fica falando de um manuscrito.

— ...

— Um manuscrito, um Júlio, mas não tem nada de Júlio, não tem nada disso não.

Pelo que sua vó dizia, ele tinha “um negócio no pulmão”, mas se recusava a operar. Murilo não entendia exatamente qual nível de irresponsabilidade médica da situação, se alguma coisa ainda podia ser feita, mas não conseguia forçar a si mesmo a conversar com a mãe.

Tasso fica sentado na cama sentindo muita dor, gemendo muito baixinho, alguns livros esparramados em volta que ele aparentemente só consegue folhear, sua atenção vagando pela parede. Ele pede com muita insistência que sua esposa colocasse às cinco e meia todo dia um mamão na janela, para que os passarinhos comessem. Ela faz isso, mas passarinho nenhum aparece.

Um ano depois, poucos meses após aprender como fazê-lo, Murilo gravou um CD-R com vários poetas modernos de língua inglesa lendo da sua própria obra e levou junto com o seu Discman prateado e todo riscado, que estava tornando suas manhãs na escola tão menos intoleráveis. Eliot, Pound, Moore, Williams, Stevens. Nomes que ele tinha lido primeiro ali. *Eu vou te mostrar medo num punhado de pó.*

Tasso fechou a cara quando viu o aparelhinho, mas depois de alguma insistência aceitou os fones de ouvido e mudou a expressão quando começou a reconhecer aqueles versos. Por mais ou menos vinte minutos ele ficou sorrindo, extasiado, mas de repente sua expressão se fechou, arrancou com violência os fones da cabeça e jogou aos pés da cama, falando que aquilo era

tudo mentira, aquelas vozes não existiam, eram impostoras.

— Wallace Stevens nunca leria sua própria poesia tão mal assim. Esse impostor além de impostor é péssimo, *péssimo*.

Tasso parecia profundamente perturbado, os olhos grandes. Murilo recolheu o seu *Discman* e achou melhor não insistir.

>

## 47.

&lt;&lt;

Tamires e Simone se conheceram num fórum sobre anime em 2007 (num tópico sobre *Ghost in the Shell*), a primeira com dezesseis, a segunda com quinze anos. Tamires era de Cuiabá, Simone de Belo Horizonte.

Rapidamente começam a conversar todo dia, elas descobrem juntas o feminismo cyberpunk, começam a compartilhar um mundo denso de piadas internas. Simone tinha acabado de terminar com o primeiro namorado quando conheceu Tamires, que nunca tinha namorado ninguém. Simone descreve o desconforto que tinha sentido nas primeiras transas, que ela achava que seriam ótimas e acabaram sendo bem ruins. Tamires disse pra amiga que era lésbica, embora nunca tivesse antes formulado isso desse jeito pra si mesma e nunca tivesse beijado uma garota além de uma prima quando era mais nova, de brincadeira.

Mas diante da amiga virtual ela gostava de se sentir confiante, então falou que já tinha transado com duas garotas sertanejas bem machonas que tinham dado em cima dela num bar, o que não era verdade nem de longe. Isso levou Simone a prontamente dar uns amassos na irmã mais velha de uma amiga sua e vir contar com orgulho no dia seguinte. Algumas semanas depois já tinha transado com uma amiga da escola e falou que achava que não ia voltar a mexer com pau nunca mais. Ou não tão cedo, pelo menos. Tamires ficou impressionada, mas não conseguiu fazer o mesmo, não conhecendo tanta gente pessoalmente e não tendo muito hábito de sair. Confessar sua atração por alguma das meninas de sua sala parecia absolutamente impossível. Teve mais de um pesadelo onde isso acontecia e uma polícia de uniforme rosa aparecia para prendê-la.

Ela ajudava o pai na mercearia e a mãe com a casa o tempo quase todo em que não estava na escola. O único bar perto da casa dela não era exatamente uma referência regional LGBT.

Depois de um ano de amizade, Tamires só tinha enviado uma foto dela para Simone, uma dela mais nova, bem menos gorda do que ela acabou virando com o tempo. Simone tinha várias fotos dela disponíveis pela inter-

net e estava linda em todas, parecendo ainda menor e mais frágil do que era, cabelo liso escorrido castanho e traços delicados, um pescoço enorme. Simone dizia que ela também era linda, mas ela sabia que devia ser gentiliza (ou afeição). Tamires era baixa e achava o seu corpo feio mesmo quando não estava obeso (e ele geralmente estava). Seu cabelo crespo ela deixava o mais curto possível mais para não ter trabalho nenhum do que por uma escolha estética, seus óculos grossos deixavam os olhos pequetinhos se perderem na imensidão do seu rosto.

Simone convidava a amiga para ficar na casa dela em BH, praticamente desde que se conheceram, mas foi só com dezenove anos que Tamires juntou o dinheiro pra passagem de ônibus e aceitou o convite. O que motivou a decisão foi o fato de Simone estar doente. A leucemia que ela tinha tido na infância tinha começado a voltar. Ainda não tava sentindo com tanta força, mas já tava debilitada. Tamires ficou no quarto da amiga, na casa dos pais dela, no bairro de Lourdes. Ela nunca tinha estado numa casa tão rica e ficou envergonhada de suas roupas, de sua mochila e de tudo mais que envolvia sua aparência. Os pais dela tentaram ser educados, mas dava pra ver o choque estampado no rosto deles diante de tudo que ela mostrava. Perguntaram quatro vezes, em dois dias, como elas tinham se conhecido. Ela tentou impressioná-los com algumas referências históricas sobre cultura japonesa, no jantar que fizeram os quatro num lugar de sushi (ela mentindo que já tinha comido aquilo antes, fazendo o possível pra esconder sua surpresa com o gosto e a textura). O pai pareceu amaciado, a mãe não.

Na segunda noite que elas dormiram no mesmo quarto, Simone se esgueirou pro colchão da Tamires, no chão do lado da cama dela. Sem falar nada, ela começou a beijar a amiga, primeiro na orelha, depois na bochecha, depois no pescoço. Antes dela chegar na boca Tamires já estava explodindo de alegria, sem saber o que fazer, sem saber se podia reagir, se aquilo era brincadeira ou era a sério, com medo de um gesto errado estragar tudo. Quando a mão de Simone entrou dentro da sua calcinha ela teve que unhar sua própria perna pra não gritar de prazer (com os pais no quarto ao lado). Quando ela mexia em si mesma já tinha aquele formigamento todo, aquela força arvorando pra dentro como que repuxando suas entranhas de partes que você nem lembra ou nem sabe que têm, mas com ela fazendo era toda uma outra coisa, outro departamento inteiramente, dava para se entregar a um movimento que você não tinha como prever nem controlar, que mexia

você por conta própria, no seu próprio ritmo, e que ela engolia na mesma medida em que engolida era. Tamires percebeu que Simone tava olhando, mas não conseguia olhar diretamente de volta, esgueirava e depois olhava para baixo, para a boca, tinha medo de ultrapassar o patamar de intensidade quase insuportável no qual ela já tava e que não parecia poder comportar ainda outra fase. Como que podia tanto?

Ela dormiu o melhor sono da sua vida, depois, acordou no dia seguinte sem acreditar que ela de fato estava ali e que tudo aquilo estava acontecendo daquela maneira. Ela simplesmente continuava arrastando adiante aquele sonho tão bonito e inverossímil. Enquanto tomavam café, a empregada servindo tudo em silêncio, perguntando se ela queria café, cappuccino ou macchiato, Tamires muito desconfortável com a situação, rindo de nervoso. Ela se perguntava se aquilo da noite anterior ia continuar ou tinha sido só um capricho de alguém para quem aquelas coisas iam e vinham com muito mais facilidade.

Mas assim que as duas saíram de casa para passear, Simone tomou a mão dela na sua e deu um beijinho no seu pescoço. Ela não podia passear tanto porque estava fraca do tratamento (e da noite anterior), mas as duas foram pra umas praças lá perto, Tamires conheceu uns sebos que Simone amava. De noite, logo depois de darem boa noite pros pais e fecharem a porta, Simone descia pra cama dela e cada vez a coisa ficava mais intensa e prolongada, mais difícil de conter. Ainda assim, Simone nunca tirava sua roupa toda, sempre continuava de camisa, pelo menos. Tamires demorou para entender que o motivo eram as manchas que ela tinha na pele das infecções, além da nóia mais generalizada que a doença tinha trazido pra imagem que ela tinha do próprio corpo. Mas isso ela ainda ia demorar um tempo para dimensionar.

Tiveram assim seis dias maravilhosos, de longe os melhores da vida de Tamires até então. Simone tentava convencê-la a vir morar em BH, ela respondia com as coisas óbvias, ela não teria onde morar, o que fazer. Simone insistia que ela tinha que tentar a carreira de ilustradora ou tatuadora, dizendo que ela tinha muito, muito talento. Ela gostava de ouvir isso, mas sabia que as coisas não eram fáceis assim. Não pra ela. As duas quase não conversavam da gravidade da doença, em parte porque Tamires não conseguia levar aquilo a sério. Alguém tão bonita, tão jovem, tão rica. Claro que nada de ruim ia acontecer com ela. Óbvio que não. Ela só foi descobrir

depois, voltando pra Cuiabá, quando Simone foi internada, que a coisa era muito mais séria do que ela imaginava.

No último dia antes dela ir embora, talvez porque a antecipação da saúde tivesse deixado elas com mais tesão, acabaram fazendo muito barulho no quarto. A mãe começou a bater na porta com muita força, uma hora, perguntando se tava tudo bem. Ela devia saber perfeitamente que tava tudo maravilhoso, mas era a maneira dela de indicar que aquela putaria tinha que parar, que daquele jeito não dava. Simone atendeu a porta com nenhuma paciência, disse que tava tudo bem e bateu e trancou a porta em seguida. Tamires disse que era melhor elas ficarem quietas, mas Simone insistiu que não, que ela não sabia quando ia poder vê-la de novo na vida e que queria ver ela gozar de novo ainda naquela noite. Uns cinco minutos depois a porta foi aberta abruptamente (a mãe devia ter uma chave só dela) e as três se entreolharam por uns dois segundos até a mãe começar a gritar.

– VAGABUNDA, SAI DE CIMA DA MINHA FILHA. SUA IMUNDA.

>>

## 48.

&lt;

—coé murilovsk

— eaí Fabão :B

— só na madrugada adentro

— você sabe como funcionamos aqui

— bicho tu escreve? assim de verdade? nunca te perguntei

— ah, rascunho coisas desde moleque, né, mas nunca tive a cara de realmente levar qualquer coisa mais a sério. e tu?

— meio que isso. muito blog e muito romance abortado. tou tentando escrever um conto mais longo que tá me irritando demais.

— pq?

— na real acho que ele está muito ruim, mas ele me diverte, sei lá, e tou ficando meio obcecado, sabe? alguma coisa nele me pegou pacas, quero termina-lo mesmo se for pra ser ruim

— de qualé?

— É um meio bobão e pouco original, formalmente, mas que acho que ainda pode dar um caldo. Tem uma gracinha só formal q eu acho fera mas não vou te contar pois ALERTA DE ESTRAGÃO

— haha Entendo. não dá pra ser mais específico que isso?

— digamos que é um troço de MUITAS INTERNETS.

— hm.

— haha, sério. quando tiver num estado que dê pra tirar do sotão eu tiro. no momento é um feto desses ciclopeicos da vida, mal formados, sabe? babando. tu não quer nem ver.

— haha, entendo.

A princípio Fábio era bem elusivo, seu perfil no fórum consistindo apenas do nome “Roberval, Ladrão de Chocolate” e uma foto aleatória que mudava de semana em semana (Nicolas Cage em Con-Air, um quadro do Paul Klee, um personagem de uma tira em quadrinhos finlandesa dos anos ses-



sentia, Eri Johnson gótico). Eventualmente acontecia dele usar o seu nome de verdade nos posts, mas sempre em minúsculo e sem sobrenome, jogado ali sem alarde.

Só depois de algum tempo conversando sobre amenidades e interesses os mais esparsos Murilo ganhou coragem de perguntar coisas mais pessoais para Fábio. Não queria soar interessado demais, não queria parecer desesperado por contato humano. Era bem raro que ele se sentisse tão confortável conversando com alguém. Aos poucos algumas informações foram aparecendo. Cursava Administração, mas estava já no quinto ano e não parecia que ia formar tão cedo. Ele morava em Goiânia, olha só, tão pertinho. Às vezes vinha a Brasília com a família. Tinha vinte e seis anos e uma namorada chamada Letícia. Aos poucos um molde não tão preciso se formou, uma silhueta que Murilo conseguia juntar aquela voz inteligente, engraçada e sempre disponível.

Murilo já conhecia Fábio há alguns meses quando viu uma foto dele pela primeira vez. Fábio tinha encontrado algumas pessoas da comunidade em São Paulo num bar e as fotos foram postadas por um dos presentes.

Murilo estava muitíssimo acostumado com isso de tentar reconstruir uma pessoa a partir de seus registros virtuais. Quase todo mundo com quem ele estudava tinha um rastro de figuração em alguma database recuperável.

Era muito engraçado ver os rostos daquelas vozes que ele conhecia da comunidade, aquelas posturas agregadas, gostos e idiossincrasias expressivas que de repente ele via reunida numa pessoa física, num rosto, numa entrada de calvície, num pescoço meio gordo, numa expressão tonta e infeliz que a foto tenha recortado de uma naturalidade contínua que não tinha como se recuperar, ali, só pelas fotos. Fábio do lado do professor de história da Unicamp com rabo de cavalo que amava Bolaño (Guto) e da revisora de olhos puxados que manjava pra caramba de ficção científica (Múcia). Os três brindando com mais uma quarta pessoa que Murilo não entendeu quem era.

Fábio era muito bonito e loiro e alto e carismático de um jeito que parecia até exagerado. Disseram. Depois desse encontro começaram a chamá-lo na comunidade de “galã” (assim entre aspas) e de Brad Pitt do cerrado.

>

## 49.

&lt;&lt;

Sergey estava impaciente. Ele nunca gostou de esconder os sentimentos, mesmo antes de ser a décima pessoa mais rica do mundo. A mansão em Los Altos era um antigo palácio rocambolésco de um produtor de cinema da Era de Ouro de Hollywood. Estilo genérico e eclético, varandas saindo de varandas, tudo muito ornado e vistoso. Há quem a apreciasse ironicamente, mas não era o caso dele. Devia sair de suas mãos no divórcio que estava em curso no momento, o que nos últimos meses havia provocado uma agressividade gratuita contra cortinas, tapetes, sofás. Num dia normal, há pelo menos oito funcionários, entre limpeza e cozinha, segurança e jardineiros. Mas hoje a maioria ganhou folga. Estava só a governanta mais experiente, e confiável, Consuela, cozinhando o jantar; a assistente pessoal de Sergey, Ashley, ali com ele no pátio, mexendo no tablet; e o chefe da segurança, Alexei, na guarita da entrada. Além deles, Sergey estava com dois convidados sentados no sofá trançado tailandês do pátio. Jason e Deepak. O primeiro é um homem grande, branco de dreads volumosos, que está no momento contando alguma anedota engraçadíssima. Sergey o interrompe.

— Cadê o cara? Vamos começar logo.

Ashley responde.

— Pediu pra ir no banheiro, mas falou que já aparece.

— Claro, só estamos esperando tem dez minutos.

Deepak pergunta, um pouco tímido.

— Como você achou esse cara, afinal, Sergey?

A resposta vem com alguma impaciência:

— Eu já contei pro Jason, mas tudo bem. Um antigo contato meu na DARPA, um amigo, na verdade, de Stanford. Eu não ouvia dele há anos, achei até estranho. Veio falar comigo que havia uma oportunidade única para experimentar algo que ainda ia demorar para vir a público. E que talvez nunca mais viesse a público *desta forma*. Não legalmente, enfim. Falou que era uma chance que eu não podia perder. Deu o nome de alguém que

entraria em contato. E depois sumiu de novo. Achei estranho mas fiquei curioso, claro. E aí em seguida esse cara apareceu falando com minha assistente. Disse que é um membro da equipe que construiu isso e que estavam oferecendo, de maneira discreta, amostras selecionadas para clientes VIP como forma de angariar fundos para a manutenção da pesquisa. Conversei com amigos e descobri de um projeto sigiloso parecido. É tudo MEIO esquisito e suspeito, mas o aparelho parece real. Conheço alguém que usou e diz maravilhas.

— Quem?

— Pediu para não contar.

Ele dá uma piscadela para a assistente, que sorri e enrubesce.

— Porra, Sergey.

— Mas o que é a tecnologia?

— É como realidade virtual, mas bem diferente de todo o resto. Não é uma porra dum Oculus. Não é uma porra de uma coisa que você põe na cabeça.

Sergey ficou mudo por um instante, pareceu lembrar de algo extremamente irritante. Mas tentou retomar o assunto.

— O cara me mostrou o hardware rapidinho, a assistente dele tá instalando no meu escritório. Bonita não é, a máquina, mas ainda está longe de entrar no mercado, então normal. Eu ainda não entendi direito como funciona, mas não vou usar até me explicarem direitinho, claro.

— Como que isso pode ter ficado debaixo do seu radar? Do nosso radar, digo.

Sergey parece incomodado com a pergunta.

— Pelo que entendi, é um protótipo militar, tudo sigiloso de verdade e o governo cortou a torneira. Por isso essas amostras experimentais pagas.

— Pagos?

— Meio milhão de dólares.

— Meio milhão pra ser cobaia de VR?

— Pra jogar joguinho?

Sergey parece muito irritado.

— Não é joguinho, idiota. É uma viagem pro passado. Não viagem, né, você não tem como mudar nada. Eu não seria idiota de acreditar nisso. Mas você experimenta como se estivesse lá.

— Como assim?

— Ele que tem que explicar como funciona, não eu.

— E você vai pagar pra gente fazer também?

— Claro que não. Se quiserem também vão ter que pagar.

Jason e Deepak parecem muito desapontados.

— E por que convidou, então?

— Pra vocês me ajudarem a julgar se é verdade, se é um golpe.

— O quê que realidade virtual tem a ver com viajar pro passado?

— Não tem. Mas é que não é viajar, é como acessar um momento do passado. Mas por inteiro. Com cheiro, tato, todos os sentidos.

— Ah, tá. Ficou muito mais claro agora.

— Sergey, já que você não vai pagar, não tem problema eu chamar um amigo, né? Sabe o Eliot?

— Sei lá, Kevin, me falaram que era sigiloso, eu nem devia ter chamado vocês pra começo de conversa.

— É que eu encontrei ele no café e ele instituiu em perguntar o que eu ia fazer. Desculpa. Sou péssimo mentiroso. E aliás, esse cara trabalhou com realidade virtual por anos, desde a universidade. É bem cabeçudo. Vai ajudar a gente a entender como funciona.

— Porra, Kevin. Tá bom. Mas não vamos esperar por ele não.

— Ele já tá vindo, na verdade, já devia ter chegado, até.

Todos viraram, de uma vez, quase assustados, para o homem que vinha de dentro da casa, de bata verde e voz retumbante com sotaque vagamente indiano, acompanhado de uma assistente vestindo roupas escuras, traços orientais e pele marrom-oliva, cabelo curto, liso e pretíssimo alongando-se apenas entre as orelhas e os olhos. Os dois pareciam confiantes e talvez, até, excitados.

&gt;

&gt;

## 50.

&lt;

Murilo desde muito novo tinha a recorrente impressão de que não era filho de seus pais. Ele não chegava a imaginar uma outra genealogia mais específica, apenas imaginava algo diverso daquilo ali, imaginava que *tinha que haver* alguma outra origem que não aquelas duas figuras tão distantes dele, tão duras, inarticuláveis, com quem ele praticamente não tinha comunicação. Ele de fato até se parecia um pouco com a mãe, principalmente na sobrancelha e na juntura ali do nariz e dos olhos. Mas com o pai ele não conseguia verificar nenhuma semelhança que não pudesse ser só coincidência, nada definitivo.

Por volta dos oito anos sua imaginação tendia repetidas vezes para cenas onde ele reconhecido na rua por seus familiares de verdade e levado imediatamente para uma outra casa qualquer (numa cena muito agradável, de muito júbilo, inclusive com seus pais antigos e falsos contentes com a resolução, fazendo sua mala com ele, todo mundo rindo). Ele nunca conseguia imaginar essa outra casa, sua imaginação sempre se interrompia no trajeto, tentando se demorar na antecipação extraordinária de um lugar ao qual ele realmente pertencesse. Ele agora traçava uma linha espessa e inequívoca entre a figura dele mesmo e a figura do seu avô. Não era importante elucidar essa ligação, dar a ela uma feição genética. O importante é que ela existia. Ele não mais pensava na sua presença no mundo como um troço desconectado de todo seu ambiente e de tudo e todos que ele conhecia.

Murilo sabia que o avô estava morrendo, que devia ser uma questão de meses (talvez até semanas). Ele pensava em tentar dizer alguma coisa bonita pro avô para que eles tivessem uma cena como aquelas de filme, ficava formulando frases na sua cabeça sem nunca decidir por nenhuma. Passou a aparecer lá uma vez por semana.

— Túlio.

Murilo demorou para entender que o avô estava se referindo a ele, apesar dos olhos diretamente voltados para os seus.

— Eu sou o Murilo, vô.

— Eu sei, eu sei. Eu não tou gagá ainda não. Eu só confundi. Confundir todo mundo confunde. É como um trocadilho, não é confusão-confusão. Quando você chega na minha idade, as pessoas às vezes se bagunçam, começam a parecer anagramas umas das outras. Elas envelhecem e de repente ganham a cara de gente morta ou de crianças envelhecidas tem tanto tempo que puta que pariu. A minha filha, por exemplo, a sua mãe, ela é a minha mãe com meu irmão Túlio. Eu percebi isso quando ela tinha doze anos e desde então ela me vem sendo exatamente o Túlio cuspidado e escarado, perfeito. A mesma indolezinha revoltada, a mesma cabeça de merda. A mãe da Magda de repente aparece nela inteira. O meu pai nasceu em mim alguns anos atrás, quando fui notar ele já estava entranhado aqui.

Tasso aperta com força um pedaço do braço direito.

— E você é feito dela e de mim. Mais nada.

Murilo sorriu um pouco constrangido com essa frase, sem saber exatamente como deveria reagir.

— Eu falo isso, um pouco, para te avisar. Eu sei que não deveria falar assim com uma criança, você é uma criança. Eu sei que você é uma criança. Não estou louco ainda, Edilson. Mas também não existe esse negócio, você é uma pessoa pequena, só. Mas eu acho que tenho que te avisar. Você sou eu, entende? Então você deve se preparar. Porque não vai ser fácil. Não é fácil ser a gente, ser assim.

Murilo continuou calado, agora não mais sorrindo, olhando para baixo.

— Você sabe do que eu estou falando, não sabe? Eu não preciso te explicar. Você não é burro como todo mundo. Mesmo sendo filho do teu pai.

Ele estava sorrindo depois dessa. Murilo não respondeu, mas sua cabeça tremeu de um jeito que poderia ser compreendido como um assentimento.

— Presta atenção. Que você vai querer representar o mundo, vai querer abocanhá-lo todo de uma vez, vai se excitar todo com vários livros e artistas e ideias, com essas figuras todas. Mas nada disso vai servir. Você vai tentar criar o seu mundo interior, então, o seu próprio sistema, suas próprias figuras. Mas elas também não vão vingar. Nós temos uma das piores disposições do mundo, que é de um artista sem gênio. Um artista sem gênio é a coisa mais lamentável. Nossa imaginação é infértil, é seca, é de barro ralo e mais porra nenhuma. Nós conseguimos ver os gigantes todos, as cra-

teras, mas a gente não consegue inventar porra nenhuma.

Ele pegou o pulso de Murilo de uma vez, suas mãos frágeis mal conseguindo apertá-lo, a pele de uma textura áspera e quebradiça com pelos brancos quase invisíveis brotando dos cantos mais inesperados. Murilo continuava de cabeça baixa, sem ver que os olhos aquosos do seu avô estavam mais expressivos do que nunca.

— Você nunca vai criar nada. Vai se acostumando com isso. Eu sei disso porque você sou eu, eu consigo ver. Os seus olhos, o jeito que o mundo te derruba. Eu te digo isso pra te avisar. Você nunca vai criar nada.

O pulso dele ainda estava seguro pelo braço frágil e fraco do avô, cujas poucas carnes balançavam com todo movimento, desprendidas do osso denunciado. Balançava muito depois de parar de falar o que soou como uma maldição, seu corpo já quase decomposto, unido apenas minimamente em juntas que quase cediam, prestes a se desconjuntar a qualquer momento.

>

## 51.

&lt;&lt;

Cátia trabalha num call center há mais de dois anos. Ela odeia, mas é estável e menos pior, ela acha, do que ser garçonete, seu trabalho anterior, no qual ela tinha que aturar homem sebooso dando em cima dela o dia inteiro. Mas era estranho ficar naquele lugar enorme, o ar-condicionado fraco que deixava mais seco do que frio, por tanto tempo, tanta gente em volta fazendo a exata mesma coisa, uma sobreposição mais ou menos simultânea, adiantada e atrasada, duns mesmos poucos gestos e frases. Depois de dois anos ela mudou de emprego dentro da mesma empresa, que tinha galpões como aquele pelo estado todo. Ela primeiro promovia empréstimo de banco, seguros e serviços funerários (teria pra sempre na ponta da língua a frase introdutória de cada uma, todas querendo invocar ou criar medo em gente velha, ela achava, aqueles que mais se dispunham a ouvir as ofertas, talvez por solidão), agora ela fazia serviço ao consumidor.

A empresa, na verdade, fazia o serviço ao consumidor de várias outras empresas, mas cada pessoa trabalhava sempre com uma mesma, para ter noção do protocolo direito e dar uma impressão mais especializada. Assinalaram para Cátia um site agregador de passagens aéreas de várias companhias.

Antes ela lidava com gente desligando na cara o dia todo, que no começo era desagradável mas depois de um tempo ficou preferível aos outros tantos que preferiam xingá-la profusamente, às vezes de maneira até criativa, por incomodá-los durante o dia (como se ela tivesse fazendo aquilo por prazer, do nada tivesse pensando nossa o Douglas Menezes de Santos deve ter doido pra ouvir umas ofertas de empréstimo consignado).

Agora ela tinha que lidar com doidos com problemas insolúveis e intermináveis. Um dia ficou quarenta minutos com um cara de voz anasalada do interior do Paraná que insistia que o preço que eles tinham anunciado como prestes a expirar em três horas estava disponível de novo no dia seguinte.

— E ainda quando você vai comprar ele tá trinta e dois reais mais caro.

Ele provavelmente estava certo, mas e aí, ele queria que ela fizesse o



quê? Admitisse que o site era meio sacana?

Só ficava repetindo “Senhor, o seu testemunho está sendo gravado e vai ser submetido aos canais apropriados, tá, pode ficar tranquilo, sua opinião é muito importante para nós”, como dizia o manual, e como tinha ensinado sua supervisora, Marta, de cara fechada, a voz ali beirando o limite da grosseria, o tipo fixo de quem suspeitava de todo mundo.

Às vezes, do nada, Cátia lembrava dos três filmes de putaria que tinha feito assim que completou dezoito anos. Geralmente acontecia quando ela estava se olhando no espelho ou tentando tirar foto de si mesma. Vinha um ligeiro tremelique na espinha. Ela não se arrependia, exatamente, mas também não gostava de lembrar. Com a grana pagou os primeiros seis meses de aluguel num apartamento em Jardim Ângela, tirou a si própria e ao irmão do quarto onde moravam de favor há anos. A primeira filmagem não foi tão desagradável, pra sua surpresa. Seu cabelo estava pintado de um vermelho sujo, o ano era 2004. Mas as duas seguintes foram péssimas. Nunca contou para nenhum namorado, só para algumas poucas amigas. Quando fez achou que pouca gente assistiria aquilo, uns DVDs lançados por uma produtora tão fuleira, ainda que gringa, e que no Brasil vendia só em posto de estrada e lojas nojentas. Cátia nunca nem viu um DVD com sua participação à venda, só uma capa escrota onde ela aparecia junto com cinco outras garotas, de biquíni. Parecia absurdo imaginar que milhares de americanos haviam batido bronha pra cara dela, mas enquanto soava distante e abtrato isso tinha quase graça. Odiou descobrir um dia, lá pra 2010, por uma amiga que também trabalhou no ramo, que dava pra encontrar vídeos dela nesses sites gratuitos. Quer dizer que algum gringo filha da puta em algum caralho de lugar tava ganhando grana com o corpo dela até hoje. Quer dizer que se um dia ela tivesse um filho ele poderia encontrar facinho. Arrumam um jeito de te explorar depois de já terem te explorado. Como se tivessem explorando agora o espectro dela, forçando a trabalhar de graça. Mas Cátia também imagina o seu pai encontrando aqueles vídeos e acha graça. Chega a desejar que aconteça.

Cátia morou com a mãe e o irmão até fazer quinze anos. Os três tavam há um tempo num apartamento de dois quartos em Jabaquara quando um dia chegaram os dois da escola e a mãe tinha retalhado o sofá, as almofadas e os colchões em busca de um chip que ela dizia que tava xingando ela de vagabunda. O irmão riu, Cátia foi tomada por um pavor gélido que parece que

nunca saiu dela direito desde então. Ela já tinha entendido que a mãe tinha alguma coisa torta nas ideias, mas a coisa realmente piorou depois que o pai deles saiu de casa e ela teve que cuidar dos dois sozinha. Cátia com doze, Álvaro com seis. Ela tinha raiva do pai por sair, mas às vezes pensava que se fosse ela teria feito o mesmo. Só que podia ter levado ela junto, pensava, ou o irmão. Pelo menos um dos dois. Ela sempre se achou mais parecida com o pai, que era tranquilo e irônico, só queria ficar deitado vendo televisão e fazendo graça de tudo. Chamava ela de “bonequinha”, o que ela nunca gostou, e fumava meio maço Hollywood ao longo do dia, deitado, de uma maneira mecânica que não denunciava prazer algum. Enquanto morava lá, não trabalhou muito. Depois de uns anos começou a mandar um pouco de dinheiro pelo irmão, Osvaldo, um cara muito tímido que passou a fingir que não era mais família, dava o dinheiro num envelope e vazava falando tão baixo que ninguém escutava. Nem ligar mais o pai ligava desde que a mãe passou a pegar o telefone pra xingá-lo. Chamava ele sempre de “o falecido”.

Ela, Ângela Maria, era uma pessoa ansiosa, angustiada, que não passava um minuto sem falar. Falava desde o minuto que acordava até dormir, a boca ainda formando sílabas soltas enquanto a consciência fraquejava. E só fazia sentido, no máximo, na metade do tempo. Sua verborragia sempre foi muita e muito derramada, volteada em sílabas que saíam fraquinhas por um tempo, como se não pretendessem ser ouvidas, e de repente voltavam fortes no meio de uma frase como se esperasse ser respondida por todo mundo num raio de dez metros. Trabalhou nos correios até ser licenciada por saúde depois de vários desentendimentos com seus colegas e com clientes. Mas não conversava com ninguém sobre isso, jamais aceitou falar sobre saúde mental, terapia, invalidez, qualquer palavra associada a isso parecia que desligava o rosto dela, fazia ela mudar de assunto ou de cômodo. Ainda assim por muito tempo todo mundo em volta de Cátia e de Álvaro, as tias e tios dos dois lados, as professoras da escola, fingiam que a mãe era sã, capaz de cuidar deles direitinho sozinha. Verdade que por um bom tempo ela cuidou, sim, cozinhava e lavava as roupas e fazia tudo com o máximo de competência que tinha e dava pra ver que não era nada fácil. Aquilo já seria trabalhoso para alguém que não estivesse se desagregando violentamente todo dia, todo dia se protegendo de alguma destruição nova. E Cátia tava sempre lá pra desligar o fogão quando ela deixava aceso, fechar a porta da frente que ela deixava escancarada, ajudar a ela a terminar uma liga-

ção que, se deixasse, ela arrastaria eternamente (com quem quer que fosse, mesmo gente que ela odiava, mesmo o cara da cia do gás).

Quando ela e o irmão foram morar com a tia Vanusa, a vida ficou menos tensa pra algumas coisas, mas não ficou mais confortável. Dividiam o quarto abafado de empregada e sentiam o tempo todo que tavam ali de favor, que a casa não era deles, que não podiam reagir direito as provocações dos primos, que eles não deviam comer demais da comida e que eles tinham que se fazer úteis para merecer qualquer coisa. E ainda assim foi um alívio. Nos primeiros meses visitar a mãe era agradável, ver ela mais calma, ainda que grogue e ainda que num lugar meio deprimente. Mas depois que ela tentou cortar a própria perna, dizendo que esta não era sua (e cortou tão fundo com uma faca de carne na cozinha que precisaram amputar, depois de uma infecção), as coisas começaram a piorar numa progressão que ainda deixava Cátia sem fôlego três anos depois, sempre que a recapitulava. Dez meses depois foi a outra perna, no jardim da instituição onde ela tava, com uma pá. Ela parecia ter se apaixonado por jardinagem e tava trabalhando na horta por três meses até a deixarem sozinha dois minutos com alguma ferramenta. Encontraram-na deitada no chão mordendo um pano pra não gritar muito, já quase desmaiando do tanto de sangue que tinha escoado. Tampouco conseguiram salvar essa perna. Mudaram ela de lugar, foi pra uma instituição mais rígida e mais deprimente. Ângela agora ficava deitada vendo TV o tempo todo, uma expressão desligada no rosto. E ainda assim já tinha mais de uma vez cochichado com outros internos que a sua mão esquerda tava com os dias contados. Que aqueles membros eram impostores e estavam tentando tomar o corpo dela.

Nas poucas vezes que Álvaro perguntou se doadura passava em família, Cátia disse que não, pra ele parar de ser burro, mas na verdade ela não sabia dizer. Se passasse os dois tavam fodidos. Ela ouviu na TV uma vez que maconha podia causar esquizofrenia. Ouviu isso meses depois de experimentar pela primeira vez, com o primeiro namorado, Lucas. E sempre que algum pensamento mais esquisito ganhava corpo ela já dava aquilo por anúncio. Taí, ó. Tá chegando, já já chega. O derretimento. Ela não sabia se queria que chegasse logo ou se demorasse. Talvez o pior momento fosse o intervalo, o começo, onde as coisas começassem a tremer nas bordas. Talvez depois ela pudesse encadear uma doadura que não doesse tanto quanto a realidade. Mas isso ela já sabia que era uma esperança idiota. Cátia encon-

trou a mãe algumas poucas vezes em êxtase, uma vez ouvindo um disco do Paulinho da Viola pelada na frente do ventilador negaceando, achando que estava sozinha (e Cátia não contrariou a impressão, quieta no canto), outra vez tomando banho e fumando um cigarro de um maço que um tio esqueceu na casa deles, conversando consigo mesma em duas vozes, uma delas rouca e masculina. Quando Cátia lembrava disso ela pensava nas viagens boas que tinha às vezes fumada, vendo desenho animado ou ouvindo música com o Lucas, pensava que ela ia endoidar pra cima, não pra baixo. Mas, no geral, ela sabia, para a mãe o mundo tendia a ser um lugar ainda mais violento, ainda mais confuso, ainda mais estranho, ainda mais horroroso, do que ele já era de fato.

>>

## 52.

Murilo nunca tinha visto ele tão aberto, tratando Murilo como um igual, ainda que nunca olhasse nos olhos dele.

— Júlio.

Murilo já tinha se acostumado com os nomes variados com que ele era denominado, já respondia com uma expressão pronta ao ouvir qualquer coisa.

— Estou preparado. Até que enfim, né? Tome ditado.

Tasso disse isso e ficou calado e sério olhando para frente até que Murilo se levantasse, pegasse da mesinha papel e um lápis e se aprestasse do lado dele.

— Meus queridos irmão e irmã, Guilhermina e Henrique Tiagos.

— ...

— Todo o repositório de afeto e atenção com que tive me dedicado nos últimos anos anda represado num depósito de sedimentos entocados e sotopostos de forma que não apenas o seu somatório como a sua unidade inteira deve ser afirmada como um único objeto perfeito e de toda acurácia rendido para vosso deleite e consumação.

Tasso fica em silêncio de novo por um tempo, olhando para frente. Parece estar prestes a contar algo engraçadíssimo.

— Escreve isso, Júlio. Escreve!

Tasso dita várias cartas em sequência, de pé, diante da sua mesa, como quem ministrava uma palestra. A mão esquerda nas costas, a direita segurando um fraque inexistente. O tom que ele adotava era muito estranho, Murilo não conseguia localizá-lo, relacioná-lo com a sua voz normal, com nenhum tipo de dicção que ele conhecesse. Todo formal, sedutor e sedoso, de repente rindo como uma criança, depois esbravejando com raiva.

Murilo escreveu cartas para Senhora Lota Soares e Isabel Bispo, senhor João Cabral de Melo (Pai), senhor Longino, senhor Guilherme Empso, senhora Clarice Lispék. Ele soletrava os nomes lentamente e de forma impaciente e arrogante, reclamava quando Murilo escrevia de outra forma e

ditava depois os endereços. Todos os destinatários moravam no plano piloto. Calderão da Barca morava na 704 sul, Roberto Barrento morava na 306 norte. As cartas não costumavam passar de duas ou três frases, geralmente muito íntimas e calorosas, com beijos, abraços e algumas sugestões safadas (tanto com os homens quanto com as mulheres) que Murilo entendia só mais ou menos.

Depois de umas trinta cartas assim ele começou a ditar para Ganesha, Exu, O Espírito Santo, Anúbis, Hermes. Depois para o Capitalismo, o Comunismo, o Ocidente, o Pragmatismo, o Imperialismo, para a Pulsão de Morte, para a Repetição, para o Reconhecimento. Essas duas últimas duraram cada uma meia-hora, das quais Murilo conseguiu registrar um centésimo, se muito.

— Eu vou ditar a imaginação, Júlio, estou pronto. Chegou a hora.

— O quê? Eu não —

— A coisa distinta está aqui e a repetição tem que ser feita diante dela. Senão não dá. Senão não vai não. Isto já não sou nem eu dizendo, são só as catexias que sobraram aqui coitadas tentando me fazer compreensível, as caixinha. Eita. Tentando torcer as palavra e as figura direitinho pra que elas caibam.

Ele começou a rir baixinho e assoviado, de um jeito que lembrou a Muri-lo o escárnio do cachorro do Dick Vigarista.

— Sim, sim, eu sei. Júlio, vamos ter que fazer assim, do jeito que dá, do jeito que dando, com uma transcrição arregimentada e apressada de toda as fileiras de si, os hoplita correndo com a mão na bunda e travessas quentes, ai ai ai, cinco milhas distando agora das afrontas renovadas, a besta fera que chega finalmente, a coisa distinta que isprungou finalmente do meio da selva selvage, a onça, a própria. Os caminhões de operários mortos, as maldições imprecadas contra essa terra. Fúria só vira eumênide com muito parto, minha filha. Meu filho. Minha filha.

— ...

— Eles sempre disseram que era uma comédia e eu nunca vi. Mas agora eu tou vendo, tá aqui, chegou o arco, dobrou já. Eita nós. Chão goiano. É uma comédia terrível.

Ele estava rindo entre as palavras, parecia se divertir muito, achar tudo

realmente muito engraçado. Mas do nada sua expressão pareceu ensobriar-se, como que artificialmente retomada diante de uma visita, quase estrangida. Ele colocou a mão na testa e fez uma expressão muito grave, preocupada.

— Desenterram-se mortos em montanhas, leitos contorcidos e secos de rios, cerros quase pelados, o constrito da garganta seca dessa elite podre saturando-se do seu próprio açúcar, e uma flora decídua se arrastando, lineamentos incisivos de uma rudeza sinistra. O mapa em que você se encontra, teu sertão. Que não é nosso, que não é a gente. Pedras são relógios. Esses monturo, os mortos que temos e a sua mistura, a farinha da imaginação que não é nossa, os sedimento, os preázinho e as jiboia. Os pecados dos pais girando os braços dos filhos como os de bonecos, o tempo todo todo todo.

Às vezes Tasso ficava minutos em silêncio entre cada oração, entre cada palavra. Algumas palavras eram interrompidas no meio e sucedidas depois da sua expressão passar por cinco modulações inteiramente distintas.

— Isso não é você. Já estava aqui. Você tem que acomodar de repente uma nova versão sua que também vai ter que virar você. Olha que merda. Olha que dis-pa-ra-te.

Mas na maior parte do tempo ele falava com extremo domínio, extrema naturalidade, como um âncora ou político sedutor. Murilo não sabia se deveria falar algo entre as palavras, queria avisar que não estava conseguindo anotar todas as palavras, mas estava com medo de quebrar aquele transe (que parecia muito importante, ainda que ele não entendesse de que forma que aquilo podia ser importante, para quem, quando), de estragar tudo.

— Tudo parece quebrado, pouco. E do nada vão se apresentando os gancho. Os encaixe. Ah, Constança, constâncios. Coxíssimas e pistões.

Tasso parecia tentar pegar alguma coisa, puxar pra si uma gaveta, todos os gestos muito lentos e estudados, e ainda assim, de alguma forma, parecendo involuntários, como se os movimentos viessem antes de sua ciência, fossem inteligidos só depois de executados. Uma defasagem severa se impondo.

— Aparece uma mulher, vocês dão certo e casam. A maioria das gentes vive com espontaneidade uma vida fictícia e alheia, montada pelos outros, com figuras que ninguém inventa, moedas de corréncia nenhuma que quando você vai ver tão apagadas dos dois lados. Sua alma é uma orquestra

oculta, não sabe que instrumentos e peças tangem e rangem, corda e harpas, guitarradas, atabaques timbrados dentro d'ocê. Uailapique ao ualapoque. A gente só se conhece como sinfonia, essa perspectiva insistente que quase nunca vai embora, exceto no sono e na bebida, o pouco espaço finito de todo instante diante da modalidade inelutável e arregaçada do visível. E seus espectros.

Esse final da frase ele falou como um âncora de jornal, golpeando cada sílaba com as mãos, gravemente. Agora sorria de novo.

— Pedras que te dão pra mastigar. Queridinho. Queridinha. Queridinho. Eu sei que tá acontecendo e não tenho como fazer nada, vejo tudo derretido e quase indo embora, quase sumindo. Até você. O mundo que a gente monta e os autômatos que te arranjam, o mínimo do máximo. Malandrões içando as calças por detrás dos panos como bujarronas. O Anikito morreu aqui, você sabia? Eu estive lá no dia. Ligaram desesperados, a gente foi, mas não tinha o que fazer. Tavam filmando e ele caiu lá dum prédio que não tava terminado. Tristeza. Na verdade na hora não tavam filmando, acho que ele tava lá à toa. Eu não sei. Você nem sabe quem é Anikito. Parceiro do Grande Otelo, do Oscarito. Uma figura. Muito talentoso. Eu fiquei chateado, como todo mundo, mas era um caminhão de operário morto por dia, quase. Pelo que me falaram. Eu não tava geralmente nessas obras mais pesadas. E ninguém falava nada. Naquela pressa toda, pra eles era como se fosse uma perda aceitável. Senhores polidos de escravos. Quando eram polidos. Prum gesto épico desses, o que são uns operários mortos aqui e ali? E as pirâmides se fizeram foi como? Eu também não falei nada. Como se o filha da puta soubesse meia lauda que fosse sobre as pirâmides. Eu e o Joaquim tínhamos nojo, mas éramos a mesma coisa. Muxoxo, muxoxo. COVARDE. A gente é rebento falso da gente próprio, o tempo todo fantoches com a nossa voz, a gente, a vida quase toda, toda, os cálculos de uma árvore flexuosa fracionando-se em ramos recurvos e rasteiros, decididos lentamente em tropismos lutados, agonia, agonia. Existem ciclos. Isto a gente assevera com certeza, entrega ementas pra turma sem medo de ser feliz. De repente chove, o céu amassado de extensões negras musculosas bolhando em lentos tumultos desmesurados, gostosíssimos. Que delícia, meu amor, ai meu deus. O mundo se acerta nuns troncos bojudos de baobás embarrigando. Pintos e bocetas enormes. Você enumera, coleciona, constrói, abandona os destroços de não sei que grandes jogs, matam o deus numa excursão de novo e



nos trazem a sua cabeça, que fica por muito tempo ainda olhando pra gente e sangrando os fundos da casa e fedendo um futum que vai ganhando em riqueza e complexidade.

— Calma. Vai devagar. Vô. Vai devagar.

— Essas gavetas do fundo da nossa cabeça que não alcançamos, barcos que passam na noite e se nem saúdam nem conhecem. Eu vi uma vez só, um caminhão desses. Não chegava a ser um caminhão, no caso, era uma caminhoneta dessas de gás. Tava com os corpos de um acidente grande, um andaime que caiu com oito na construção da Torre de TV. Eu vi aquilo quando tava de dia, ainda, quando tavam erguendo, falei pro Joaquim que dava pra ver que ia dar merda. Os candangos lá subindo naquela altura numa estrutura toda mambembe. Eu não sei dizer o que é coragem o que é desespero. Ninguém sabe. Coragem é o caralho. Medo é o caralho. Se você grita comigo pra obedecer e eu tremo eu não tou te obedecendo. Eu tou só tremendo. Se você sobe num andaime mal-feito pra comer você é corajoso ou é um refém? Eu ouvi de um homem muito sério que tinha gente concretada no congresso. Um homem sério, que sabia do que tava falando. As in gente humana ali no meio da estrutura, do concreto armado. Massa confusa, obvoluta et intrincata matéria. A gente gosta dela nítida e colorida, piano que toca a si mesmo. Um panteão de Deuses nos quais você não acredita, como adereços de ópera desusados por trás do palco. Putas velhas. As únicas coisas que existem.

— Vai devagar, vô.

— Uma aparição que vem só pra enfraquecer rapidinho e sumir, um espectro fazendo troça da própria realidade que ele tinha assumido de forma tão convincente. É tudo filha da puta até lá embaixo, meu filho, mas toda puta é sua mãe, toda puta é Maria.

Ele agora estava chorando. E cada palavra saía com dificuldade, com uma urgência que deixava Murilo ainda mais agoniado do que ele já estava, de não conseguir nem entender e nem anotar o que ele estava falando.

— A performance já terminou, o teatro, a plateia já saiu fora, os aplausos ainda ecoam na sala vazia. Mas a ideia do espetáculo como algo a ser performado e absorvido ainda hesita no ar muito depois do último espectador ir pra casa dormir. Ela ainda aguenta, Joãozinho.

Tasso parecia procurar formas diferentes de dizer uma mesma coisa.

Sua atenção vagava pelo quarto procurando naqueles objetos ali alguma equivalência, alguma sugestão.

— Você primeiro fica lá só vendo as plantinhas. Eles te deixam no máximo molhar as plantinhas só de vez em quando.

Fazia gestos vagos com a mão, torcia os dedos como que precisando um mesmo gesto repetido que ele não conseguia fazer certo.

— Todas as almas rejuntas, repetidas no final do episódio, os créditos passando. Fazem mesura, mandam beijinho, agradecem seus produtores. Os depósitos cheios de mortos. O sentido do passado reconhecido e redimido, enfim. O diabo de costas.

Ele enfim parou de falar. Sua expressão continuava terrível, de um convencimento, uma preocupação extraordinária. Ela foi lentamente cedendo, seus olhos perdendo a expressividade, se distraíndo de tudo.

Murilo não pegou dez por certo do que o avô disse, nem isso, fragmentos de frases anotados com pressa, as palavras corridas umas sobre as outras, acotovelando-se num garrancho ilegível.

>

## 53.

&lt;&lt;

Quando Nílson já estava no carro saindo de Ouro Preto, frustrado, foi que ele se lembrou, num lampejo, de ouvir de um conhecido em comum que Renato tinha entrado com um diploma falsificado na pós-graduação em História ali na UFOP e estudado lá por quase um ano até descobrirem.

Nessa época Renato vivia a maior parte do tempo como Soraia Kirche Sandra, terapeuta mítico-rítmica-tântrica, uma persona que Nílson só viu uma vez, num bar, e que demorou para reconhecer. Tinha um escritório no centro e dizia ter salvado a vida de dezenas de pessoas. Nessa única vez que Nílson encontrou Soraia, ela fingiu que não sabia quem ele era, a voz era outra, ainda que reconhecível. Parece que durante uns anos Soraia ganhou uma grana boa com sua prática. Cobrava tão caro quanto um psicanalista desses chiques, no seu breve e fulgurante auge, e tinha além de uma lista enorme de clientes uma puta fila de espera. Parou depois que um de seus rituais de transformação psicomágica-sexual terminou horrivelmente. Os boatos eram todos divergentes e absurdos demais para serem levados a sério. O fato é que Soraia não é vista em lugar algum desde 2012.

Nílson aproveitou que já estava em Ouro Preto para ir procurar o professor que teria orientado Soraia, cujo nome ele recuperou com um amigo que era bem mais próximo de Renato nesse período.

Ligou para o telefone do departamento que achou na internet e explicou, depois de apresentar o nome do professor, que queria conversar sobre Soraia Kirche Sandra. A voz da senhora simpática que tinha atendido azeudou, mas falou que o professor César provavelmente só voltaria do almoço às três e tanto. Nílson falou que estaria lá três e meia. Quando chegou, pontual, encontrou César disposto, e até expectante talvez.

— Fica à vontade.

Nílson se acomoda como pode na cadeira, contornando as pilhas de livros e textos encadernados na salinha apertada do professor César, que cheira como o interior de um maço de cigarro mentolado. O campus da UFOP era agradável, mas aquela sala não. Nílson se sente muito mal per-

to de acadêmicos de humanas, o sangue sobe facinho lembrando dos piores momentos da sua graduação.

O César usava um brinquinho de argola e dava pra ver de longe que era daqueles que enche a boca até onde ela não vai ao falar os nomes de seus filósofos franceses favoritos. Nílson já o odiava profundamente.

— Você era o orientador da Soraia, então? Antes dela se desligar do curso.

— Isso, foi. Antes dela ter sido desligada, né? Melhor dizendo. Mas sim. Muito boa, ela, muito estudiosa. Quase brilhante, mesmo, eu diria. Pelo menos tinha seus momentos. Mas doida, né? Coitada.

— Doida como, você diz?

Ele olhou para Nílson meio enfezado, soprando fumaça do cigarro mentolado dele com o canto da boca no canto aberto da janela. Não podia fumar lá dentro.

— Olha, Nilson. Quando eu digo doida eu digo doida-doida, mesmo. Ela veio apresentar a dissertação dela aqui já tem uns dois anos, ou mais. Eu que armei essa apresentação um pouco antes da defesa, porque tava com medo, tinha começado a perceber o, assim, problema dela quando a gente foi encontrar uma vez faltando pouco tempo pra ela terminar. A qualificação dela tinha sido ótima, um pouco performática e exagerada, mas inteligente e bem-argumentada, muito culta, misturando Kierkegaard e Wittgenstein, mas depois disso ela já vinha falando umas coisas bem fora da caixinha, aí eu tive esse ideia dessa apresentação casual assim. Era pra ser uma coisa tranquila, só ela, eu, uma professora do departamento de religião e um amigo dela que virou meio discípulo sei lá o que é aquela porra.

— Um gordinho?

— Sabe quem é? Tava sempre com ela.

— O Miltinho.

— Isso. Acho que sim. Tava sempre com ela e é uma coisa esquisitíssima, parecia que venerava ela, sei lá, trazia e buscava pra lá e pra cá, tinha uma coisa servil assim, mas então.

Ele deu mais uma baforada bem arrastada no cigarro, a outra mão pegando no lóbulo da orelha.

— Olha, não tinha nada a ver com o fato de que a Soraia era um cara. Pra começo de história. Eu notei de imediato. Mas achei que ela tinha mudado de nome legalmente. Depois que a gente foi descobrir que era tudo falso. Que a senhora da secretária que catalogou os documentos teve um caso com ele. Ela. Enfim. Etc, etc. Vários colegas meus nem perceberam até o final. Não teve nada a ver com isso.

— Beleza. Mas teve a ver com o quê, então?

— O negócio é que a Soraia foi apresentar e você não tem ideia. Primeiro tinha uma porra de um negócio recortado até bonitinho assim de papelão, parecendo uma caixa que abria e tinha quase que uns *retábulos* dentro. Sabe? Aqueles trem religioso antigo, cheio de santo.

— Não.

— Não deu pra ver direito, mas acho que eram da própria Soraia pelada correndo e matando demônios e fazendo um bando de absurdice, parecendo esses trem antigo de santo, mas tosco e de papelão. E desenhado num estilo esquisito pra danar.

Nílson riu um pouco.

— Como assim? Ela trouxe isso e montou na sala?

— Ah, era meio que uma peça, né? A defesa dela. Mas porra, a gente teve que interromper no meio. O tal do Miltinho trazia lá umas marionetes, ela encenava, começava a falar com a voz dos caras, na língua deles, era uma putaria o negócio. Uma putaria. Cê não tem ideia.

— Sei.

— Tinha, assim, tinha umas notas que explicavam as coisas. Que tal boneco simbolizava a pulsão tecnicista de morte criativa, que tal outro boneco era o ímpeto formal, outro o ímpeto de gozo, as forças do patriarcado e da magia contra o falo tecnocrático do capital. Pior que eu ainda lembro do negócio. Que era complexo era. Era inteligente e tudo mais. Mas era um samba do crioulo doido. É que tinha uma época que a gente assistia o vídeo meio de sacanagem. Mas isso só gente do departamento, claro, não era um negócio assim esculachado, com os alunos. Imagina. Tinha uma porra dum árvore que ele dizia que tinha diversos significados cabalísticos e que ia acendendo umas luzinhas na forma dum sistema circulatório. Mas não deu pra deixar ele terminar, não foi possível. Alguém teve que dar cabo do

troço, eu nem lembro quem que acabou se levantando e acendendo a luz e fazendo uma cara de constrangida. Acho que foi a Tânia. Ficou todo mundo tenso um tempinho, mas aí virou um escárnio em minutos.

— O povo riu?

— Gargalhou por um tempo enorme, ela ficando lá possessa. Olhando com uma cara pra trás que parecia que tava de sacanagem. Inclusive tem uns que me juram de pé junto até hoje que acharam que ela tava de sacanagem. Não riram tipo zoando, acharam que era uma piada elaborada. Não conseguiam acreditar que ele tava falando sério. O que faz sentido, até.

— E aí?

— E aí ela começou a dar chique, falando que tinha o direito de apresentar e começava a citar artigos de não sei o quê de regimento da constituição, todo um negócio.

— Mas qual era o tema, afinal? Ela falava de quê na peça?

— Primeiro de tudo que ela falava que falava com os mortos.

— Ahn. Um negócio tipo espírita, assim?

— Não. Quer dizer, sei lá. Mas acho que não, ele não falou de nada disso. E a gente foi super respeitoso aliás quanto a isso. Falou que a religião de cada um é garantida na Constituição e pelo povo brasileiro, essas coisas, tolerância, tal, mas que não tinha como aceitar um trabalho que, assim, se PREDICAVA né na conversa dele ou dela com gente morta. Como bibliografia, mesmo.

— Ela citava conversas dela com gente morta?

— O trabalho todo, no final das contas, era baseado nisso. Era uma demonstração inegável da imortalidade da alma e supostamente ensinando qualquer um a conjurar os mortos. Quase metade das citações tinham, ao invés de página, ano de publicação, etc, só a nota c.p.a., que no glossário tu via que era CONVERSA PESSOAL COM O AUTOR.

— Sei.

— Eu gravei. Foi foda ficar meio fingindo que eu ainda tava levando aquilo a sério, mas eu fiquei com medo de processo e de repente ela mudar a história e fazer a gente ficar mal, daí eu gravei.

— Ele abre o laptop dele e vira a tela um pouco na direção de Nilson. Fala

com o que claramente é uma excitação mal escondida:

— Quer ver?

>>

## 54.

&lt;

O avô morreu num domingo. Foi encontrado de manhã segurando seus óculos, sentado no chão do banheiro, as costas apoiadas na parede, a cabeça tombada.

Murilo chegou da escola e não encontrou sua mãe em casa. O que nunca acontecia. O seu pai estava lá, com um saco plástico contendo duas quentinas que ele tinha trazido do refeitório do trabalho. Um frango amarelo com pele, um arroz empelotado e duro. Ele queria saber porque sua mãe não estava lá, mas não queria perguntar. Ficou esperando uma brecha que não apareceu.

— Sua mãe teve uma coisa aí. Ela quer te contar só ela mesmo, quando chegar em casa.

A mãe chegou tarde, seis horas e tanto, e parecia muito cansada, toda desmontada de um jeito que Murilo nunca tinha visto, o cabelo dela emaranhado dando umas voltas por trás da orelha que ela nunca deixava dar (a não ser quando tava com pijama).

— O seu avô, querido.

Ela fez todo um discurso vago e esquisito envolvendo a alma e a idade e um senhor fraquinho que Murilo não conseguiu, nem remotamente, relacionar àquela força que ele conhecia. Ele compreendeu, imediatamente, o que aquilo queria dizer, mas não conseguia ver aquilo, a coisa não se apresentava.

Murilo gostaria de ter ficado mais triste com a morte do avô. Ele se preparou para um longo e detido período de luto, mas poucos dias depois ele já acordava tranquilo, demorava um bom tempo para se lembrar do que é que deveria estar lhe entristecendo e não estava (como quem lembra de um compromisso que fez há muito tempo). Ele ficou muito incomodado com aquilo, com a sua aparente falta de caráter e incapacidade de sentir uma quantidade apropriada de tristeza. Releu dezenas de vezes as notas que tomou, o ditado ali na última vez em que o encontrou, os fragmentos rascu-



nhados de frases que ele sabia que estavam despedaçadas, incompletas. Ele tentava se lembrar das lacunas ali e do tom que o seu avô havia empregado. Mas tudo que restava eram palavras garranchadas e confusas, no máximo uns fragmentos de frase.

Copo na parede.

— A minha mãe não conseguia entrar no banheiro, eu que entrei.

— ...

— Eu que tive que entrar.

— ...

— Tava ele lá, né? Sentado, todo duro, muito estranho. Numa pose que nem era de gente. Tinha feito cocô. Tava amarelo e branco. Com uns treco roxo pela pele.

— ...

— Ah, eu não tive nem que encostar nele. Já dava pra ver, já. Já dava pra ver.

— ...

— Não, nossa, ela não quis nem ver. Ela não entrou no quarto.

— ...

— Não sei se ela viu depois, porque eu tive que sair antes de chegar. Eu não aguentei.

— ...

— Eu sei que eu devia ter ficado. Mas ela tava com a Neide, com o Júnio. Eu não ia ficar lá com aquilo. De jeito nenhum. Você sabe, Válter.

—....

>

## 55.

&lt;&lt;

O seu sotaque soava como o sotaque estereotípico indiano, mas mais anasalado e como que imposto ou mal atuado. Disse ser de Bangladesh, mas teria estudado inglês e computação na Índia, antes de vir aos EUA há três anos. Tinha óculos grossos e uma barba profusa, usava uma bata verde com floreios dourados onde se podia ver, entre outras figuras, bebê Krishna roubando um tablete de manteiga. Sua voz era calorosa, reconfortante e estrondosa.

— Antes que alguém ache que estamos malucos, sabemos perfeitamente que viajar no tempo é impossível. Mas gravações não são, naturalmente. John Lennon está morto, mas posso ouvir uma onda sonora diretamente retracável à vibração singular da sua garganta. E se eu te disser que é possível encontrar o eco de experiências corporais inteiriças gravado no avesso do espaço? Os sulcos que a dor e o deleite riscam no tempo não se perdem, não de todo. Eles perduram. Da mesma maneira que ondas sonoras percutem o ar e deixam rastros materiais, as ondas eletromagnéticas da nossa experiência perduram, transfiguradas, repetem-se em duas dimensões rebatidas infinitamente sobre si mesmas como luz num cabo de fibra ótica. Mudar o passado é impossível, mas recuperá-lo não é. O mapeamento apenas começou e deve aumentar muito quando o projeto se tornar público. Uma varredura inicial em duas regiões pequenas da Itália encontrou mais de seiscentos e oitenta mil registros recuperáveis de maneira integral ou parcial. Só nestas regiões. Datando desde a década de 80 do século passado até cinco mil antes de cristo. Momentos breves e longos da vida de senadores, escravos, centuriões, matronas, padres, soldados. A varredura na região de Israel e Galileia está mantida sobre estrito sigilo militar numa junta americana-israelita, um dos vários imbróglis políticos cabeludos que impedem a divulgação pública do projeto. Mas a database geral já conta com doze milhões de registros. A grande maioria nos EUA, onde aconteceu noventa por cento das varreduras até hoje. Temos três milhões de registros só na região de Los Angeles e arredores. O único critério para a perduração da experiência, pelo que podemos perceber, é a sua intensidade. Por isso a

quantidade extraordinária de gravações de cópula sexual e assassinatos, tanto em primeira quanto em terceira pessoa. A vida íntima das estrelas de Hollywood, os shows dos melhores conjuntos nos seus auge. A coleção que temos já é extraordinária e não sabemos se continuará toda disponível depois que o uso da tecnologia for regulamentado. Imaginamos que não. A família de Marilyn Monroe, por exemplo, pode processar para evitar o acesso a mais de oito experiências gravadas de indivíduos diferentes na companhia de sua pessoa, desde um presidente até Arthur Miller. Temos até uma gravação em primeira-pessoa de um dos Beatles tocando durante a invasão americana. Mas é do Ringo, infelizmente.

— Inacreditável, disse Jason.

— Surreal, disse Sergey.

— É prodigioso, sim.

Jason corrigiu de maneira um pouco ríspida:

— Não, literalmente inacreditável. Como assim recuperar onda da consciência? Isso não existe. Você tá enrolando a gente.

— Deixa ele explicar, Jason.

— Não é uma onda, senhor Jason, foi uma imprecisão da minha parte. Maneira de dizer. Na verdade, é um agregado espectral variado e complexo, que conseguimos depois de muitas dificuldades desembaralhar em cinco camadas de input (uma para cada sentido). Eu confesso que só consigo explicar elementos do funcionamento da máquina. A minha própria pesquisa e trabalho está no hardware de reprodução, não na descoberta do método de recuperação das ondas negativas de antimatéria. Isto foi o resultado do trabalho sigiloso e conjunto de décadas feito por dois grupos transdisciplinares e nós compartilhamos nosso conhecimento apenas onde é estritamente necessário.

— Certo. Como que a máquina funciona, então?

— É um prodígio, senhor Jason. É um prodígio. O implante transorgânico é uma malha que se conforma ao formato de seu crânio e transforma seu sistema nervoso num receptor altamente suscetível a ressonâncias configuradas. É o que permite que a sincronização integral ocorra de maneira não-invasiva. O que temos gravado é o pacote todo, com propriocepção, cheiro, tato e parte funcional da memória. Você não vai conseguir acessar a

infância do sujeito cuja experiência você, digamos, provar, mas vai entender latim se ele estiver falando latim ou matemática se ele estiver produzindo matemática. As experiências místicas de Ramanujan, nesse sentido, foram muito bem-recomendadas.

— Você ainda não explicou nada.

— Ocorre uma sobreposição, senhor Jason. O sistema nervoso se sincroniza gradualmente com o input externo, que vem da máquina imitando a pluralidade sensorial ruidosa da realidade, de início de um jeito fantasmático, débil, até que ele gradulamente se impõe sobre o input atual. O seu corpo vai para o fundo e a experiência gravada vem à tona. Para a maioria, a sensação atual do corpo continua sempre presente, para alguns a sensação sincronizada se impõe completamente. Depende de uma série de fatores, ainda não conseguimos determinar nenhuma causalidade sobredeterminante.

— Ainda muito, muito vago. Como assim uma sincronização? Isto soa impossível.

— Só soa impossível porque você não está trabalhando com todas as informações, senhor Jason. Infelizmente não podemos ainda publicar nossas descobertas integralmente. Descobrimos anos atrás que padrões neurais policrônicos, como aqueles responsáveis por mapear formas visuais, podem ser estimulados artificialmente à distância, contanto que a caixa de ressonância esteja configurada para recepção de maneira adequada. Acabou o mistério do qualia, os problemas tanto duro quanto mole da consciência, a dificuldade toda de descobrir como o cérebro ata os estímulos. Nós descobrimos. O cérebro ata o espetáculo dos vários sentidos através da emergência de uma sincronia polifásica auto-organizada que é mediada não só, mas principalmente, pelo núcleo supra-quiasmático. As células condutoras, digamos assim, desse espetáculo todo.

O homem parecia em êxtase ao falar isso, estalando os dedos, seu sotaque ultrajante como o de uma imitação ofensiva numa esquete cômica antiga.

— Um espetáculo que pode ser transduzido, gravado em bits e reproduzido, como qualquer outro. Com muito engenho, naturalmente. E um bocado de engenharia reversa.

— ....

— Consegui sua atenção, senhor Jason? Então. Esta é uma lista parcial das experiências que temos disponíveis para recuperação hoje. Não deu para trazer todo o catálogo porque os arquivos são pesadérrimos, como dá pra imaginar. 1 terabyte, pelo menos, pra cada quinze minutos. Isso depois da compressão. Mas trouxemos aqui uma seleção pessoal de algumas das experiências mais notáveis e populares.

Sergey pega o tablet da mão do homem, Deepak e Jason esgueiram-se para ver por cima dos seus ombros.

— Ué, cadê o Augusto? Me falaram que tinha uma experiência incrível do Augusto liderando tropas.

— Um cliente muito querido nosso pagou uma quantia adicional para que esta experiência fosse de seu uso restrito.

— Filho da puta, ele não me falou que tinha feito isso.

— ....

— Eu já sei qual eu quero.

— Qual?

— Claro que eu não vou te contar, Deepak.

>>

## 56.

&lt;

Tasso foi cremado num lugar longe, fora do DF, já no Goiás e não houve uma cerimônia. Ele deixou instruções explícitas que proibiam, na verdade, para desolação da sua viúva. Quando Murilo foi visitar a avó com a mãe descobriu que a biblioteca inteira do avô tinha sido vendida para um sebo. Ela não quis ficar com aqueles livros atravancando a casa e lembrando ele. Só tinha restado uma caixa de leite com os livros que tinham ficado no quarto dele e que ela não sabia dizer se eram livros importantes ou só livros que estavam num canto e não em outro. Esses, pelo menos, Murilo levou pra casa.

Começou a folhear todos naquela mesma noite, consciente da presença teimosa e pesada no seu quarto daqueles pequenos tijolinhos de consciência que ele não entendia ainda. Murilo se sentia muito incomodado – intimidado talvez seja a melhor palavra – com a existência de tanto falatório histórico a respeito de tudo no mundo. E que ele não dominasse aquilo, não tivesse aquilo organizado em gavetas na sua cabeça para poder recuperar e iluminar tudo direitinho. Pelo menos em parte o sentimento de se sentir excluído de algum jogo que outros jogavam era de raiva. Dos doze livros, cinco tinham nomes incompreensíveis, metade pareciam ser romances (que Murilo já sabia que queria dizer historinha). Só um deles tinha figuras. Chamava “Gargântua e Pantagruel”. Foi, portanto, o que Murilo tentou ler primeiro, decidindo que leria do início até o fim mesmo se não entendesse nada. Passaria os olhos e engoliria todas as frases, uma após a outra, até acabar. Mesmo se demorasse anos.

A partir dos treze, quatorze, Murilo vivia tentando imaginar a extensão toda da cadeia comprida que havia levado aqueles livros até ali. Documentos materiais de realidades distantes dele, editoras em Belo Horizonte e Edimburgo, em Petrópolis e Nova Délhi, cuja existência depende da contínua manutenção de um complexo enorme de corpos e cabeças e que por um acaso tinham como de repente voltar à vida ali no quarto dele na 708 sul, na casa estourada de sol, tocando rádio na área de serviço, a mãe vagamente murmurando mais ou menos um terço das músicas, um cachorro latindo lá fora, envolvida mais distantemente por um cerrado

tão esparso.

Todo o Império Romano, a colonização europeia das Américas, o tráfico de escravos africanos no Atlântico e a expansão da modernidade num processo de sincronização global progressiva culminando naquela caixa de leite com doze livros dentro e um garoto que fala uma língua latina tentando entender que merda era aquela.

Era como se todo aquele somatório de textos estivesse acontecendo dentro da cabeça do avô (por sua vez hospedada, claro, agora, na do Murilo). Ele começava a sentir que habitava aquele troço todo, ainda que ali do seu quarto, sozinho, fingindo que tinha que ir no banheiro às vezes pra poder ler sem que sua mãe passasse de vez em quando e olhasse com uma cara engraçada. Ou ligando o rádio fora de qualquer sintonia no seu quarto só para fazer um ruído branco que competisse com o ruído da televisão na sala e permitisse que ele prestasse atenção num parágrafo espinhudo por mais tempo.

Murilo às vezes encarava a dificuldade dos livros como estivesse se emponderando dela, como num jogo. Se, ao retomar sozinho todos aqueles registros dispersos e transformá-los num todo, ele estivesse deglutindo todo aquele povo morto. A partir dos quinze, começou a ter sonhos recorrentes onde lia um livro do Rabelais sobre uma figura essencialmente parecida com ele, um gigante gordinho e criança versão tropical — figurado de uma forma ofensivamente etnocêntrica — engolindo São Tomás de Aquino, Maimônides, Averróis e Avicena, que em sua maioria se revelavam muito compreensivos com a situação, e tornando-se um monstro agitado todo explodido de um gás que eventualmente destrói o mundo e, portanto, o sonho de Murilo, numa mesma conflagração. Não era um sonho agradável, embora Murilo tenha rido quando acordou.

Era uma sensação estranha de assombro com a própria imaginação, por mais que ela só se expressasse na época em rascunhos chochos de contos que ele fazia em cadernos. A maioria tão ruinzinhos que ele jamais tornava a ler de novo. Não entendia como podia sentir assombro com sua própria imaginação sem jamais ter inventado nada, mas a sensação era essa e parecia ter se montado sem a sua supervisão. Já estava instalado ali, nele, essa mania de pensar na sua vida toda como um engenho que aprendia a se redobrar sobre si mesmo. Não dá nem pra dizer, no caso dele, que o resto da vida era combustível para uma obra que viria um dia. Porque com Murilo

não haveria “resto da vida”. Ele já tinha certeza. Tinha quatorze pra quinze anos, a expressão compungida de santos em pinturas, de estadistas em fotos. Seu rosto foi tomado por espinhas bem por essa época e o que era até então, ao que ele se lembra, apenas um desábito social e uma dificuldade de lidar com a extroversão pavoneada das outras pessoas se aprofundou com força, cavou trincheiras e distribuiu arame farpado, foi aos poucos se endurecendo em algo muito mais espinhudo e próprio, sem esperança nem distante e nem mais desejo, exatamente, de tentar trafegar na normalidade. Murilo havia tentado por uma caralhada de anos ser normal e nada de bom havia saído daquilo.

Ele não mais trocava palavras com ninguém na escola. Os poucos amigos distantes com quem ele às vezes acontecia de conversar sobre ficção científica ou desenhos animados aos poucos foram fingindo que não o conheciam ou mudando de sala. Ele tinha perfeita consciência da figura que ele tinha assumido principalmente por distração e preguiça, de alguém patologicamente distante de convívio social, intratável e esquisito. Ele se achava diferente dos outros esquisitões que via na escola, achava que talvez com esforço ele conseguiria emular as convenções todas que permitia que as pessoas interagissem e tivessem relações umas com as outras. Mas ele não conseguia se importar tanto, não via ninguém que lhe interessasse o bastante para motivar um movimento tão largo, um esforço tão profundo. Cada vez mais ele se ressentia das pessoas. Parte dele gostava da distância que recebia, que chegava a se parecer com respeito, às vezes (do jeito que um doido é respeitado como alguém que habita outro domínio, que vive em outro campo de interações).

Não é como se ele não tivesse amigo nenhum. Na internet Murilo conversava no ICQ e no mIRC todo dia e com gente de todo canto. Tinha dezenas de conhecidos estrangeiros com quem ele conversava em inglês, quase sempre (às vezes num portunhol safado), artistas, professores universitários, estudantes, uma policial canadense ruiva e um travesti mexicano que escrevia sobre cinema, todos se divertindo muito com aquela voz culta e inquisitiva brasileira que parecia se interessar por tudo e que ninguém acreditava que só tinha dezesseis anos.

Estranhava muito ter aquelas relações tão pontiagudas, detidas e específicas com a caixa que era aquele monitor ali no seu quarto sem que seu pai e sua mãe nem imaginassem. Às vezes se sentia culpado, tentava contar pra



mãe de tarde algumas coisas que ele estava vendo, mas não conseguia se fazer entender, ela rapidamente fechava a cara de um jeito tão pouco convidativo que dava impressão que ela não tava nem começando a digerir o que ele tava dizendo. Até suspeitava que ela talvez não acreditasse naquilo que dizia, que ele realmente conversava com aquelas pessoas toda, lia sobre aqueles assuntos todos. Quando Murilo por alguma razão comentava algo que via no jornal ou que tava em alguma das duas revistas semanais que eles assinavam daquela semana (que ele lia no banheiro, e só no banheiro), a sua mãe sempre parecia estranhar o que ele dizia.

— Essa menina que escreveu a resenha pro filme parece não entender que a lógica do mercado no qual esse filme está inserido não é de produzir filmes bons, muito menos originais. É uma indústria que reproduz algoritmos bem fixos na busca de maximizar retornos. Ninguém ali acha que é arte e o filme não deveria nem ser resenhado dessa forma.

A mãe olhava pra ele por um tempo com as sobrancelhas franzidas e uma expressão de quem não estava prestando atenção. Mas continuava olhando, como se esperasse por mais informações, ou tentasse escolher pelo menos uma maneira educada de resolver sua expressão.

>

## 57.

<<

As tatuagens de Renato em 2014 (aos 36 anos) eram as seguintes:

— Ragaraja acima da virilha (obscurecido pelo mato, mas muito bem feito, vermelho e vívido, em traços grossos e tradicionais, exceto por ligeiras estilizações de afetação mesoamericana);

— Arame farpado em volta do braço direito (bem apagado);

— XO STRESS na altura da virilha (sic);

— Huehuecoyotl no peitoral direito;

— Coiote coió (com uma placa escrito “fudeu...”) no peitoral esquerdo;

— Thoth na perna direita dando um joinha;

— nas costas, em letras gordas, multi-coloridas, de marquise as palavras MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.

>>

## 58.

&lt;

Aos quatorze, Murilo já tinha um imaginário sexual repleto, ainda que inteiramente teórico, composto totalmente de visitas a sites de putaria recomendados por um moleque mais velho que ele conheceu no IRC. Ele que foi atrás de perguntar, da maneira desavexada com que ele foi aprendendo a perguntar pra gente mais velha sobre assuntos específicos (como escolástica, computação, teatro butô).

Murilo passou por todas as categorias de um site em particular, de cima a baixo. Tomou duas tardes. Tinha coisa com animal, tinha gente se machucando com uns espinhos e uns negócios de couro, tinha gente velha, tinha paródias mal desenhadas de desenhos animados, tinha coisa com balão, tinha coisa de gigantes em 3d comendo pequenas pessoas em 3d, tinha coisas com polvo, tinha coisas com cocô, tinha coisas com muita muita gente e apenas uma garota, tinha estupro de mentira, tinha vídeo de câmera de segurança pegando gente trepando escondido, tinha vídeo que fingia que era isso, mas era de mentira.

Murilo realmente achou, quando terminou, que devia ter praticamente esgotado todas as possibilidades do imaginário sexual humano quando terminou. Teve até algum orgulho de si mesmo, de ter lidado com aquele troço de forma tão eficiente, ainda tão novo. No dia seguinte indo de van pra escola achou que entendia melhor todo aquele mundo congestionado e mal arrastado, todo aquele povo irritado na rua provavelmente queria ir pra casa fazer aquelas coisas engraçadas todas, esfregar seus peitos e paus em balões e roupas de couro, meter objetos escorregadios pra dentro do corpo. Por isso estavam tão frustrados, tão bravos, dentro dos seus carros, com tantas roupas, no sol. Claro. Fazia todo sentido.

&gt;

## 59.

&lt;&lt;

Foi num estúdio de tatuagem chamado HELL'S TATTOO'S, no centro de Belo Horizonte, que Renato conheceu Tamires. Ele trabalhava num bar ali perto na época e passava umas duas vezes na semana com um desenho diferente perguntando quanto seria para tatuar. Sempre achava caro e tentava pechinchar, desistia e voltava depois com outro desenho maior e mais complicado. Isso em 2010.

Levou uma foto do Romário, outra da Dercy Gonçalves, um desenho do Paul Klee, uma página do Akira. Tudo coisa complicada de tatuar, e ele sempre queria enorme, ocupando quase metade das costas ou do peito. Ele perguntava quanto seria e se ela dissesse quatrocentos reais (por exemplo), ele quase caía no chão, repuxava os cabelos e aí respondia meio seco que não pagaria mais do que cem, que era tudo que tinha.

Tamires respondia de forma rabugenta, mas foi criando simpatia por aquela figura inquieta e exagerada que parecia mudar de ideia sobre tudo a cada quinze minutos.

Foi quando Renato levou a foto de uma estátua Ragaraja, de um livro emprestado de uma biblioteca da UFMG, que ele realmente conquistou Tamires. Tamires não aguentou de curiosidade e perguntou:

— Você sabe o que quer dizer essa figura?

— É tipo o tesão furioso que vira paixão. Não é?

— Tipo isso.

— Você estuda essas coisas?

— Estudar não estudo, mas me interessa. Já tive uma namorada meio budista.

— Eu queria uma namorada budista pra mim também.

— Querer isso não é meio contrassenso?

— Eu gosto de budismo é nos outros.

— Religião no cu alheio é refresco, né, safado?

— Ô, de groselha.

Os dois riram, surpresos com a rapidez que respondiam um ao outro. Tamires chamou pra tomar uma cerveja e comer torresmo depois que fechasse o estúdio, sete e meia. Ele aceitou. Trocaram duas vezes de bar e pararam de beber só duas e tanto. Ela disse que os dois pareciam o Cary Grant e a Katherine Hepburn conversando e corou (figurativamente) em seguida. Mas o fato dele reconhecer a referência e sorrir como o gato da Alice a desavexou.

Renato falou pros dois irem dormir na casa onde estava ficando, de um amigo, que era mais perto do que a dela, em Ouro Preto. Quando ele botou ela pra dormir no sofá, deu um beijo na testa e deu boa noite com uma frase que só não a irritou profundamente porque foi dita da maneira mais doce e bêbada do mundo:

— Se tu não fosse fancha a gente ia transar tão gostoso agora, não ia não?

>

## 60.

&lt;

A sua mãe, Elizete, saiu do trabalho (na CAESB) quando ele nasceu e desde então sempre teve insônia. O trabalho em casa também a cansava, mas era mais espaçado ao longo do dia. Ela cozinhava todo dia para o almoço, mas quase nunca para o jantar e passava o dia arrastando pequenas tarefas de casa longamente, protelando-as a cada mínima etapa até que que tomavam quatro vezes o tempo que elas estritamente requeriam. Roupas ficavam perto do ferro de passar por horas, ela ia tirar um cochilo, tomar um chá, assistir partes soltas de algum programa. Ela não parecia gostar praticamente de nada na televisão, mas a deixava ligada o tempo inteiro, comentando vagamente o que se agitava na tela, que um carro ia bater no outro, que aquele sobranceiro com certeza tinha matado a menina, que o Iraque não agüentava mais de tanta morte. Todos os eventos pareciam iguais para ela, todos vagamente preocupantes e temerários nas suas imagens mais imediatas, mas finalmente tolos e desimportantes (o que ela expressava bufando de incredulidade no final de toda reação). Como se no final das contas fosse só televisão, nenhuma imagem ali guardasse uma relação séria com nada, a ansiedade só encontrava ali um objeto momentâneo que se esfacelava no instante seguinte como asa de mariposa.

Murilo às vezes se sentava com ela na televisão, um gesto que ele não sabia vestir muito bem, sentando no outro canto do sofá e perguntando o que estava acontecendo no filme ou seriado, o que ela respondia com detalhes descontextualizados e incompreensíveis (“o advogado mentiu pra ela que ela não tem acordo com a promotoria porque ele quer levar o caso pro tribunal”, sendo que Murilo nem sabia quem eram os personagens e que seriado era aquele) que ele nunca sabia se eram incompreensíveis por descaso ou incapacidade da mãe.

A afeição da mãe era pontual, tanto no sentido de ser confiável quanto de estar delimitada em gestos discretos. Infalivelmente expressa na cama que ela arrumava, sorrisos de vez em quando, boas noites com beijo na testa e rosquinhas Mabel e Toddynhos que ela comprava no supermercado fingindo ser pra ela. Ainda assim isto nunca ganhava exatamente pra ele

a impressão de um sentimento muito agudo ou individualizado. Parecia a expressão duradoura e convicta de uma abstração, um dever materno seriamente absorvido que jamais envolvia qualquer particularidade do Murilo, jamais parecia se concentrar em qualquer aspecto da sua pessoa. Murilo percebia isso com força, mas não culpava a mãe. Um dia observando a si mesmo no reflexo fraco do vidro do móvel da televisão, seu cabelo revoltado e sujo, dentando o plástico de um saco de batatas fritas de marca genérica, percebendo aquela figura, de repente veio a perceber que ele não era lá uma pessoa tão amável. Esse pensamento veio com bastante naturalidade, como quem julga um personagem num livro para responder a uma pergunta de prova.

Murilo era uma pessoa seca e destituída de personalidade, uma consciência quieta feita pra processar os vários discursos que o mundo fazia de si mesmo, as tantas imagens, os mapas infinitos. Mal falava com os pais há anos, fingindo de forma muito inconvincente durante as refeições e eventuais encontros pela cozinha ou banheiro que sequer escutava o que eles conversavam (quando acontecia de conversarem, sempre ímpetos curtos iniciados por ela e quase imediatamente resolvidos e encerrados por ele). Era isso que ele fazia, desde sempre, e não era uma vida ruim, vira e mexe ele entrava em êxtase. Mas aqueles hábitos resultavam numa figura pouco atraente, pouco interessante, pouco real. Murilo via nisso alguma graça.

>

## 61.

&lt;&lt;

A juíza Sandra Gouveia Bittencourt tinha hábitos rigidamente regulares. Chegava cedo no tribunal, tratava todos os que não fossem seus iguais ou superiores hierárquicos ou políticos com a mesma rispidez desatenta. Separou-se de seu marido advogado há cinco anos e os relatos discordam se seu amargor com a vida aumentou ou diminuiu desde então. Que ele sempre esteve lá era certo.

Era difícil que saísse de casa no fim de semana. Ficava trabalhando no computador enquanto a TV a cabo passava filmes, geralmente títulos que ela já tinha assistido, conversava com os personagens dos filmes e dos processos no mesmo tom de reprovação e incredulidade generalizadas. Com a estupidez das pessoas e das suas más decisões. Quem visse as fotos pela casa de uma senhora um pouco acima do peso com os olhos fechados pelo sorriso e netinhas loirinhas e amorosas em volta talvez ficasse surpreso de descobrir que Sandra era temida por dez entre dez advogados, criminalistas e defensores públicos. Era até possível que Sandra absolvesse alguém, mas só acontecia quando ela realmente não tinha nenhuma outra opção. No mais, era conhecida por condenar o mais rápido possível e com tudo que tinha direito. Se reclamasse ainda tomava sermão moralista sobre família e valores cristãos. Pedia comida por telefone três vezes por semana e comia as encomendas durante a semana toda, espaçando os dias. A única coisa que sabia cozinhar era omelete e macarrão e literalmente todas as vezes que havia feito isso depois da universidade tinha sido para alimentar a filha. Fumava meio maço de Marlboro light todo dia, um inteiro quando ficava trabalhando direto de madrugada. Até hoje mantinha o hábito adquirido da época de casada e morando com a filha, hoje desnecessário, de se masturbar em quase absoluto silêncio, a comissura tremida dos seus lábios se remoendo no que parecia ser uma intensidade que ela sempre tentava manter no limite do suportável.

Sandra morava num condomínio murado muito bem protegido nos arredores de Belo Horizonte, numa casa de quatro quartos e um piano de



cauda na sala que havia sido tocado por no máximo algumas horas em mais de quinze anos. E foi antes de chegar lá, na sexta, no começo da noite, logo depois de comprar um pote de sorvete e um maço no posto, que Sandra foi rendida por dois homens e uma mulher de máscara que pareceram vir de lugar nenhum, entrando no carro dela no banco de trás e no do passageiro e botando o cano de uma arma nas suas costelas. Sandra falou para levarem o carro e deixarem ela ali, mas eles não respondiam, só gritavam feito bicho, cantavam e falavam que ela tinha que ir junto, e que se ficasse comortada não ia se machucar.

>>

## 62.

&lt;

A segunda vez que ele viu uma foto do Fábio foi por coincidência. Ele foi cortar o cabelo no barbeiro mais perto da sua quadra, chamado Antonio's, que demorava quase uma hora pra concluir um corte e cortava muito mal, mas que era um velhinho pernambucano simpático que já não falava coisa com coisa e que Murilo adorava acima de boa parte das coisas do mundo.

Sempre que Murilo se sentava na cadeira de couro rechonchuda e descascada, seu Antônio sempre lhe entregava a pilha de revistas da barbearia, que incluía Turma da Mônica, revistas de fofocas e celebridades e revistas masculinas com mulheres peladas e fotocopadas. Todas datando de anos atrás. Murilo teria vergonha de ler em público tanto uma revista infantil quanto uma revista dessas de mulher pelada, então acabava lendo as revistas de fofocas e celebridades. E foi folheando muito vagamente a revista, suas imagens registrando as informações num nível bem baixo de consciência, quase abstratas, que ele de repente notou uma figura reconhecida.

Demorou alguns bons segundos pra recuperar da cabeça a associação correta, entender exatamente quem era aquela pessoa. Tamanho era o choque de mundos. Mas assim que a associação foi feita Murilo tinha certeza absoluta da sua correção. Era o Fábio ali. De terno, abraçado a uma menina linda toda arrumada, num casamento de alguma pessoa rica indistinta que a revista tratava como se fosse de conhecimento geral (ou que talvez até fosse de conhecimento geral para o público da revista).

A legenda lia: “Fábio Carvalho, filho do Governador Anselmo Carvalho, com sua amada Leticia Bontempo”.

Murilo se viu involuntariamente falando baixinho:

— Ele é filho do Anselmo Carvalho, cacete.

— Que foi, meu filho?

— Nada não.

Anselmo Carvalho era o governador eterno do Estado de Goiás, uma figura bizonha. Foi nomeado senador biônico durante a ditadura e depois

disso nunca largou mão do estado. Filho de Claudionor Carvalho, dono de uma empresa de ônibus turístico, foi transformando a fortuna ainda semi-modesta do pai num império de transporte coletivo viário e, mais recentemente, numa empresa moderninha de táxi aéreo em franca ascensão.

O pai ainda tentava botar um verniz mais ou menos convincente de respeitabilidade, mas Anselmo já era corrupto de um nível escancarado, com escândalos tosquíssimos pipocando de meses em meses sem que ele nunca fosse condenado, escapando sempre com técnicas processuais ou manobras políticas nos tribunais locais e superiores. Anselmo ainda havia sido recentemente implicado (por reportagens meio desleixadas e mal escritas, é verdade) em dois assassinatos de quinze anos atrás, logo antes de virar governador.

A figura dele era cômica, uma peruca e um bigode tingidos de dois matizes distintos de acaju, um corpo disforme em ternos caros desarranjados, baixinho com uma corcunda arrastada de dromedário, braços compridos que pareciam sair do meio do seu tronco, uma expressão quase invariável de um vazio absoluto, tão inexpressiva que era como se aquele fosse um corpo inanimado, um cadáver artificialmente articulado por forças exteriores. A única coisa que o fazia sair dessa falta de expressividade eram jornalistas que lhe tentassem tirar do sério. A sua melhor foto, que brevemente havia corrido forte entre estudantes universitários goianos, modificada de dezenas de maneiras, o mostrava erguendo um tijolo e tentando jogar num fotógrafo que tirava fotos suas bêbado saindo de uma lancha em Angra dos Reis com uma menina que até podia (mas certamente não aparentava) ter mais de dezoito anos.

Murilo já havia depreendido por detalhes aqui e ali que o Fábio tinha grana, sabia que ele tinha seu próprio carro sem trabalhar e conhecia bem diversos cantos do mundo. Mas agora ele via que o Fábio era multimilionário (ou enfim, que sua família o era) e que esse dinheiro tinha todo esse rastro escroto. Ele não sabia de que forma que isso mudava a imagem que ele tinha do amigo, mas mudava.

Alguna espécie de readequação da imagem dele se fazia necessária, ele achava, ainda que Murilo ainda não soubesse qual.

>

## 63.

&lt;&lt;

Eu cheguei em Belém sem saber porra nenhuma da cidade. Só queria fugir o mais longe possível de São Paulo. Fiquei horas na rodoviária olhando pra todos os nomes de cidade listados, repetindo e trocando as sílabas. Ubaraquara, Junco Grande, Mogi Horizonte. Tudo parecia que ia dar na mesma merda, no final das contas. Só mudava a ordem. Aí trocou o letreiro e apareceu Belém. Belém. Belém-Belém. Eu repeti o nome várias vezes e ele nunca ficava idiota. Veio de repente umas imagens bem bestas (e que eu já sabia na hora que eram bem bestas) de um bando de índio emplumado orgulhoso andando numa cidade enorme onde no meio duma praça grande ficava Jesus sentado, com um bando de gente esperando pra falar com ele, que nem Papai Noel de Shopping. Não é que eu propriamente achasse que Jesus tinha nascido lá, mas acho que eu vagamente também não desachava não. Eu ri pra caramba e decidi que tinha que ser lá, mesmo a passagem sendo cara pra dedéu, metade da grana que eu ainda tinha guardada dos rolo.

No ônibus dormi muito pouco, um cara do meu lado tava resfriado e ficava fungando sem parar. Sonhei com narizes enormes puxando pedras para a construção de um monumento à Coriza. Cheguei em Belém e fiquei andando o dia todo, acabei procurando o *Ver-o-peso* depois de ver que quase toda banca de jornal tinha postal dele. E era bonito o negócio, do lado daquele rio marrom que não tinha fim nenhum direito (a margem, que já era longe, um velho que tava sentado mexendo num emaranhado de linha me disse que nem margem era, que tinha mais rio ainda pro outro lado). Fiquei olhando o final da feira dos peixes, os tiozinho madrugador já morrendo de sono no final da tarde, quase deitando nas bancadas manchadas de sangue de peixe, as velha vendendo erva e poção pra tudo que é coisa (tinha uma pra mulher dadeira que dizia assim só: 1000 homens, quase comprei, só de onda).

Todo mundo era mais baixo que eu, quase todo mundo tinha cara de índio. Nesse dia que eu lembre eu dormi lá perto mesmo, junto duma galera que tava nuns papelão na frente duma loja amarela. A loja dizia REI DO COMÉRCIO, CALÇADOS, PLÁSTICOS, CERÂMICAS, OUTROS. Eu já fiquei

viajando que ia conhecer o tal do rei do comércio no dia seguinte, que ia começar uma prodigiosa e avassaladora carreira ali mesmo, conquistaria a simpatia do Rei do Comércio a ponto de sucedê-lo daqui a vinte anos numa cerimônia gloriosa na Ópera de Belém. Fiquei lembrando dos cara nas lojas ali no centro que ficavam no microfone com voz de veludo falando pra todo mundo entrar, que tinha promoção, que tinha isso e aquilo. Mas eu acordei foi com o próprio Rei do Comércio me enxotando lá da frente com uma mangueira, me xingando de vagabundo, devia ser umas sete da manhã. Os outros que dormiram já tinham vazado. Passei o resto da manhã ali deitado debaixo duma árvore pensando no quê que eu ia virar agora. Traficar eu não queria que eu não ia rodar de novo nem fodendo, ainda mais não conhecendo era ninguém ali. Tinha que encontrar outra coisa.

Fiquei zanzando ali pelas ruas do centro apinhada de gente e de loja até que eu vi um homem mais rosa que cabeça de pica, todo estufado, com uma testa que parecia que derramava pra frente, uma camisa florida amarela ridícula gigantesca esvoaçando em volta dum corpo que já era enorme, um cabelo meio ruivo-escuro fumaçando, um sorriso abobado e uns olho esbugalhado de doido. Fiquei por muito tempo achando que ele devia ser turista e já tava pensando num papo que eu pudesse chegar chegando, falar que era guia, que eu podia mostrar pra ele a verdadeira Belém, a Belém do seu povo, a Belém autêntica. Fiquei um tempão ensaiando as cinco ou seis frases em inglês que eu achava que eu sabia até eu ver que o doido era dono da banca. E a banca dele era todo um troço, além de jornaleiro era vídeo-locadora, tinha mais fita VHS do que revista, tinha estante saindo pra fora e comendo a calçada, vendia ainda água de côco (que ele mesmo cortava num facão cujo cabo ficava caindo) e ainda tinha uma roleta esquisita atrás do balcão onde ele sorteava aluguel grátis de filme e Bis pras crianças (e que era viciada, só fui descobrir depois, só ganhava nela os clientes de quem ele gostava).

Tinha uma televisão virada de frente pro balcão, mas tava desligada. Eu fiquei vendo as costas do filmes dele por bem uma meia-hora, já quase apaixonando, até ele desembuchar.

— Égua, vai alugar alguma coisa ou vai ver o filme só nas figurinha?

— Tenho vídeo-cassete não, tio. Tava só vendo aqui os nome e as história, só.

— Esse aí que tá na tua mão é clássico. Eu até botava pra tu ver, mas se

bota filme aqui junta mais desocupado que o Congresso Nacional e os freguês que compram mesmo são fresco. Tu sabe como é.

Essa frase ele terminou com um sorriso que me deu vontade de apertar a bochecha rosada e gringa dele.

— Que mal lhe pergunte, o senhor é daqui mesmo?

— Claro que sou! Não tá vendo aqui estampado na minha cara meu sangue Araweté?

Eu fiquei sorrindo besta sem entender se ele era doido. Ele não falou de um jeito irônico.

— Sou irlandês. Era irlandês. Da Irlanda. Irmã pobre da Inglaterra. Tou aqui tem tanto tempo que eu não sei mais quê que eu sou, não. Cê gosta de filme?

— Filme? Filme é minha vida, filme.

Mentira da porra. Filme pra mim nem fedia nem cheirava, era só uma forma de televisão, igual Sílvio Santos ou jornal. Música pra mim que era o tchans, na época, e mais nada.

— Eu faço uns cineclube às vezes aqui pra passar as coisa que não passam nem no Olímpia. A gente não esparra muito, porque não tem nem permissão nem direito de nada, mas se quiser ir é de graça. Amanhã tem. Meu nome é Dennis.

Fiquei dando tempo ali mesmo, depois comi um salgado numa lanchonete e fui perguntando pelo endereço que o homem tinha dado. Era um casarão mal-acabado a uns quarenta minutos a pé dali. Parecia ter uns cem anos. Achei a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida.

— Hoje a gente vai passar um filme muito doido, só pros fortes.

— Como sempre, meu querido, como sempre, falou uma senhorinha de cabelo pintado de vermelho escuro e camiseta do MST.

Tinha um menino índio muito simpático e educado com todo mundo que ficava passando com uma bandeja prateada com copos cheios d'água e de café. Tinha três velhas que pareciam amigas e ficavam o tempo inteiro cochichando e rindo entre si. Tinha um casal baixinho de uns cinquenta e tantos anos, ela de cabelo loiro pintado, ele inteiramente careca, que ficava se agarrando o tempo quase todo. Tinha uns três moleques com tipo

meio de gótico meio de metaleiro que acumulavam num canto e deitavam a cabeça na mochila e tinha uns dois gatos pingado com tipo de professor universitário que ficavam na deles. Atrás do projetor ficava uma menina índia com cara de enfezada, duas mechas se projetando do lado das orelhas e fazendo cara feia pra todo mundo que fizesse barulho.

Eu não consegui prestar muita atenção no filme, que era muito estranho (um cara bonito chegava numa casa de família chique e aos poucos ia transando com todo mundo da família), porque ficava o tempo inteiro olhando discretamente pras pessoas em volta. Nunca tinha estado num lugar como aquele, não entendia direito como que se dava as relações ali. Eles eram todos doidos?

Tomara.

>>

## 64.

>

Dentre os vários assuntos urgentes e recorrentes de Fábio, o único que não interessava tanto a Murilo era a legalização da maconha e de outras substâncias.

Não era raro que quase qualquer outra conversa o provocasse, no fórum ou em chat, a começar a falar da guerra às drogas e, daí, fatalmente, da crise carcerária brasileira, da superlotação e de sua condição escrota em geral, do fato de que 40% dos presos são provisórios, que muita gente ficava preso além do tempo que devia pela lentidão dos tribunais, das execuções policiais feitas quase abertamente, das milícias e esquadrões da morte e do apoio quase irrestrito do Judiciário e do Ministério Público.

Pelo menos uma vez por mês Murilo via o amigo entrar numa mesma sequência argumentativa que terminava falando que a cocaína devia ser a maior indústria do mundo e que a gente nunca via uma pessoa de terno sendo presa por ligação com o tráfico e nem do lobby violento que não devia ser feito contra a legalização. Isso quando ele não começava a somar os mortos no México, Brasil, El Salvador e Indonésia pra dizer que a Guerra às Drogas era de longe o mais sanguinário conflito geopolítico das últimas décadas, muito mais violento que qualquer confusão no Oriente Médio, com a diferença que era um conflito que poderia terminar – ou pelo menos ser radicalmente transformado – com algumas canetadas da ONU e dos países de primeiro mundo.

Murilo concordava que aquilo tudo era errado, concordaria até que era absurdo, mas nunca conseguiu acessar muito bem o sentimento de indignação política que fazia o amigo vociferar tanto. Uma coisa era ficar com raiva, isso ele sempre entendeu, mas querer veicular sua indignação e agitar alguma bandeira por aí sempre lhe parecia um jeito de querer carimbar a sua virtude, querer que alguém batesse palma para a justeza do teu sentimento. Se qualquer movimento prático, do conserto de uma torradeira à construção de uma fogueira, parecia a Murilo quase impossível, qualquer agitação política efetiva parecia ainda mais distante. Multidões pintadas de forma vaga num quadro impreciso. Como que alguém poderia achar a



sério que ia conseguir mudar pra melhor alguma coisa no mundo? Mudar pra pior parecia sempre mais plausível.

Talvez fosse algo que as pessoas faziam como parte de seus infinitos rituais de acasalamento, Murilo pensava, como tanto daquilo que se chama de arte. Não tinha nada de errado com isso, claro, mas não era assim que ele funcionava, pessoalmente. Demarcar tudo o que tá errado do mundo devia ser uma forma de encontrar os parceiros adequados, sexuais ou não. Era no mínimo um jeito de criar identidade como qualquer outro.

Ou talvez a indignação de Fábio viesse mais da sua vontade pessoal de fumar mais livremente, mesmo. Um dia, no meio desse assunto, ele perguntou.

— E cê fuma muito?

— Ah, não muito.

— Bt fé.

— Na real eu fumo pra caralho. É tipo uma parte grande & séria da minha vida

— Haha, sério? N imaginava.

— Pois é. Quase todo dia desde os quatorze, quinze. E tu, fuma?

— Ah, só de vez em quando.

— Vamos fumar um juntos um dia desses na webcam, haha. Eu faço isso com altos amigos meus q moram longe

— Vamo sim. Mas hoje eu tou sem.

Murilo não sabia porque tinha mentido. Ele nunca tinha fumado maconha, na verdade só tinha tido uma oportunidade, uns amigos de um primo mais velho estavam fumando escondidos num churrasco de família em Minas. Ele ficou por muito tempo tentando conceber o que diria se eles oferecessem, tendo decidido por 'opa', seguido de uma modulação agradecida dos ombros (que nem se fez necessária, ninguém lhe ofereceu nada).

Ele agora considera comprar. Mas como que se faz isso? Não tinha nem idéia. As pessoas têm códigos? Elas se enxergam na rua e trocam olhares significativos? Era mais um dos sistemas dos quais Murilo se sentia excluído e que ele não tinha nem ideia de como tentar penetrar. Lembrou-se que no primeiro semestre da Universidade tinha ouvido algumas vezes algu-

mas piadas envolvendo a 109 sul, no sentido de que lá seria um ponto para maconheiros, aparentemente (faziam piadas recorrentes associando a quadra a um colega com tipo de hippie reggaeiro).

Murilo imaginou longamente situações distintas nas quais ele ia pra 109, zanzava por lá um tempo até encontrar alguém que pudesse parecer adequado, talvez um desses caras que pedem pra vigiar seu carro, um que tivesse uma pinta mais alardeada de espertalhão, parecendo sugerir vias sutis de comunicação ali na maneira dele de cumprimentar as pessoas.

Em todas as cenas que Murilo imaginava alguma coisa dava errado, ele se comunicava de maneira idiota, o homem se ofendia quando entendia o que ele estava sugerindo, deixando ele mortificado na condição automática de playboy racista, ou o homem pegava o seu dinheiro e não lhe dava nada, ou helicópteros desciam imediatamente com homens do BOPE pisando na sua cabeça e dizendo que ele era uma pessoa desprezível. Ele chegou a sair de casa para caminhar até lá, mas voltou antes de se distanciar cem metros.

No lugar, então, ele comprou seda e tabaco na banca e na vez seguinte que encontrou Fábio online, propôs que eles fumassem um juntos na webcam, enrolando o seu baseado falso com tabaco (e não mostrando demais na câmera para que Fábio não visse mais do que a estrutura dos seus gestos). Fumou o seu tabaco lentamente, baixando os olhos um pouco e modificando levemente sua impressão quando percebeu que Fábio já parecia um pouco diferente, um sorriso um pouco mais arrastado, querendo comentar qualquer assunto longamente, como se tudo fosse interessante.

Conversaram sobre todo tipo de coisa. Murilo às vezes tinha uma impressão de Fábio ser um tantinho diletante na maioria das coisas que ele botava banca de dominar. Ele se achava um tanto mais culto do que o amigo pra muita coisa (e a competição entre os dois era evidente, ainda que nunca declarada), mas poucas vezes tinha conhecido alguém com um arsenal tão vasto de cultura popular – tanto de coisa boa quanto de detrito – o que ele achava bem impressionante, à sua maneira.

Ele podia ver o quarto do Fábio pela imagem da câmera. Parecia enorme, uma estante de livros enorme e linda, de madeira escura, com vidro cobrindo cada prateleira, ocupando uma parede inteira. Uma cama enorme, pôsteres de filmes na parede (A Idade da Terra, Acossado, Stalker) e uma

guitarra no fundo. Um quarto que tinha um aspecto adolescente e que sugeria toda uma vida muito confortável, com todos os mínimos interesses e caprichos estimulados e garantidos materialmente de maneira prodigiosa a todo momento.

Já o seu quarto ficava todo escuro na imagem da webcam, apenas a sua figura meio espectral mal iluminada pela tela do computador, a pilha de livros e papéis em volta dele e a parede próxima indistintas num escuro pixelado, um verde-cinza de blocos que pareciam se mover sozinhos, como se os algoritmos da câmera ficassem a todo tempo tentando de novo encontrar a melhor forma de combinar aquele tantinho precário de luz ofertada.

>

## 65.

&lt;&lt;

Tamires continuou deitada onde estava, no pufe, por quase uma hora depois da sua visita ir embora. Quase sem se mexer, alternando uma e duas mãos apertando as têmporas com o dedão. Nilson nem imaginava que havia desencontrado de Renato por um dia, apenas. Esteve lá por dias e vazou escondido de madrugada, Tamires só foi perceber de manhã.

Ela despistou Nilson falando que não via o figura tinha tempo, mas falou a verdade quando contou das loucuras que ele andava falando quando esteve lá. Ela percebeu desde nova, com os pais, que suas mentiras soavam mais verossímeis se ela as misturasse com verdades. E estava preocupada com o Renato realmente estar acreditando que tinha viajado no tempo, ou coisa parecida. Já tinha meses que eles tinham parado com os sequestros e tinham concordado manter distância uns dos outros por um bom tempo. Mas ela mesma chegou lá com ele e pediu para abrigar o Renato. Estava muito tensa com algo, o que era inquietante de se ver. Ela que sempre, sempre estava no controle da situação.

Tamires foi até o computador, que estava ligado no quarto. Os passos arrastados numa chinela felpuda e velha de um hotel fazenda no qual a mãe de Simone ficou hospedada mais de quinze anos atrás, em Santa Catarina.

Apesar do calor abafado ali, detido por janelas fechadas, Tamires usa calça e camisa de moletom, cinza-escuras, de manga comprida. Ela tem 1,68 e pesa, no momento, por volta de cento e vinte quilos. Usa óculos profusamente arranhados e tem quase sempre a testa emburrada de irritação ou ansiedade.

Ela cai na cadeira do computador, que reclama. Um dos encostos de braços pende caído pro lado. Acende a tela tocando no mouse e logo começa a escrever. Endereça um e-mail para [acertainslantoflight@gmail.com](mailto:acertainslantoflight@gmail.com).

— Eu sei que não é pra usar esse contato à toa.

Apaga tudo.

— Ei, eu sei que você falou para só falar contigo numa emergência.

Apaga.

Pega um cigarro de palha pela metade que encontra na mesa e acende. Murmura bem fraquinho uma música sem chegar a enunciar as palavras.

Sai da casa e abre a porta do quartinho dos fundos, que já era entulhado antes dela chegar e só foi piorando com o seu descuido. Tá lá entre cadeiras de plástico mancas ou mambembes, telhas quebradas e inteiras, restos de uma máquina de cortar grama e ferramentas diversas sujas, soltas, algumas quebradas, outras enferrujando, pilhas de jornais e revistas velhos e desenhos ruins (os bons estão guardados em pastas lá dentro). O volume do tamanho de uma moto, mais ou menos, maior num dos lados, coberto por uma lona azul.

Ela tinha aparecido do nada um dia no jardim, de madrugada. Um ano e meio antes. Depois de um bom tempo sumida. Tamires nunca a tinha visto tão séria. Ela era sempre a menos assustada dos três, mesmo nos momentos mais tensos. Até a voz parecia diferente.

Tamires tava olhando pela janela ouvindo música e fumando um palheiro quando percebeu os olhos agachados num canto, no escuro. Quase morreu do coração até reconhecer, um segundo depois. Ela sempre teve olhos que pareciam guardar uma luz própria.

— Por que você faz isso?

— Você nunca responde quando eu bato na porta.

— É porque você se acha foda fazendo isso, não é?

— Eu não posso ficar muito, Tamis. Eu vim porque você é uma das únicas pessoas em quem eu confio de verdade.

— Olha o drama.

— Aquele quartinho de trás ainda tá vazio?

Tamires demorou para responder, tentando entender o que aquilo tinha a ver com qualquer coisa.

— Tem só um bando de tranqueira, mas quase tudo dá pra jogar fora ou remanejar.

— Tem como eu deixar um negócio lá por um tempo? Não é tão grande.

— Que negócio?

Ela sorri a aquele sorriso largo e raro dela, que quase lhe fecha os olhos.

— Então, é melhor que cê nem saiba.

— Não é uma pessoa, é?

Ela riu. Era muito difícil ela rir fazendo barulho. O sorriso era aberto e generoso, quase vulnerável. Por isso mesmo ela segurava. Dava até um orgulho quando acontecia.

— É uma máquina.

— Cê roubou?

— Eu que fiz. Eu e mais uma galera, né? Mas com planos que eu roubei. E que a gente modificou.

— De quem?

— Melhor você não saber. Serião. Pelo menos não agora.

Tamires volta até a sala e descobre um dos cantos do mural que cobre todas as quatro paredes e escapa até o escritório empoeirado e cheio de caixas. O mural não parece terminado. No canto que ela descobriu há uma parte mais de baixo toda pintada em cores refulgentes e espessas que se derramam pra fora da parede, enquanto em cima se vê em sua maior parte rascunhado em linhas pretas e grossas de lápis e carvão.

Na parte de baixo há um estádio de futebol com demônios imensos e coloridos na plateia, dois irmãos indígenas sem camisa no centro, um deles com uma bola debaixo do braço, o outro batendo embaixadinha com a própria cabeça. Em cima do estádio, como que pairando por cima de tudo, o esboço de um corpo magro e mulato todo esticado, estrebuchado, líquido, como se dançasse ou tivesse espasmos.

>>

## 66.

&lt;

— Vem cá, Fábio.

— diga

— Você que é aquele Claudinho Chateaubriand, não é?

— o\_o

— como você sabe?

— Haha. Você usou aquela citação que eu te mostrei outro dia. do Blakmur. Quantas pessoas no Brasil estariam com essa citação específica na mente \*e\* lendo CABOL? Duas, no máximo.

— É verdade. Xeroq home, tu.

— Tu tem o costume de fazer isso? Postar comentários com perfis falsos ali?

— ~~Talvez~~

— E eu vi que esse Claudinho existe tem meses, tu tem outros?

— ~~Talvez~~

— Hahaha

— Olha me orgulhar eu não me orgulho não.

— Que mentira.

Murilo exigiu um relatório dos perfis falsos de Fábio, o que ele, meio a contragosto, mas num contragosto que parecia fingido, acabou oferecendo. Tinha o Glauber Costacurta, que gostava de desconstruir os pressupostos ideológicos de um blogueiro conservador curitibano que Fábio odiava com uma virulência particularmente aguda. Tinha o Flávio Panturilho que apontava e mapeava as lacunas nos argumentos de um blogueiro de esquerda que Fábio também odiava (ele odiava muita gente na internet, “é quase uma ocupação de tempo integral, tanto o ódio quanto o constrangimento que ele causa”).

Eram vozes individualizadas, que ele tomava cuidado para não mistu-

rar, histéricas e agressivas (mas não agressivas o bastante para ter seus comentários vetados). Fábio disse que na verdade tinha vários outros espalhados por aí, mas a maioria ele nem mais lembrava direito. Ele vivia esquecendo as senhas dos perfis. Murilo achou muita graça.

— Na verdade, já que estamos falando nisso. Tenho que te falar um bagulho que é meio constrangedor.

— Sabe o Rolando Domenico, lá da comunidade? Aquele cara meio feminista que vive falando de quadrinhos e minas compositoras?

— Sei sim. Eu acho ele meio chatinho, na real.

— Então. ele tb sou eu. o-o

— !

— É, pois é, eu sei.

— comassim, pra q. é tanto tempo, meu deus.

— É, eu sei. Fugiu do controle. É o terceiro fórum em que eu faço isso. Vou borbulhando de gente de mentira nos lugares que eu mais participo.

— vc dedica a sua vida a inventar gente, é?

— porra começa meio a toa, sempre, daí tu vai e manda email pra uma ou outra pessoa com aquele nome, as pessoas começam a conversar com você, a voz vai encorpando. Depois que você acostuma, criar uma conta nova é rapidinho. Eu penso num nome engraçado, se ele me fizer rir a vontade é enorme de criar aquela conta, materializar a sua existência nas databases. Eu anoto todas as senhas num caderno, senão esqueço.

— mas quantos boguses tu tem, porra?

— Ah, não tantos, hoje só uns três sérios, uns cinco ou seis que eu atualizo mais raramente. Eu vou largando o povo com o tempo.

— Mas você já teve quantos, tipo?

— ao todo, vc diz?

— sim, ao todo ^^

— ah, muitos vários. Eu nem saberia te dizer quantos, assim.

— haha, e eu me achando o próprio søren por causa dos meus perfis engraçadinhos



— Quando eu era mais moleque eu levava isso a sério. Tinha amizades longas e sérias sendo essas pessoas. É estranhão quando eu do nada entro no email de uma delas e vem um povo conversar comigo, fico com vergonha de admitir, né, acabo conversando rapidinho com um povo.

— hahahaha

— Tiveram umas personalidades que eu tive que abandonar porque tinham agregado muita gente.

— Eu tenho duas contas de email que te juro que não dá nem pra abrir, só de email e chat e o caralho.

— gente do céu

— Pois é. Eu tava achando meio zela não te contar, porque, né, a gente vem conversando sobre tudo. Eu costumo contar pra pouca gente, porque pela minha experiência o povo costuma achar esquisitão, ficar meio puto.

— ah, poxa. é legal, claro que não ficaria puto. qual o problema?

— Quanto mais internets né.

— Haha, sim. Exato.

>

## 67.

&lt;&lt;

O cineclube nasceu com o fato improvável e maravilhoso de Dennis ter conhecido, no ano da graça de 1999, o casal Vanuse e Silvinho. Juntos, os dois tinham desde o início da década um bar chamado *Encouraçado Botequinho*, onde vendiam salgados, cigarro e bombom (além de, claro, cerveja e cachaça, conhaque barato e batida de côco).

Na primeira vez que Dennis passou pela fachada, achou que tinha entendido errado o nome. Eram só sete da noite e ele já tava bem bêbado. Riu e voltou cinco passos pra confirmar, era aquilo mesmo. Já foi pedir uma cachaça com um sorriso enorme, perguntando pros donos de qual era a do nome. O pai da Vanuse tinha trabalhado no cinema como projetista, ela cresceu vendo filme antigo e de todo tipo, já o Silvinho adotou a paixão da esposa. Os dois também eram comunistas de cantar a Internacional quando bem bêbados. Dennis começou por chamá-los pra ver filme no seu projetor semi-profissional, no casarão antigo em que morava com os gêmeos indígenas. O casarão ele herdou da mãe, irlandesa que veio para Belém ganhar dinheiro com borracha nos anos 20 (um pouco tarde). Depois de alguns meses e encontros intervalados, o grupo foi crescendo e os encontros se firmando em toda sexta, Dennis botando pra jogo toda sua impressionante videoteca de VHS e laser-disc cultivada desde os anos oitenta e carregada com ele de Dublin a Belém em duas caixas enormes. Chegou a escrever algumas críticas para um jornal pequeno de Dublin, mas sobreouviu uma mulher muito bonita criticá-las, uma vez, num bar, e nunca mais escreveu uma página sobre cinema.

Renato ficou ouvindo de olhos fechados o povo conversando baixinho no final do filme, sobre aquilo que tinham acabado de assistir e também sobre a vida do diretor, que além de filme havia feito várias outras coisas. Morreu de forma violenta, pelo que conseguiu entender, mas os detalhes de sua história foram se misturando a um sonho dele próprio espião, de terno, subindo as escadas de uma casa parecida com aquela onde estava de fato. Acordou não sabe quanto tempo depois, a sala toda quieta e quase toda escura, sem mais ninguém, de janelas fechadas, quente, suas costas todas suadas

pregando no tecido.

Imaginou que tava sozinho e já ia constatando muito feliz que poderia muito bem se fazer de sonso e dormir ali mesmo, quando ouviu uma voz vindo do canto da sala ao lado, onde ficava a escada pro andar de cima.

— Você tem onde dormir hoje, garoto?

Demorou a achar a origem dela. Dennis sentado no escuro, na mesa de jantar, sua silhueta recortada de forma imprecisa junto com o espaldar da cadeira, a pouca luz concentrada no copo com um resto de uísque aguçado.

— Tenho não.

— Cê é de onde?

— Do Piauí.

— Teresina?

— Interior. Pedro II.

Dennis fez que sim com a cabeça, continuou calado. Renato ficou em dúvida se a resposta tinha melhorado ou piorado sua situação.

— Hoje cê pode dormir aí. Amanhã, no máximo. Mas cê tem que arrumar um emprego, alguma coisa. Aqui não é a santa casa.

— Sim, senhor. Obrigado.

— Senhor só tem um, rapaz. E não sou eu não.

>>

## 68.

&lt;

Com frequência Murilo se perguntava como é que as pessoas se conheciam antes da internet. Ao contrário do mundo lá fora, parecia-lhe tão fácil conversar e ser compreendido por ali. Nos canais certos, bem entendido. Ele logo aprendeu a usar as referências específicas de cada grupo e confiar que a pessoa as apanharia. Se não fosse a internet ele provavelmente jamais teria feito amigo algum.

Fábio começou, aos poucos, a ser mais aberto a respeito da sua vida pessoal. Eles ainda conversavam basicamente sobre os mesmos assuntos, recomendavam filmes, livros, canções e palestras um pro outro, mandavam GIFS memoráveis ou compartilhavam citações.

Mas agora Fábio começava a contextualizar melhor as circunstâncias reais da sua vida, dizia que estava num quarto de hotel cinco estrelas em Tóquio, tendo acabado de chegar de um clube japonês que reproduzia exatamente o ambiente de um bar mafioso americano da época da proibição, ou que havia acabado de comer uma atriz em Nova Iorque no banheiro dum show, ou que estava prestes a ver a orquestra sinfônica de Berlim com a família da namorada. Fábio a princípio parecia constrangido de contar esses detalhes, com medo de parecer exibido ou arrogante, o tipo de babaca que gosta de se impor diante de amigos que têm muito menos grana do que ele, mas depois das várias insistências de Murilo de que lhe interessava ouvir sobre tudo isso ele foi cedendo.

— É claro que eu tenho interesse de ouvir essas coisas. Eu não tenho como escrever ficção se eu não saio de casa, entende?

— Entende.

— se eu não vivo no mundo, não conheço gente. até a porra do Proust tinha lá uns amiguinhos pra montar o barão e a Odette, né.

— É verdade. Imagina os maladrinho que acabaram virando esse povo e nunca descobrem. Sempre penso nisso.

— bicho, então, na real, posso te pedir uma parada?

— hm

— eu já pedi isso de uma galera, na real. tu sabe que eu mal saio de casa. eu queria que tu me contasse umas paradas, me desse tipo exemplos de diálogos, de cenas concretas e pontiagudas das galeras onde tu anda, sei lá, detritos de qualquer tipo que tu quiser me mandar.

— Bicho entendi exatamente a pala

— Não precisa ser pessoal, não, mas me dá, sei lá, personagens, vozes e cenas e coisas que eu possa tentar adotar e montar numa ficção. Detalhes concretos, contextos, esse tipo de coisa, entende?

— Bicho já entendi já falei, v a m o n e s s a

— hahaha

— te ajudo, na pior das hipóteses isso me ajuda também, como exercício.

— É, claro. como o Bábel falando pra si mesmo descrever tal coisa, <O que é um jornalista soviético?>

— <O que é um bolchevique?>

— Haha, sim. <O que é um playboy goiano?>

— hahaha, \*sim\*

— <O que é um estudante de antropologia da UnB?> < O que é um moleque doído vidaloka?>

— \*exatamente\*

>

## 69.

&lt;&lt;

Eu não sabia de nada dessa confusão pavorosa que ela tinha arrumado até ir lá na casa deles um dia, no Bom Retiro. Emerson já devia ter bem uns treze ou quatorze anos. A Linda me ligou assim que descobriu que eu tava em Belém de novo, na antiga casa da minha mãe. A gente se conheceu logo antes de eu sair de lá. Tinha ido pra São Paulo pra entrar na ordem dos Beneditinos, mas não deu muito certo. Tava bebendo e cheirando pra caramba e indo em encontro dos AA ou dos NA sempre que dava, onde que eu tivesse. Falando, cada vez que ia, que tava há seis meses sóbrio, há dois anos sóbrio. Isso às vezes tando bêbado ainda, a cara de todo mundo denunciando que podiam sentir o cheiro entranhado nas minhas roupas. A Linda não falou nada no telefone, só chorou por uns cinco minutos. Quando começava a falar, vinha uma falta de ar nela. Uma agonia danada. Eu falei que ia visitá-la. Quando eu tou mais na merda mesmo é que mais me disponho a ajudar os outros, é engraçado. Não quero me deixar sozinho comigo mesmo e nem com gente que também bebe e cheira. Cheguei lá e tava ela e o menino num apartamento apertado e muito fedido, com cheiro de suor e mofo, lotado de revista, saco plástico e caixa. Ela é dessas pessoas que não consegue jogar nada fora, vive soterrada de tranqueira, de revista velha e saco plástico e caixa de sapato dentro de caixa de sapato e até recibo de padaria, como se houvesse como aquilo ainda servir pra alguma coisa em algum momento. Hoarder, chamam na minha língua. Ela sempre teve aquilo, mas parecia que tinha piorado desde que não morava nem com a família e nem com as irmãs e nem com os padres. Ou seja, desde que tinha pego o Emerson pra cuidar. Ela que deu o nome, em homenagem ao escritor norte-americano, o seu favorito. Achava fascinante que no Brasil aquele fosse um nome próprio. Como Lincoln. Ficava emocionada de ver lindos rapazes negros brasileiros chamados Lincoln e Jefferson. Me falou isso em mais de uma ocasião. O menino ficou tocando teclado com fone de ouvido enquanto a gente conversava, mas olhando pra gente com uma cara de quem tava entendendo tudo. Schumann, ele disse que era. Mas a gente não ouvia. Só ouvia as teclas. Os olhos puxados e reservados, uma puta cara esperta. Ela só reclama-

va dele e falava que tinha a cabeça endemoniada, embora fosse mais cristão ainda que ela, ainda mais severo. Ele achava que ninguém era cristão coisa nenhuma, nem o Papa, que se fosse tava todo mundo miserável andando na rua com os mendigos e as putas e indo visitar os presos na prisão. Todo dia. Ela não admitia, mas esses comentários faziam com que ela achasse a sua própria fé moderada, em comparação, quase a de uma ímpia. Ela culpava a internet por botar ideia fanática na cabeça, mas deu pra notar em cinco minutos ali dentro daquela casa sufocante e toda agoniada que ela isolava o moleque de tudo, toda e qualquer realidade concreta, com medo que tirassem ele da mão dela se descobrissem como que ele chegou ali. Tinha medo até de ser presa. O dinheiro vinha da igreja, daqueles fundo secreto que eles têm pra treta, pra padre abusador e coisa do tipo. Eu ajudei a arrumar isso pra ela na época, ainda estava me desligando da Igreja, mas não tinha nem entendido a situação direito. Fiz a pedido de um senhor que respeito muito, seu Adamastor Beirão, arcebispo de Goiânia.

O menino praticamente nunca saía de casa. Falava português com um pouco do sotaque dela de estadunidense. Não tinha certidão de nascimento nem RG, nunca tinha ido à escola, era ensinado por alguns professores particulares, mas principalmente por ela mesma. Sabia o Gênesis, Êxodo, os salmos e o Evangelho de cor e salteado na tradução do Rei Jaime antes dos doze anos, assim como todas as temporadas de Seinfeld, o produto cultural mais escandaloso que Linda permitia que ele consumisse. Linda mentia pra ele a história de sua concepção desde sempre, mas de uma maneira ansiosa e pouco planejada. Sempre disse que seus pais haviam morrido num acidente de carro que ela presenciou, no Goiás, e tinham pedido para Linda prometer cuidar dele. Mas uma vez disse que era só a mãe. Ela não era também exatamente a pedra mais brilhante da joalheria, digamos assim. Ele fazia perguntas o tempo todo, com uma cara inocente, dava a impressão de que era bem mais esperto que ela. Ela se embananava toda quando confrontada, eventualmente escorregou a admissão de que ele tinha uma irmã gêmea lá no Goiás ou no Tocantins, numa tribo. Desde então ele só falava nisso, falava que se não levassem ele pra conhecer a irmã ele ia fugir pra encontrá-la, que a Linda não era a mãe dele, que não sei o quê. Ela ficava ainda mais branca do que já era quando pensava nessa possibilidade. Depois de passar uma tarde ali, eu vi que não tinha jeito. Alguém tinha que tirar aquele moleque dali e levá-lo pra conhecer a irmã, senão um ia acabar

matando o outro. E esse alguém acabou que teve que ser eu mesmo, Dennis O'Leary, ex-padre, solteirão convicto, toxicômano semi-confesso, um danado incurável que nunca tinha criado uma criança na minha vida.

>>



## 70.

&lt;

Fábio começa a enviar e-mails compridos pra Murilo quando não o encontra online. Era como se Murilo se tornasse o alvo perfeito para tudo que ele sentia vontade de dizer, alguém com uma sensibilidade e cultura extremamente próximas da sua, um domínio extenso de referências em comum de que eles se serviam toda hora ao conversarem. Mas não devia ser só isso. Fábio tinha muitos amigos espertos nos seus círculos de amigos em Goiânia, Brasília, São Paulo. Murilo inclusive podia ver parte desta interação. Talvez a distinção de Murilo fosse em parte de ser isolado desses outros circuitos de carne e osso, maiores e menores, nos quais Fábio se via inserido.

Para: mafrye@gmail.com

De: FBCarvalho@gmail.com

Assunto: HEY MR DJ

FALA os murilo

Ontem eu pedi comida japonesa pra jantar, um combinado enorme de sushi e sashimi, e daí passou uns quarenta minutos e o troço não chegava, daí eu não lembro exatamente se esqueci de ter pedido a comida japonesa ou se simplesmente não consegui dar a relevância devida àquela informação, por um momento, sei que liguei pra uma lanchonete tradicional aqui e pedi dois sanduíches enormes. A larica na hora um continente. Meia hora depois chegam as duas encomendas em casa e eu não sei como explicar, eu tento receber na porta de forma que ninguém veja, mas a minha mãe me vê na cozinha com aquilo tudo em cima da mesa e eu digo apenas que estou com muita fome, pra não ter de admitir que eu sequelei de forma tão retardada.

Eu naturalmente começo a pensar no tanto que aquela cena é ridícula, uma demonstração histriônica da minha vida e da insciência bruta de seu privilégio. E eu começo a encarar aquelas duas refeições enormes ali diante

de mim, que eu estou tentado começar a comer, e a pensar na vasta extensão relacional técnica e material necessária para que aquilo ali chegasse na minha casa. Eu penso não só nos dois restaurantes que mandaram seus motoboys pra minha casa, e em quem trabalha neles, mas na cadeia de produção daqueles ingredientes cuja combinação resulta naquilo pronto ali. Eu lembro de repente do fato que engoli meses atrás, que para cada pequeno pedaço de atum que você come você poderia encher uma mesa inteira de vida marinha que é morta acidentalmente e descartada, um fato cuja proveniência eu nem imagino, que nem lembro se é preciso ou não, mas que preenche a minha imaginação vividamente, e eu quase consigo ver a mesa da cozinha aqui de casa repleta de seres marinhos diversos trucidados, arrebanhados por redes enormes correndo debaixo d'água e varrendo tudo que encontra. Eu desisto de comer o peixe, decido deixá-lo pra depois, tentando afastar aquela imagem, mas quando vou comer o sanduíche de carne, bacon e molho de churrasco uma imagem semelhante se apresenta, de vacas e porcos hipertrofiados revolvendo no próprio excremento, confinados.

E agora eu consigo ver todos os objetos da minha casa como elementos dentro de uma teia expansiva de violência, processos vastos e inumanos se movendo dentro de algoritmos rigidamente articulados, rápidos e acelerando como motosserras em desenhos animados. A imagem seria muito mais específica se eu não fosse tão ignorante, mas considerando as minhas sérias limitações a respeito de política, economia e praticamente qualquer aspecto técnico de qualquer área séria, eu só consigo imaginar vultos obscuros agindo sobre as coisas. E sentir a culpa da minha posição como a marca de uma maldição. O que eu sei é que eu tenho uma fortíssima impressão de que aquela extensão horrível de coisas está igualmente implicada em tudo, em qualquer objeto mais ou menos relacionável às forças industrializadas do mundo e do capital.

(É uma visão assustadora, e parte de mim precisa ficar quebrando esse humor grave com uma voz irônica que tenta a todo tempo deixar claro que reconhece como é típico e desinteressante aquele clichê do menino privilegiado que fuma um e fica tendo intuições vagas, imprecisas e autoenvolvidas sobre a seriedade violenta do mundo).

E agora eu não consigo nem comer o sanduíche, o que torna a situação ali ainda mais ridícula e constrangedora, e eu realmente não sei como vou explicá-la para a minha mãe.

FIM DE TRANSMISSÃO

PUNHO DOS BRÓDERS

... ..

...../’-’...’/’--\`\_ , ...../’/.../.../...../’-- .....  
 (“(‘...’... -~/’...’) .....’...../ .....”..... :’  
 ... .. (

(tentei colar aqui o famoso adágio

mas como se vê a diagramação saiu toda cagada,

quem sabe aí ela se recompõe certinho?

Eis o mysterio da fé.

FICA A INTENÇÃO & O SENTIMENTO, Ó >MURILO SINISTRINHO  
 DEUS MENINO DA GRANDE ÁREA <, com um abraço do seu, do nosso

FBC

(Além de mais íntimos, os e-mails ficavam cada vez mais dramáticos,  
 escritos com um estilo cada vez mais estranho).

>

## 71.

<<

Sete e meia, Dennis me acorda e tomamos café da manhã na sala em que eu havia dormido, com ele e sua mãe de oitenta anos, Saoirse (fui entender só muito depois), tudo preparado por uma criada indígena de cabelos brancos que iam além da cintura, vestindo um vestido vitoriano de manga comprida que parecia ter dois séculos. Chamava Lady. As duas tinham uma relação estranhíssima, carinhosa e agressiva de ambos os lados. Saoirse chamava Lady aos gritos, Lady respondia aos gritos. Ela conversava em inglês com o filho, não reconheceu minha presença em nenhum momento. Já estava mais pra lá do que pra cá, com um pé no além. Morreria alguns meses depois.

Com o que restava do dinheiro da mãe, Dennis tinha acabado de abrir uma *lanhouse* perto do centro. Era seu segundo empreendimento depois da banca, ele me contou. Ele não era o melhor empresário do mundo, mas estava tentando transformar o patrimônio dilapidado da mãe em algo sustentável. A *lanhouse* ficava a meia hora de carro da casa dele. Era junho de 2001. No dia seguinte me levou lá, dizendo que arranjaría um emprego pra mim. Cheio de adolescente gritando e jogando junto um mesmo jogo onde terroristas e agentes uniformizados parecidos com o BOPE tentavam matar uns aos outros. Além dos moleques jogando, tinha sempre uns tiozinhos confusos resolvendo coisas práticas, imprimindo boleto, nada consta e resolvendo perrengue de várias ordens.

Tinha um moleque cabeludo mais velho e de expressão vazia que ficava de responsável pelo caixa e falando alto quando algum moleque ameaçava fazer merda. Luciano. Mas quem mexia nos computadores e instalava tudo, quem tinha montado a LAN e aparecia quando algo quebrava, era a menina indígena. Renato não entendeu seu nome no dia anterior, continua sem sabê-lo nos dias e semanas seguintes. Ninguém a chamava pelo nome. Devia ter dezesseis anos, no máximo, mas parecia fazer tudo com o pé nas costas. O menino ficava junto dela no quartinho em cima da *lanhouse*, os dois alternando em usar o computador. Chamava-se Emerson, mas ela não usava esse nome.

Quando vi a cama bagunçada num canto entendi que os dois moravam ali mesmo. Ela tinha o cabelo mais bagunçado, apesar de lisinho e preto como carvão, mais comprido atrás, mechas enormes correndo ao lado das orelhas. O dele era cortado mais curto e penteado certinho. Fora isso eram a mesma pessoa. A pouca luz da véspera não tinha me deixado ver. Os dois eram lindos.

A menina falou que além de ajudar o cabeludo lá embaixo a atender os moleques eu teria que ajudar na faxina, mais tarde, e a descarregar umas caixas que chegariam a qualquer momento. O menino, que mal saía do computador, sorriu com muita simpatia, pegou um saco plástico que tava ali, desamarrou rapidinho, pegou uma bolinha amarelo-verde de dentro e me ofereceu.

— Pupunha?

Eu olhei pras bolinha, intrigado.

— Pupunha não é palmito?

— O palmito da pupunha é palmito. Isso aqui é fruta.

Eu comi uma.

— Parece pamonha.

— *Pamonha? Parece porra. Parece pupunha.*

A menina que falou isso, ultrajada. Sem nem olhar pra mim, mexendo nas entranha lá de um computador. Ela não parava quieta um segundo, quando encontrava um problema olhava em volta e logo arranjava algo no seu entorno para lhe ajudar, que fosse uma chave de fenda ou um pedaço de arame.

Já o garoto não parecia que trabalhava muito ali. Ficava a maior parte do tempo lendo uns textos xerocados que pareciam muito complicados, vários sobre as mitologias de todo canto que cê imaginar e alguns sobre anarquismo (que na época eu nem sabia o que era, mas reconhecia como um palavrão). Eu fiquei bizoindo um pouco por cima do ombro dele, tentando ser discreto. Ele não parecia incomodado. Tinha duas frases impressas em letra grande e coladas na parede acima da tela.

“O colonizado descobre o real e transforma-o no movimento da sua práxis, no exercício da violência, no seu projeto de libertação.”

e

“o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado natural, que só se curva diante de uma violência maior”.

Eu nem sabia o que era uma colônia, embora lembrasse que a palavra havia sido martelada pra mim na escola. Eu não entendi nada, mas achei o máximo.

— Cê estuda muito, né?

— Sim. Mas nem penso como estudo, não. Eu só gosto muito de ler os mitos dos outros.

— Eu também amo ler.

— Pô, massa. Que que cê curte?

Lembro que eu fiquei nervoso na hora de responder. Queria muito impressioná-lo, mas não tinha ideia do que impressionaria aquele menino danado, tranquilo, sentado sobre suas próprias pernas. Camiseta do Racionais e chinelos.

— Paulo Coelho, Augusto Cury. O que cai na minha mão eu leio. Asimov.

— Legal. O Asimov é legal. Os outros eu nunca li.

Era o único que eu nunca tinha lido.

— Cê vai ser doutor, vai?

A garota interrompeu antes que ele respondesse, ainda sem olhar pra gente.

— Anel de dotô só serve pra não ser preso na senzala.

— Égua, 'xe de besteira. Não liga pra ela, não. Ela tá puta consigo mesma, porque o programinha que ela tava inventando não funciona. Aí fica assim com tudo.

— E eu tou errada? Vai dizer. Diploma é uma palhaçada. Um bando de rico batendo punheta um pro outro. Fora um ou outro cientista.

Ele pareceu ignorá-la, voltou-se pra mim, respondendo.

— Eu não tenho muita paciência pra universidade. Mas também eu nunca estudei em escola. Eu só gosto de estudar língua e mitologia. Já fui ver

umas aulas na UFPA, mas o povo é muito empetecado. Não todos, mas a maioria. Meio metido a besta.

Renato respondeu no mesmo tom, imitando.

— Nunca fui muito assim de aula, também não, tem professor que é muito metido a besta mesmo. É que nem juiz.

A menina já veio se metendo de novo, sua voz abafada pela carcaça do computador.

— Juiz é uma das piores coisas que já andou sobre a terra. Quando chegar a nossa hora vão ser os segundo no paredão.

Eu ri pra caramba.

— E primeiro é quem?

— Como quem?

— Os cana?

— Cana é capanga. Primeiro são os rico, ué. Mas rico-rico mesmo.

Ela fala isso e volta a cabeça pra baixo, a testa enfezando um rosto delicado e infantil. O irmão faz uma cara de enfado e volta os olhos pro texto impresso em cima da mesa. Não tinha base nenhuma o tanto que eu já amava aqueles dois.

>>

## 72.

&lt;

De vez em quando Fábio ainda parecia relutante com os seus relatos, pedia desculpa por falar tanto de si mesmo, precisando que Murilo deixasse claro a todo tempo que estava, sim, interessado. Ele deixava Fábio entender que tinha essa mesma relação com outras pessoas, mas isso não era verdade. Há muito ele percebia que esses encorajamentos já tinham ganhado uma função meramente formal, era uma peça retórica que permitia que Fábio deslanchasse o que parecia ser obviamente uma vontade bastante premente de representar a si mesmo e de se expor para alguém.

Murilo, por sua vez, também precisava de tempos em tempos deixar claro de novo que o seu interesse não era esquisito demais. Ele com o tempo cristalizou com Fábio aquela história de que ele queria ouvir relatos pessoais do tipo, porque estava tentando escrever um romance e precisava desse tipo de realidade vívida e emocional para construir seus personagens e peripécias. Isso, claro, além do interesse genuíno que ele tinha nas besteiras que o amigo tinha para contar. Fábio não parecia minimamente incomodado com a possibilidade de virar um personagem de um romance, ainda que disperso, picotado e irreconhecível, como Murilo garantia (“Eu não vou te botar ali espelhado, reconhecível, relaxa”).

Mas começou a parecer um tanto claro para Murilo que Fábio realmente gostava da ideia e não parecia fazer aquilo como um favor.

— Quae malander charmander, ainda tá acordado?

— Estamos sempre aqui, né

— Pra trazer os seus desenhos favoritos (8)

— saiu muita coisa do CABOL, c viu. Achei massa.

— É, eu também. Mas a história em si não ta parecendo que vai concluir nunca, né?

— É, não sei, acho que não. A impressão é que é mais uma gracinha histórica paranoica dessas q vai espriando espriando ate dissolver

— Aqueles desenhos do sintellecto transorgânico chinês que saiu na



zumbi eu achei engraçados

— É, é. Mas a coisa lá das viaj no tempo lá do Renato que na real era caô eu já achei meio boba. Fico com a impressão que não é mais a mesma galera, né.

— Pô, mas eu acho que já não é a mesma galera tem um tempo, na verdade. Acho que já virou uma zoeira coletiva o rolê.

— ah mas zoeira coletiva acho que era desde o começo né não?

— é?

>

## 73.

&lt;&lt;

A sua nuca tava doendo ainda, dava pra sentir quando mexia a cabeça. Tinham tirado todo o cabelo dele, pelo, sobrancelha, tudo. Estava de olhos vendados, amarrado, as duas meninas rindo. Uma delas ia com cuidado, a outra arregaçava. Deixaram nem o bigode. E botaram alguma coisa na bebida dele. Ou na comida. Só podia. Tava tendo umas ideias estranhas, umas sensações que não eram normais. Tudo tava meio derretido, mais lento e mais acelerado, ao mesmo tempo. Talvez ele tivesse ficando doido. Não, deviam ter botado droga mesmo. Só podia ser. E que porra será que deram pra ele?

Era o segundo dia. Ele tava agora numa banheira velha marrom acomodada em cima de rodas, ele não entendia tão bem como. Acorrentado a um cano que saía debaixo dela, com uma cortina vermelha aveludada em volta da banheira toda. Ele julgava que devia ter quatro ou cinco pessoas em volta dele empurrando ou puxando a banheira, mas não dava pra ter certeza. Eles mudavam de lugar e faziam barulhos os mais esquisitos.

— Vamo? É hoje tua primeira aula assim aula memo.

— Mas nem pensa como aula, não.

Falaram isso depois dele acordar nessa banheira e já foram empurrando o negócio adiante. Já parecia ser final de tarde, ele tinha dormido esse tanto? A primeira voz mais ríspida e feminina, ainda que grossa, e a segunda a do cara que parecia pagar meio de líder, até onde ele via, que era simpática mas esquisita, líquida e dada demais.

— Cê sabe certamente deve muito bem saber, meu querido, que toda a grande nobilíssima instituição da qual cê participa, o corpo de ações do qual tu é um membro, o Senado, vem dos grego e dos romano, aqueles doido.

Ele não falava nada, até pensava em pedir que parassem, mas sabia que não ia adiantar. Tava um pouco tonto, mas tava mais puto que qualquer outra coisa.

— Pois temos hoje uma surpresinha realmente que não é pouca merda não. Se você assim for um cara que tem aquele interesse naquela coisa toda de história. Assim a história, né, a com agá maiúsculo. Seus problema acabou, Jarba. Você vai ver hoje a mais perfeita, mais completa, mais dedicada, mais cuidadosa, mais maravilhada e maravilhosa reconstituição já executada dos mais cabulosos, sinistros, ctônicos, desmembrados e deslembrados mistérios que a nossa querida Antiguidade já sonhou em produzir. Àqueles que viam isso das antigas era concedida a vida eterna, eles diziam, e tem que se entender isso do jeito mais literal que der. Só relaxa sua camerabilidade, deixa o troço encaixar e vai, Jarbinha, que pelas pujança de suas zureba eu sei que cê vai sentir o drama. Aguarde e confie. *Deixa acontecer na-tu-ral-mente.*

Quando saiu da banheira, tava no início de um bosque, as árvores adensando logo adiante dele. Conseguia ver uns pontos de luz se mexendo no fundo, e ouvir uns gritos tanto femininos quanto masculinos.

— Per-séee-fo-ne.

Continou andando, galhos e folhas se esfregando no seu corpo quase nu, coçando e picando. Será que ele tinha que encontrar alguém? Se ele encontrasse será que levariam ele de volta pra dormir ou dariam alguma comida, pelo menos? O bolo de fubá fresquinho que ele comeu tava ótimo. Considera tentar sair correndo, mas só de cueca no meio do mato e algemado ele não ia aguentar muito tempo. Olha pro preto do bosque entremetido de troncos e pensa que podia ter dado a sorte de lhe arranjam uns sequestradores menos malucos naquela merda de país, pelo menos.

— Cho-ve, cho-ve.

Vê uma das meninas passar correndo bem na frente dele, quase peladas, algumas, e completamente pelada, uma delas, a mais gorda, segurando algo como um cajado todo enfeitado e uma lanterna que ela fica chacoalhando, iluminando sempre retalhos diferentes das árvores. Apontam para o céu enquanto gritam. Agora que ele vê que alguns galhos estão enfeitados com tiras coloridas e uns adereços que parecem pinhas e figos. Todos usam máscaras de algum tipo, a maioria uns rostos grotescos de papel machê.

— Onde vocês estão? Já deu de brincadeira, hein. Vamo dormir, gente.

— Per-séee-fone, cadê você? U-huu.

Esse grito parecia ser de um homem afinando a voz. Em seguida passam de novo as meninas agora apontando pro chão e pras árvores.

— Conce-be, conce-be.

Ele vê movimentação atrás de umas árvores, logo ali à frente e logo acima duma pequena alevantada de terra. Vai subindo com dificuldade, reclamando e xingando, puxando cipós e galhos que consegue alcançar. Quando chega mais perto, vê que tem quatro ou cinco deles de costas, sentados, assistindo alguma coisa atentamente. A menina mais gorda, negra, está no centro, um pouco de pano dourado drapejando em torno dela e cobrindo quase nada do seu corpo considerável e cheio de dobras, que se contorce e se projeta, seus músculos alternando entre liquidez e rigidez, seus olhos fechados de uma intensidade insuportável. Ele fica um pouco assustado, sem saber se eles querem que ele assista ou não. Continua ali atrás de todos sem fazer muito barulho, e pensa que tá muito cansado. Só depois da menina gozar, gritando como um bicho morrendo pra depois arrefecer, é que alguns se viram pra trás e reconhecem a presença dele. É o maluco sem uma perna que pega das mãos da garota o que parece ser um consolo enorme e azul que parece uma cobra, tira de dentro dele uma espiga de milho toda esbagaçada, vem todo solene entregar ao senador, depois de cheirá-la de maneira exagerada e profunda, falando.

— A história é um pesadelo do qual a gente tá tentando acordar, Jarba.

>>

## 74.

&lt;

Todo mundo se vê sempre enredado numa série de tramas, mas Murilo se considerava isento de quase tudo, de toda essa comoção coletiva da qual todo mundo se via participando. Observava e processava uma quantidade absurda de coisa, mas ele não se metia direito em nenhuma delas, não se considerava inserido de fato em nada. Nem no Brasil, exatamente, ele se considerava tão metido, embora soubesse que talvez fosse uma cegueira da parte dele.

Murilo há anos não mais sonhava consigo mesmo, exatamente. Seus sonhos geralmente eram destituídos de protagonistas, documentários confusos traçando panoramas vastos com personagens oscilantes ou no máximo com um protagonista que obviamente não era ele. Um senhor polonês baixinho segura a vontade de fazer xixi enquanto tenta arquivar papéis numa universidade soviética na década de setenta, uma artista mexicana obesa monta uma exposição feminista no MoMA onde o andar da sua exposição fica restrito ao público como forma de representar a exclusão sistemática da mulher de vários campos ao longo da história. Murilo acorda de sonhos como esses e precisa de um pouquinho de tempo para recuperar exatamente quem ele era. Mesmo não passando de poucos segundos, era um pouco assustador. Porque no final das contas quem ele era acabava por ser mais uma soma de suas contingências materiais do que qualquer outra coisa. Ele era o seu apartamento, a sua pequena pança, a sua caspa nos ombros, a sua garganta arranhada. A voz dentro da sua cabeça não conseguia fixar uma presença muito mais momentosa do que isto, do que ela mesma, encerrada naqueles limites estreitos.

Mas claro que essa vida isolada, ascética em partes, voraz em outras, essa presença austera e retirada do mundo, era também sua trama singular. Um enredo chatérrimo não deixa de ser um enredo.

&gt;

## 75.

&lt;&lt;

Rodolfo Serafim Cipriano & Bragança da Maia achava difícil, às vezes, em festas e *vernissages*, explicar o que ele fazia. Normalmente ele só dizia que trabalhava com informação. Oclinhos pequenos e coloridos, cara de Papai Noel safado. Sempre gostou de circular em outros cantos que não os de seu trabalho. Duas ex-mulheres acadêmicas. Uma artista. Geralmente quando insistiam ele dizia que trabalhava com mercado financeiro, mas aquilo sozinho soava sem graça. Ele próprio nunca gostou de se imaginar um mero investidor qualquer. Ou mesmo “dono de *hedge fund*“, como alguns brasileiros falavam. Rodolfo pintava, praticava polo. Lia Husserl (e não entendia muito, mas ainda assim). Era um homem renascentista. Não era um bárbaro como esses moleques de Wall Street. Havia elegância no que ele fazia, mas era difícil de traduzir isso pros outros.

Rodolfo evitava explicar seu trabalho sempre que possível. Não é o tipo de trabalho para o qual você estuda na universidade, exatamente. Os lugares em que ele estudou nos Estados Unidos e na Europa, todos caríssimos, os mesmos do pai e do avô, ajudaram muito mais para conhecer gente e ir se azeitando dentro de algumas engrenagens. Escola privada na Suíça, depois Business em Yale. Não é só saber arranjar os canais certos e saber cultivá-los com o cuidado adequado, sem apertar forte demais nem deixar nada solto além da conta. Importa mais ter os ouvidos bem abertos e a capacidade de fazer conexões estranhas e imprevistas. A questão não é mais só da informação bruta que você tem, é muito mais da triagem, de saber filtrar o que importa e o que não importa, distinguir o sinal do ruído.

Um fundo de investimento que está comprando futuros de *commodities* na América e na África pode não saber que precisa saber de novos dados meteorológicos que militares chineses estão vendendo. Uma mineradora norueguesa pode não saber que precisa das projeções de recursos geológicos que estão saindo de análises geofísicas experimentais numa universidade no Chile. Um conglomerado de comunicações mexicano pode não saber que está comprando uma plataforma fajuta de *streaming* de música, com dezenas de milhares de usuários falsos, e que o funcionário infeliz que fez tudo

que presta na plataforma está disponível por um décimo do preço.

Nem todo mundo recebe bem as suas aproximações, alguns entendem como chantagem. Porque ele não pode, quase nunca, já chegar entregando o jogo todo, senão seu produto não valeria nada. Ele só faz isso com quem já tem uma relação estável e de relativa confiança. Por isso gosta de ser apresentado, para que ninguém confunda as coisas. Geralmente ele precisa se apresentar para quem não sabe quem ele é e explicar de um jeito convincente que ele sabe de algo que eles *precisam* saber. E que esse conhecimento precisa ser devidamente recompensado, claro. Havia um ou outro que tentava sair na conversa, botando a mão no ombro com cara compungida de viúva e falando que não sabia como poderia agradecê-lo. Rodolfo repetia o que o seu próprio advogado dizia. Desde que os fenícios inventaram a moeda ficou muito fácil resolver esse problema.

Rodolfo sabia muito bem que o mercado era tudo, que ele se alimentava de tudo. Tanto dos dados mais brutos do que acontece no mundo, tudo que é produzido e comido de verdade, tudo que circula. Quanto das mínimas inflexões simbólicas que as marcas e os países e mesmo os materiais ganhavam na tessitura geral de valor. Nada era insignificante. Há muito que seu pau quase nunca subia e que toda sua libido se voltava exclusivamente naquela direção. Rodolfo chegava a sentir o períneo se contrair quando sentia algum encaixe se apresentar entre duas pepitas de informação até então soltas.

O ramo tinha mudado muito em pouco tempo. Ele se orgulhava de ter acompanhado quase todos os desenvolvimentos das décadas anteriores, mas agora o jogo se dava cada vez mais com *trading* de alta frequência, entre algoritmos e seus muitos gatilhos mutuamente engatilhados. As informações se espalhavam rápido demais e se compilavam com quase a mesma rapidez alucinante, inumana.

Na década de noventa, depois da Guerra Fria acabar e o exército redirecionar muito da grana que ia pra físicos e matemáticos, estes foram migrando todos para o mercado financeiro, inventando os instrumentos mais rocambolescos, os derivativos mais abstrusos e convolutos, os modelos de predição mais robustos possíveis engolindo e cancelando uns aos outros no ruído geral.

Rodolfo conseguia acompanhar quase toda a matemática que iam in-

ventando, mas se irritava com o fato de que boa parte do jogo agora se dava entre máquinas se engalfinhando sozinhas. Pelo menos daqueles jogos que ele conseguia jogar (ele, afinal, um operador pequeno de peças enormes, que tentava desde os trinta e tantos ter alguma independência e não ficar atado a algum grande mega-organismo corporativo, qualquer que fosse). Não tinha mais tanto espaço assim, Rodolfo sentia, para ser esperto e se dar bem sozinho. Não do jeito que ele tinha feito durante anos, do jeito que lhe havia rendido uma carreira sólida que o sustenta bem até hoje, através de tantos divórcios. Graças a deus sem filhos. As discussões agora eram de obras milionárias de cabo de fibra ótica perto das bolsas de valores para ganhar milésimos de segundo no tráfego de dados. Como que alguém pode querer antecipar vantagem sozinho nessa palhaçada ciborgue? Ele contratou sangue novo para acompanhar a matemática, mas se sentia velho ouvindo eles falarem e não mais estimulado.

Rodolfo expressava essa ansiedade com alguns poucos amigos com quem ele não competia diretamente (nunca é aconselhável mostrar fraqueza pra quem pode se beneficiar dela). Ainda se sentia bem situado, só o dinheiro de consultoria que ele tirava sem trabalhar tanto já satisfazia seus gostos, aristocráticos, claro, mas quase estoicos, pra média da sua classe. Suas extravagâncias maiores eram pegar o jatinho para ver partidas específicas de futebol de última hora, Sakura todo ano no Japão, primavera na Toscana com a família. Rodolfo já conseguia ver o dia em que um adolescente indiano que não conhece ninguém que ele conhece conseguiria fazer o trabalho dele com muito mais eficiência. Sentia que o tapete tava sendo lentamente puxado por debaixo de seus pés e queria pular logo pra algum outro canto.

Isto permaneceu como ansiedade vaga até que um projeto misterioso chegou no ouvido dele. Algo completamente além da sua alçada habitual, o maior peixe que seu anzol jamais havia fizado. Uma das muitas vantagens não só de ter estudado em Yale, mas de ter feito parte do *Skull & Bones* e de fingir levar aquela merda a sério mesmo tendo que gastar os dentes uns contra os outros de agonia ao lidar com aquela gente horrorosa. Rodolfo era esperto o bastante pra saber o que via no espelho. Sabia que os tempos eram outros e que a sua imagem era de um almofadinha riquíssimo e privilegiado, europeu, de uma família tradicionalíssima portuguesa com muito carma nas costas. No geral, Rodolfo tinha orgulho de sua família. Mas tinha



coisas que lhe tremiam a espinha. Lembrava de tios caquéticos falando pra ele, criança, que bom mesmo era com escravos. E que na África ainda dava pra fazer de conta. Isso nos anos sessenta. E ainda assim Rodolfo ficou chocado com o que viu nas noitadas de seus colegas de sociedade secreta.

Rodolfo tinha a casca grossa, já tinha ajudado a lavar o dinheiro da cúpula imediata de muito ditador sanguinário, já tinha abraçado calorosamente, bêbado, muito traficante de arma. Isso antes dos quarenta.

Mas teve dificuldade de esconder o nojo quando viu aquele bando de moleques mimados rosados ostentando o crânio de Jerônimo e cusbindo. A coisa toda era nauseante, mas lhe rendeu assim que saiu da faculdade os primeiros empregos no mercado financeiro, ainda nos anos 80, aquele delírio sustentado de coca e um sentimento de aceleração eterna até o fim. Uma ereção dolorida que foi se exaurindo numa década de noventa mais limpilha e PC. Rodolfo entrou pra yoga e aprendeu meditação. Teve, de todos, o seu casamento menos autodestrutivo, o mais próximo de algo mais ou menos carinhoso (Yolanda, professora chilena de teoria literária com foco em literaturas de testemunho das ditaduras militares latino-americanas. Havia quem a considerasse, na época, a lata de Salma Hayek).

Mas não foi só o pertencimento à antiga sociedade que lhe rendeu essa nova, estranhíssima, empreitada. A segunda vantagem de Rodolfo, a mais importante (ele pensava, contando vantagem de si mesmo em terceira pessoa no banho), era a de ser alguém genuinamente interessado em tudo, alguém que se mantinha atualizado das artes e das teorias de vanguarda, mas não só. Alguém que mantinha contato com seus amigos cientistas e com seus amigos que foram pras entranhas da inteligência militar americana. Mesmo sem nunca ter, em trinta anos, lucrado nada com isso. Contato próximo, espontâneo e simpático, que para anglo-saxões carentes facilmente passava por honesto e caloroso. O interesse de Rodolfo em tudo que existia (da mais alta arte ao maior lixo de entretenimento, do aquecimento global ao mercado “verde” em expansão) só era em parte mediado pela consciência profissional e prática de que o mercado engolia e envolvia tudo. Ele entendia como sendo esse seu maior diferencial de vários investidores independentes que sabiam mais matemática do que ele e não conseguiam se dar tão bem. Rodolfo estava sempre tentando apanhar um dado como algo que pudesse ser útil, pensando com que outro dado ele podia copular e parir grana, mas havia nele ainda uma curiosidade infantil e desinteressada que

só raramente se acendia assim, desta exata forma, ao ver peças distantes de potencialidade se encaixando num clique sensual.

O tal projeto que chegou aos seus ouvidos diligentes, enfim, era um projeto não-exatamente-oficial do governo americano e de algumas agências europeias de pesquisa, que estaria precisando de financiamento externo discreto. Com possibilidade, tudo dando certo, de extraordinário retorno financeiro. Sigiloso, naturalmente.

Pelo que Rodolfo conseguiu reconstruir depois, a coisa tinha nascido na DARPA, saído pra fora dos EUA para instalações clandestinas na América Latina (usando *slush funds* de droga da CIA, um passarinho lhe contou) até que o dinheiro acabou inteiramente. O projeto ficou abandonado até um grupo ambicioso de cientistas propor um uso inesperado da tecnologia que eles tavam desenvolvendo e a possibilidade de financiamento externo virar real. Foi aí, com eles sondando indivíduos bem-conectados mais do que instituições, tentando manter o rastro de papel no mínimo do mínimo, que a história chegou no seu ouvido.

Não era muito claro em que pé institucional que a coisa se dava, mas Rodolfo nunca queria saber mais do que precisava, também. O que se deu foi que Rodolfo aconteceu de ser amigo tanto de um conselheiro do governo quanto de um membro de uma agência situada na Suíça e eles acabaram chegando juntos no seu nome para reunir o seletor grupo de investidores necessários para financiar o projeto.

Foi assim que venderam o peixe para o próprio Rodolfo num restaurante japonês em Genebra, em 2006. Os três ocupavam uma mesa privada enorme para mais de doze pessoas e sendo servida por muito mais gente do que precisava, o copo d'água com gás repostos a cada pequeno gole. Escreveram num guardanapo, olhando com uma cara tensa pra ver a sua reação, pareciam crianças:

*Seria um tipo inteiramente novo de computador quântico que conseguiria calcular todo o complexo de relações do mercado e computar a sua reação em cadeia antes que ela ocorresse.*

Não é que ele realmente preveja o futuro, claro, o americano anunciou em voz alta, com um senso natural de hipérbole de vendedor. Mas daria uma vantagem de uns bons milésimos de segundo, ou mesmo segundos inteiros, para tomar as decisões corretas em momentos cruciais. Quem sabe,

dependendo das oportunidades, não só antecipar, mas até velejar de forma vantajosa essas quedas relâmpago que andam acontecendo.

Rodolfo sabe que se hoje milésimos querem dizer milhões de dólares, segundos querem dizer bilhões.

Rodolfo arrumou seis grupos e indivíduos para compor o trust. Só ele sabia quem todos eram, já que alguns dos nomes fizeram questão de anonimidade absoluta. A responsabilidade dele era garantir que as movimentações de nenhum dos doze ferisse um ao outro, o que era mais difícil de garantir do que ele tinha antecipado a princípio.

Só ele lidava com as irmãs, só ele tinha conhecido de fato o laboratório na Bolívia. Tinha coisas que ele achava melhor não contar pra ninguém por precaução. Nunca se sabe quem é confiável e quem é linguarudo. Sempre que você acha que sabe é porque tá se iludindo, Rodolfo sempre dizia. Mas a maior parte das coisas desse projeto ele não contava pra ninguém por outro motivo. Não saberia como começar a explicar e não gostava de soar doido.

Que o computador era uma forma de vida que ao que tudo consta tinha DNA alienígena ele não contou para ninguém que não precisava saber e nem planejava contar a não ser que precisasse. Rodolfo sempre ria quando lembrava e depois se benzia rapidinho, por superstição.

>>

## 76.

&lt;

Murilo se sabia atraído pelas imagens de algumas pessoas que se produziam ali na internet, ainda que fosse uma atração que ele não conseguisse articular com o seu corpo. Eram só imagens que puxavam outras imagens. A piada que ele fazia (só pra si mesmo) a respeito era de que ele não tinha aprendido a coreografia pra essas coisas na idade certa e agora era tarde demais.

Murilo não conseguia nem imaginar como seria ter uma relação longa e próxima com alguém, ter intimidade material com um corpo alheio. Ele constantemente imaginava que estava acompanhado de alguém no seu quarto, alguém cuja imagem alternava muito, vivia oscilando entre homens e mulheres que se configuravam alternadamente como namoradas e melhores amigos.

É verdade que ele tinha amigos de internet, mas ele só tinha acesso à parte da sua personalidade, aparentemente. Eles já eram ótimos e muito divertidos de se conversar, mas Murilo só podia imaginar como seria sair de fato com eles, ir pra festas, assistir filmes e comer em algum lugar. Ele percebia o tanto que era patético ter devaneios frequentes com amigos que ele não conhecia pessoalmente, mas ele chegava a fazê-lo várias vezes por dia, por breves momentos onde a imaginação pairava um pouco acima de sua intenção e parecia funcionar no automático, figurando com o que se conseguia recuperar ali com mais facilidade. Por dias ele teve sua cabeça percutida por um grupinho específico de imagens a que ele tinha tido acesso, trinta e oito fotos de uma festa à fantasia de amigos de internet dele que moravam no Recife. Gente muito bonita e elegante, com fantasias ótimas e muito criativas (um deles era, ao mesmo tempo, Gaddafi e Carlos Santana).

Murilo frequentemente pensava no seu quarto através dessa imagem recortada pela câmera do seu computador, aquela imagem pixelada e grosseira onde ele estava tão acostumado em ver a progressão da luz ao longo do dia. A imagem do seu quarto oferecida pela câmera era como uma repetição daquela cena, a sua abstração. Muitas vezes era nela que ele pensava

ao deitar na sua cama e não deixar sua cabeça se deter em nada, fiapos de discurso passando como um córrego raso por pedras duras, quase adormecendo, todo o tempo aquela imagem da câmera permanecendo como o pano de fundo para aquilo tudo, aquela procissão impessoal. Enquanto tentava se desativar, sua mente ainda retinha a imagem teimosa da tela.

>

## 77.

&lt;&lt;

Nos primeiros dias a interação foi um pouco forçada. Renato conversava com todo mundo, o Pedro, a Bárbara e a Amanda tavam sempre juntos, mas Tamires e Rafaela ficavam um pouco mais isoladas. Amanda era a mais simpática, Tamires achou, tinha uns olhos enormes muito atentos e ficou super interessada quando Tamires falou que era tatuadora (“você é a primeira tatuadora não tatuada que eu conheço na vida”). Além de ser ridícula de tão linda, cabelo encaracolado e umas pernas que doíam o coração só de olhar.

O primeiro sequestro foi o mais tranquilo. O cara era muito rico, mas não tinha segurança nem nada, tava exatamente onde Renato falou que estaria (saindo de um bar no térreo de um prédio de apart-hotel do Itaim Bibi lá pelas uma e tanto). Era o atual presidente de uma empresa familiar de agropecuária com fazendas do tamanho de pequenos países europeus nos dois Mato Grossos e no Goiás. Não só tinham práticas péssimas com os bichos e com agrotóxicos, amplamente documentadas, como tinham sido denunciados algumas vezes por intimidação e até assassinato de lideranças indígenas.

Teve uma puta produção pra educação dele, na qual Pedro, Tamires e Bárbara trabalharam muito tempo enchendo uma piscina de um negócio que parecia, mas não era, a gosma rosa que se faz com carne processada de frango (mecanicamente recuperada, o Pedro citava com uma voz de comercial). Pedro tinha trabalhado no ateliê de vários artistas bem-sucedidos que usavam materiais pouco ortodoxos e se revelou muito mais criativo e cheio das habilidades e conhecimentos técnicos arcanos do que Tamires imaginava (ela foi perceber só então que ele afetava nas roupas e na aparência geral uma tentativa muito deliberada e cuidadosa de se vestir da maneira mais genérica e sem graça-possível, a tentativa era tão bem-sucedida que a primeira impressão era de que era alguém que não se importava nem um pouco com a sua aparência, mas um contato mais prolongado mostrava que a verdade era o exato oposto).

Tamires acabou se aproximando deles assim. Tanto Pedro quanto Bár-

bara eram muito exagerados e dramáticos, sempre explodindo em alguma imitação de alguém ou só alguma zoeira corporal destrambelhada e gratuita. O sítio era da família dela, rica sabe-se lá de onde. Ela e Pedro dividiram as tarefas entre todo mundo e a coisa nesse sentido até que funcionava direitinho, com pouco conflito. Os mais privilegiados ali um tanto mais inep-tos do que os outros com algumas tarefas, mas ainda mais dispostos (à exceção de Bárbara) a mostrar serviço.

Tamires achava muita graça da evidente vontade dos três, ali, de algum jeito fingir que não eram absurdamente ricos. Não era o tempo todo, tinha hora em que o velho impulso já introjetado de distinção fazia algum deles ou falar com naturalidade de alguma experiência que obviamente só gente riquíssima conheceria ou reclamar de algo de que só gente riquíssima reclamaria. Havia essa linha mais ou menos evidente separando ela, Tamires e Renato de Pedro, Bárbara e Amanda. Mas o único que se atrevia a tratar desse linha diretamente, com todas as letras, era Renato, com piadas carinhosas que pareciam deixar os três ao mesmo tempo ansiosos e aliviados.

Só depois do segundo sequestro, depois deles deixarem a desembar-gadora a um quilômetro de distância de um posto de gasolina e voltarem triunfantes para o sítio, foi que a coisa começou a ficar mais alucinada ali dentro.

Compraram muita bebida, Pedro e Bárbara tinha trazido MD. Começou meio como comemoração pela empreitada de todo mundo ali, Renato dando um discurso alucinado, quase cantado, e foi virando uma discussão acalorada, mas pacífica, entre Pedro, Tamires, Amanda e Rafaela. Tamires achava muito massa o que eles tavam fazendo, mas não entendia ainda que efeito positivo que aquela merda podia ter. Pedro defendia que aquilo era muito importante tanto pra botar medo naquelas pessoas quanto pra educá-las de verdade. A Rafaela riu e falou que óbvio que ninguém ia se educar de verdade. Só iam sair dali com mais raiva de tudo aquilo que eles já odiavam. A Amanda dizia que eles iam ter que divulgar alguma coisa dos vídeos que tinham feito, ainda que ela não soubesse ainda como, nem quando. Tamires falou que divulgar os vídeos ajudaria que eles fossem pegos. Pedro falou que era só editar, divulgar partes que não comprometiam ninguém e nem o lugar. Bárbara se denominou a fada do MD e falava que ia escovar os dentes de todo mundo, dedando o saquinho de pó branco e oferecendo quase como uma ameaça pra todos.

Nesse meio tempo o Renato tinha sumido, ninguém percebeu. De repente ele aparece vestindo só um chapéu rosa, mais nada, e cantando, ridiculamente, um refrão do Beto Guedes, pra em seguida anunciar com voz profética:

— O que a gente tem que fazer é mexer no desejo da galera. É mexer com o desejo da galera. Não tem revolução sem tesão. Isso aqui não é nem o começo ainda. É o começo do começo do que pode talvez vir a ser um começo de alguma coisa.

Aí ele vai e beija o Pedro e, logo depois, a Bárbara. Os três começam a se pegar, a Amanda bota a mão dentro da calcinha e Tamires e Rafaela ficam só olhando, sem saber muito o que fazer.

>>



## 78.

&lt;

Murilo nunca perdia o fascínio diante da internet e de tudo que ela lhe permitia, ele e Fábio conversavam sobre isso com muita frequência. Além de literatura, era o assunto mais recorrente entre os dois. Não tinha ideia do que seria a sua vida sem o seu computador e uma conexão razoável. O plano da família já era bastante ultrapassado, ele demorava geralmente uma noite pra baixar um filme em qualidade boa, mas achava quase indecente achar aquilo pouco, ao invés de se impressionar de novo e o tempo todo com a imensidão daquilo. Que ele pudesse de graça acessar todos os mundos que ele acessava daquela sala abafada e pouco atraente no meio do cerrado goiano. A internet lhe invocava sentimentos quase místicos. Quase não.

Mesmo hoje ele passa o dia garimpando, hoje que ele já se considera velho e cansado, aos vinte e poucos, longe do ânimo ensandecido e integralmente comprometido que ele tinha de pesquisa e leitura dos quinze aos dezenove, mais ou menos. Ele leu tudo que alcançou como quem se defendia de alguma coisa. Ainda lia muito, mas muito menos. Assinava mais de nove listas de discussão e era membro de sete fóruns (embora só fosse de fato ativo em dois deles).

Também via vídeos de jovens russos bêbados se esmurrando, de moleques no interior de São Paulo numa laje fazendo um rap paródico sobre o Corinthians, de uma performance simpática e enternecedora de uns estudantes nas ruas de Santiago. Ele ia até a terceira página de comentários sobre um vídeo de um comediante tolo que recentemente havia se tornado polêmico por ter sido considerado racista. Ele deglutia tudo isso com atenção e até chamaria o sentimento diante da torrente de um sentimento de dever, embora não soubesse dever de quê, diante de que espectro.

É verdade que a internet tinha piorado muito nos últimos anos, o seu lado mais selvagem de conexões desenfreadas, aleatórias e anônimas cada vez mais domesticado nessas poucas redes sociais onde todo mundo precisa autenticar uma presença oficial e tudo parece prefigurado. Uns poucos protocolos controlados de um punhado de corporações servindo de playground para que a gente produza conteúdo de graça e construa cada um sua marca

pessoal no processo. Falam muito do fim da privacidade, de que o modelo de negócio deles é baseado nas nossas informações, mas Murilo ficava impressionado às vezes vendo como as postagens se pareciam umas com as outras, mesmo diante da evidente vontade de todo mundo ali querer se distinguir e se destacar desesperadamente, tanta coisa se repetia com mínima modulação que Murilo começava a pensar numa malha rígida de ação, todo mundo agindo apenas a partir de uns mesmos poucos diagramas e confundindo os gestos daqueles títeres com eles próprios.

E pra ele, que quase não saía de casa, o constrangimento progressivo da rede onde ele, de fato, morava, parecia ainda mais desesperador, ainda mais limitante. Mas se a internet não mais parecia a selva miraculosa da sua adolescência, o acesso bruto à informação continuava maravilhoso, mesmo com os avanços tenebrosos e preocupantes contra a pirataria.

Nessa torrente quase infinita ele valorizava em especial aqueles que conseguiam fazer um bom trabalho de curadoria cuidadosa. Como em tudo na internet, havia nessa atividade uma tentativa bastante evidente de moldar uma figura, uma personalidade. Compilar era mais uma forma de montar uma voz, de tentar se compor diante de todos os outros, montar uma figura própria sua. Ele há muito que não fazia nem isso. Ele não saberia dizer porque, mas nunca nem chegou perto de ter blogs e extensões onde ele se depositasse mais diretamente.

Sempre teve um incômodo extraordinário, pontiagudo e preciso, que ele sentia de se representar de qualquer maneira. Não gostava nem de ter o nome dele listado no Google como aprovado no vestibular. Além das amizades que mantinha por chat, a sua participação no fórum foi uma exceção à essa invisibilidade online.

Na maior parte do tempo, Murilo gostava era de ver e de não ser visto.

>

## 79.

&lt;&lt;

Não lembro onde que eu cliquei no primeiro link. Mas era um indexador qualquer desses de diversos site de streaming pornô. Tava lá junto de alguma categoria que me apeteceu na hora. A imagem que ilustrava o vídeo era de um cara negro de costas e uma mulher médica loira linda com cara de safada. O nome do arquivo era só *Qual é o nome dessa estrela pornô húngara?* (Em inglês, naturalmente).

Eu abri não só porque a mulher era linda, mas porque gosto de vídeos com médicas e talvez até pelo fato do cara ser negro. Embora geralmente as qualidades do homem nos vídeos me seja um tanto indiferente, já percebi que dentre as torrentes de fotos do tamanho de unha de dedão com as quais me deparo diariamente eu ando recorrendo em escolher vídeos onde homens negros de paus enormes comem mulheres bem branquinhas, geralmente loiras, americanas ou europeias.

Não que este padrão recorra de maneira a erradicar outras preferências que percebo que também vão se delimitando com o tempo (asiáticas muito baixinhas, uma mulher sentando na cara enquanto outra “cavalga” o pau, enteadas que descobrem a sexualidade com as madrastas). Mas tá lá entre as linhas narrativas de força da minha libido (que, de resto, como se sabe, derrama pra todo lado).

Até onde é possível explicar essas coisas, imagino que pelos motivos óbvios eu encontre excitação em ver representantes de uma minoria “foderem com” representantes de privilégio. Que isso não faz sentido nenhum em termos sérios é claro que não faz. Digo, é claro que não há batalha política nenhuma sendo vencida, aqui. Na verdade, também me ocorre que é possível que o que eu esteja sendo é estruturalmente racista (aprendi o termo com minha ex-mulher, uma espertalhona). Tem um site específico que o algoritmo me recomenda chamado BLACK MONSTER TERROR, o que não é um bom sinal.

Mas esse vídeo acabou que surpreendeu. O cara se apresentava com roupa de jogador de futebol para o que parecia um exame com a médica loira e

mais duas ajudantes (também loiras). A médica tinha uma cara de sacana, pedia para que ele tirasse a roupa e em seguida que assumisse uma série de poses absurdas. Naturalmente, eu esperava pelo momento em que alguma troca de frases comicamente sugestivas levasse a que ela engolisse o pau do cara, ali já há muito tempo pendente e disponível, mas isso nunca aconteceu. Ela só continuava submetendo-o às contorções mais inesperadas. A cena começou a me parecer engraçada em sua frustração deliberada das expectativas que vinham embutidas nas convenções do gênero e do meio da sua reverberação.

Quando o cara começou a abrir o cu para o rosto interessado das médicas e ajudantes a cena começou a me parecer uma obra feminista notável, até, embora fosse difícil entender o quê que o filme entendia que tava fazendo sem saber mais nada do seu contexto original (qualidades dispersas da imagem e dos penteados me sugeriam final de década de noventa, no máximo, mas eu não sou especialista; a luz e a maquiagem dir-se-iam dum vídeo dessa época produzido para ser comercializado como pornográfico, mas isso poderia ser facilmente uma afetação mais tardia de uma vídeo-artista com talento).

A mulher e suas ajudantes aplicaram em seguida uma injeção no cu do homem, que fazia expressões comicamente exageradas de incômodo. Em algum momento da manipulação rígida do seu corpo por parte das mulheres a cena deixou de me parecer um triunfo feminista e começou a me parecer racista. Querendo ou não, por motivos maravilhosos ou torpes, havia ali algo muito incômodo para mim em observar aquelas mulheres avaliando e varando o corpo daquele cara como se fosse um animal de laboratório ou produto à venda. Assim que escrevo isso percebo que eu vejo diariamente isso ser feito de todas as maneiras mais degradantes concebíveis com mulheres desde os meus doze, treze anos (assim como quase todos os homens que conheço).

Antes do vídeo terminar o meu interesse já me fez abrir a conta da pessoa que o tinha subido no site. Frankvideos, o nome, que nos detalhes se dizia uma mulher romena de 39 anos. A imagem de uma mulher romena chamada Frank me fez rir. Ela tinha mais quarenta vídeos subidos. Quase todos eles, eu logo percebi, consistiam em diferentes tentativas de disseminar a sua dúvida da identidade da estrela húngara. Qual é o nome dessa estrela pornô? Qual é o nome dessa mulher? Essa pergunta foi ficando, de

repente, mais e mais e mais urgente. Foi só aí que eu percebi que o negócio já tava batendo. A droga. E aí, meu amigo. Fodeu.

Eu tinha comprado a máquina na semana anterior, de seu idealizador ansioso e suado. Segundo Eliot, é só o terceiro protótipo que vendem. Para ajudar a financiar o projeto, mas também para criar um pequeno hype entre os endinheirados, pelo que entendi. Deve ser mentira. Eu sou um herdeiro de fortunas antigas de mineração no leste europeu sem nenhum carisma ou magnetismo pessoal. Não sou capaz de criar hype nem dentro do Cáucaso.

Por mais cara que tenha sido a máquina para mim, umas poucas vendas assim não ajudariam a terminar de financiar um projeto dessa magnitude. Pelo que eles próprios me disseram, a máquina voava nos testes há mais de ano. Mas ouvi na boca pequena a dificuldade de introduzi-la no mercado: não havia precedentes jurídicos para lidar com diversos elementos de seu funcionamento. Como uma empresa poderia se responsabilizar legalmente pelo uso em massa de uma interface que requer a introdução de um corpo estranho (“transorgânico”) no seu corpo, além do uso prévio de medicamentos controlados e pesados? Os infinitos processos possíveis se proliferavam na cabeça dos advogados consultados. Meu chute é que nunca conseguiriam superar esses impasses e portanto estavam tentando arrancar toda a grana possível vendendo a tecnologia para um público seletivo de bilionários. Eu jamais repetirei para alguém a quantia que paguei, que é ridícula. Mas para alguém que herdou metade do gás natural na Geórgia, claro, não é nada. Peido.

Disseram que a droga que você tem que tomar antes de usar a máquina é para aumentar a sua receptividade. Te deixar ressonante pra sincronia entre teu sistema nervoso central e o metrônomo da máquina. Eu não sou químico, mas se você me pergunta o que a droga faz é te deixar inteiramente depositado naquilo que você tá experimentando. Depois de usar a máquina do Eliot com as gravações-padrão sem-graça que ele arrumou (montanhas-russas, shows do U2, refeições em restaurantes três estrelas Michelin), eu acabei tomando a droga uma vez pra jogar *Minecraft* e achei uma experiência profunda, quase mística. Aquilo parecia enorme e não um brinquedo de criança. Fiz o mesmo para jogar *Tetris* e ouvir Bach e me senti o próprio engenheiro do criador. Me parecia que qualquer coisa com essa droga começa a ao mesmo tempo se intensificar e se endurecer da sua própria consistên-

cia e espriaiar em toda sua extensão relacional, digamos assim (acho que tou papagaiando aqui o rapaz que me explicou), virar a única coisa que existe no mundo enquanto grita em si mesmo todo o resto que existe em todas suas ramificações. Meio poético da minha parte, eu sei, mas é que essa droga é potente. Por isso eu achei que seria ótimo me masturbar com ela. Um erro, claro. De repente eu tava achando pornografia uma coisa deprimente, meu pau não subia nem com roldana. Eu que nunca havia pensando nisso antes ficava olhando pras mulheres e pensando “Será que ela tá gostando? Será que ela teve um pai ausente? Quem está ganhando dinheiro com esse site? Será que a Kendra Lust e a Nyommi Banxx têm seguro de saúde?”

E por mais que o tesão tivesse se esvaído na hora a obsessão instalada pela droga começou logo a me consumir. Quem era aquela mulher do vídeo? Descobrir aquilo parecia urgente, parecia imperativo. Aquela configuração particular de desejo parecia ter uma força invencível. Poderia botar um assistente para pesquisar, mas achei constrangedor. Até porque a maioria das minhas assistentes são mulheres. Depois de dias sem resultado, postei a pergunta num fórum de pornografia e consegui a resposta poucas horas depois. Era um atriz já aposentada, hoje com quarenta e poucos anos. Entrei em contato com um profissional da área do sexo que já me serviu no passado e que tinha morado por anos na Hungria caçando talentos. Perguntei se ele conseguia arranjar o contato da mulher.

Era evidente que aquela tecnologia tinha que ser usada pra sexo, mas o Elliot devia ter pudor de já chegar oferecendo isso de cara. Disse que só queria arranjar uns trocados por fora até que o governo anunciasse o uso militar ou comercial final da máquina. Foi indo atrás dos conhecidos e amigos e amigos de amigos (meu caso) e apresentando a máquina, propondo que eles gravassem os momentos com sua família ou uma viagem de esqui nos Alpes. An-ram. Ok, Eliot. Vou gravar aqui momentos com os imbecis dos meus sobrinhos ou com meus avós dementes.

Não sei se fui eu o pioneiro nesse uso, mas arranjei para que a atriz húngara viesse até Londres com o namorado. Tudo pago por uma subsidiária da minha empresa que tem o domicílio nas ilhas Seychelles, nada rastreável até mim com facilidade. Explicaram toda a situação e ela concordou, mas pediu trinta mil libras, não quinze. Peido de peido, mas mandei fechar em vinte só para não perder o hábito de negociar. O namorado dela foi injetado do negócio na nuca e eles gravaram uma noite inteira de foda

maravilhosa. No dia seguinte quando me trouxeram o arquivo eu percebi o quanto aquilo era muito melhor que pornografia e prostituição normal. Uma puta não quer te foder, mesmo que ela seja uma ótima profissional e finja bem você sabe que o desejo dela não está ali. Mas aquilo era diferente. Completamente diferente. Ela tava fodendo o namorado dela, a intimidade era real, o desejo era real, o amor também. Tudo autêntico. Era a coisa mesma ali. A própria. E eu tinha aquilo sem ter que conversar com ninguém, sem ter que fingir interesse por imbecilidade nenhuma, a sensação bruta de meter naquela mulher, de possuir o desejo dela, de fazer ela gozar.

Logicamente, eu me viciiei na primeira dose.

>>

## 80.

&lt;

Murilo lembra da impressão fantástica que tinha de tecnologia quando era moleque. Não sabe precisar a idade, provavelmente em torno de nove ou dez anos, por aí. A sua memória sempre foi pouco cronológica, pouco linear, lembrava com muita vividez de estados de espírito, ideias, impressões estéticas fortes, mas quase nunca de eventos narrativos da sua própria vida. Primeira vez que fez alguma coisa, interações específicas com amigos ou parentes, tudo de pessoal na sua memória se misturava numa barafunda pouco interessante, bem menos precisa do que uma sequência específica de versos do Camões ou do Browning ou os gradientes e o brilho de um plano de cinema que ele amava.

O que ele lembra é de ser muito novo e ficar olhando para a sua televisão com uma cara suspeita e tensa, tentando entender como que aquelas imagens chegavam ali. Olhava para fora e via as antenas em cima das casas, tentava com muito esforço imaginar as imagens chegando de longe, do espaço, em raiozinhos ou vaporizadas de alguma maneira, irisadas numa manifestação de luz que ele não conseguia enxergar (e que ele associava com fenômenos ópticos igualmente impressionantes, mas visíveis, como o arco-íris).

Ele perguntava para os seus pais, que davam respostas sempre curtas e insatisfatórias. Rapidamente percebeu que eles tampouco deviam saber o que tava acontecendo.

Murilo encarava os CDs que diziam 1000 HORAS DE INTERNET GRÁTIS UOL e ficava um tempo enorme pensando de que forma poderia funcionar aquele disco. Parecia apenas ter um espelho ali do lado onde a mãe dele disse que a internet ficava gravada. Ele começou a suspeitar dos espelhos na sua casa, que eles talvez também guardassem informações (possíveis milhares ou milhões de horas de internet escondidas há décadas no espelho do quarto dos pais, sem que ninguém usasse).

Tentava imaginar como que alguma coisa se guardava naquele objeto circular e tão simples. Depois que encontrou uma descrição numa revista



de sala de espera de dentista passou a tentar imaginar pequeníssimas inscrições, desenhos muito complicados e minúsculos feitos com laser, milhares de peças minúsculas e precisas interagindo, seguindo instruções sequenciais como aquelas que tinham vindo no manual do barco pirata de Lego que o avô lhe deu num sonho.

Passava um bom tempo tentando imaginar como seriam os desenhos complexos e enormes que deviam estar contidos ali para o seu computador compreender o que fazer. Danadinho.

Havia muitas máquinas misteriosas, mas de todas o computador era de longe a que mais lhe causava assombro. A princípio foi instruído pelo pai a seguir uma rota determinada de caminhos permitidos online (havia uma lista de sites para crianças que o pai tinha encontrado numa revista semanal, recortado e colado no monitor, logo abaixo da tela). Ele digitava o endereço e algum tempinho depois apareciam imagens, mais caminhos, pequenos textos e galerias de fotos. Ele não conseguia entender como que tantas imagens estavam guardadas lá dentro, nem como que o computador entendia o que ele queria fazer. Havia o mouse, claro, tão intuitivo, mas como que ele guardava tanta coisa e recuperava com tão pouco atraso? O computador ficava no seu quarto, porque tinha ficado esquisito na sala e a mãe não queria que ficasse no quarto deles. Murilo não se incomodava com a ideia, mas aquela presença massiva e ventilada no seu quarto lhe dava um senso de gravidade e circunstância que acabava sendo bastante cansativo, impondo tarefas demandantes à vida diária da sua imaginação.

Murilo tinha desde muito novo o costume de falar sozinho, mas parou de fazer isso quando instalaram o computador no seu quarto. Se perguntado, ele diria com toda honestidade que o computador não tem meio de ouvir aquilo, nem de registrar o que ele dizia. Mas, ainda assim, ali diante dele parecia impróprio ficar falando, de algum jeito.

Teria que ter gente em algum lugar remoto para entender tudo aquilo que seu computador fazia, ele não conseguia acreditar que tudo poderia se dar automaticamente (ele entendia mecanismos aparentes, peças que se encaixavam, como uma manivela, ou mesmo o motor de um carro, que fica explodindo o tempo todo pra andar). Sentia que tinha uma noção razoável de como as coisas funcionavam (prestava atenção nas aulas de ciência e no que diziam os adultos) e aquilo ali não parecia fazer sentido. Passou a imaginar que de alguma forma o que ele fazia no seu computador era lido por

uma série de pessoas escondidas em algum lugar (talvez americanos, talvez japoneses) e que elas todas lhe forneciam imediatamente, com muita gentileza, tudo que ele pedia através da interface. Um batalhão de telefonistas atenciosos operando um gigantesco e pressuroso quadro de distribuição. Murilo gostaria de poder lhes comunicar a sua imensa, imensa gratidão.

>

## 81.

&lt;&lt;

— Ai foi horrível, foi horrível. Não, eu já tomei água. Vocês não param de me oferecer água. Eu tou tensa, mas é assim mesmo. Vocês ficam com essa cara, parece que não entendem porque que ninguém consegue contar um relato direito do negócio. Não dava nem pra gente entender. Não dava. Foi uma coisa absurda depois da outra, como que a gente ia imaginar? Não dava pra imaginar nada daquilo. Literalmente não dava. E eu ainda tava meio bêbada, igual todo mundo, aqueles copos grandes da *Budweiser* um dentro do outro e meu marido segurando eles e chamando de A Torre, A Torre, meio cantando. Não tava acostumada com beber em estádio, antes era proibido, né? Liberaram pra copa. Enfim. Ele bebia três pra cada um que eu bebia, e eu bebi alguns. Meu marido é alemão. De Munique. Ele obviamente não tava triste e ele mal fingia que tava escondendo a alegria, na verdade. Isso quando ainda tava no jogo, né, claro. Depois ele gelou igual todo mundo. Foi horrível, horrível.

— ....

— Quando teve o tal do vídeo eu nem conseguia nem ouvir muito menos entender direito o que tava falando, só peguei umas palavras assim solta, mas dava pra ver a raiva, né, e que o menino era maluco. Nossa, deu uma vergonha.

— ....

— E eu só pensava, gente, gente, nunca imaginei que uma coisa dessas ia acontecer no Brasil. Aqui sempre foi aquela coisa fuleira que a gente conhece, mas nunca teve fanático, nunca teve esses — como que chama? — extremismos. A copa ia ser tão linda, não sei o quê. Meu marido sempre falava que a Copa ia mudar o Brasil, meio brincando, mas eu acho que na verdade super a sério, que ele tem essas coisas meio românticas também dele. As pessoas não sabem, mas alemão é muito romântico, na verdade. Ele gosta muito daqui, sabe? E nem tava dando tanto problema assim dos aeroportos das coisas, todo mundo tava com tanto medo antes. Mas tava tudo lindo, aquela festa, aquela brasilidade, dava até quase orgulho de ser brasileira por um segundinho. Imagina.

— ....

— Sim. E aí essa merda, né? Essa bosta do tamanho do mundo. Primeiro o jogo e depois aquela papagaiada, aquela coisa louca que ninguém explica, aquela nojeira. E olha que eu não fui das que mais sofreu, não. Eu levo minha vida ainda, imagina. Se eu, gaúcha de Ponta Grossa com mãe baiana, vou deixar que um bando de terrorista retardado me assuste. Um bando de hippie vagabundo? E uns pássaro, uns trem que eu acho que nem aconteceram, que a gente delirou, sei lá. Porque não é possível, é claro que não é possível. Sou católica e sou totalmente cética com todo e qualquer tipo de besteira sobrenatural, não tenho papo com essas coisas. Sou dentista, que no fundo é uma forma de cientista. Eu falo que botaram alguma coisa na bebida, meu marido fala que não tem como, que os toneis vêm fechados de fora. Ele é amicíssimo tanto dos caras da Heineken quanto de muita gente na entranha da AMBEV. INBV AMRO, aí. Eu sei lá. Tem gente que não supeira. Tem muita gente que tava lá e que mudou totalmente depois. Assustou, sei lá. Eu não sou psicóloga.

— ....

— Sim. Não tem nem um mês, mas já dá pra ver. Já ouvi quase uns dez falando igual. Falando que tudo que a gente faz tá destruindo o mundo, que não sei o quê, que compravam um casaco da Dior e conseguiam sentir as mãozinhas de criança de Bangladesh nas linhas da costura. Sério. Umas frescuras, meu deus. A Dior nem tem fábrica em Bangladesh, aliás. Eu fui atrás. Além de mimimi, é desinformado. Que saíam do jatinho particular pensando nas calotas derretendo, que tão passando o *foie gras* no pão no restaurante e o grito do ganso gordo vem estourando no ouvido. Sério, é ridículo. Gente que nunca foi dessas coisas. Eu fiquei impressionada, mas como meu *foie gras* tranquilamente, muito obrigada, porque ninguém é de ferro. Jatinho eu não tenho, mas se tivesse eu usava, também, tranquilamente. Tá maluco.

— ....

— Quê que tem o meu marido?

— ....

— Ah. Olha. Eu não vou expor a vida da minha família, mas sim. Tá? Mas sim. Já que vocês insistem. Ele também. Ele também.

>>

## 82.

&lt;

Murilo sempre começa a pensar em como responder enquanto lê os emails de Fábio. Muito do que ele diz não tem muito a ver com os assuntos recorrentes deles no chat e nem parecem pedir por uma resposta muito imediata ou específica de Murilo. Ele esboça umas respostas com tom parecido no rascunho, mais pessoal e digressivo, tentando elaborar alguma coisa a respeito do seu dia, mas nunca tem nada a dizer, ou tem apenas uns mesmos resmungos a respeito do seu pai e da (relativa) pobreza da despesa da casa deles, nada que sobrevivesse ao ímpeto inicial de começar a ser digitado, morrendo ali num dos vários meios-de-caminho entre sua cabeça e seus dedos.

Murilo ouve um barulho vindo da televisão da sala. Geralmente quando a sua mãe colocava o som alto assim é porque estava concentrada num filme. O gosto que a sua mãe tinha para filmes lhe era simpático, mas insondável. Respeitava sua disposição em dar alguma chance para quase qualquer coisa que estivesse passando. Já tinha gastado muito tempo tentando delimitar quais seus padrões recorrentes e aparentes critérios, mas não conseguia. Tentava estimar o apreço que sua mãe tinha por um filme através da frequência com a qual ela o via de novo, uma frequência que ele gostava de registrar mentalmente com alguma acurácia. *Um sonho de liberdade*, *Beleza Americana*, *As Pontes de Madison*, *Edward Mãos-de-Tesoura*, aquele dos anjos com o Nicolas Cage (Murilo mostrou pra ela o original alemão, apesar de não gostar muito do filme, ela também não gostou, achou muito comprido). Qualquer coisa com o Al Pacino novinho.

Murilo às vezes assistia pedaços dos filmes com a mãe, fazia perguntas que não lhe interessavam de fato, pra ver o que ela dizia, pra ver se conseguia retirar da resposta ou da sua expressão ao responder algum detalhe que lhe explicasse um pouco o que ela retirava daquilo.

- Quê que é isso que tá passando?
- Alien 3. Não é muito bom, não.
- Como que é a história?

— Eu antes não tava prestando muita atenção, mas eu gosto dessa mulher, ela é porreta, né? Teve uma cena ótima agora.

A sua mãe tinha as pernas dobradas juntas no sofá, com apenas parte de um cobertor quadriculado marrom e preto antigo cobrindo seu colo, um cobertor que Murilo desde moleque achava quente e peludo demais, pini-quento, mas que ela adorava, e ficava por meses ali em cima do sofá, sendo de tempos em tempos guardado por Válter no fundo do armário, sem que ele dissesse nada. Elizete também tinha uma revista de palavras cruzadas em cima do peito, uma caneta bic guardada na divisória das páginas, menos da metade das respostas escritas, pelo que Murilo pode ver de relance.

Em cima da mesa tinha uma garrafa de coca-cola que já parecia morna, com menos da metade cheia.

— Essa aí é o cigano Igor, né?

— Oi.

— O nome dela. Sigourney Weaver. Parece cigano Igor.

A piada péssima era do Fábio. A mãe olhou pra ele com uma cara sofrida, como se ele tivesse acabado de falar algo inteiramente louco. Ele voltou para o quarto.

## MURILATION 2 TEH NATION

Porra, conheci um jogador brasileiro de futebol aqui na Hungria. Estava numa boate bastante brega e cara perto do meu hotel vendo se antes de dormir arrumava alguma coisa interessante quando ouvi uma mesa falando muito alto em português. O cara era um meia meio gordinho e lento mas muito competente, com uma consistência notável nos seus já quatorze anos de carreira. Chama Wellinton Paraíba (procura vídeo dele aí, tem umas duas compilações feitas por torcedores húngaros). Nasceu na Bahia mas não volta lá tem anos.

O agente dele era um cara de quase sessenta, muito baixinho e zarolho, chamado Cassianos (com esse ‘s’ aí mesmo), um olhar bem inteligente e opaco, fica com uma mão permanente no bolso de um modo que dá impressão de que ele acha isso insuperavelmente estiloso.

Cassianos não tinha muitos outros jogadores importantes, parece, então ele praticamente vivia lá com o Wellinton na Hungria, onde tinha mais dois meninos promissores em times menores. Os dois construíram um pe-

queno núcleo de Brasil onde ele pudesse viver de maneira tolerável, um grupo de umas oito pessoas que ficava ouvindo pagode e sertanejo o dia inteiro, comendo comida brasileira que eles cozinhavam em casa, comprando farofa Yoki importada, bebendo muita cerveja e tirando um número incrível de fotos deles mesmos. Ficaram muito felizes de encontrar um brasileiro, sentei com eles na mesa e devo ter sido fotografado pelas duas meninas e pelo próprio Wellinton umas cem vezes, no mínimo (não tou exagerando). Todos eles passavam a noite olhando para a diversão que eles tinham acabado de ter, dando as câmeras uns pros outros para que pudessem ver as melhores fotos e compará-las. Fora uma mulher brasileira, todas as outras garota eram locais. Húngaras e romenas. Eu não consegui determinar se as meninas eram namoradas, prostitutas ou garotas que eles tinham acabado de conhecer. O Cassianos tratava elas com uma grosseria muito escrota que ninguém mais parecia reconhecer de forma verificável. Wellinton era, pra média de homem hétero, quase fofo. Eu tentei ser o mais simpático possível. A única brasileira era meio tímida, tava muito produzida, maquiada com um exagero que eu achei tocante, parecia assustada com o lugar e com todas as pessoas não brasileiras, olhando pra elas como se fossem todos bichos muitíssimo estranhos.

Eu percebi que, em certo sentido, eu tinha mais em comum com aquela garota do que com a Saskia (uma gata húngara que é o motivo real deu ter vindo pra cá, bem mais que o trem do Bartok que tá rolando).

>

## 83.

&lt;&lt;

Não dava pra ver bem o rosto, tava escuro. Era uma figura feminina com cabelo grande e todo armado, batom roxo vívido, um vestido vermelho comprido e meio reluzente que vivia rodopiando com os gestos expansivos de quem usava. A voz era diferente um tanto, mas ainda assim era claramente o Renato afinando a voz. O som também tava estourado, mal gravado, mas audível.

A primeira voz que surgia parecia a do próprio professor:

— Então você conversou com eles?

— Conversei, oxe.

— Mas como conversou, Soraia? Com o Kierkegaard?

— Foi.

— E a Simone Weil? Com a porra do Aristóteles, também?

— Sim.

— E como foi?

— Foi ótimo, assim, top experiências da minha vida sem dúvida, todas essas almas que o senhor mencionou e ainda várias outras queridíssimas. Nossa.

— Mas como que você fez? O processo? Explica pra gente.

— Ah, depois de muita pesquisa, muita procura. Não foi coisa à toa assim, chega e vai, incorpora. Tchã. Foi todo um processo assim laborioso, de ler assim profundamente mesmo todo o material deles, o contexto da época, etc., no caso reler, né, mas assim mergulhar mesmo em tudo pra extrair dali o material mais profundo mesmo pra repetição, sabe? Em alguns casos, na língua original, em outras comparando traduções. Pra você chamar e eles responderem direitinho. E pra se ter certeza que não apareceu um impostor qualquer, né? Se tem fraude com tudo, claro que você tem também muito espírito fraudulento. Repetir não é só repetir.

— Me explica melhor esse negócio, Soraia.



— É um processo retórico, assim, mas no sentido pleno já citado acima do ato social como uma atitude dançada, transtropado assim pra um complexo autogerado de motivos emotivos. Whitehead já cantou que toda vibe é um sentimento. Tudo que perdura é uma transmissão de energia. Não há nenhuma diferença significativa entre o “Kierkegaard” enquanto complexo hoje virtual de fatos históricos e o Kierkegaard que existe em mim como complexo atual de motivos. Eu desafio qualquer um a me mostrar onde está essa diferença. Onde que ela tá?

E aqui Soraia pegou na carne solta que pendia sempre derramada do braço do Maurício, um dos professores ali, que tava na primeira fileira e que se viu convulsionado por aquela moça tão rebulizada estar pegando nele.

— Então quando eu falo CORPO, não é essa besteira aí não, né, supramencionada. É essa máquina teleológica de produção e reprodução de fins dum espécie que se expande, tá? Desse meme que quer, né, se reproduzir, né, a qualquer custo? Richard Dawkins com o sorriso da Hermione. Mas como a síntese material perfeitamente TENSIONADA e RELAXADA da sua presença-bicho no mundo, coletivo de seres entre seres, gradiente assustado de dor e prazer, boca feita de bocas. Esse corpo que a gente então preenche em performance no ato de repetição do quê? Dos dinamogramas e este-reogramas de quem? Hein? Me diz. HEIN?

Ela olhava bem nos olhos de cada um, dois ou três segundos por vez, uma intensidade insuportável.

— E-eu não sei

— DOS MORTOS.

— Ah, sim.

— DOS MORTOS.

— Tá bom, calma.

— Entendi, Soraia. Tá bem. Como que diz aqui? Mete -em- psicose?

— Ô.

— O quê?

— Brincadeira. Vocês tão muito tensos. Sim. Quê que tem?

— Vem cá. Você acredita nessas coisas, mesmo? Eu te juro que não entendi ainda. Não estou brincando.

*Que-ri-dinho.* Não é questão de acreditar. Vê o glossário que eu trouxe

aqui, ó. Ajuda de-mais. ‘Acreditar’ não foi nem convidado pra essa festa.

Alguém aparecia bem perto da lente, nos fundos da sala e o vídeo terminava. O professor deu uma baforada e completou num tom peremptório.

— Viu? Não falei? Doida-doida, mesmo.

>>

## 84.

&lt;

Murilo vai montar uma imagem do mundo a partir das imagens que chegam na sua tela. Ele fuma o cigarro lá fora e o apaga no copo americano com pouca água que estava na mesinha perto da cadeira, a imagem da sua ponta agora distorcida ali, refratada. Ele olha para o céu apenas porque sua cabeça está curvada e tenta ver alguma forma naquelas estrelas, algum daqueles desenhos vagos que ele mal conhece, as criaturas que eram vistas no céu, os corpos animados ali e que agora estavam dispersos por toda parte.

Quando ele passa pela sala sua mãe está fazendo as unhas, dá um mini pulinho sentada quando ele abre a porta.

— Nem vi que você tava aí. Cê tá fumando mais do que os dois por dia que você falou, hein?

— Tou não. Esse foi o primeiro hoje.

Murilo sempre sentia algo pontiagudo quando via sua mãe vulnerável, de alguma forma, tentando se arrumar um pouco mais e demonstrando uma vaidade que ela nunca expressava, mas que devia estar sempre lá, uma parte da personalidade que vivia embotada, dentro daquela casa, com um marido que nunca jamais passaria perto de conceber um comentário se ela fizesse algo no cabelo. Elizete parecia pouco confortável com roupas, tentando sempre ser discreta, mas ele já tinha visto fotos dela mais nova com roupas bem mais chamativas, uns sorrisos enormes que ele nunca viu ela produzir.

Nas poucas vezes que ele pensa em mostrar algo interessante pra ela no computador, ela geralmente faz uma cara simpática e distante para o que quer que seja e diz coisas vagas como: nossa ou puxa. Em seguida já sai do quarto com alguma desculpa.

— Deixa eu só ir lá na cozinha porque a água do café já tá fervendo.

Quando Murilo vai ao banheiro meia hora depois, ela adormeceu, o café pela metade já frio em cima da mesinha, na televisão uma senhora dublada fala da rara doença de pele do seu marido e da dolorosa operação experi-

mental a que ele vai ser submetido. Ele imagina de que forma que aquelas palavras horríveis podem estar de alguma forma passando pros sonhos dela, aquilo ali figurado de alguma maneira grotesca, ainda pior do que a realidade (que já era bem horrível, pelos segundos que Murilo acabou pegando). Põe a TV no mudo e vai pro quarto, as imagens agora passando pra ninguém, energia modulada pra nenhum efeito, a única imagem da sala agora inacessível por qualquer via ótica.

>

## 85.

&lt;&lt;

Tamires está lavando louça de fones de ouvido quando sente um toque no ombro. Convulsiona-se toda, derrubando a xícara na pia num estardalhaço de talheres. Era ela de novo, depois de três semanas sem aparecer nem dar notícia. Tudo sempre nos seus termos. A camisa velha esmaecida do Fugazi, as mechas lisas ao lado dos olhos agudos e fundos, a expressão toda tensa.

— Ei, querida.

— Porra, demonha.

— Foi mal. Mas dessa vez eu até bati. Você usa fones de ouvido *cem* por cento do seu tempo?

— Sempre chega assim, desse jeito. Caramba. Fantasma dum caralho.

— É meio emergência. Cadê o Renato?

— Pois é. Vazou de madrugada. Eu te mandei email naquele email. Tu não viu?

Ela faz uma cara de revoltada.

— Eu te falei, Tamires.

— Ué, queria o quê? Que eu amarrasse ele na cama? Eu fiquei toda dissimulada, chamando pra ver filme, os musical que ele gosta. Bandwagon. Jurava que ia funcionar. Ele jurou que tava com sono e que ia dormir, fiquei na sala a noite toda no computador zumbizando pra não deixar ele sair de fininho. De manhã só que fui ver que tinha saído pela janela. Levou um cacho de bananas, um rolo de papel alumínio e discriminou num papelzinho que deixou na cabeceira.

— Sabia. Depois eu te explico tudo, Tamis. Tão atrás dele. A PF e a ABIN. Ele não pode ir pro estádio de jeito nenhum.

— Pois é. Apareceu ontem o Nílson, aqui, um cara que a gente conhecia junto de BH. Dos vários amigos esquisitão do Renato dessa época. E que hoje é ABIN, tu imagina. Com um papo de que tão investigando o Renato

pelos sequestros. Eu gelei, mas ele não percebeu. Acho. Ele não parecia ter nem ideia de que eu podia estar envolvida. E eu achei que seria novidade pra ti, mas pelo visto não era.

— O Renato não pode ir pro estádio de jeito nenhum, Tamires.

— Cê falou que ele tinha que ficar no jogo, que ele ia performar o monstro antes do avatar da criatura aparecer no jogo. Quê que vai acontecer hoje, afinal?

— Você vai ver. Eu mesma só sei metade. Ele não precisa estar no jogo hoje, isso era só conversa pra manter ele aqui. O monstro performa a si mesmo tranquilo. A merda é que escondi umas coisas do Renato e acho que ele agora não confia mais em mim.

— Ele não viu a criatura? Eu tava sem saber se podia conversar com ele ou não.

— Ele nem sabe que ela existe.

— Por que não?

— ...

— Você não confia nele?

— Não é isso. Eu só fiquei com medo dele fazer algo troncho, sei lá. Tentar entrar no tubo, tocar nela. Contar pra todo mundo, começar uma religião. Você sabe, pô.

Tamires começa a rir muito, do seu jeito quieto, audível só no nariz fungando.

— Total. Renato super ia tentar transar com ela.

A outra também ri, finalmente.

— Aliás, eu tiro o fone de ouvido sim. Pra tomar banho e às vezes pra dormir.

— Mas não foi só isso. Eu admito que zoei um pouco com a cabeça dele. Vacilei.

— Como assim?

— Então.

Ela faz um sorrisinho sacana antes de contar.

— Eu queria entrar na cabeça de um cara específico lá na Califórnia, quando a gente foi, e uma amiga deu a ideia de como tentar chegar nele. O cara é completamente obcecado com o Império romano, com o Augusto, em particular. Daí a ideia da minha amiga era usar a tecnologia que a gente apanhou de realidade virtual imersiva e mascarar de outra coisa. Fingir que era uma tecnologia meio miraculosa de recuperar experiências do passado e tentar vender isso pra essa galera. Eu queria que o Renato vendesse o troço e pra isso eu mandei o caô pra ele mesmo. Um pouco como teste, até. Meio achando que ele não acreditaria, até. Mas acreditou. Ficou horas e horas usando a máquina, alucinando um bando de coisa da própria cabeça dele, misturada com o poder de concreção da máquina e achando que tava vivendo experiências reais do passado de outra pessoa, falando e entendendo grego, inglês elizabetano, iorubá, latim. A coisa é que, até onde eu entendo, a máquina acho que usa o maquinário neural de produção de sonho da pessoa misturado com nosso maquinário motor e sensorial bruto pra criar simulações tão vívidas quanto a realidade. E a imaginação do Renato é tão fértil e cheia de tranqueira que saiu voando na máquina. Eu botava um arquivo em branco pra gravar falando pra ele que era alguma coisa antiga desconhecida e ele voltava me falando que conversou com Sócrates, que transou com a Marisa Tomei enquanto Robert Downey Jr.. Eu gravei cento e doze experiências as mais absurdas e divertidas que cê pode imaginar, que agora tão em bibliotecas pessoais de alguns dos bilionários mais poderosos do planeta, que acreditam que são de fato recuperações do passado.

— Puta merda. Então foi isso, diaba.

Tamires dá um tapa na orelha da amiga.

— Ai, caramba. O quê?

— Ele tava todo-todo, esses dois dias que ele ficou aqui. Mais do que o normal. Bem mais. Mais do que na época do sítio. E umas horas que ele tava bêbado, falava umas coisas muito desconexas, uns comentários rápidos assim como se tivesse se lembrado duma vez que conversou com Spinoza, com Safo e não sei quem, e eu oi? Sem entender se era piada, se era o quê que era e ele só fazia um sorriso safado e desconversava.

— Pois é. Acho que eu vacilei mesmo. Mas ele vendeu o negócio tão bonito, cê não tem noção. Convenceu um tanto de bilionários e centimilionários a implantarem um troço estranhíssimo na nuca depois de quarenta

minutos de papo e uma demonstração tecnológica bem qualquer coisa. Foi incrível.

— Porra, tu também, né? Chega cheia das magia miraculosa, dos ET orelhudo e cê sabe que ele já te achava antes disso uma gênio de outro mundo. Desde que te viu abrir um fliperama em Belém pra geral jogar de graça. Claro que ele acredita em *qualquer merda* que você disser pra ele, né, safada. Parece que não sabe.

— Tu não teria acreditado. Eu achei que no fundo ele soubesse que era caô. Que ele tava só querendo levar aquilo adiante meio brincadeira.

— Cê vai e aproveita da inocência do Renato.

— Se tem uma coisa que o Renato não é, Tamis, é inocente.

Tamires quase sorri, mas de repente se lembra de algo com alarde, dá um tapa na amiga.

— Ou, vem cá, cê chegou tão tensa que nem deu pra perguntar. Responderam, afinal? Tou doida pra saber. A criatura engatou?

— Responderam.

— O verde tá vindo?

— O verde tá vindo.

As duas se abraçam.

>>



## 86.

&lt;

Para: Mafrye@gmail.com

De: FBCarvalho@gmail.com

O condomínio onde eu moro é muito creize. Os cara pegaram um espaço enorme aqui perto de Goiânia e fizeram um subúrbio norte-americano perfeito. Sério, trouxeram consultores gringos e o caramba pra reproduzir num espaço de uns trezentos hectares as casas exatamente iguais às McMansões de rico americano. As parede de papel e tudo mais. Fizeram até um comércio local que parece um pouco aqueles *strip malls* americanos, com filiais de restaurante por lá que só existiam até então no Brasil em São Paulo (eu ouvi algumas vezes de amigas da minha mãe a alegria que elas pareciam sentir de poder ir naquele lugar enquanto as dondocas de Brasília e do Rio não podiam). Você pode andar nele um tempinho e ter até a ilusão de que está num lugar aberto, nuns trechos a vegetação que eles plantaram contribui com essa impressão. Mas o lugar é todo murado, com uma torre de vigilância camuflada de caixa d'água e acesso controlado por uns guardinhas com pranchetas que anotam o seu nome e RG, tiram sua foto antes de entrar. Meu pai é um investidor no condomínio desde o início e fez questão de ter a maior mansão, uma das poucas que não seguem o padrão territorial (já imenso). Parece a casa branca, a nossa. Com metade do tamanho, mais ou menos.

Murilo lia tudo que Fábio enviava com interesse. Não lhe escapava o tanto que o Fábio parecia construir aqueles emails com atenção, um texto um pouquinho mais trabalhado do que o seu normal.

Era estranho ter aquela narrativa criada só pra ele, aquela história real relatada como se ele pudesse oferecer resposta adequada, como se ele tivesse qualquer nível de sapiência do mundo real para dizer qualquer coisa. Murilo respondia apenas um quarto ou um quinto dos emails e deliberadamente demorava um pouco para fazê-lo, para não parecer que passava a vida dele fazendo exegese da vida alheia.

Esse pensamento engatilhou todo um sentimento enorme que sempre parecia já corrente na sua cabeça, todo um repertório reiterado sobre como ele conhece pouco do mundo, não viveu quase nada comparado com qualquer pessoa. A comparação constante com o amigo deixava Murilo com inveja, um sentimento que ele nunca gostou de notar em si mesmo. Ele sabia que, mesmo tendo menos possibilidades do que Fábio, muita coisa estava à sua disposição. Ele geralmente não pensava em si mesmo como tão sortudo, mas sem dúvida as condições materiais da vida dele eram bem melhores do que da grande maioria dos brasileiros (e, de fato, do mundo). Ele talvez conseguisse passar num concurso mais ou menos sem tanta dificuldade assim, se de fato se dedicasse por um tempo, conseguiria sair de casa e montar uma versão mais aceitável de si mesmo. Ir para bares ou, sei lá onde, entrar num site desses, arranjar uma menina ou um menino, transar e ver de uma vez por todas se gosta ou não. Esses ramos de vidas possíveis que ele poderia assumir sem tanta dificuldade assim viviam se desenhando na sua cabeça, mas ele nunca tomava qualquer atitude, nunca se movia em direção a nada. Murilo não conseguia nem conferir os detalhes dos editais de cursos, as abas abertas o dia todo com as informações até que ele as fechasse horas depois.

&gt;

## 87.

&lt;&lt;

### DIÁRIO DE UM INICIANTE NO CABOL

#### **Dia 3**

Quem liderava a nossa caravana era um jogador que vinha do Amapá, chamado APOCALYPSO. Um mutante cinzento enorme, parecia uma tartaruga humanóide, forte como o avatar do meu sobrinho e todo pelado (com um pinto do tamanho da perna do meu avatar). E todo inteligente, também, neuropata, controlando mentalmente algumas ações de bots simples e jogadores de nível baixo e explodindo coisas à distância.

Ele anda montado numa anta mutante descomunal e não carrega nenhum item. Eu provavelmente demoraria uns dois dias batendo nele com meu pedaço de pau para conseguir matá-lo (e no entanto ele é só nível quarenta e cinco, nem chega a ser um jogador tão forte assim no esquema geral das coisas).

De vez em quando avatares bem fracos chegam atacando sozinhos a nossa caravana. Não dá pra entender se acham que vão conseguir alguma coisa. O APOCALYPSO geralmente explode sua cabeça antes que tenha conseguido causar qualquer dano apreciável. Eu e os outros jogadores de nível baixo saímos do caminhão, nos aproximamos da sua carcaça para coletar os seus itens, que nunca valem muito. Numa dessas eu consegui um facão e um boné do Vasco.

Eu ouvi dizerem que quase sempre que rola um ataque tolo assim é algum bot confuso, sobrevivente de alguma batalha ou hackeado pra sair andando a esmo.

Enquanto eu tentava entender isso, um dos dois do meu lado ficavam falando sobre bots corporativos que predam outros bots soltos por aí e formam *mecha-bots* enormes, cheio de partes, como aqueles robôzões de seriado japonês dos anos oitenta.

Todos repetindo uma mesma frase promocional (vendendo pílulas dietéticas ou alguma marca de cadeira *gamer*). Eu não entendia direito o que eram esses bots, aqueles que atacavam nossa caravana pareciam humanos

normais, como muito avatares (alguns têm modificações, chifre, braços biónico, asa, umas coisas assim).

Os outros jogadores me contam também de uma lenda que começava a engrossar em todos os servidores. De um monstro que logo apareceria lá dentro, em breve, forçando os jogadores a se juntarem para proteger o seu pequeno universo persistente. A lenda começou a ser propagada por NPCs em todo canto, o que sugeriria que seria uma meganarrativa envolvendo todo o servidor principal.

Alguns nomes se repetiam nas conversas dos jogadores com uma frequência extraordinária, correntes como celebridades naquele mundo. Saru-mão, Negodrama, <abertura.de.todos.os.santos>, A ELEGÂNCIA EM PES-SOA, druidster, Zumbi, Skitcho, Paraíba Blade, Rasputona.

Contavam das aventuras deles, das suas habilidades específicas, armas modificadas. O tom era de uma admiração distante, quase idealizada. Eram como heróis para aquela galera, parecia.

#### **Dia 4**

Ontem passamos por Minas Gerais. As estradas são lindas, serras pixeladas nos longes, cidades pitorescas de beira de estrada, personagens com sotaque carregado (alguns são NPCs propondo aventuras, mas há uma horda de bots educativos chatérrimos que correm por todo lado só repetindo citações aleatórias do Guimarães Rosa).

Ontem paramos num bar-puteiro e eu fiquei um tempo conversando com um avatar de uma garota linda. Obviamente sei que um avatar de uma menina linda dificilmente significa uma garota linda por trás, mas não deixa de ser divertido. Só depois da terceira vez que ela repetiu uma mesma frase é que eu percebi que ela não era uma pessoa de verdade. Eu me senti bem burro, mas o meu sobrinho me explicou que no CABOL mesmo para jogadores experientes não é sempre fácil distinguir quem é bot, quem é NPC e quem é jogador de verdade.

— Essa é uma das paradas mais divertidas do jogo.

Eu ainda tenho dificuldade de entender como, exatamente, que isso pode ser divertido, mas tudo bem.

>>

## 88.

&lt;

Por meses, o único contato que os dois tinham era por meio desses e-mails (e as eventuais respostas, sempre curtas, de Murilo).

Pararam de conversar pelo chat, como se a relação tivesse se canalizado agora daquele jeito e só daquele jeito. Até que num sábado de noite a bolinha dele do nada deu sinal de vida:

— Murilovsk, tá online djow?

— tou.

— bicho tou em brasilia !!

— eita

— tou numa festa numa casa comedia duns artchista aqui na asa sul. -laje, chamam. Não quer chegar não?

— olha só. Po eu n tenho carro

— onde c mora? As vzs te dou carona. Se bem q tou mt loko no momento

— haha 711 sul

— !!!! a festa é na 707!!! chega mais!!!

Murilo teve um treco, um raio passou pela espinha até os pés. Ele nunca tinha conhecido pessoalmente um amigo de internet. Sempre eram duas esferas distintas: o mundo material em que ele se arrastava e comia mortadela e o mundo das telas que ele consumia com igual ou maior voracidade. Considerou olhar no espelho, tomar banho, trocar de roupa. Mas logo pensou que nada que pudesse fazer ali a esta altura do campeonato mudaria muita coisa. Escova os dentes, pelo menos, percebendo que não faz isso há dias.

Veste o casaco moletom com capuz, embora a noite esteja quente, e sai de casa tentando não fazer barulho. Era meia noite e quarenta, os pais estavam no quarto. Ele faz o trajeto a pé, o tempo inteiro pensando em como seria a cena de chegar numa festa onde não conhece quase ninguém.

Quando chega na 707 logo vê a casa que deve ser a da festa, com uma laje tomada de gente e música emanando forte do andar de baixo. Um cara e uma garota conversavam na frente, fumando. Murilo murmura alguma coisa quando passa por eles, mas não é notado.

Ele logo encontra Fábio sentado num sofá do lado de uma garota loira de cabelo raspado dormindo. Ela não parece bem. Ele põe a mão no ombro de Fábio, que vira e logo escancara a boca numa reação exagerada:

— MURILÊNCIA, tu veio mesmo!

Ele abraça Murilo com força, pega duas cervejas de um isopor no chão e os dois sobem até a laje.

Murilo sente que duas garotas muito bonitas e estilosas olham pra ele estranho quando eles chegam lá em cima. Ele mexe no próprio cabelo num reflexo automático que ele sabe bobo.

— Tudo bem, velho? Cê parece meio nervoso.

— Sei lá. Muito tempo que eu não vou numa festa.

Na verdade, aquela era a primeira de sua vida, não contando festas de família.

— Ah, pô normal. Tu prefere vazar?

>

## 89.

&lt;&lt;

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Wellington já tava ligando 192 quando o gringo sem graça gritou que ele ficasse quieto, o dedo no pescoço do moleque. Disse, muito friamente, que Flávio já tinha morrido e não adiantava fazer nada.

O gringo sem graça pegou uns comprimidos da sua mala e falou para Wellington dar para Fabiana. Diante da cara tensa de Wellington, ele disse que aquilo a acalmaria, ajudaria a dormir.

— No máximo vai fazer ela esquecer tudo. Mas se fosse com você, você não ia querer esquecer?

Fabiana está tão tensa, acumulada num canto da cama, tremendo sem parar, que aceita as pílulas com um copo enorme d'água sem que ele precise dizer muito. Ela repete várias vezes que tinham que ligar para a ambulância. Ele nem responde, sem conseguir dizer a verdade, mas também sem conseguir mentir.

Na sala, o baixinho ruivo tá respirando rápido e bufando, ele cochicha algo para o gringo e de repente os dois olham para Wellington, que entende a expressão deles imediatamente. *Você é o nativo, é você quem mexe com coisas sujas. Você vai ter que se livrar desse corpo.*

Wellington nem começa a imaginar o que faria. Botar o cara no portamalas e jogar ele no Tietê? Ele não era um mafioso, caralho, ele só fazia filme de putaria. Wellington insiste que é melhor ligar pra uma ambulância, fazer tudo direito. Foi um acidente, afinal, ninguém queria matar o cara.

— Chamar a polícia não é uma possibilidade. Isso aqui é tecnologia militar em fase de desenvolvimento. Se isso aqui ficar público todo mundo aqui tá em muito perigo. Todo mundo.

Depois de muita discussão, o que se decide é que os dois vão ajudar Wellington a levar o corpo até o carro e ele vai deixá-lo perto de um posto de saúde, o gringo sem graça então vai ligar de algum orelhão longe de lá avisando onde está. Para tanto a comissão de Wellington vai aumentar du-

zentos por cento. Desse jeito, ele arrazoou consigo próprio, pelo menos a família pode fazer o enterro. Os três enrolam o corpo de Flávio numa roupa de cama laranja que encontram na casa e carregam até o carro de Wellington, um Celta de 2010. Ele fica apertado no porta-malas, a cabeça meio torta e isso de algum jeito deixa Wellington muito mais agoniado e horrorizado do que se o corpo tivesse com espaço tranquilo pra deitar. Sabe que não faz diferença, que o corpo não sente mais desconforto nenhum, mas ainda assim. O esculacho. O gringo e o ruivo baixinho falam que vão ligar de um orelhão perto de um *WalMart* que tem ali perto.

Quando batem o porta-malas e Wellington vai até o banco de motorista, ele consegue escutar os dois conversando baixinho, em inglês. Achando que ele não entenderia.

— E a garota?

— É uma pena. Mas vamos ter que lidar com ela também.

>>



## 90.

&lt;

Os dois saem da festa e vão caminhando em direção ao eixão, atravessando a W3 vazia. Era muito estranho conversar com ele pessoalmente. Murilo estava acostumado a antecipar muito bem aquela pessoa, mas algo de importante mudava, ele via aquela voz como saindo daquela extensão tão alheia à sua, aquela presença extensiva de um corpo que ele não conhecia direito, que se mexia de um jeito todo próprio, a voz que saía como se de uma treva repleta de órgãos, um riso que ecoava e travava diferente do que ele lembrava, meio molhado e babado. Gengiva demais. Fábio era muito menos bonito ao vivo.

Murilo percebia agora que estava acostumado a tratar a voz do amigo como algo que emanasse de dentro da sua cabeça, um rebento da sua própria imaginação, mais um desdobramento da sua substância. Como todo o resto. E, no entanto, lá estava ele olhando para a quadra e rindo sozinho, com um jeito de andar inesperado, uma postura largada que ele não imaginava, um aperto de mão frouxo demais.

Faltava todo um acordo expressivo, um domínio de cadências em comum que facilitasse a interação ali entre os dois. Ele achava que já tinha isso perfeitamente instalado com Fábio, mas aparentemente só pra alguns meios. Não ao vivo.

E a possibilidade daquela ser a versão mais completa ou mais direta do que quer que o Fábio fosse no mundo, de Murilo estar todo esse tempo lidando apenas com um fantoche inautêntico que ele fazia de si mesmo, aquilo começou a lhe incomodar profundamente.

&gt;

## 91.

&lt;&lt;

Cátia e Fabiana se conheceram através de uma amiga em comum, Julieta. As duas nunca foram próximas, mas já haviam saído juntas diversas vezes. Fora um par de situações em que ambas estavam bem alteradas, e das quais se lembravam precariamente, nunca tiveram muito papo. Fabiana achava as roupas e hábitos da Cátia em geral meio excêntricos, o que ela não escondia e vivia falando na cara (com outras palavras, como *diferente* e *fora do comum*). Cátia tinha um pouco de preguiça da Fabiana, principalmente por achar que ela só sabia falar de macho. O que queria dizer que as duas só se davam bem quando Cátia se via no humor ou no momento de falar muito de macho, seja por estar caçando um, seja por estar buscando alguém para reclamar daquela metade quase sempre tão canalha da espécie.

Por isso, Fabiana estranhou quando Cátia a chamou para tomar um café, de tarde, porque tinha que lhe contar alguma coisa. Fabiana nunca tomava café com ninguém, estranhou o convite. A relativa seriedade da ligação deixou ela inquieta. Que coisa séria a Cátia poderia ter pra lhe falar?

— Então, eu não sei nem como te dizer isso.

— Fala logo, mulher. Tá me dando nervoso, já.

— Um amigo. Amigo não. Um cara que eu conheço, ele viu umas fotos tuas no meu Instagram.

— Ahhm, é? É gato? Quê que ele faz?

— Então, não. Quer dizer, até que é. Mais charmoso que gato. Mas não é isso, ele não quer sair contigo.

— Quê que ele quer, então?

— É difícil de explicar. Antes cê tem que me jurar que não vai contar pra ninguém. Nem pra Julieta.

— Eita. Tá bom. Mas por que?

— Você vai entender.

Fabiana estava curiosa. Cátia parecia constrangida medindo palavras.

— Quê que você acharia, assim, da ideia de, tipo, fazer um pornô?

Fabiana faz uma cara de confusa, quase de pavor.

— Mas pera, não responde ainda. Não seria com qualquer cara, você pode escolher o cara. Pode ser teu boy lá. Quem for. E não vai circular, é pra uso privado. Eles juram, pelo menos. Dizem que botam isso no contrato de reitinho e tal. Se você conhecer algum advogado pode mostrar. Eu não conheço. Acho que esse cara não é sacana, mas sei lá.

— Como assim?

A cara dela era de incredulidade, mas uma incredulidade amigável, curiosa.

— É difícil de explicar. Eu mesma não entendi tão bem. É tipo um negócio de realidade virtual, acho. Mas, tipo, não tem câmera.

— Oxe.

— É. Pelo que eu entendi é como se o cara gravasse a sensação dele. A sensação toda. É bem maluco o negócio. Parece que eles não divulgaram a tecnologia ainda, ainda é experimental, por isso não pode divulgar.

— E esse cara quer me comer?

— Então, não exatamente. Você pode escolher com quem você transa, mas o cara vai gravar a experiência toda.

— Sim, eu entendi isso. Mas ele quer então a experiência de me comer?

— Isso, é. Eu sei que é esquisitão. Mas assim parece que não tem nem como o negócio vazar na internet, nem nada. Pelo menos não ainda. Sei lá, né, também. Mas enfim, então, honestamente me parece bem mais de boa do que fazer um pornô normal, na real. Ninguém vai ver fora um rico maluco aí nojentão. O esquisito só é que você transa com o cara usando lá um equipamento na cabeça.

— Você fez?

— Não. Eu ia fazer, mas depois que ele viu tuas fotos no meu perfil ele mudou de ideia.

— Sério?

— Sério. Ruim pra mim e bom pra tu. Vou pedir só um agradozinho pela indicação, mas você decide quanto que é justo.

As duas riem. Não conseguem olhar diretamente uma pra outra. Quando param, a expressão é ansiosa.

— E quanto é que ele ta oferecendo?

— 30 pau.

— 30 mil reais?

— Isso. Os cara ganha em dólar, né, minha filha. Mas tem que assinar um negócio prometendo que não conta pra ninguém e parece que não pode mesmo, que os caras processam, sei lá o quê. Mas não tem motivo pra você contar, né?

Fabiana ficou girando o próprio celular em cima da mesa, sua expressão se soltando com cada rodopio até dar num rosto ausente. Era mais ou menos quinze vezes o que ela ganhava por mês como secretária dum escritório de advocacia.

Cátia pensa nos filmes que ela fez quando mais nova rodando até hoje nessas porras desses sites. Dando dinheiro pros outros e pra ela nada. Pensa em falar pra amiga sobre essa possibilidade, mas acha melhor não. Até porque ela não sabe desse detalhe do seu passado. E com a Fabiana não aconteceria aquilo. Com ela daria tudo certo.

>>

## 92.

&lt;

— Lá na festa eu tava com uma galera das antigas com quem minha persona mais canastrona é motivo de assim muita alegria. Muito deleite. Eles me adoram, é uma merda. Mas um troço assim sem proporção. Tu não imagina. São uns caras com quem eu estudava na porra dum cursinho de inglês e de quem fui muito, muito bróderes quando tinha uns treze pra quatorze. Mudaram todos pra Brasília depois.

— Boto fé.

— Eles são meio nerds, tem uma vida muito quieta e me acham hiperdoidão e extremo e aventureiro e absurdamente, absurdamente pegador (e pros padrões deles de fato eu sou praticamente um Renato Gaúcho, sem dúvida). Eu descobri a festa por uma amiga da minha namorada, trouxe eles aqui pra dar em cima duma garota. Idiotão. Eles tavam achando a casa da festa a coisa mais porralouca do mundo. Eu gosto deles, mas é muito cansativo performar esse personagem o tempo todo, já tava de saco cheio. Foi bom fugir.

Murilo ainda tinha a cara franzida, ele sabia, e não sabia até onde ela tinha sido registrada pelo amigo ou não.

Fábio tava com um sorriso fixo estranhamente puxado. Não era só que ele parecesse pouco convincente, o que para Murilo era bem comum (quase toda exultação tendia a parecer forçada para ele), mas era como se Fábio tivesse esquecido como que pessoas sorriam. Tinha no máximo um preparo chorado pra um gesto ali, se isso.

Murilo não mais sabia com quem ele estava falando.

— Por que você tá falando assim, Fábio?

— Assim como.

— Ah, sei lá, deixa, acho que é viagem minha.

— Não, uai, fala, assim como?

— Parece de desenho animado, sei lá, afetado, assim, cê fala assim sempre? Só te vi na câmera umas duas vezes.

— Eu tou meio histérico, eu sei, tou te falando, aconteceram umas paradas. Eu nem te falei o que tá rolando, né? *Tre-ta, tre-ta, tre-tinha.*

— Não, diz aí.

Fábio desconversa, muda de expressão.

— A minha mãe é meio japonesa e meio loira. Já te mostrei foto? Uma configuração muito própria, assim. Digo objetivamente. Nunca vi em atriz nenhuma. Ela até foi modelo, por um tempo, antes do meu pai casar com ela e encher muito o saco pra ela parar de trabalhar. *Um negócio assim suspeito como ser modelo, que é quase eufemismo de meretriz*, o babaca fala até hoje, pra tristeza dela. E ela foi mó bem-sucedida. Ganhava bem, embora tenha parado de viajar pouco depois deu nascer. Chegou a estar numa campanha internacional grande de marca de perfume chique aí. Ela ainda tinha guardado dois comerciais que ela fez, em fita, e alguns dos ensaios, num livro enorme que ela mandou encadernar. É difícil pra mim ver minha mãe naquela imagem tão produzida, tão montada. Bonita pra caramba. Pra não dizer outras coisas. É uma foto bem boba, dela rindo, numa praia. Eu lembro de achar a propaganda pouco original, pouco criativa, como se de alguma forma isso me desapontasse.

— ...

— Eu só cheguei uma vez um out-door com foto dela. Foi de uma campanha que durou um tempo inesperado, porque parece que começou a funcionar de maneira inesperada com algum demográfico específico que eles nem estavam tentando alcançar, exatamente. Não sei porque falei isso agora. É mentira. Ela foi modelo, sim, mas todo o resto que eu falei foi mentira.

Murilo ficou surpreso. Não soube nem o que responder.

— Na real muito do que eu te falei nesses e-mails era mentira. Eu não fui a várias daquelas viagens, não comi todas aquelas garotas. Algumas coisas eu pegava o começo e aumentava. Mas tudo tem um fundo de verdade

— ....

— Aconteceu um troço comigo, bicho, e eu tou tendo, sei lá, é estranho, uns problemas. Tá abrindo meio que umas partes da minha interface normal com as coisas, como que subdividindo tudo em abas e mais abas, desfolhando igual uma alcachofra infinita. Tem hora que parece que eu tou mais livre ou mais sei lá o quê mas aí é aba demais, também. Eu não consigo fazer

nada. Eu só fico me desfolhando e desfolhando. Entende?

O sorriso de novo, falho, inconvincente. Parecendo involuntário. As so-brancelhas como que falhando, tremendo.

Murilo estava segurando um sorriso e fez algo como “hmmm”, num tom que era pra ser inquisitivo, meio brincando, mas depois de dito ele já não tinha tanta certeza se havia soado nesse sentido ou não. Ele sabia que não devia ser irônico, mas não conseguia segurar o impulso. Como se uma parte dele ainda suspeitasse que o amigo estivesse brincando, curtindo com a sua cara.

— *Alcachofra infinita*. Bom nome de álbum.

>

## 93.

&lt;&lt;

Eliot acorda com o alarme às nove. Pede em voz alta e bem-enunciada para que sua assistente virtual pessoalmente customizada, Sandra D, ligue o chuveiro. Vai tirando a cueca e as meias enquanto anda, quase caindo no processo. É só quando o jato d'água bate forte e quente no seu peito e no couro cabeludo que ele lembra da noite anterior, o motivo de ter acordado tão puto.

Teve um encontro no *Tinder* com um garota chamada Emily e foi péssimo. Ela era alta, morena e linda, com olhos puxados e uns peitos inacreditáveis. Muita areia pro caminhãozinho dele, claro. Em condições normais. Mas falava no perfil que tava a fim de caras com independência financeira e que sabiam o que queriam. Ele tentou mostrar toda sua autoconfiança, além de ter sido educado e cavalheiro.

E no final a vadia não quis nem dar pra ele. Falou que ele era legal, mas que achava que eles não tinham se conectado. Isso depois de pedir lagosta. E ainda ficou revoltada quando Eliot constatou esse fato, que não era mais do que um fato. Sair para jantar com alguém era uma espécie de troca, ignorar convenções significava renunciar os termos da vida em sociedade. Ele lembra de falar isso rindo, enquanto pedia um *Uber* pra ela (“não, eu não vou te levar em casa. Pra quê? Você já falou que não tá interessada”). Ele tinha exagerado um pouco, talvez, mas a garota era uma aproveitadora.

Ficou pensando em como o *Tinder* e todos esses outros aplicativos eram ruins e como deviam desenvolver alternativas mais diretas, com menos espaço pra esses desastres assim. As pessoas deviam saber direitinho o que esperar quando vão sair com alguém, não devia ser essa roleta tão desoladora. Se organizar a interface direito, todo mundo sai ganhando. Mas não. Imbecis por toda parte.

Quando ele sai do banho e vai até a cozinha, no primeiro andar da casa, sente água nos pés e quase escorrega. O chão tá completamente molhado. Vê que a pequena tela na porta da geladeira tá com uma cara triste e que a água parece ter vazado dela. Ele xinga o nome da companhia coreana e gri-



ta para Sandra D lembrá-lo de mandar um e-mail para o CTO da empresa, que ele tinha conhecido num jantar no ano anterior. Amadores e imbecis por todos os lados.

Quando sai de casa, Eliot encontra uma manhã agradável e ensolarada de primavera. Encara as colinas diante dele e mentaliza um brevíssimo momento de gratidão de morar num lugar tão bonito. Tecnicamente ainda é São Francisco, mas ele só vai para a cidade muito de vez em quando. Fica muito mais ali no trecho entre Menlo Park, até Mountain View, em um pequeno punhado de cafés, açáizerias e *lamens* da moda, onde ele sabe que pode encontrar casualmente alguns luminares da indústria, seus pares (que nem sempre retornam suas mensagens).

O presidente do Google passava sempre num mesmo Starbucks, mas isso já tava tão manjado que aparecer por lá sem ser vizinho parecia desespero ou tietagem. Eliot espumava de raiva quando cumprimentava um desses e o cara fazia aquela cara de paisagem, de “Desculpa, nós nos conhecemos?”. Aconteceu uma vez com Peter Thiel, semanas depois de ter conversado quase meia hora com ele num jantar. Ele agora fantasiava situações em que Thiel perdia tudo e precisava da ajuda dele. Todo dia.

Hoje Eliot não encontra nenhum conhecido quando chega. Pede sua torrada com abacate e um machiato, fica rolando a barra de suas redes sociais sem prestar muita atenção, uma das orelhas recebendo um podcast no seu fone de ouvido sem fio. Até que cutucam seu joelho. Ele olha, lá está Deepak, com sua cara de satisfação gratuita. Um tonto herdeiro de mineração vindo de Nova Délhi que investiu cedo no facebook parte da grana da família, vendeu num bom momento e hoje pagava de sábio dos investimentos. Não tinha acertado uma desde então. Até naquele processador de alimentos pretensioso de *hype* hiper inflado ele havia caído.

— Ei, Eliot. Tudo bem, bro? Cê tá fazendo alguma coisa?

— Trabalhando um pouco, por quê?

— Vem comigo, vou encontrar o Jason na casa do Sergey. Ele falou pra não levar mais ninguém, mas a gente pode falar que você insistiu. Você vai me agradecer.

— Sério? Fazer o quê?

— É segredo. Não conta pra ninguém. Sergey quer experimentar uma

máquina nova, um protótipo secreto não sei de quem. Não é deles. Parece que faz toda realidade virtual parecer pintura rupestre.

Deepak faz uma cara satisfeita, expectante. Eliot não consegue nem responder. Embora não se perceba de logo, pela falta de contraste, Eliot empalidece bruscamente.

>>

## 94.

&lt;

Daonde que tava vindo aquela merda toda? Murilo quer mudar de assunto, mas não consegue pensar em nada mais leve para dizer. Eles geralmente tinham tanta coisa pra falar um pro outro. Do nada Fábio começa a cantar com uma voz empostada, grave:

— Rir pra não cho - rar.

Murilo ri.

— Tu se sente super brasileiro, né, Fábio?

— Pô, sim. Que pergunta, assim, do nada. Tou no roda-viva de repente.

Murilo ri de novo e pergunta.

— Mas como que funciona? É um troço meio Mário de Andrade, meio Galvão Bueno?

— Ah, sei la, é meio isso, mesmo. Um troço bobão assim afetivo muito forte assim Brasil-zil. Bem assim mesmo. Mesmo sabendo que é um fazendão desgraçado com uma pá de gente pra moer, isso aqui.

— Tá. Mas por exemplo o Cartola.

— Hm. Top 5 serumano.

— Ele é um grande artista, claro. Mas o que torna ele tão expressivo pra tu é a figurinha lá dele.

— Ué, sim, talvez.

— Tu escuta e fica com essa coisa toda no coração, porque é um sambista das antigas, de raiz, preto, pobre.

— É a imagem dele, sim. Quê que tem? Igual o Tolstói, a Safo. Igual qualquer coisa. A imagem vem sempre embutida do resto. Do rastro.

— Não, né? Nem vem. Tem um exotismo de você nas suas circunstâncias indo atrás daquilo. É como branco rico escutando rap.

— Eu escuto rap todo dia. E eu sou mais branco e rico que bater em mãe.

— Eu sei. Eu também acho legal algumas coisas, mas tu não acha que é meio estranho alguém como tu consumir aquele negócio do mesmo jeito de alguém que se identifica de verdade com a parada?

— Como assim?

— Como que tu se sente quando eles falam de matar playboy, essas parada?

— Ah, eu acho massa.

— Mas tu entende que tu efetivamente curtir isso é curtir uma imagem de tu mesmo sendo morto?

— Claro né, mas eu me odeio mesmo, tá ótimo pra todo mundo. Todo mundo ganha.

— Tá, mas não é meio óbvio que você escuta pra sentir menos culpa ou algo assim? Pra fingir que você tá do lado deles, quando você claramente não tá.

— Possivelmente, mas não só, ué. O mesmo pode ser dito de um ateu lendo Dante, sei lá. Cada um com suas fantasia.

— Sei lá, só acho meio ridículo.

— Boto fé. Ridículo acho que é mesmo.

A cara de Fábio entorta, ele começa a chorar e a reação de Murilo é de involuntariamente franzir o rosto, como alguém que não acredita que aquilo está acontecendo. Ele não tinha os instrumentos pra lidar com aquilo, ele mal conseguia se compreender efetivamente metido naquela situação. Claro que ele conseguia depreender de vários filmes que ele podia abraçar o amigo agora ou pelo menos falar um punhado de coisas minimamente positivas. Mas ele não conseguia achar uma única ação que parecesse adequada, definitiva. Tampouco era pequeno o medo de parecer gay, um pensamento que ele sabia que era profundamente tolo, mas cuja presença na sua cabeça parecia só dobrar depois dele notar pra si mesmo o tanto que era tolo.

>

## 95.

&lt;&lt;

Wellinton está na marginal Tietê a mais de cem por hora quando o celular começa a vibrar, furioso, no porta-copos. É a Cátia. Ele trava todo. Tudo menos ela, agora.

— WELLINTON, PORRA.

— Opa.

— Porra, mano. Quê que rolou ontem?

— Oi?

— QUÊ QUE ROLOU ONTEM? A Fabiana me ligou aqui desesper-

— Tá ruim a ligação, tou entrando num túnel. Me liga daqui vinte segundos.

Ela bufa como quem não acredita.

— Tá bom.

Wellinton tinha que pensar. Ele tava com o corpo no porta-malas, não tinha mais volta. Lembra do gringo sem graça falando que lidaria com a garota. Em filme, ele sabe o que isso sempre quer dizer. Uma coisa era o coitado do cara morrer, foi acidente. Nem os gringos queriam aquilo. O que quer que eles fizessem agora também não mudaria isso, não adiantava nada. Cabou-se. Outra coisa era matarem a menina agora. Isso seria muito pior. A frase do gringo tava reverberando na sua cabeça há vinte minutos, mas uma parte dele tentava adiar uma decisão enquanto fosse possível, pra que não tivesse que tomar nenhuma decisão drástica.

Wellinton não saberia dizer se foi o medo de se ver responsável por outra morte ou se foi mais o pavor de imaginar a cara da Cátia descobrindo aquilo, cheia de raiva dele e com toda razão. Aquela cara tão linda. Retornou a ligação antes que mudasse de ideia.

— Então. A tua amiga tá em perigo. Onde que você tá?

— Como em perigo? CÊ TÁ LOUCO, MANO?

— Teve um acidente ontem. O Flávio morreu.

— Como assim? Caralho, Wellington.

— Sério. Acidente. Rolou. Já foi. A máquina lá deu xabu. Os gringo me arrumaram uma porra numa máquina fuleira. Não foi culpa minha. Não foi, Cátia.

— A Fabiana me ligou agora falando que tava sem nada na casa, sem celular, sem dinheiro. Onde que ela tá?

— É rua Pedroso de Moraes cinquenta e oito. Cinco oito. Pinheiro. Mas fala pra ela sair de lá imediatamente. Agora-agora mesmo. Eles vão matar ela, Cátia. Eu te juro que eu não sabia que eles eram ruim desse tanto. Eu juro.

Cátia desliga e retorna o número que ligou para ela minutos antes. Quando o telefone toca Fabiana está tentando enrolar uma toalha de mesa como saia. Ela pula ao longo do sofá para atendê-lo logo, na mesinha de canto.

— Cátia?

— Menina, falei com o Wellington e ele falou pra você sair daí agora. Cê tá em perigo, Fabiana. É sério o bagulho.

— Como assim? A porta tá trancada.

— Porra, arromba, sei lá. Mas vaza daí. Você tá em Pinheiros. Rua Pedroso de Moraes cinco oito. Eu vou arrumar um jeito de chegar aí.

— Eita, tou mesmo. Agora que tu falou eu lembrei. E o Flávio, cadê ele?

— Esquece o Flávio agora, só vaza daí. Entra na primeira lanchonete ou padaria aí perto que eu vou te caçar. Eu não tou tão longe.

Fabiana desliga o telefone e procura algo pesado na sala. Ela ainda não tava bem das ideias, as formas de tudo que ela encarava pareciam instáveis, tremendo. Tudo queria ser outra coisa além do que era de fato. Tudo estava onda estava e em volta também. Até as mãos dela pareciam indecisas quanto a isso de continuar obedecendo a sua vontade. Joga primeiro um livro enorme de arte (GIACOMETTI) no vidro que separa a sala do jardim, mas ele só faz bambejar num estardalhaço, não quebra. Ela pega uma luminária metálica e bate a base contra o vidro com toda sua força, uma, duas vezes. Na terceira o vidro começa a trincar, bem quando ela ouve a porta da frente abrindo, o gringo sem graça (que ela reconhece como se de um abismo

assim que vê) vem entrando e logo tirando do bolso uma pistola prateada.

Fabiana faz o último golpe que enfim estilhaça o vidro, mas o gringo sem graça aponta a arma e grita um HEY de filme, ridículo, apontando firme a arma, o que faz ela parar, tombando a luminária ao chão.

>>

## 96.

&lt;

— Foi mal. Nada a ver eu falar isso.

— De boa, de buenas, de buenas noches. De buena vista internacional social club.

— Você tá falando esquisito, bicho.

— Eu sei. Essa é uma das coisas.

— Que coisas? Tu diz tipo sintomas?

— Não exatamente, mas tipo isso. Tá rolando um momento tenso agora, nos últimos dias. Não tou bem das ideia não.

— Como assim?

— Não sei. Não sei explicar, assim, mesmo. É uma crise aí sei lá, uma parada dessas. Crise de nervos. Colapso nervoso. Colepso nervioso. Já leu o Schreber? Lindo. Quer dizer. Se fosse um filme, saca. Seria lindo. Mas aconteceu, ele sofreu mesmo aquelas coisas. Não é brinquedo não. Doidura não tem graça não, Edileuza. Eu não saberia como descrever, na real, estou tentando arranjar um nome adequado com ajuda profissional há uns dez anos, ninguém consegue me dar um que me satisfaça. Então chame de Clóvis Bornay, de Ishmael, de Runpestilskchinchariol.

— Boto fé. Mas é tenso mesmo?

— Porra, muito tenso.

— Quão tenso?

— Tenso pra caralho. Como assim, tu quer um número?

— Foi mal, só quero entender com o que tamo lidando aqui. Tu sempre me pareceu tão tranqs. Super jazzys.

— Eu já fui em tudo que é psicanalista e terapeuta e o caralho, todo mundo me dá uma ajudinha, uma interfacezinha pra lidar com aquela parada, mas eles não acabam com ela, eles não chegam nem a lutar contra ela, de verdade. Mal chegam nos domínios dela, entende.

— Do jeito que você fala parece um demônio, né?



— É. Quando eu tinha uns doze anos eu pensava nela como quase literalmente aquele simbiote do Homem-Aranha, aquele bagulho negro que se pega na pele dele, tal.

— Mas então ele te dava poderes?

— Heh. Bem vindo a imaginação de um moleque inteligente, dramático e mimado como um pequeno rei chinês na dinastia Ming, sei lá.

— Boto fé.

— Nem sei o que acontecia na dinastia Ming.

— Eu tampouco.

— Mentira sua. Cê sabe de tudo que eu sei. Cê sabe quem é meu pai, não sabe?

— Sei.

— Então, tem a ver com essas parada. A noia. As noias.

— Hm.

— Eu penso nele morrendo todo dia.

— Eu também não gosto do meu pai, normal.

— É estranho ser filho de um dos caras mais odiáveis do país.

— Acho que a maioria das pessoas nem sabe quem ele é. Ainda mais fora do Goiás. Tem muita gente pra odiar no Brasil, bicho, serião. Galera tá cagando pra ele.

— Boto fé. Deve ser.

— E não é como se não tivesse suas vantagens, né? Vamo combinar.

O rosto de Fábio se acende, por um instante, com alguma expectativa.

— Claro. Mas eu sempre admito isso. E ou, vem cá. Eu tou querendo há um tempo te perguntar um negócio. Um negócio meio sério. Você não... O seu pai.

Ele não consegue terminar a frase. Fica olhando pro além.

— O quê? Quê que tem meu pai?

— Nada não. Esquece.

Ele parece cada vez mais tenso, olhando pro celular o tempo todo. Não

tava tão tarde, uma e pouco.

— Eu tenho que ir. Volto hoje ainda pra Goiânia.

— Sêrio? Cê tá em condição de dirigir?

— De boa demais. De boaça. Até a gente chegar lá eu tou melhor. Tomo uma água e pronto. Xablauson. Tou acostumado a dirigir de madrugada. É só uma terça feira como qualquer outra.

— Hoje não é terça.

— Você entendeu.

Os dois caminham de volta até a 707, onde está estacionado o carro de Fábio. Em silêncio quase absoluto. Para distraí-lo e dissipar a onda ruim, Murilo conta pra ele a trama do *Manuscrito encontrado em Saragoça*, do Jan Potocki, o tanto que ele lembrava, inventando o que não lembra. Murilo parece muito animado para lê-lo. Ele se despede com um abraço muito forte que Murilo corresponde com os braços frouxos e o torso quase se recolhendo.

>

## 97.

&lt;&lt;

Eliot entra no carro revoltado. Era o segundo número que ele ligava e não atendiam. Os filhos da puta do DOD sempre disseram que estariam sempre à disposição. O caramba. O caralho. Ele estava bufando, percebe, o que não era bom. A descrição de Deepak, mesmo imprecisa, foi mais do que o bastante. Era a máquina dele. Nas mãos de algum golpista. Como que esse filho da puta botou as mãos imundas na sua máquina? Será que era alguém do próprio projeto tentando ganhar uma grana por fora, vender a tecnologia pra alguém? E, aliás, como que o *Sergey* se mete numa dessas? Isso é tédio? Eliot sempre foi da opinião de que o cérebro todo da dupla era o Larry, mesmo. Aquilo só confirmava. Conecta o celular no *bluetooth* do carro e tenta a terceira ligação, agora diretamente para o diretor da DARPA. Ouviria umas boas.

Eliot não disse para Deepak que a máquina era sua. Só disse que iria junto, mas no seu próprio carro. Ele e seu Tesla tentam entrar logo na estrada para chegar na casa o quanto antes, confrontar o filho da puta, mas precisa esperar um Toyota indeciso na saída do estacionamento do café. Eliot grita de raiva, esperneia. Uma criança no Toyota encara ele, abismada. Ele se recompõe.

Pensa em ligar para a polícia, mas depois percebe que não é exatamente um crime que se prende assim em flagrante. Roubo de segredo industrial? Ele nem sabe se é um crime, exatamente, mas deve ser. Tem que ter sido um funcionário da DARPA, um problema interno deles. Ele só não quer ser fofido nessa história. O mapa estima doze minutos até o endereço. Ele quer chegar em menos de cinco.

O carro de repente tranca as portas sozinho. Eliot estranha. O volante trava por um instante, mas volta a se mexer em seguida. Ele fica nervoso, começa a bufar mais rápido, sem controle. Decide parar, vê que o acostamento à direita leva a um posto logo ali na frente. Pensa que é melhor lavar a cara e ligar com calma antes de continuar dirigindo. Vê que a tela enorme que fica no meio do painel tá piscando uma mensagem de erro. O volante trava de vez. Logo adiante há uma curva brusca e além dela um precipício

**desembocando em pedra e folhagem seca. O carro acelera.**

>>

## 98.

&lt;

Fábio ofereceu para me dar uma carona, mas eu falei que o caminho a pé era mais curto, não precisava. Me arrependo de dizer isso assim que o carro dele sai. Minha bermuda está desajeitada, minha cueca me incomoda por baixo. Minhas pernas estão incômodas, roçando a gordura uma na outra. Não estão doendo, exatamente, mas é como se eu estivesse desaprendido o uso delas, o que se faz daqueles objetos no mundo, a interface com os diferentes materiais (grama, cimento, terra).

Eu chego rapidinho na W3, vazia. Eu a atravesso tranquilamente, nenhum carro por perto, só dois passam na outra pista, espalhando o pouco de água que ainda está ali, em alguns cantos, em algumas poças e remendos mal feitos de asfalto, irregular e lisa como a pele dum rinoceronte velho.

Eu ando rápido pra passar pela banca e a passagem ali entre lojas, que tem um bar que eu espero que esteja aberto à essa hora. Ele está. Eu sento numa mesa do canto e peço uma cerveja, coisa que nunca fiz na vida. Eu não sei se tenho dinheiro na carteira no momento. Eu decido checar antes de me sentar, a minha carteira roxa de velcro que deve ter uns dezesseis anos, no mínimo, sem nenhum documento ou moeda, apenas uma nota de vinte reais solitária e magnânima, com seu mico-leão dourado. Isso deve me dar duas garrafas, eu penso (deu uma e troco). Pra quem não bebe há anos, basta.

Na televisão está passando o último jornal da noite, onde falam dos gols da rodada. Dois senhores ali fazem comentários pouco convictos sobre o campeonato brasileiro, exercícios fáticos vazios que não recebem encorajamento. A cerveja vem gelada anestesiando a garganta.

&gt;

## 99.

&lt;&lt;

Nílson anda apressado pelo anel interior do Mineirão, tenso. O jogo já terminou, mas alguma emergência impede o estádio de ser evacuado. Anunciaram isso assim que o jogo terminou, mas Nílson não conseguiu entender o que foi dito, os alto-falantes eram péssimos. A confusão parece generalizada, todo mundo tentando usar o celular, sem sucesso. Muitos parecem desesperados com suas telas subitamente apagadas. O gringo havia sumido de vista ainda no primeiro tempo e só no final do jogo Nílson foi ler a mensagem alucinada do filho da puta, quinze minuto antes, falando para encontrá-lo IMEDIATAMENTE, sem dizer onde estava. E o seu celular em seguida desligou sozinho, antes de Nílson responder. O que nunca havia acontecido antes.

Eles haviam se encontrado na véspera, no bar de um hotel na rua do contorno, em Belo Horizonte. Um funcionário do hotel o chamou de Sr. Aaron, o que o fez se apresentar, em seguida, constrangido, como Timothy Aaron. Nílson ficou feliz de finalmente descobrir o nome daquela desgraça.

No hotel, Timothy não apresentou nenhuma informação nova, apenas reforçou sua impressão de que algo muito grave poderia acontecer no jogo. Nílson fingiu seriedade, mas estava rindo por dentro da paranoia ridícula. Ele ainda não sabia, no geral, o que achar da paranoia do Timothy. Havia prometido lhe entregar o inquérito da Polícia Federal, mas não entregou. Foi enrolado da parte de lá e hesitou em buscar pressão externa. Tampouco protocolou a aproximação de maneira apropriada no sistema interno da própria ABIN. Mesmo tendo confirmado o contato inicial com o departamento de estado, Nílson às vezes ainda temia que estivesse lidando com um charlatão, ou, quem sabe, com um ex-agente afastado por problema mentais. Mais uma papagaiada na ABIN e ele viveria o resto da sua vida como o café-com-leite da repartição.

Pensa em voltar para o estacionamento, onde tinham se encontrado horas antes, em uma zona de segurança duplamente reforçada. Mas não sabe se conseguirá chegar lá, tem gente acumulada em todo canto tentando sair e não estão deixando, as pessoas estão todas com uma cara de pavor, come-

çando a se empurrar.

Nílson admite para si que até o final do primeiro tempo estava pensando muito mais no jogo do que na suposta ameaça. Ele, que não torcia tanto pra futebol tinha tempo, que tava puto com aquela Copa desde que foi anunciada, não conseguiu evitar aquele sentimento antigo, infantil, de vencer todo o mundo. Cagar na cabeça de italiano e argentino. Ele que não ia num estádio desde a infância se viu gritando o hino nacional (o *hino nacional*) como um doido. Estava trabalhando, oficialmente, mas era claro que todo mundo ali acabaria assistindo o jogo. Achou foi bom o sumiço de Timothy, para poder torcer tranquilo.

E aí veio a humilhação. Os gols infantis, como que de treino, sucedendo como *replays* ao vivo. E Nílson se arrependeu imediatamente de ter cedido àquele sentimento, sentindo aquela humilhação com um gosto ainda pior por estar ali na presença de estrangeiros, dos chefes das seguranças das delegações de outros países. Toda a tosqueira e a inferioridade do seu país esgarçada e devassada na frente de todo mundo. A vergonha e a raiva que ele sentiu de todos aqueles milionários todos no campo.

Foi só depois de engolir com dificuldade essa humilhação que ele se lembrou da suposta ameaça terrorista que pairava sobre o dia. E de algum jeito o clima ominoso daquela derrota humilhante passou a tornar a ameaça mais crível.

O primeiro sinal que fez Nílson começar a levar a historia a sério foi quando Tamires mencionou que Renato achava que tinha viajado no tempo, isso depois do Timothy ter lhe dito que um golpe mais ou menos nesse sentido estava sendo aplicado no Vale do Silício. Afinal, antes disso Nílson também já tinha ouvido um boato vago, num fórum, de que Renato estava de alguma forma conectado ao CABOL, o jogo no qual ele próprio havia se tornado viciado até ser pego jogando no trabalho (o que jamais aconteceria se ele tivesse algo para fazer durante o expediente, aliás). Mais especificamente, que um personagem muito importante no jogo, O COMEDIA, menos por ser um jogador de alto nível e mais pela performances e pegadinhas que pregava em vários servidores, gravadas e reproduzidas em plataformas de vídeo.

Se Renato de fato estiver envolvido nisso, se ele de fato achar que viajou no tempo, a conexão dele com essa história bizonha do Timothy de uma

conspiração terrorista transnacional tornar-se-ia também mais crível. Absurdamente. Mas antes dele dizer algo a Timothy nesse sentido, viu aquela fita na UFOP com a apresentação maluca do Renato e percebeu que devia ser tudo só coincidência. Essa possibilidade parecia fazer mais sentido, para Nílson, do que imaginar Renato metido em algo tão técnico. Tão complicado. Por mais que fosse só um trambique, no fim das contas.

Ali no estádio o sentimento volta a ficar incerto. E ele não encontra de jeito nenhum a porta de acesso restrito pela qual tinha chegado ali mais cedo. Está num corredor interno de onde pode ver a reação de pessoas que chegam e saem das arquibancadas e camarotes. Quase todos nervosos, Nílson percebe, e agora como que de um pavor renovado e amplificado numa onda súbita. Ele nota que o céu escurece, embora não passe de cinco e pouco. Ele anda apressado pra fora do corredor para ver melhor o céu. Seu esfínter trava.

O teto aberto do estádio está sendo tomado por revoadas gigantescas de pássaros. Tantos que tapam a luz do sol. E de tipos diferentes, em redemunhos vivos, furiosos e coordenados. O barulho rapidamente fica ensurdecedor. Ele nunca havia visto nada parecido, nem mesmo na fita famosa do Hitchcock, que ele conhecia bem.

Embaixo dos pássaros, a torcida ainda está acumulada e confusa. Nílson vê que o telão de repente é tomado por uma tela azul de erro, um ruído estridente soando nas caixas de som, a imagem em seguida piscando preta e aparecendo um texto preto e grosso em tela branca, como se numa transmissão pirata.

E que ele acabou, claro, lendo:

**Daí que eles fizeram a cara da terra escurecer, e caiu uma chuva espessa-escura, uma que caiu dia e noite, os pequenos e grandes animais apareceram neles, suas caras foram esmagadas pelas pedras e as árvores, eles foram interpelados por todos os moedores de milho e as suas panelas, seus pratos e seus potes, seus cachorros e seus dechavadores.**



## **Quantas coisas eles tivessem, todos esmagaram seus rostos. Seus cachorros e seus perus falaram pra eles: Dor vocês nos causaram. Vocês nos comeram. Agora somos nós que vamos te comer.**

Que porra era aquela? Antes que Nílson conseguisse digerir as frases estranhíssimas, outra coisa começa a passar no telão. Uns quarenta segundos de imagens sucedendo numa rapidez alucinante, de lixo a céu aberto, de gente amontoada em cadeia, políticos com guardanapo na cabeça, gente com a camisa da seleção na frente de um caveirão, adolescentes negros assassinados. O silêncio que desce é perturbador. Todo mundo tem os olhares fixos diante do telão. Um outro vídeo começa, agora mais estável.

O barulho dos pássaros morre de uma vez, como que desligado de um interruptor. Embora tenha gente chorando, tenha gente gritando aqui e ali, tenha gente cochichando entre si, o que desce no estádio é um silêncio.

A imagem, mal iluminada, parecia de uns bons anos atrás e feita por uma câmera barata. A data no canto era novembro de 2001. Abre num jovem magricelo de rosto comprido com cabelo crespo acumulando-se em tufos acima da testa e dos ombros. Nílson o reconhece imediatamente, mas sem acreditar no que está vendo. Camiseta apertada amarela do Roberto Carlos, uma cara faceira de sério, as mãos aprestadas numa mesa metálica vermelha dessas de marca de cerveja, velha e descascada. Ele se encurva todo pra direita de um jeito feminino antes de começar a falar:

— Eu vou mostrar pra vocês como se dança o baião. Quase todo milionário é um criminoso. A não ser o Romário e a Lauryn Hill. Todo bilionário é um monstro. Sem exceção. Talvez tenha chegado finalmente a hora derradeira de jantar os ricos, como o Tupac falou. São os verdadeiros inimigos de todos os povos da terra. Os ricos, não a espécie humana.

Ele ri histriônico por meio segundo, daí fecha a cara de novo abruptamente.

— A guerra de real não é nem com país, mais, não é nem mais com gente direito. Até porque bilionário não é gente, é uma patologia coletiva. A malha técnica dos homens já destruiu meio mundo e hoje é muito mais forte

do que os homens que a fizeram. O capital é uma voragem. Os parasitas no topo da cadeia são só um acidente dessa voragem, sua água empoçada e pestilenta. Eles sentem o desejo de acumular mais e mais, de engolir tudo que é menor e disponível e eles acham que esse desejo é deles. Mas não é.

— O protocolo já foi implementado, ele corre sozinho a essa altura. Os megaorganismos corporativos competem pelos materiais que vão engolir e processar enquanto os hierofantes dos parasitas falam de boca cheia das decisões estratégicas que estão tomando. E a voragem aumenta com tudo que ela come. Não estamos falando de apetite, de tesão, do desejo de um corpo devorar outro, ou mesmo de se gastar e se destruir. O capital não tem corpo. Ele tem ritos e sacerdotes, ele opera forças maquinicas reais, ele distribui prazer para uns e dor para outros. Ele é a coisa mais concreta que existe, em sua abstração. Mas ele não tem corpo.

— Os parasitas se divertem com seus jatos e ilhas gregas e vinhos franceses e com a sensação de exclusividade, um poder inimaginável de destruição sendo usado para os fins mais toscos, as festas mais feias, da gente mais podre que existe.

— O mundo se queima no piloto automático do desejo frito e refrito dos americanos, continuação direto-para-TV do pesadelo interminável que foi o progresso europeu. Os dois maiores desastres que já aconteceram com essa terra. E que até hoje se orgulha abertamente de toda seu rastro de pilhagem e destruição. Aquilo que se costuma chamar de História. O mundo hoje não se organiza em países, ele é governado pela Monsanto, Nestlé, At&t, Exxon, Microsoft, GM, pelos bancos e grupos de interesse (uma voz robótica dublada por cima completa: Google e Facebook). O mundo todo, vacas e porcos, tios e tias, é escravizado pra servir meia dúzia.

— Esses são os nomes dos atuais senhores de Xibalba e não há nada mais importante do que saber os nomes dos demônios que nos governam. É quase sempre pelo nome que se captura e se é capturado. Os mestres reais desse mundo hoje são esses corpos de ações e os senhores de escravo têm, a maioria, nome e pessoa jurídica. Chamem seus xamãs, desenterrem os tratados de demonologia (voz robótica de novo: *saiba criar uma rede, se ligue sempre que informação você tá cedendo em troca do quê*).

Nilson percebe que os celulares das pessoas voltaram a funcionar. Muitos estão filmando o telão. O som está saindo muito mais claro do que antes,

Nílson percebe, amplificado de uma maneira estranhamente equalizada e distinta, para um ambiente tão vasto e barulhento.

— Todos nossos meios de comunicação são acidentes da tecnologia militar. Quase todos nossos meios de revolta imagética fazem parte do mesmo império que a gente tenta desmontar. Tá tudo dominado tem décadas. Mas é justamente aí que a viravolta vira. Bem quando amarrar a corda bem apertado é que esses meios finalmente ganham a densidade apropriada, a massa crítica e se viram contra seus mestres.

— Uma rede se mede pela largura dos seus buracos, não só por sua extensão. Forças que vocês não controlam estão se sintonizando-se, podem ter certeza e não parece que elas terão a minha paciência. Isso não é uma ameaça. Longe de mim. É uma estimativa metereológica.

— *Faroun-white é faroun-devil*. Como vocês podem ver. E só as deusas sabe o que não brota dessa Roma maior, mais danada e mais poderosa que tá caindo agora.

Ele entrelaça os dedos das mãos. A doidura já ultrajante dos olhos arregala ainda mais e se aprofunda, engata uma sétima marcha.

— Vocês não têm soberania onde a gente se agalera e os túneis tão sendo cavados debaixo dos seus pés. É nós que voa, bruxo, e a realidade que cês produziam em massa quieta agora já é essa sopa frita de alucicreize pronta pra abiogênese. A demônia natureza é muito, muito, muito, muito maior do que tua grelha imagina. Quando Gaia vier reclamar suas ofensas, cês não vão chegar nem a ouvir o grito, como com teus V-2 dantanho. Tuas fúrias só viravam eumênide só depois de muito parto, só, não era? Pois pronto. Pedra cantada tem quase duzentos anos por Tonhão dos Conselhos. Corta pra mim.

Ele se levanta, a cara ao mesmo tempo faceira e seríssima, ultrajada.

*O sertão vai virar mar. O mar vai virar sertão. O sangue hade ir até a junta grossa.*

>>

## 100.

&lt;

Murilo acordou às duas da tarde, não lembrando o que tinha feito no final da noite anterior depois de chegar em casa. Talvez tivesse colocado um filme pra passar no computador e assistir antes de dormir, meio que já sabendo que provavelmente dormiria nos primeiros cinco minutos. Acorda agora se sentindo pesado, derrotado, forças várias depositadas no seu peito e amarrando seu braço na cama, uma letargia que parecia complexa, montada de várias partes concorrentes, uma força positiva e não simplesmente uma falta de forças. Ele tenta ver quanto tempo ele consegue ficar sem se mover (não contando o vai-e-volta da respiração no seu peito), olhando para os próprios braços e pernas e julgando-os objetos alheios, pedaços soltos de carne.

Ainda da cama checa o seu email, como sempre faz assim que acorda. A única nova mensagem era do Fábio, da madrugada anterior, sem título e com o corpo de texto dizendo apenas:

DAEW

*Esto hic tibi Diana propitia*

*Quae feras domare novit*

(eu ia dizer a tradução mas esqueci

eyôôôôô)

É um documento do Word (“CABULOSO.doc”) em anexo. Murilo botou o arquivo pra abrir, mas a lentidão paquidérmica do seu computador e da conexão acabou irritando-o, fazendo com que ele se levantasse e procurasse algo pra comer.

Talvez tenha café feito do almoço, ele espera, ou talvez algum pão meio duro sobrevivente no saco da padaria. A sala está quieta, ele não sabe pra onde a mãe foi. O saco de pão na fruteira revela-se vazio. A televisão está ligada num canal de notícias, sem som, e enquanto Murilo passa o dedo indicador nos farelos no pratinho em cima da pia ele deixa sua atenção vagar pelas imagens na tela e as frases embaixo delas, fatos sucedendo numa mes-

ma cadência. Seis de junho de 2013. A Coréia do Norte se mete em alguma confusão, jovens em Goiânia protestam o preço da passagem, algum ator global velho e moribundo acena da janela do hospital. De repente, ali, entre todos aqueles pedaços distantes da reprodução que o mundo faz de si mesmo, uma frase se destaca, se levanta, parece vir de outra esfera.

COMOÇÃO EM GOIÂNIA *Morre na estrada o filho do governador Anselmo Carvalho.*

[ccar.com.br](http://ccar.com.br)